



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS



SANDRO OMAR DE OLIVEIRA SANTOS

**A HIBRIDAÇÃO E A INTEGRAÇÃO FRONTEIRIÇA ENTRE BRASIL E
PARAGUAI: UM OLHAR POR MEIO DOS MOVIMENTOS DE
TRANSLOCALIZAÇÃO E RELOCALIZAÇÃO DA CULTURA NAS CIDADES DE
PORTO MURTINHO E CARMELO PERALTA**

Campo Grande

2021

SANDRO OMAR DE OLIVEIRA SANTOS

**A HIBRIDAÇÃO E A INTEGRAÇÃO FRONTEIRIÇA ENTRE BRASIL E
PARAGUAI: UM OLHAR A PARTIR DOS MOVIMENTOS DE
TRANSLOCALIZAÇÃO E RELOCALIZAÇÃO DA CULTURA NAS CIDADES DE
PORTO MURTINHO E CARMELO PERALTA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul – UEMS, Unidade de Campo Grande, para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel

Campo Grande

2021

S238h Santos, Sandro Omar de Oliveira

A hibridação e a integração fronteiriça entre Brasil e Paraguai: um olhar a partir dos movimentos de translocalização e realocização da cultura nas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta./ Sandro Omar de Oliveira Santos – Campo Grande, MS: UEL, 2021.

217 p.; 30cm

Dissertação de Mestrado - Letras - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Campo Grande, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel

1. Translocalização. 2. Relocalização. 3. Cultura. 4. Fronteira. 5. Cronotopo. 6. Afeto. 7. Impactos. 8. Obras de Grande Vulto. I. Título.

CDD 23. ed. – 327.81092

SANDRO OMAR DE OLIVEIRA SANTOS

**A HIBRIDAÇÃO E A INTEGRAÇÃO FRONTEIRIÇA ENTRE BRASIL E
PARAGUAI: UM OLHAR POR MEIO DOS MOVIMENTOS DE
TRANSLOCALIZAÇÃO E RELOCALIZAÇÃO DA CULTURA NAS CIDADES DE
PORTO MURTINHO E CARMELO PERALTA.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul –
UEMS, Unidade de Campo Grande, para a obtenção do
título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dra. Maria Leda Pinto
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dra. Nelagley Marques
Secretaria Municipal de Educação/SEMED

Esta pesquisa é dedicada aos meus familiares e amigos queridos.

AGRADECIMENTOS

Ao escrever essas linhas deixei fluir meus pensamentos. Primeiro busquei prospectar passagens da minha vida relacinadas aos períodos de infância, adolescência, juventude e início da fase adulta. Submeti meu juízo a várias recordações e lembrei-me de uma em especial no final da década de 1980. Numa tarde-noite do dia 27 de setembro de 1987, apreensivo, aguardava no anfiteatro do Colégio Dom Bosco, entre amigos, colegas de faculdade e familiares, não conseguindo disfarçar a ansiedade, ser chamado para receber o tão almejado diploma de bacharel em Engenharia Civil. Foram anos incríveis que vivi nas carteiras escolares da UFMS e as expectativas profissionais me sugeriam um algo a mais, sentia que o mundo me aguardava.

Dediquei-me por dezessete anos à engenharia, reconheço que foi um período repleto de alegrias, satisfações, frustrações e tensões, mas o mundo profissional não era como eu imaginara, sentia-me incompleto buscando horizontes que explicitassem o real significado da vida, para além de concreto, tijolos e areia. Não raro me via envolto em questionamentos e debates sobre temas relacionados à sociedade, à política e à cultura. Quando me dei conta, estava de volta às salas de aula me aventurando pela área jurídica e, na condição de estudante, passei a estabelecer paralelos entre o direito, suas fontes e a linguística. Depois de formado, iniciei a minha caminhada pela advocacia.

Durante os meus primeiros passos na profissão pude perceber a importância da linguística na apropriação de sentidos entre fato, valor e norma. Trata-se de ferramenta importante para a interpretação e elaboração das normas, supressão de lacunas legislativas, integração analógica e aplicação das leis. Os temas sociais passaram a possuir melhores fundamentos, afinal o direito nos auxilia na compreensão dos preceitos normativos, os quais, por seu turno, são fundados em práticas sociais e têm como destinatários os homens e a sociedade. A migração da antiga para a nova profissão trouxe profundas transformações na minha vida, mas precisava de um algo a mais. As aulas no curso de Direito sugeriram isso, reinava uma sensação de incompletude, por não compreender de modo apropriado certas questões de ordem social e as suas subsunções às normas.

Na busca por suprir esta lacuna e melhor desenvolver a profissão, enveredei-me pelos campos da linguística ao considerar que seria a forma apropriada para lapidar meus pensamentos e compreender mais a prática social e nessa caminhada, que não se fez sozinha, muito tenho a agradecer àqueles que dela fizeram um trilhar mais sereno. Penho minha profunda gratidão ao professor Dr. Ruberval Franco Maciel por seus ricos

ensinamentos e dedicação que me proporcionaram aprendizagens para além dos horizontes vislumbrados. Das suas aulas, com didáticas baseadas em construções ricas, pude divisar novos conceitos, abstrair formulações e solidificar meu arcabouço acadêmico. Passei a compreender a efetiva importância da linguística para a vida, não apenas em relação ao exercício do direito.

Agradeço aos meus pais, Omar e Iara, expressando a minha mais estimada consideração e carinho. Na condição de únicos responsáveis pela minha existência no espaço terreno, merecem meu eterno afeto. Na posição de maiores incentivadores nas minhas buscas por conhecimento, merecem minha profunda gratidão. No papel de pais, merecem meu amor e respeito.

Agradeço a minha esposa e companheira Silvia, a quem dedico o meu amor, gratidão e admiração. Ao prover de segurança e carinho nosso lar, sempre me proporcionou a tranquilidade necessária para trilhar novos caminhos. Obrigado por ter me aceitado, mesmo sabendo que não era perfeito.

Agradeço aos meus filhos, Camila e Endrick, destinatários exclusivos do meu mais profundo e incondicional amor. São seres humanos incríveis. Pessoas essenciais ao meu desenvolvimento como homem, incentivadores irrestritos das empreitadas que empreendi e das lutas por que passei. Amo vocês por tudo o que representam na minha vida, respeito-os por serem quem são, justos, imparciais sinceros.

Agradeço ao Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes pelas aulas ministradas e orientações passadas durante algumas caminhadas pela praça.

Agradeço ao amigo Arthur Wyllyan Heyn pelos auxílios, presteza e orientações durante a fase de coleta de dados. Muito obrigado, sem a sua prestimosa atenção essa pesquisa não teria sido realizada.

Agradeço aos meus colegas de turma pelas experiências gratificantes e trocas edificantes.

Agradeço aos servidores da UEMS pela atenção que sempre dedicaram aos alunos da instituição.

Agradeço a Deus por ter me dado oportunidade de perfilar por esse caminho com segurança e retidão, completando mais uma etapa estreme de significação na minha vida.

SANTOS, S. O. O. A hibridação e a integração fronteiriça entre Brasil e Paraguai: um olhar a partir dos movimentos de translocalização e realocização da cultura nas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta 2021. 217 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/MS, 2021.

RESUMO

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho etnográfico, com características da epistemologia da emergência e sob a perspectiva rizomática, com fundamento nos conceitos de Deleuze e Guattari (1995). Este estudo teve como objetivo investigar aspectos resultantes do processo de hibridação e da integração fronteiriça entre Brasil e Paraguai, por meio dos movimentos de translocalização e realocização da cultura, na região compreendida pelas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta. Nesse sentido, a prospecção visou identificar os elementos culturais que são comuns a essas cidades, bem como de que forma se deram os processos transculturais ao longo dos ciclos econômicos por que passou a cidade brasileira, extraídos inicialmente dos estudos empreendidos por Heyn (2003), Tedesco (2017), Lacerda (2017) e Escobar *et al.* (2019). Por intermédio dessas prospecções, busquei também identificar as expectativas das sociedades locais em relação às trocas socioculturais que se darão com a integração projetada mediante a utilização do Corredor Bioceânico. A par desses objetivos, a base teórica que foi adotada na pesquisa é inerente ao campo da linguística aplicada, apoiada especialmente em Bhabha (1998), Hall (2000 e 2014), Foucault (2010), Rocha e Maciel (2015), Garcia & Wei (2014), tendo sido utilizadas fontes auxiliares para fins de contextualizações de natureza fático-sócio-cultural, apropriadas ao contexto da pesquisa. Como consequência do objeto da pesquisa e da escolha do local apropriado, os dados foram coletados nas localidades de Porto Murtinho e em *Isla Margarita*, Carmelo Peralta, por meio de gravações em vídeos, entrevistas e observações, sob a supervisão do orientador. A apropriação dos elementos coletados se deu a partir do conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995) e da noção de cronotopo de Bakhtin (1981), tendo como foco o estudo das identidades, da cultura e das línguas de contato. Identifica-se, com base nas análises dos dados emergentes, que a cultura paraguaia é localmente reconhecida e foi parcialmente assimilada pelos Murtinhenses, tendo ocorrido na língua, na música, nas celebrações religiosas, na gastronomia as maiores apropriações, bem como evidenciei a presença de práticas monolíngues, de preconceito linguístico, de diglossia, como ferramentas de exclusão.

Palavras-chave: Translocalização. Relocalização. Cultura. Cronotopo. Afeto.

SANTOS, Sandro O. O. A hibridação e a integração fronteiriça entre Brasil e Paraguai: um olhar a partir dos movimentos de translocalização e realocização da cultura nas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta 2021. 217 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/MS, 2021.

ABSTRACT

The present research is of a qualitative nature, of ethnographic nature, with characteristics of emergence epistemology and under the rhizomatic perspective, based on the concepts of Deleuze and Guattari (1995). This study aimed to investigate aspects resulting from the hybridization process and the border integration between Brazil and Paraguay, through cultural translocation and relocation movements, in the region comprised by the cities of Porto Murtinho and Carmelo Peralta. In this sense, the prospection aimed to identify the cultural elements that are common to these cities, as well as how the transcultural processes took place throughout the economic cycles that the Brazilian city had gone through, initially extracted from the studies undertaken by Heyn (2003), Tedesco (2017), Lacerda (2017) and Escobar *et al.* (2019). Through these prospects, it was also sought to identify the expectations of local societies in relation to the sociocultural exchanges that will take place with the projected integration through the use of the Bioceânico Corridor. In addition to these objectives, the theoretical basis that was adopted in the research is inherent to the field of applied linguistics, supported especially by Bhabha (1998), Hall (2000 and 2014), Foucault (2010), Rocha e Maciel (2015), Garcia & Wei (2014), having used auxiliary sources for the purposes of contextualization of a factual-socio-cultural nature, appropriate to the research context. As a result of the research object and the choice of the appropriate location, data were collected in the localities of Porto Murtinho and in Isla Margarita, Carmelo Peralta, through video recordings, interviews and observations, under the supervision of the supervisor. The appropriation of the collected elements was based on the concept of rhizome by Deleuze and Guattari (1995) and the notion of chronotope by Bakhtin (1981), focusing on the study of identities, culture and contact languages. I identified, based on the analysis of emerging data, that Paraguayan culture is locally recognized and was partially assimilated by the Murtinhenses, with the greatest appropriations in language, music, religious celebrations, gastronomy, as well as evidenced the presence of monolingual practices, linguistic prejudice, diglossia, as tools of exclusion.

Keywords: Translocation. Relocation. Culture. Chronotope. Affection.

SANTOS, Sandro O. O. A hibridação e a integração fronteiriça entre Brasil e Paraguai: um olhar a partir dos movimentos de translocalização e relocalização da cultura nas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta 2021. 217 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/MS, 2021.

RESUMEN

La presente investigación es de carácter cualitativo, etnográfico, con características de epistemología emergente y bajo la perspectiva rizomática, basada en los conceptos de Deleuze y Guattari (1995). Este estudio tuvo como objetivo investigar aspectos resultantes del proceso de hibridación y la integración fronteriza entre Brasil y Paraguay, a través de movimientos de translocación cultural y relocalización, en la región que comprende las ciudades de Porto Murtinho y Carmelo Peralta. En este sentido, la prospección tuvo como objetivo identificar los elementos culturales que son comunes a estas ciudades, así como cómo se produjeron los procesos transculturales a lo largo de los ciclos económicos que atravesó la ciudad brasileña, inicialmente extraídos de los estudios realizados por Heyn (2003), Tedesco (2017), Lacerda (2017) y Escobar *et al.* (2019). A través de estas perspectivas, también se buscó identificar las expectativas de las sociedades locales en relación a los intercambios socioculturales que se producirán con la integración proyectada a través del uso del Corredor Bioceânico. Además de estos objetivos, la base teórica que se adoptó en la investigación es inherente al campo de la lingüística aplicada, apoyada especialmente por Bhabha (1998), Hall (2000 y 2014), Foucault (2010), Rocha e Maciel (2015), García & Wei (2014), habiendo utilizado fuentes auxiliares con fines de contextualización de carácter fáctico-sociocultural, adecuadas al contexto de investigación. Como resultado del objeto de investigación y la elección de la ubicación adecuada, se recolectaron datos en las localidades de Porto Murtinho y en Isla Margarita, Carmelo Peralta, a través de grabaciones de video, entrevistas y observaciones, bajo la supervisión del supervisor. La apropiación de los elementos recogidos se basó en el concepto de rizoma de Deleuze y Guattari (1995) y la noción de cronotopo de Bakhtin (1981), centrándose en el estudio de las identidades, la cultura y los lenguajes de contacto. Identifiqué, a partir del análisis de datos emergentes, que la cultura paraguaya es reconocida localmente y fue parcialmente asimilada por los murtinhenses, con las mayores apropiaciones en lengua, música, celebraciones religiosas, gastronomía, así como evidenciada la presencia de prácticas monolingües, lingüísticas. prejuicio, diglosia, como herramientas de exclusión.

Palabras-clave: Translocación. Reubicación. Cultura. Cronotopo. Afecto. Impactos. Grandes obras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tereré.....	42
Figura 2 - Dança paraguaia.	44
Figura 3 - Trajes típicos da cultura paraguaia.	47
Figura 4 - Sopa paraguaia.....	48
Figura 5 – Mbeju.	48
Figura 6 - Celebração a Nossa Senhora de <i>Caacupé</i>	48
Figura 7 - <i>Toro Candil</i>	49
Figura 8 - O entrudo.	55
Figura 9 - Localização geográfica dos municípios.....	65
Figura 10 - Urubu.....	110
Figura 11 - Celebração à Virgem de <i>Caacupé</i> em residência de Porto Murtinho.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Desenho da pesquisa.....	27
Quadro 2 – Dados da pesquisa.....	33
Quadro 3 - Destaques das entrevistas realizadas com os Murтинhenses.	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONU	Organização das Nações Unidas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RILA	Rota de Integração Latino Americana
FUNAI	Fundação Nacional do Índio

CONVENÇÕES ADOTADAS NA PESQUISA E NO TRATAMENTO DE TRANSCRIÇÕES

[...]	Supressão de parte de falas ou textos
P:	Pesquisador
En:	Entrevistado “n”
Id.	Número do Entrevistado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
A escolha do local de pesquisa.....	25
Objetivo geral.....	26
As perguntas de pesquisa.....	27
Justificativas da pesquisa.....	28
Metodologia de pesquisa.....	30
1 SOCIEDADE E CULTURA – DO NOMADISMO À SOCIEDADE CONECTADA	35
1.1 Primeiras linhas sobre a humanidade.....	35
1.2 As colonizações do Brasil e do Paraguai – como tudo começou.....	39
1.3 Aspectos socioculturais das cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta.....	56
2 DO MONOLINGUISMO ÀS VISÕES FLUÍDAS DE LÍNGUA.....	72
2.1 O monolingüismo e a formação dos Estados Nacionais.....	74
2.2 Práticas diglössicas em ambientes bilíngues.....	77
2.3 Bilingüismo, Plurilingüismo e questões de ordem emocional.....	80
2.4 Aspectos translíngues e transculturais em contextos de fronteira: reflexões acerca da fluidez e da indexicalização dos discursos.....	83
2.4.1 Práticas de linguagem e manifestações culturais em zonas de contato.....	86
2.4.2 Translocalização e relocalização da linguagem e cultura na contemporaneidade.....	88
2.4.3 Translinguagem, superdiversidade e os aspectos emocionais da linguagem.....	90
2.4.4 Preconceito linguístico.....	101
3 PRÁTICAS TRANSLINGÜES E OS MOVIMENTOS CULTURAIS – O PROCESSO DE HIBRIDAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI NA CONURBAÇÃO FORMADA PELOS MUNICÍPIOS DE PORTO MURTINHO E CARMELO PERALTA.....	106
3.1 Repertórios translíngues na fronteira de Porto Murtinho e Carmelo Peralta: o monolingüismo como ferramenta de exclusão.....	110
3.2 Repertórios Transculturais na fronteira Brasil/Paraguai na conurbação formada pelas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta.....	119
3.3 Percepções, Expectativas e Projeções da Rota Bioceânica, por meio de olhares situados locais.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS.....	146

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 1	156
ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 2	176
ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 3	185
ANEXO D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 5	193
ANEXO E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 6	205
ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 7.....	209
ANEXO G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A ENTREVISTADA 9.....	211

INTRODUÇÃO

Nos agradecimentos, mencionei algumas das minhas passagens pelos bancos escolares. Na condição de aluno, ao frequentar a faculdade de engenharia civil e durante o exercício profissional, nas fases de elaborações de projetos e nas execuções de obras, pude perceber o quão importante é a linguagem. No início, não compreendia adequada e perfeitamente o linguajar dos operários, tratava-se de uma situação que me levou inúmeras vezes a pensar que não teria aprendido o suficiente nas salas de aula. Recordo-me, em especial, de algumas passagens e conversas que mantive, ainda na década de 1980, com dois mestres de obras.

Em uma delas ouvi de um deles uma estranha pergunta acerca de um suposto “distorcimento”. “Dr., o distorcimento do gabarito está ok?”. Pego de surpresa, sem saber de que se tratava ou o que seria um “distorcimento”, deparei-me envolvido em um processo de semiótica social. Não me restou outra opção senão a de solicitar-lhe que me mostrasse o distorcimento. Percebi que, na realidade, o interlocutor se referia a um alinhamento entre paredes e estruturas. Em outro episódio, fui arguido sobre a possibilidade de utilizar três linhas no acabamento do banheiro. Novamente me vi obrigado a recorrer à semiótica e pedi para que me mostrasse como seria esse acabamento com três linhas. Observei que se tratava de uma sugestão para o espaçamento de três milímetros entre os azulejos, para fins de melhor permitir os assentamentos das peças e o posterior rejuntamento.

Percebi que a linguagem deveria ser compreendida como uma estrutura irrigada, composta de formas e processos que seriam capazes de viabilizar a transmissão de ideias e mensagens, acompanhava-me, portanto, toda a magnitude e beleza da semiótica no exercício da engenharia, sem conhecê-la. A vida é repleta de caminhos. Mais adiante, passados bons anos na engenharia, regressei às salas de aula, novamente na condição de aluno, agora na faculdade de Direito. Como se fossem cartões de visitas, já nas primeiras aulas, os professores se apresentavam acompanhados de jargões jurídicos, termos complexos e faziam citações a algumas jurisprudências, naquele momento, indecifráveis. Pensei se tratar de um proceder típico e compatível com a futura profissão, algo inerente à formação e que logo me adaptaria ao meio e aos termos. Ledo engano, impactado pelo choque inicial e com o desenvolver das aulas, continuei a notar o espaço abissal que havia entre os repertórios utilizados pelos professores e os dos alunos dos primeiros semestres. Observei que havia vinculações entre as terminologias jurídicas, jargões e fatos sociais que permitiam a construção de sentidos, desde que voltados, em conjunto, às interpretações das normas jurídicas.

Contrário fosse, a persistir o modelo clássico de avaliações das condutas de “Caio e Tício” frente às normas, os egressos seriam meros integradores de legi-signos às práticas sociais. Seriam construídos nada mais do que analistas de letras puras das normas, o que, por si, não convergiria à forma adequada e apta para indicar um proceder e/ou não proceder ou representar as vontades dos legisladores. Tratava-se de uma ambiguidade que me acompanhou durante boa parte dos estudos na faculdade de Direito e não se afastou ao longo dos períodos iniciais do exercício da advocacia. Compreendi que essas dualidades eram questões de ordem emocional, energética e lógica, com as quais me deparei na condição de interpretante dos objetos das normas. Eram percepções que emergiram em razão da consciência de que, sendo o fato social a essência do direito, a convivência humana seria a sua alma e, no direito, a linguagem e o repertório do hermeneuta, assumem posições fundamentais, pois se somam com o objetivo de dar o real sentido aos bens da vida tutelados.

Busquei naqueles momentos ocupar a minha posição de interpretante social e atualmente posso perceber quão apropriado, nesse aspecto, são os ensinamentos de Rocha e Maciel (2015). O mundo gira independentemente do sujeito e da sua realidade e, essa ao passar a ser concreta, adquire todas as condições para sua representação por meio da linguagem. Nesse pormenor, ora posso compreender que as práticas sociais são representadas no ordenamento jurídico de forma a pensar o mundo e estabelecer regras compatíveis com a realidade. Por meio da linguagem, torna-se possível analisar, com objetividade, o fato social, a universalidade do seu alcance e interpretar a conexão entre todos os elementos que o compõe. Passados 11 anos de exercício profissional na advocacia, acompanhado de indagações acerca da efetividade da hermenêutica jurídica, da eficácia dos jargões e da linguagem utilizada pelos tribunais, deparei-me com o desafio de irromper pelo Mestrado na busca por compreender as relações e as práticas sociais por meio da semiótica. Ao decidir por Letras na UEMS, recebi de pronto o apoio do professor Dr. Ruberval e avancei em direção à pesquisa acadêmica.

Feitas estas abordagens iniciais, insta declinar que procurei empreender essa pesquisa com base nas minhas experiências profissionais e mediante estímulos que emergiriam diante da decisão tomada. Durante essa jornada, como se fluídas fossem e levado por um viés rizomático, as diretivas sugeridas pelo orientador, somadas às leituras por ele propostas, desaguaram nos campos férteis e úteis que escolhi para a geração de dados. Trata-se de situação que me permitiu a compreensão dos elementos de integração cultural presentes nas cidades de Porto Murtinho e de Carmelo Peralta, a consecução de meus objetivos e a interpretação do objeto da pesquisa.

E3: Eu acho importante essa competitividade no escoamento da produção mundial. A rota começou lá atrás [...] prá chegar em Loma Plata, região central [...] vamos experimentar por Porto Murtinho, cê economiza 2.000 quilômetros [...] daí fizeram a terceira RILA encabeçada pelo Cláudio Cavol, pra provar que é viável [...] e foi provado e bateu o martelo [...] e aí a gente se sentiu vitorioso porque aqui nasceu as ideias e aqui se lutou por isso aí, mosquito, atoleiro, fome na estrada, medo de bicho, mas a gente se sente recompensado porque vai sair.

E3: Passamos por cinco ciclos [...] em cada ciclo tivemos um problema sério [...] em cada ciclo tivemos que importar a mão-de-obra do Paraguai e daí foi misturando fortaleceu essa integração cultural e eu acho que com esta questão da rota a cultura não se perde, pelo contrário, aumenta, vai enriquecer, pois vai descobrindo novas culturas, os Menonitas, os Chamacocos, nós vamos ter várias culturas [...] Salta é uma cultura mais sofisticada [...] vai ser uma mescla muito legal que vai enriquecer essa cultura [...] não vai tirar nossa identidade cultural do fronteiroço, vai até somar.

[...] Tivemos um rompimento, uma ruptura, no final de cada ciclo destes, porque quem tinha um pouquinho mais de poder aquisitivo ia embora, ficavam aqui os menos favorecidos e esses menos favorecidos se juntaram com os paraguaios, na questão da língua, na questão da culinária, e aí se prevaleceu até hoje e isso não vai ser afetado com a Rota.

O fragmento acima transcrito, extraído das falas do Entrevistado 3, exprime memórias e conhecimentos históricos que a população da conurbação internacional tem a respeito dos ciclos econômicos locais. Nas citações são lembrados os sucessos, os problemas e os desalentos vividos, em cada um deles, bem são enaltecidas as presenças do homem paraguaio no território Murtinhense. A esse respeito, será abordado mais amiúde a amplamente citada “importação” de mão-de-obra do país vizinho que, para alguns, teria sido benéfica para a integração cultural e responsável pelos usos e costumes apropriados pelos habitantes de Porto Murtinho.

Esses sentimentos emergiram por meio das visões que os entrevistados possuem acerca de investimentos econômicos e dos espaços criados e modificados por ação do homem, em que obras e intervenções de grande magnitude teriam sido capazes de promover múltiplos impactos. Em razão dessas interferências, há a percepção de que ocorrem modificações nas estruturas econômica, educacional, sanitária, social e cultural, nas regiões em que elas se dão. Estas são as implicações amplamente verificadas, pois, conforme será considerado neste estudo, impactam, de forma direta ou indireta, nas (re)conformações dos estratos sociais e podem incidir sobre as pessoas, bem como deflagrar processos transculturais. As reformações provocadas pelo homem, negativas ou positivas, inspiram análises e discussões, acerca dos impactos que podem provocar sobre as culturas e as identidades. Com relação às intervenções humanas, cito neste preâmbulo os casos de Foz do Iguaçu/PR, com as construções da Ponte

da Amizade e da Usina hidrelétrica de Itaipu, em Altamira/PA, com a construção da Usina de Belo Monte, e em Três Lagoas/MS, com a implantação da fábrica de papel e celulose, como exemplos destas afetações.

No caso desta última intervenção humana, destaco que se trata do maior complexo industrial desse segmento no mundo, construído exclusivamente para exploração de celulose a partir de eucalipto. Lembro que com o início dessa obra, milhares de pessoas se mudaram para aquela cidade e, estima-se que juntas, a três principais fábricas do setor papelero, Fibria, Eldorado e *International Paper* que ali se instalaram, possuem atualmente um contingente de funcionários superior a 11 mil pessoas (*online*, 2018), parte dos quais, migrantes. A análise evolutiva destes empreendimentos, desde o início das obras até as suas entradas em operações, desvela a ocorrência de três ciclos episódicos na cidade. O primeiro compreendeu o período de migração de pessoas para a execução das obras; o segundo se relaciona à migração de pessoas para a produção de matéria-prima; e, o atual, diz respeito à migração de pessoas para trabalhar nos complexos fabris. Ao evidenciar a importância dessas movimentações, Mendonça *et al.* (2020) observaram que, desde então, a população da cidade cresceu mais de 20%.

A respeito dessa movimentação demográfica, os autores (2020) chamaram a atenção para dados anteriores aos primeiros aportes financeiros e investimentos. De acordo com as suas pesquisas, a renda média dos trabalhadores da cidade era suficiente para fazer frente ao custo de vida, bem como para subsidiar a reprodução social. A par desta constatação, explica que, com o início das atividades do setor de celulose, novos trabalhadores foram contratados, a valores inferiores à renda média dos três-lagoenses e, ao mesmo tempo, o custo de vida disparava em razão de especulações econômicas. Importante ressaltar que, de acordo com Mendonça *et al.* (2020), aliado à questão da diminuição da renda, o aumento dos postos de trabalho se deu “em função principalmente das construções de grandes empreendimentos industriais e não especificamente da produção de celulose, ou seja, empregos temporários que se perdem com a finalização das obras”, em alusão a um fato que pode explicar a superveniência de ciclos alternados, impactos nos níveis de desemprego e o aumento dos problemas sociais. Em adição, apontam que, em 2016, foram criadas mais de 3.000 vagas de trabalho, mas com o fim das obras, em agosto de 2017, o desemprego cresceu e atingiu o saldo negativo de 3.926 postos de trabalho.

De igual importância ao desemprego pós-obras, considera-se que as modificações dos espaços públicos e as alterações dos referenciais das cidades, como os centros urbanos e o surgimento de novas áreas residenciais, são problemas que remanescem. Esses foram os

maiores problemas identificados por Sousa e Miranda Neto (2019), em razão dos investimentos na construção da Usina de Belo Monte, em Altamira. De acordo com o apurado, a população foi afetada em relação “às atividades que se concentram na área central e dependem de deslocamentos, como serviços bancários, mobilidade, cultura, lazer e serviços de saúde” (SOUSA; MIRANDA NETO, 2019, p. 11). As intervenções de grande magnitude vêm acompanhadas de certos padrões de afetações e de registros de significativos passivos sociais, a rigor do observado nos índices de desemprego pós-obras, nos déficits de mobilidade urbana e nos reflexos do súbito aumento da população, que passa a necessitar das estruturas públicas e socioculturais. Nesse sentido, entendo que a Rota Bioceânica, ao se equiparar às obras de grande porte, poderá provocar impactos dessas naturezas e magnitudes.

Essa intervenção, proposta como alternativa logística para as exportações brasileiras e dos países vizinhos, possuirá uma extensão total de 2.396 quilômetros e permitirá a conexão entre os Oceanos Atlântico e Pacífico, com a ligação da Costa brasileira aos Portos do Chile, passando pelo Paraguai e Argentina. Estima-se que ao longo de toda a sua extensão serão instaladas diversas empresas, algumas das quais, multinacionais e por ela tráfegarão, diariamente, milhares de pessoas, provenientes de diversos países. Nesse contexto, o presente estudo pretende, além de se enveredar pelas questões integrativas e culturais, prospectar as expectativas dos moradores locais quanto aos impactos sobre o futuro movimento de pessoas nessa Rota, os processos migratórios que poderão ocorrer, bem como as novas formas de integração que poderão trazer à cultura local.

A respeito dos processos de integração, podemos considerar a premissa de que as identidades são móveis (HALL, 2014) e plurais e, dessa maneira, diante do cenário que se aproxima, haverá a possibilidade de emergir esses espaços nos quais serão compartilhadas experiências e visões de mundo, sob diversas perspectivas e mediante processos de trocas culturais que irrigarão umas às outras, de forma que poderão (re)moldar identidades (HALL, 2000). Quanto a esse processo, Lacerda (2017), em abordagem ao pensamento de Perrot (2008), admite uma premissa mais amena ao considerar que o desenvolvimento socioeconômico segue um fluxo natural, e não há, necessariamente, uma vinculação aos processos transculturais, embora possam as respectivas culturas, sofrer influências.

Em complementação à sua posição, o autor faz uma ressalva, no sentido de que os processos transculturais podem se submeter e derivar de influências que acompanham um desenvolvimento bom ou ruim. Trata-se de condição ou resultado que, para o autor, tem conexão direta com as expectativas da população, assim, o bom ou ruim dependeria das esperanças do povo. Sobre as expectativas, o Entrevistado 3, conforme consta no excerto do

seu depoimento, transcrito na epígrafe desta introdução, afirma que a cultura local se submeterá a influências positivas e a tradição dos murtinhenses não será afetada negativamente. Para sustentar suas projeções, ampara-se nos exemplos dos ciclos econômicos por que passou a cidade.

No que diz respeito ao teor das entrevistas locais, noto que para os residentes não remanescem dúvidas de que Porto Murtinho está prestes a passar por um novo ciclo econômico. Ouvem-se alvoroços e as expectativas passaram a se ampliar, apenas em razão dos primeiros movimentos políticos com vistas à construção da ponte que ligará o Brasil ao Paraguai. Ressurgem manifestações de esperanças, depois de passados os ciclos da erva-mate, da produção de tanino e das charqueadas, que repercute na sociedade e nessa conjuntura, o município renova suas expectativas e desejos por dias melhores. Na margem oposta ao Rio o regozijo não é diferente, os moradores de Carmelo Peralta anseiam há muito por mudanças nas suas vidas e entendem que essa se dará para melhor.

Diretamente conectadas a uma realidade futura, não pode ser olvidado que para os habitantes dessa conurbação, caso aconteçam, algumas destas mudanças se conformariam em um momento no qual há muito não se verificam alterações significativas nas práticas sociais. Os comportamentos dos indivíduos, os usos das línguas de contato e a cultura, representativas dos usos e costumes locais, vêm precariamente se mantendo por meio de suas práticas locais. Trata-se de pessoas que aprenderam a se comunicar, conviver e vivenciar suas culturas de forma harmônica e particular. Com efeito, não é incomum aos murtinhenses utilizar as línguas Guarani e Espanhola, realizar celebrações culturais, com origem nas tradições, folclores e religiões paraguaias, assim como é possível observar certa fluência na língua portuguesa nos habitantes de Carmelo Peralta. As duas cidades formam uma conurbação internacional sem igual, a comunidade constituída por seus habitantes possui práticas socioculturais consolidadas e com características identitárias oriundas da mescla dos usos e costumes brasileiros e paraguaios. Nesse contexto, perquirem-se quais seriam as expectativas dos moradores, quanto às interferências e influências, que poderiam advir com a implantação desse Corredor Bioceânico, bem como as transformações a que se sujeitaria a cultura local.

A valer estas múltiplas exposições, a pesquisa se voltou para os aspectos que representam e compõem a cultura dos habitantes de Porto Murtinho e Carmelo Peralta, às características linguísticas com o uso das línguas de contato e aos elementos semióticos que representam as práticas comuns evidenciadas nas artes e as religiões. Como ponto de partida, identifiquei, além do plurilinguismo local, de acordo com os estudos de Heyn (2003) e de Escobar *et al.* (2019), celebrações alusivas ao Touro Candil e à Nossa Senhora do Caacupé,

danças, músicas e gastronomia tipicamente paraguaias, que foram apropriadas pelos moradores do município de Porto Murtinho. No que se relaciona ao uso da língua, notei, em certos relatos, a ocorrência de práticas coloniais e de preconceito linguístico, tais como as descritas pelo Entrevistado 1, de acordo com quem “era proibido falar o guarani, quem sabia falar não podia falar, ficou mais no âmbito familiar, eu falo guarani com minha família no sitio [...] Era insultado, sai da minha sala índio burro, ou mandavam eu ficar na posição de urubu” e as narradas pela Entrevistada 9, de que “na escola, com a professora falando espanhol era diferente, foi uma coisa estranha. Dificultou bastante, mas Deus nos concede essa inteligência de entender, criança capta em seguida as coisas, dificultou um pouquinho, a gente não fala bem e leva umas broncas”. São situações que aparentam práticas monolíngues consubstanciadas na imposição de línguas em contextos locais.

Essas condutas demonstram o quão equivocada é a crença monolíngue de que haveria maior efetividade nas comunicações com a adoção desta modalidade. Em decorrência destas constatações, enveredei e me aprofundi nas literaturas de defensores da translíngua, como Garcia e Wei (2014), os quais rechaçam abordagens monolíngues, sob o fundamento de que obstrui a linguagem fluida e natural, presente nas comunidades bilíngues. Entre essas balizas, compreendi, nessa busca, que os estudos sociolinguísticos, no campo da superdiversidade e da translíngua fluida, se prestam a conferir maior eficácia à análise das línguas de contato, ao considerarem as práticas do cotidiano.

Como consequência dessa visão, evidenciei que a indexicalidade permitiu, por meio de um referencial escalar, a identificação das características sociolinguísticas no contexto local e quais seriam os respectivos significados, valores e *status* que cada grupo ou estrato social, atribui aos códigos por si utilizados nos eventos diários, nas dinâmicas relacionais e nas práticas culturais e linguísticas. Nessa perspectiva, observei que as práticas de translíngua, presentes na linguagem diária dos indivíduos, se deram com razoável fluidez linguística entre os sujeitos pertencentes a determinados grupos, fatos que registro como fenômenos de menor escala, havidos em certos locais e em períodos de tempo mais curtos, tais como em encontros em hotéis, restaurantes, mercados e bares.

Diante desse cenário, considerei como importante e necessária a identificação dos elementos culturais locais, apropriados em comum, com a posterior análise dos aspectos linguísticos e transemióticos, presentes na conurbação formada pelos dois municípios. Essa pesquisa se deu com base nas características que representam os elementos comuns, por meio de pesquisas das práticas socioculturais nas duas cidades e das percepções locais quanto aos impactos que poderão advir com a implantação do Corredor Bioceânico. Assim, como meio

de delimitar as sequências de estudos e os mecanismos de análises, apresento, a seguir, as motivações pela escolha do local de pesquisa.

A escolha do local de pesquisa

Não lutamos por integração ou por separação. Lutamos para sermos reconhecidos como seres humanos (MALCOLM, 1963).

O conceito de integração é amplo, pode significar a inclusão, a incorporação, a agregação ou a associação de diferentes elementos. A respeito da Rota de Integração Latino Americana – a RILA, considero que o seu objetivo primário é promover a interligação rodoviária entre quatro países da América do Sul, diminuir o tempo de viagem das cargas e produtos que se destinam à Ásia e viabilizar as trocas comerciais entre os continentes Americano e Asiático. Porto Murtinho assume uma posição referencial nesse sistema de logística, alguns sugerem que Porto Murtinho será a saída do país em direção ao Oceano Pacífico, mas de acordo com o Entrevistado 3 “os turistas do Chile, Paraguai e Argentina entrarão no Brasil por aqui”, assumindo a expectativa de que a cidade passará a ser a porta de entrada no Brasil.

Debates referenciais não ocorrem somente no lado brasileiro da fronteira. Moradores de Carmelo Peralta, que se viam isolados em contextos econômicos e geográficos, passaram a vislumbrar um cenário promissor. A respeito das suas expectativas, carrego um trecho das falas da Entrevistada 9, segundo a qual:

Em Carmelo Peralta tem um movimento muito grande por causa da rota, a cidade tá levantando bastante. No princípio quando começaram o empreendimento as pessoas não acreditavam [...] Depois começou a andar, parece uma coisa importante [...] Vai estreitar [...] Muitos países vão se beneficiar com isso. O progresso chegou em Carmelo Peralta.

Identifico, em termos de sentimentos de pertença, a existência de dois municípios próximos que permaneceram isolados, durante muito tempo, dos centros comerciais e administrativos de seus países e, apenas recentemente, passaram a contar com acessos viáveis e mais rápidos às capitais e localidades com maiores estruturas e equipamentos públicos. Embora haja essa dicotomia, é certo que Porto Murtinho e Carmelo Peralta podem assumir posições estratégicas nesse novo contexto rodoviário e passarem a compor o rol dos principais municípios da Rota Bioceânica, o que poderá lhes proporcionar maior competitividade regional e desenvolvimento. Nesse diapasão, relembro que Porto Murtinho e Carmelo Peralta

aparentam certa simbiose, na cidade brasileira residem cidadãos paraguaios e são muitos os brasileiros que moram ou exercem suas atividades em Carmelo Peralta.

Na Ilha Margarida, há um considerável número de brasileiros que trabalham no comércio local e observa-se um significativo número de paraguaios residentes em Carmelo Peralta que laboram em segmentos turísticos e agropastoris no lado brasileiro, uma das características daquela zona fronteiriça. Há um vai-e-vem ininterrupto de pessoas que ultrapassam os limites geográficos do país contíguo para trabalhar, estudar ou buscar assistências, faz parte do cotidiano e são questões que alicerçam as suas bases identitárias e relações. A respeito dessas questões, consigno que embora haja relativa harmonia entre os moradores locais, esses ambientes já foram palco de disputas e apropriações culturais que se deram por meio de “exercícios de poder” e ainda são as tônicas das suas relações. Sobre esse caractere, os elementos culturais, observados em Porto Murtinho, foram objetos de apropriações ao longo dos seus três principais ciclos econômicos, quando as manifestações culturais originariamente paraguaias passaram a ser assimiladas pelos moradores locais.

Com apoio na alteridade, identifico certas singularidades nas trocas sociais e nas manifestações que são representativas de uma espécie de pertencimento identitário local. Fruto das interações e em consequência dos processos de hibridações locais, compreendo que as populações das duas cidades convivem em relativa harmonia, como se a fronteira entre si não existisse, uma vez que compartilham mutuamente os espaços. Por essas razões, notei que as características socioculturais desta conurbação são representadas na forma peculiar pelas quais as pessoas negociam seus repertórios transculturais e performam suas trocas linguísticas e culturais. A respeito das identidades culturais, menciono que são representadas por meio das práticas sociais, dos contextos históricos e sociais, vivenciados em comum, as quais apresentam certa similitude, motivos que se somam aos demais já esposados na justificativa pela escolha do local da pesquisa. Evidenciada a importância do contexto da pesquisa e da representatividade da conurbação eleita, tornou-se possível a delimitação das perguntas de pesquisa com base no objetivo geral a seguir explicitado.

Objetivo geral

O objetivo geral dessa pesquisa foi o de identificar, descrever e analisar os aspectos presentes nos processos de hibridação transcultural, na região formada pelos municípios de Porto Murtinho e Carmelo Peralta, por meio das características linguísticas, dos repertórios transculturais disponíveis e as suas formas de utilização, bem como identificar, descrever e

analisar as percepções e expectativas dos residentes na conurbação, em relação aos possíveis impactos e influências culturais que advirão com a utilização do corredor logístico.

As perguntas de pesquisa

No que se refere ao desenho da pesquisa, este trabalho será orientado por três perguntas de pesquisa, seguida dos respectivos objetivos e instrumentos de geração de dados, conforme descrito no quadro a seguir:

Quadro 1- Desenho da pesquisa.

Perguntas de Pesquisa	Objetivos Específicos	Instrumentos de Geração de Dados
Como o processo de hibridação cultural pode ser identificado nas línguas de contato na fronteira Brasil/Paraguai na interface dos municípios de Porto Murtinho e Carmelo Peralta?	Identificar, descrever e analisar as características linguísticas, os repertórios disponíveis, as formas de utilização das línguas de contato e das práticas translíngues nas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta.	Entrevistas gravadas em vídeo e consultas a fontes secundárias.
Como o processo de hibridação cultural pode ser identificado nos usos e costumes na fronteira Brasil/Paraguai na interface dos municípios de Porto Murtinho e Carmelo Peralta?	Identificar, descrever e analisar os aspectos resultantes da hibridação cultural na região compreendida pelas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta, por meio dos demais elementos semióticos, como a música, dança, gastronomia, religião e folclore.	Entrevistas gravadas em vídeo, registros fotográficos e consultas a fontes secundárias.
Em que as obras de construção da Rota Bioceânica e a sua utilização poderão influenciar a comunidade e a cultura local?	Identificar, descrever e analisar quais as perspectivas e expectativas dos residentes na conurbação, com relação aos possíveis impactos e influências culturais que poderão advir com a construção e a utilização do corredor logístico.	Entrevistas gravadas em vídeo e consultas a fontes secundárias.

Justificativas da pesquisa

Cada localidade ou região possui peculiaridades culturais próprias, resultantes de processos de heterogeneizações sociais, culturais ou políticos. As dinâmicas hibridatórias se originam por meio das junções das culturas dos colonizados e dos colonizadores e, com o passar do tempo, se sujeitam a influências internas e externas. A esse respeito, cito Canclini (2013), para quem a hibridação cultural, no contexto latino-americano, se deu sob forte influência europeia, com a imposição do catolicismo aos povos originários indígenas:

Os países latino-americanos são atualmente resultado de sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas [...], do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicações modernas [...], uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais. (CANCLINI, 2013, p.73-74)

Com base nessa concepção é possível entender que tais características não refogem às realidades da conurbação formada pelos municípios de Porto Murtinho e de Carmelo Peralta. Quanto ao tema, pesquisas anteriores identificaram a estrutura étnica e social da cidade sul-mato-grossense, as descreveram como formadas a partir da migração sulista no final do século XIX, modificadas substancialmente com a imigração de europeus, no início do século XX e, atualmente é composta, em sua maioria, por habitantes naturais, de origem paraguaia e indígena (HEYN, 2003). Esse pesquisador afirma que os costumes indígenas e paraguaios, em razão de um processo que denominou de “miscigenação local”, estão presentes nas manifestações culturais do povo murtinhense (IBID, p.56).

A religião, o folclore e a língua paraguaios exercem fortes influências no local, o sincretismo levou os Murtinhenses a celebrar o *Toro Candil* e a cultuar a Nossa Senhora do *Caacupé*, “importando-os” da cultura Paraguaia (HEYN, 2003). Situação muito assemelhada ocorre em relação às apropriações das línguas de contato, a esse respeito, colaciono recortes dos objetivos da pesquisa empreendida por Reis (2013), sobre línguas de contato e as influências que a língua espanhola e o guarani exercem nas práticas dos habitantes fronteiriços:

- i) descrever a variante diatópica da fala dos habitantes fronteiriços; ii) apresentar a variação da língua portuguesa em contato com o espanhol e o guarani; iii) identificar influências das línguas espanhola e guarani sobre a língua portuguesa falada na fronteira; v) descrever alguns aspectos lexicais da variante diatópica dos habitantes fronteiriços; vi) demonstrar por meio de

cartas linguísticas o marcas de contato para alguns empréstimos linguísticos e/ou culturais que migraram do Paraguai para o Brasil ou vice-versa (p.13).

Delimitado, para fins de cotejamento nesses estudos, que finalizadas as coletas de dados, a autora identificou um elevado índice de moradores bilíngues e plurilíngues – 87,5% nos municípios de Carmelo Peralta (Isla Margarida) e Porto Murtinho (REIS, 2013), detalhou que a convivência linguística local envolve, simultaneamente, o uso de expressões em português-guarani e português-espanhol, ou vice-versa. Nesse contexto, considero como apropriado empreender as investigações com base nas características presentes nas práticas translíngues locais e assumir, como marco inicial literário, os estudos de Garcia e Wei (2014) e de Rocha e Maciel (2015) para, posteriormente, cotejar e avaliar os resultados por meio das teorias monolíngues e descrever as práticas linguísticas com base na perspectiva dos falantes.

Trata-se de pesquisa realizada em espaço geográfico restrito, localizado nos limites de dois países colonizados por europeus, que tinham como parte de suas bandeiras o monolinguismo. Formou-se essa pequena conurbação que, com base na ótica cultural, econômica e social, abandonara os limites geográficos e as restrições observadas nas fronteiras tradicionais e ampliou as relações sociais locais. As características observadas nessa região nos levam à reflexões com base nas teorias de Ferrari (2017), ao se orientar em Canagarajah (2013), a autora considera que, além das empreitadas coloniais, há outras intervenções humanas que impuseram o monolinguismo:

[...] a classificação das pessoas em grupos sociais comuns tornou-se uma norma. Esses modelos, segundo o autor, são inadequados e não são úteis quando estamos lidando com línguas e interlocutores plurais. Portanto, afirma o autor, é necessária a concepção de novos paradigmas para mostrar como a comunicação funciona em zonas de contato e que não é somente uma necessidade teórica. Cada vez mais a construção de sentidos através de outros recursos emerge, principalmente, em zonas como a pesquisada (FERRARI, 2017, p. 230).

A respeito do cenário desvelado por meio desse entendimento, avalio como pertinente a utilização das noções de superdiversidade, de indexicalidade, de preconceito linguístico e/ou de diglossia, em reforço à decisão de analisar as práticas sob perspectivas translíngues. Com relação ao tema da translinguagem, considero que a proposição de Rocha e Maciel (2015), ao relevar o contexto histórico-cultural dos sujeitos, poderá possibilitar ao caso em estudo uma interpretação mais afastada do positivismo e do reducionismo, ao não se apegar às teorias monolíticas:

[...] pressupondo-se que todo o pensamento e toda a ação no mundo é histórica, cultural e ideologicamente marcada, advogamos em favor de práticas que, embora sempre reguladas e possibilitadas por complexas relações de poder, possam favorecer visões menos marcadas por ideias positivistas, reducionistas e monolíticas, bem como possibilitar a circulação de discursos menos autoritários e opressores (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 413).

Frente ao teor desse aviamento, entendo que a análise dos múltiplos discursos, presentes principalmente nas falas dos Entrevistados 1, 2, 7 e 9, possa se desenvolver de forma mais fluida por considerar a possibilidade de “repensar a noção do que seja língua e linguagem” em termos locais, sob a perspectiva de superdiversidade. Trata-se de uma proposição que encontra amparo nos estudos de Rocha e Maciel que consideram os cenários socioculturais atuais, como permeados por “profundas mudanças sociais, impactado pelos complexos processos de globalização e migração difusa, altera-se a natureza social, linguística e cultural da diversidade” (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 416), de forma que passa a ser possível a análise dessas questões, mediante a noção de superdiversidade, por atuar como elemento integrador de discursos e enunciados.

A respeito da noção de superdiversidade, ou das diversidades presentes nas diversidades, insta ressaltar que as entrevistas foram realizadas com cidadãos paraguaios e brasileiros, pertencentes a grupos sociais distintos e a diversas faixas etárias. Essas pessoas apresentaram suas visões, seus sentimentos, expectativas e percepções, compatíveis com as características locais e se mostraram como representativas dos cenários previamente observados, em situações consideradas pela literatura como diversificações dentro de diversidades (JUNG, 2014). Diante da multiplicidade de características dos sujeitos entrevistados, dos seus diferentes lócus de fala, estratos sociais e faixas etárias, interpreto como apropriada a análise dos dados da pesquisa sob a perspectiva do conceito de cronotopo de Bakhtin (1981). Nessa direção, justifico a opção por entender que as representações e manifestações são semiotizadas em relação aos aspectos sociais, temporais e espaciais de cada de pessoa. Uma condição que me permite a individualização de dados por meio do contexto de cada discurso.

Metodologia de pesquisa

O modelo de pesquisa que adotei foi o qualitativo, de cunho etnográfico, replanejado a partir da epistemologia de emergência pós-moderna, sob a perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari (1995). As premissas e os dados considerados nesse estudo não obedeceram a uma

hierarquia pré-estabelecida ou se vincularam aos pontos centrais das investigações. Na geração dos dados primários realizei entrevistas gravadas em vídeo, captei imagens por meio de fotografias e entabulei diálogos com membros da sociedade local. Quanto à coleta dos dados secundários, priorizei as visitas ao museu da cidade e as consultas bibliográficas.

Preliminarmente, objetivei identificar e conhecer as histórias, os sentimentos e as razões dos comportamentos dos entrevistados, estabelecer correlações entre os dados apurados e os fatores internos e externos, por meio da técnica da aproximação. Trata-se de um modelo que considero eficaz para conhecer todos os aspectos de forma individual e caracterizar as identidades, línguas e formações culturais, por meio de uma delimitação cronotópica. Esse procedimento se mostrou útil ao permitir efetuar com maior precisão as interpretações dos dados, um dos pontos principais nesse tipo de pesquisa:

Ao invés de se imaginar ser possível sentir-se o outro, é o momento de dar voz aos grupos estudados, admitindo que estes devam falar por si — tendo lugar reservado na elaboração e conclusão do texto antropológico —, ainda que o antropólogo ocupe o lugar de investigador/tradutor dessas sociedades (SANTOS, 2017, p. 12).

A abordagem local oportunizou a aproximação necessária, possibilitou a avaliação dos dados com maior precisão e a apropriação de elementos importantes que emergiram de forma inesperada e não compunham o escopo inicial da pesquisa. Uma situação peculiar que merece as ressalvas:

Um problema tradicional na epistemologia diz respeito ao conhecimento de assuntos que são “inobserváveis”. Historicamente, algumas questões importantes têm sido inobserváveis e mal compreendidas até que as ferramentas e teorias certas foram desenvolvidas (JENSEN, 2013, p. 17).

A livre fluência das vozes me garantiu a flexibilidade necessária para captar as percepções dos entrevistados e, com base nos respectivos contextos, a exemplo das manifestações dos Entrevistados 1 e 7, pude notar as dificuldades por que passaram e as razões pelas quais esse último abandonou a escola. Abriu-se um novo sistema e deparei-me com a possibilidade de enveredar por outros campos, inclusive o das práticas coloniais e os dados emergentes foram apropriados à pesquisa, seguindo a concepção proposta de Deleuze e Guattari (1995). Para esses autores, a liberdade conferida por meio dessa perspectiva proporciona o estabelecimento de conexões com outros campos disciplinares e áreas de conhecimento:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.17).

Com base nesse olhar e proceder, a utilização da epistemologia de emergência pós-moderna me permitiu apropriar caracteres qualitativos e interpretativos, percebidos somente ao longo da pesquisa (SOMERVILLE, 2007), perspectiva que se mostrou importante na geração e valoração desses dados. Nesse contexto, extrai-se que a metodologia adotada atendeu aos fins propostos, diante das características dos estudos, a amplitude e possibilidades que foram identificadas ao longo dos levantamentos de informações e coletas de dados. Quanto aos dados de pesquisa, esses foram coletados em duas oportunidades. Ao todo, computaram-se sete dias de trabalhos em campo, realizados entre os dias 12 e 15 de agosto de 2021 e 3 e 5 de setembro de 2021.

Na primeira viagem, entre os dias 12 e 15 de agosto de 2021, mantive contatos com o Prefeito Municipal, a Secretária Turismo e o gestor do museu de Porto Murinho. Participei de reunião com o corpo técnico da Secretaria de Turismo, ocasião em que pude explicar meus objetivos e o escopo da pesquisa, bem como receber dos servidores municipais as primeiras informações acerca dos habitantes locais, do perfil da sociedade, da cultura e das línguas de contato. Findada essa reunião, a Secretária se prontificou a contribuir para a geração de dados e colocou à disposição parte de sua equipe, caso surgissem dúvidas emergentes, bem como para auxiliar na resolução de eventuais problemas. Na sequência, identifiquei e contatei alguns atores locais para a gravação de entrevistas, apenas um dos mesmos não permitiu as gravações. Finalizada esta etapa, organizei minhas visitas ao museu da cidade, ao Hotel *Saladero Cuê* e a outros locais e monumentos, escolhidos com base nas informações prestadas pelos habitantes, sugeridos como representativos da história. Durante essas visitas, tive a oportunidade de consultar registros fotográficos e obter informações sobre a história da cidade. Depois de cumprido todo o planejado para esse primeiro período, retornei para Campo Grande.

A análise dos dados coletados na primeira etapa conduziu, em conjunto com meu orientador, a ajustes metodológicos, com vistas a aperfeiçoar procedimentos e as abordagens que seriam adotados na segunda viagem, bem como apropriar as perguntas aos contextos observados.

A segunda viagem ocorreu entre os dias 3 e 5 de setembro de 2021. Na ocasião mantive novos contatos, realizei cinco entrevistas com habitantes de Porto Murinho e

Carmelo Peralta, uma das quais não pôde ser gravada. Finalizada essa etapa de coleta de dados em campo, retornei para Campo Grande.

Nessa fase de pesquisa foram ouvidas pessoas de ambos os sexos, brasileiras e paraguaias e com idades variadas, conforme detalho a seguir:

Quadro 2 – Dados da pesquisa.

Id.	Sexo	Nacionalidade	Idade	Domiciliado em	Outras características
1	M	Paraguaia com cidadania brasileira	60	Porto Murtinho	Reside em Porto Murtinho desde a adolescência, estudou no Brasil, servidor público municipal, falante das línguas portuguesa, espanhola e guarani.
2	M	Brasileira	85	Porto Murtinho	Reside em Porto Murtinho desde a década de 1960, empresário, falante da língua portuguesa, compreende a espanhola e expressões em guarani.
3	M	Brasileira	85	Porto Murtinho	Reside em Porto Murtinho desde o nascimento, trabalha na iniciativa privada, falante das línguas portuguesa, espanhola e guarani.
4	F	Brasileira	45	Porto Murtinho	Reside em Porto Murtinho desde o seu nascimento, filha de paraguaios, estudou no Brasil, falante das línguas portuguesa, espanhola e guarani. Não permitiu a gravação da conversa.
5	M	Brasileira	55	Jardim	Reside em Jardim, professor, falante das línguas portuguesa, espanhola e compreende bem o guarani.
6	M	Brasileira	80	Porto Murtinho	Reside em Porto Murtinho há 50 anos, servidor público federal aposentado, falante das línguas portuguesa, espanhola e guarani.
7	M	Paraguaia com cidadania brasileira	40	Porto Murtinho	Reside em Porto Murtinho desde a adolescência, estudou no Brasil, trabalha na iniciativa privada, falante das línguas portuguesa, espanhola e guarani.
8	M	Paraguaia	40	Ilha Margarida	Reside na Ilha Margarida há 2 anos, servidor público federal, trabalha para o governo paraguaio, falante da língua

					espanhola, compreende a língua portuguesa e o guarani.
9	F	Brasileira com cidadania paraguaia	60	Ilha Margarida	Reside na Ilha Margarida há desde os 2 anos de idade, proprietária de um pequeno comércio local, falante das línguas espanhola e guarani.

Fonte: O autor, 2021.

Somados todos os tempos de duração das entrevistas, foram 6 horas de gravações em vídeo e 2 horas de diálogos que não puderam ser gravados. Para as visitas, consultas, reuniões e outras prospecções locais, destinei 60 horas do tempo total. Por meio das transcrições das gravações efetuei a análise do material coletado, tabulei em estratos compatíveis com os lócus dos sujeitos e dialoguei com meu orientador acerca dos mesmos. Decidi categorizar os casos emergentes de acordo com as emergências, perguntas referenciais e as premissas consignadas na revisão teórica, sem deixar, ao final, de tecer meus comentários sobre as demais categorias emergentes e não relatadas.

Consideradas as características da pesquisa e os dados coletados, optei por dividir a dissertação em quatro partes. A primeira delas contém tópicos lançados até esse momento com as abordagens fático-literária acerca de sociedades e de culturas, do colonialismo, da formação sociocultural do Brasil, do Paraguai e do Estado de Mato Grosso do Sul, até atingir o marco referencial da pesquisa. Na sequência, busquei a identificação, por meio de pesquisas na literatura, dos elementos sócio-histórico-culturais das cidades de Porto Murtinho e de Carmelo Peralta, depois apresento um capítulo teórico e, por último, debruço-me sobre as análises de casos, até alcançar as conclusões.

1 SOCIEDADE E CULTURA – DO NOMADISMO À SOCIEDADE CONECTADA

1.1 Primeiras linhas sobre a humanidade

En otras palabras, un pueblo es dueño de un patrimonio colectivo construido a lo largo de su historia y que se caracteriza esencialmente por contener modelos culturales comunes, tales como el idioma, las costumbres, las tradiciones, las creencias, los usos, etc¹ (OLIVERA, 2019).

É importante contextualizar, historicamente, os mecanismos de formação das sociedades, pois contribui para a compreensão dos processos de hibridações culturais. Um grupamento de pessoas pode ser identificado e caracterizado com base em uma série de fatores, dentre eles a língua, os costumes, as tradições, as crenças, características as quais, somadas compõem o patrimônio coletivo que é construído ao longo de sua história.

A par dessas características, depreende-se que os ocupantes de espaços territoriais, com limites geográficos reconhecidos, ao demonstrar convergência de sentimentos e valores, formam um grupo social. Esse, por sua vez, ao comungar usos e costumes de forma coletiva, constrói e/ou transforma identidades e, para mais além, com base na existência de laços identitários, torna-se possível o seu reconhecimento como nações, Estados, povos ou, simplesmente, sociedades.

Sociólogos e historiadores procuram há tempos compreender e estabelecer correlações entre as origens da cultura e os processos de formações das sociedades. Com relação aos estudos, buscam com base em vínculos de natureza identitária identificar essas conexões. Cito, a esse respeito, que desde a antiguidade os gregos se enxergavam como parte de um todo que se conectava e por meio do pensamento, da linguagem e das artes, tudo faria sentido:

Os gregos sempre intuíram a existência de um cosmos concebido como um todo ordenado em conexão viva no qual e pelo qual tudo – pensamento, linguagem, ação e todas as formas de arte – ganhava posição e sentido. Nesta ordenação os gregos colocaram a imagem do homem genérico, na sua validade universal e normativa, enraizado na vida comunitária. Ou seja, eles criaram uma imagem do humano capaz de se tornar uma obrigação e um dever. Esse ideal de homem integrado e integrante de sua comunidade era uma forma viva que se desenvolveu no solo grego e persistiu por meio das mudanças históricas (EYLER, 2014, p. 53).

¹ Ou seja, um povo é dono de um patrimônio coletivo construído ao longo de sua história e que se caracteriza essencialmente por conter modelos culturais comuns, como língua, costumes, tradições, crenças, usos, etc.

As prospecções sobre a natureza das coisas, com base nesses primeiros movimentos e indagações, proporcionou a compreensão da posição do homem no mundo, do mundo, da cultura e das suas inter-relações nos processos de construção de sentidos. São percepções e inquições que acompanham o homem desde os primeiros movimentos da humanidade e se mantêm ativas. A esse respeito, remeto ao período da pré-história, época na qual os grupos sociais eram unidos por laços de nomadismo e a cultura girava em torno da compreensão coletiva das suas necessidades alimentares e protetivas contra os animais:

Não praticam o grande nomadismo errante de certos povos de pastores que estão sempre em busca de alimento para seu gado, preferem avançar por saltos, de acordo com um ciclo racional de lugares de vida determinado pelos ritmos da natureza (migração animal, estação propícia, etc.) e pelas condições climáticas (CONDEMI, 2018, p. 149).

Esse modelo social, consubstanciado no costume coletivo fundado com vistas à obtenção e divisão de alimentos encontrados na natureza, perdurou até a invenção da agricultura. A seguir, a aprendizagem de técnicas de plantio permitiu à humanidade abandonar a cultura do nomadismo, viver em grupos perenes (FELIPE, 2019) e passar formar suas identidades por meio de sentimentos de pertencimento. A par dessa tendência, na idade antiga os humanos perceberam que a água viabilizava em maior escala a exploração e a produção agrícola. Com esta descoberta as civilizações passaram a se instalar nas proximidades dos grandes vales, localizados na Mesopotâmia, no Egito e na Pérsia:

O Subcontinente Indiano acabou se tornando o berço de uma das mais antigas civilizações do mundo. Entre 4.000 a.C. e 3.000 a.C., os dravidianos que ocupavam o noroeste da Índia, iniciaram a transição do estado nômade para o da agricultura sedentária. Em 2500 a.C., povos oriundos da Pérsia propagaram a civilização do Vale do Indo, também conhecida como civilização harappeana, nome derivado de uma de suas principais cidades, Harappa (FELIPE, 2019, np).

Surgiram, desde então, os núcleos populacionais, a esse respeito, Felipe (2019) explica que contemporaneamente emergiram as cidades-estados egípcias ao longo do Rio Nilo e, na Babilônia, as mesopotâmicas. Esses aglomerados urbanos adotavam os sistemas de logística fluviais para o escoamento de produções e nas relações comerciais, modelos baseados na exploração econômica com utilização de técnicas para o aproveitamento de recursos naturais. Com o advento das noções de produção e economia, a humanidade passou a viver em ambientes permeados por relações de poder.

Essas ocupações territoriais, nas regiões dos vales e ao longo dos grandes rios, se deram quando a Grécia e Roma se desenvolviam e causaram a divisão social do mundo em dois grandes grupamentos civilizatórios (FELIPE, 2019). Na porção oriental do globo terrestre habitaram os povos com maior desenvolvimento cultural, dentre eles os hebreus, egípcios, fenícios, mesopotâmicos e persas, e a área ocidental, ocuparam os gregos e romanos. Essa característica divisionista, de natureza cultural, perdurou até o início da idade média, quando a humanidade pode se deparar com várias descobertas.

O novo interstício que veio a seguir, alcunhado de idade das trevas, foi marcado pela divisão territorial da Europa, com base na adoção do feudalismo como modo de produção e de organização política, cultural e social, mediante influência da religião (DAUWE, 2008). A esta altura a civilização travava fortes debates acerca da importância da cultura e da sociedade. Os renascentistas passaram a entabular amplos questionamentos filosóficos e sociais e se insurgiram contra a Igreja. Entendiam que o uso do poder político e econômico, no patrocínio de dogmas, impedia o desenvolvimento da razão e promoviam o retrocesso social e cultural. A esse respeito, ao citar Voltaire, Calainho (2019) ressalta que os pensadores da época viam os papas como fanáticos e responsáveis por todo o atraso da humanidade.

Com base nesses acontecimentos e nas reconfigurações socioculturais provocadas com a migração do homem para as áreas urbanas, surgiram os Estados Nacionais. O mundo passou a orbitar em torno da política, os governos, na maioria monarquias absolutistas, tinham todas as estruturas governamentais, militares e econômicas controladas exclusivamente pelos reis. Essas posições lhes eram chanceladas pela igreja, aos lhes atribuir um poder divino. Com o passar do tempo, a mentalidade de que deveria haver uma centralidade no Deus cristão da Igreja Católica passou a ser gradativamente substituída pelo modelo atual, fundado na cultura religiosa (MACHADO, 2018). O rápido crescimento dos aglomerados urbanos nos continentes asiático e europeu na época se deu com a expansão do império Turco, marcada pela ocupação de Constantinopla, quando passaram a serem modificadas as estruturas sociais absolutistas.

Em paralelo, na Europa revelavam-se inventos e, por meio dos novos caminhos da ciência, proporcionavam-se ao mundo novas opções de mobilidade. A esse respeito, considera-se, no que se refere às formas de produção e a economia do continente, que “a pólvora, de origem chinesa, o astrolábio e a bússola, trazidos pelos árabes, foram essenciais ao desenvolvimento da navegação, juntamente com o aperfeiçoamento dos navios e das velas” (DAUWE, 2008, p. 35). A imprensa surgiu como a invenção mais importante do período, por se tratar de “uma forma mais barata de produzir livros em grande quantidade”

(DAUWE, 2008, p. 36) e viabilizar a alfabetização, a difusão do pensamento filosófico e do desenvolvimento do humanismo.

Com base nesses avanços tecnológicos e diante da expansão do império Turco, Portugal e Espanha passaram a buscar outras oportunidades por meio da exploração de novas rotas comerciais. Essas iniciativas deflagraram grandes movimentos colonizatórios, conquistas de territórios e a subjugação de povos originários. A respeito dessa visão europeia, entendia-se que as Colônias garantiriam o suporte econômico e religioso necessário à formação dos Estados Modernos:

Ao contrário da Europa que já tinha passado pela fase da Pré-história, História Antiga e Idade Média e agora Idade Moderna, no qual estava em formação o chamado Estado Moderno, os colonizadores entraram em choque com um novo continente a ser desbravado, pois pela visão europeia devia ser transformado em colônias para seus interesses comerciais, sociais, políticos e religiosos. A formação do estado moderno europeu português e espanhol tem nas colônias o suporte econômico e religioso como base de seu fortalecimento e consolidação (MACHADO, 2018, p. 18).

Nesse sentido, compreendo que, em razão das disputas locais, Espanha e Portugal vislumbraram uma saída ao naufrágio econômico por que passava a Europa, o modelo feudal desmoronava enquanto os povos se rebelavam contra as chagas sociais e a Igreja perdia gradativamente o seu poder. Com relação a esta situação, transcrevo os dizeres do Conselheiro do Reino:

Para que se compreenda, porém, a história do descobrimento da América, necessário nos é começar pelo estudo da situação social, política, econômica, científica e literária da Europa durante o século XV.

Sahia da idade média penetrava na da renascença, e passava por extraordinárias evoluções. Cahia a feudalidade, isto é, o domínio despótico, brutal e caprichoso de fidalgos, senhores de castellos, de cidades, de vastos territórios, tanto leigos como ecclesiasticos e que, independentes dos chamados reis e imperadores, victimavam os povos residentes em suas terras e sob seu jugo.

Elevava-se sobre as ruinas do feudalismo o poder illimitado dos monarcas, que começavam a governar nações maiores e mais unidas: apparecia já também à tona d'agua, reclamando liberdades civis, a classe média e popular, que até então existira esmagada e submetida (SILVA, 1892, p.3).

Os europeus entendiam que sendo a colonização de territórios parte de um processo evolutivo, deveria ser amplamente adotada como instrumento de desenvolvimento comercial e ter como foco, além da ocupação de territórios, a disseminação da cultura e a apropriação de

riquezas naturais. Em decorrência deste modelo, a ocupação e o povoamento dos territórios se deram mediante subjugação, uso de escravos e extermínio de povos originários.

1.2 As colonizações do Brasil e do Paraguai – como tudo começou

*Los historiadores construyeran la Historia de sus naciones sustentada en batallas y capitulaciones militares, em ocupaciones territoriales, resaltando la topología del poder e identidades diferenciadas. Localmente, el discurso histórico perpetúa y enfatiza la dicotomía entre "nosotros" y "ellos"*² (SIMÕES, 2008).

A história do mundo é marcada por disputas, ocupações de territórios e conflitos entre os povos, mediante exercícios de poder e nesse sentido percebo a importância da análise dessas relações para fins de compreender os processos de hibridações culturais e de formação identitária das nações. No imaginário comum, a palavra poder remete à noção de política, uma espécie de vinculação semiótica automática aos signos “vereador, prefeito, governador e presidente da república”, todavia ele se expresse por outras, inclusive nas relações sociais cotidianas. Seu exercício pode se dar em situações até mesmo banais, em momentos nos quais alguém deseja algo que pertença a outrem ou tenta lhe impor algo de seu interesse, mesmo que discretamente.

O mundo gravita em torno dessas relações e elas não se vinculam apenas à visão monocular da teoria contratualista de Rousseau (1762) ou à política. Os estudos de Michel Foucault (2004) inferem que os humanos, na condição de seres sociais, participam cotidianamente de situações que envolvem essas relações. Biopoder, economia, educação, sexualidade, religião, cultura, são algumas das espécies que estão presentes em diversos tipos de redes, nas quais as mesmas circulam e funcionam em cadeia:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não os possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas

² Os historiadores vão construir a história de suas nações a partir de lutas militares e capitulações, de ocupações territoriais, destacando a topologia do poder e as identidades diferenciadas. Localmente, o discurso histórico perpetua e enfatiza a dicotomia entre "nós" e "eles"

suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2004, p. 193).

Interpreto que a concepção de poder é aberta e pode ser útil na compreensão das relações que não conferiram efetividade nos processos que intentaram a imposição da língua espanhola no território paraguaio, haja vista o reconhecimento atual do guarani, como idioma. Nesse caso, o discurso do colonizador não teria sido capaz, ou suficientemente hábil, para penetrar na rede cultural indígena e impor sua língua. A par dessa percepção, apoio-me nas premissas de Foucault (2004) e compreendo que esse fato pode ter se dado em razão das estratégias de resistência adotadas pelos indígenas e inibiram exercício do poder espanhol nas suas malhas e redes. Como consequência, diante dessa rejeição ao monolinguismo Espanhol, o Paraguai passou a reconhecer, além da língua espanhola, o guarani como idioma oficial e o alçou à condição de patrimônio cultural.

Desde então, o Paraguai assumiu oficialmente a sua condição de bilíngue e tornou explícita a influência da cultura indígena. A respeito da importância da cultura originária, cito a origem do nome dado ao país. A considerar que a literatura apresenta duas hipóteses para a escolha do nome, com a primeira contendo explicações de que a terminologia à palavra tupi-guarani – *paraguá-i*, significa rio dos cocares e a segunda em uma alusão às remissivas dos espanhóis à tribo que navegava pelo Rio Paraguai, noto que as duas remetem à nomenclaturas ou expressões indígenas:

Cuando arribaron los primeros espanoles, habitaban solo los índios Carios o Guaranis toda la costa oriental del rio Paraguay, y la llamaban Paiaguay, aludiendo a que todos los índios Paiaguas lo navegaban privativamente em todo su curso, pero los espanoles le han alterado algo el nombre llamandole Paraguay (BIBLIOTECA VIRTUAL UNIVERSAL, 2006, np).

São apropriações nominativas que expressam a importância da cultura e da sociedade indígena desde os tempos coloniais, pois ressaltam a presença dos Carios, Guaranis e Paiaguás. Sobre essa questão, em relação à chegada dos europeus em solo paraguaio, a Fundação Nacional do Índio - FUNAI (*online*, 2021) explica que os espanhóis se depararam com uma população bastante homogênea, falante de um mesmo idioma, possuidora de um modo particular de preservar sua memória e as antigas tradições. A publicação governamental também cita que dominavam a agricultura, suas as colheitas eram motivos de grandes festas e havia, na forma de distribuição dos produtos, uma espécie de cultura de reciprocidade

(*online*). Ao notar essa importância, os colonizadores buscaram estreitar relações com as tribos indígenas e, como parte das estratégias adotadas para a aproximação passou a constituir famílias com as mulheres nativas, e esse proceder promoveu a mestiçagem da população, garantiu a paz social e formou um significativo contingente de trabalho (FERNANDES, 2016).

Esse modelo de integração, baseado no matrimônio entre europeus e povos originários, permaneceu ativo por muito tempo, em 1814, para a consecução das suas políticas de controle social, José Gaspar de Rodríguez Francia, presidente da república, manteve essa prática e era uma espécie de imposição feita aos europeus residentes no país (FERNANDES, 2016). Essa política governamental, não foi suficiente para impor o controle social na forma pretendida, mas prestou-se à redução de conflitos e das constantes disputas entre europeus e indígenas. A essa altura, os povos originários, conhecedores das intenções coloniais e das manobras que os europeus empreendiam na forma de biopoder (FOUCAULT, 2010), passaram a resistir às imposições coloniais e contaram com o apoio da Igreja. Como mecanismo de defesa, os indígenas passaram a proteger as suas redes com estratégias semelhantes à dos espanhóis. Sobre a manobra adotada, Guzmán (1986) explica que, com base nos seus costumes, os povos originários ofereceram suas filhas e viúvas aos espanhóis e estes, uma vez casados, eram obrigados a obedecer às leis da tribo e se submeter ao comando do cacique.

O resultado dessa política comum com vistas ao controle de poder, consubstanciada no matrimônio entre pessoas de diferentes etnias, promoveu o rápido crescimento da população paraguaia. No final do século XVIII, o Paraguai contava com uma população de 97 mil pessoas, distribuídas em diversos grupos étnicos – espanhóis, mestiços, índios e negros. Em 1886 apurou-se a existência de 240 mil habitantes na área urbana e, em 1900, somados os residentes nas cidades e na área rural, foram identificados 636 mil residentes em solo paraguaio (PARAGUAI, 2005). A análise desses dados permite identificar que, no final do século XIV, a maioria da população paraguaia residia na área rural, situação que pouco se alterou e, atualmente, 38% das pessoas vivem fora dos perímetros urbanos (PARAGUAI, 2018). A ruralidade é, portanto, uma característica que pode representar a magnitude da língua guarani e as razões de sua manutenção no país.

Com relação a essa característica, infiro por meio da pesquisa anteriormente citada, que a média de falantes da língua guarani, com a participação dos bilíngues, é de 87%, frente aos 57% de falantes da língua espanhola e a parcela de monolíngues é de 37% em guarani e

de 7% em espanhol, com a ampla maioria de falantes da língua indígena identificados na área rural:

No interior do país, principalmente nas áreas rurais, a implantação do espanhol continua bastante precária, sendo o predomínio do guarani ainda maior. Em muitas dessas regiões, o número de falantes de guarani aproxima-se de 100%, dentre os quais existe uma porcentagem variável de bilíngues espanhol - guarani (entre 17% e 46%), mas o índice de monolinguismo guarani continua a ser muito alto: na maior parte dessas regiões do interior, ele oscila entre 40% e quase 80%, frente aos baixíssimos índices de 1% a 3% de monolinguismo espanhol nessas mesmas regiões (ZUCCOLILLO, 2000, p. 13).

A autora revela a expressão do guarani no interior do país e a baixíssima adesão dos paraguaios à língua colonial, característica que pode demonstrar a resistência ao uso da língua espanhola nas regiões afastadas dos grandes centros. A respeito da influência da cultura indígena, ressalto que essa não é verificada apenas em relação à língua, há outros elementos que merecem atenção.

Figura 1 - Tereré.



Fonte: Quadros, 2020.

Constato que nesse país, além do uso da língua guarani, o cultivo e consumo de erva-mate, a exemplo do tereré, a gastronomia popular e o artesanato são provenientes da cultura indígena enquanto que, as formas de produção, organização social e política, vestimentas, estilos musicais, catolicismo e uso da língua espanhola, são características herdadas da cultura

européia. As razões que levaram os paraguaios a possuir em seus estratos socioculturais, uma significativa parcela da população com características próprias dos povos originários, podem nos conduzir a diversos debates sobre a natureza dos seus processos transculturais.

Nesse sentido, considero as ponderações de Escobar *et al.* (2019). Para os autores, as práticas de resistência do passado e as de reexistências na contemporaneidade, justificariam a significativa presença de elementos da cultura indígena nos costumes e nas representações paraguaias.

A respeito dessas práticas, intentadas para manter incólumes e vivas as suas tradições, ressalto que os índios as adotavam e realizavam as suas manifestações de modo adaptado, longe dos olhares dos colonizadores (ESCOBAR *et al.*, 2019). Assim teria se desenvolvido e mantida a cultura popular paraguaia, em um cenário bastante conflituoso em que se vira obrigada a passar por adaptações como meio de preservá-la e rejeitar as imposições coloniais, consideradas como prejudiciais ao seu universo simbólico:

Estas figuras culturales conforman los antecedentes históricos de los diversos, y casi siempre conflictivos, fenómenos transculturales que se fueron dando a lo largo de un tiempo enrevesado. A partir de los mismos se puede bosquejar rápidamente otro cuadro, que enumera, siempre de manera esquemática, los resultados y posiciones generados por la irrupción colonizadora en las culturas locales. En primer lugar, las distintas formas de destrucción del universo simbólico e imaginario de los indígenas, así como la imposición de los modelos coloniales; en segundo, la resistencia de las culturas indígenas y, por último, los diferentes procesos de asimilación, negociación y apropiación que estas culturas hicieron (y siguen haciendo) de las formas europeas. Aunque expuestos por separado para su mejor claridad, estos casos no configuran fenómenos aislados, sino que ocurren casi siempre de manera simultánea y trenzados unos con otros³ (ESCOBAR *et al.*, 2019, p. 21).

O enjeitamento dos povos originários às imposições culturais europeias não fora observado com maior vigor em todos os elementos, a exemplo da música. Durante o período colonial, os espanhóis trouxeram para o Paraguai gêneros musicais que estavam em voga na Europa, decisões que criaram certa ambiguidade com a musicalidade indígena (ESCOBAR *et*

³ Essas figuras culturais constituem os antecedentes históricos dos diversos, e quase sempre conflitantes, fenômenos transculturais que ocorreram ao longo de um tempo complicado. A partir delas, pode-se esboçar rapidamente outra tabela, que relaciona, sempre de forma esquemática, os resultados e as posições geradas pela irrupção colonizadora nas culturas locais. Em primeiro lugar, as diferentes formas de destruição do universo simbólico e imaginário dos povos indígenas, bem como a imposição dos modelos coloniais; em segundo lugar, a resistência das culturas indígenas e, por último, os diferentes processos de assimilação, negociação e apropriação que essas culturas fizeram (e continuam a fazer) das formas europeias. Embora expostos separadamente para melhor clareza, esses casos não configuram fenômenos isolados, mas quase sempre ocorrem simultaneamente e entrelaçados.

al., 2019). Os autores explicam que parte destas expressões musicais foi se perdendo ao longo do tempo, as que se mantiveram se submeteram a transformações e adaptações, mediante a incorporação de expressões típicas e de elementos do folclore indígena. Esses processos apropriativos culminaram por gerar os gêneros e estilos atualmente presentes na cultura popular paraguaia, como a polca paraguaia, o *rasguido doble* e o valseado, expressões musicais típicas da cultura paraguaia.

Figura 2 - Dança paraguaia.



Fonte: Guimarães *apud* Silvestre, 2016.

A respeito dessas adaptações musicais, Escobar *et al.* (2019) explicam que a polca paraguaia surgiu por meio da incorporação de elementos do folclore paraguaio à polca europeia. O valseado submeteu a valsa europeia a “um processo de “folclorização, adquiriu características locais muito particulares (uma certa vivacidade que distinta da valsa europeia) e tornou-se uma manifestação muito popular” (ESCOBAR *et al.*, 2019, p. 80).

O *rasguido doble* é um estilo cubano adaptado na Europa que contém canções denominadas de *compuesto* e suas letras narram episódios hipoteticamente verídicos. Trata-se de adaptações musicais representativas dos processos de hibridação cultural no território paraguaio. Noto que esse hibridismo, compreendido como resultante de um movimento de

interação que transformou as culturas dos sujeitos, colonizado e colonizador, afetaram as suas identidades pelo contato.

Nesse sentido, considero que as duas sociedades se submeteram às causas e consequências da colonização (Norval, 1999 *apud* Costa, 2014, p. 8), diante das práticas de resistência dos grupos originários paraguaios (Bhabha, 2007 *apud* Costa, 2014). Reconheço que a hibridação cultural afetou as duas identidades sem promover a exclusão da língua indígena, pois, contemporaneamente, o guarani, uma das línguas faladas no país por boa parte da população (NAVARRO, 2004), passou a ser reconhecido constitucionalmente:

Artículo 140 - DE LOS IDIOMAS

El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación.⁴

Consideradas as hibridações étnicas e culturais locais, o governo paraguaio atualmente descreve a sua população como composta por descendentes de espanhóis, guaranis e imigrantes europeus, multicultural e bilíngue, com grande tradição Apostólica Católica Romana (PARAGUAI, 2018). Nos seus apontamentos destaca que mais de 80% dos paraguaios falam espanhol e guarani e muitos deles utilizam a *Jopara*, uma mistura das duas línguas. Na música, na literatura e no cotidiano, a publicação ressalta que o idioma guarani está presente como elemento básico da cultura paraguaia (PARAGUAI, 2017).

A respeito das línguas faladas no país há certa discussão sobre as suas posições. Bartolomeu Melià (*online*, 2011) ao avaliar que “assim como a pele que habitamos, a linguagem é a forma de fazermos ver e o que define a fisicalidade da comunicação” deixa clara a sua posição quanto à dificuldade de convivência entre as línguas oficiais. Para o autor, no Paraguai não há bilinguismo, mas uma espécie de diglossia, diante de circunstâncias sociolinguísticas que privilegiam uma língua em detrimento da outra, a depender do contexto da fala e da escrita.

Com base nessa possibilidade, Segovia *et al.* (*online*, 2012) tecem críticas à língua nativa, para os autores, o espanhol paraguaio teria sido o que mais recebeu influência de uma língua ameríndia e proporcionou a emergência da “maldita *Jopara*”, um código linguístico

⁴ El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación.

que reduz os seus usuários à condição de pessoas de segunda classe, aos quais denomina de *guarangos*.

Percebo que as disputas linguísticas, iniciadas no período colonial, à aparência se mantêm, apesar das práticas decoloniais contemporâneas e do reconhecimento do guarani como língua oficial. Considero que o monolinguismo em guarani gera preconceitos e promove a opressão social (ONU, 2019).

No Paraguai, até recentemente não se ensinava a língua guarani nas escolas e (*online*) “a una persona que hablaba guaraní, se le decía que era una guaranga y algunos padres no querían que a sus hijos se les considerara guarangos” (ONU, 2019), a esse respeito, a ministra da Secretaria de Políticas Linguísticas do Paraguai, Ladislao Alcaraz (*online*) explica que desde o princípio foi difícil e nos dias atuais há preconceitos em relação ao guarani (ONU, 2019). Essa ministra explicou (*online*) que a sobrevivência do guarani se dá pela transmissão da língua das mães aos filhos e à perseverança dos falantes que resistem à ideia de abandonar a língua herdada (ONU, 2019).

Sobre a situação vivenciada no Paraguai, serve o alerta de Melià (2012), para quem “se a conquista começou com a ocupação do território, a ocupação da língua é, em última instância, seu ponto culminante” e a esse respeito, considero que as práticas monolíngues citadas pelos Entrevistados 1, 4, 7 e 9, conforme será observado mais adiante, se prestam para evidenciar a prática colonial. Trata-se de conflito que operaria em sentido contrário à consolidação da cultura, pois a liberdade para o uso das línguas, como parte social da linguagem, constitui-se em fundamento de integração identitária.

Ressalto que a língua pode ser utilizada para produzir os significados mais comuns no dia a dia, pois se presta para exteriorizar expressões de maior complexidade ou rotineiras, bem como àquelas incorporadas à cultura, basta que para isso sejam ativados os repertórios dos falantes nos seus respectivos sistemas (HALL, 2014). Além da música e língua, repousa em outras tradições e no folclore, paraguaios, outros elementos que permitem conhecer a importância da sua cultura e a magnitude das suas manifestações populares.

Nos seus eventos culturais é possível observar a presença de caracteres que identificam as suas origens. Ao som de harpas, guitarras e charangos, instrumentos trazidos pelos espanhóis, homens e mulheres se vestem com trajes típicos e dançam músicas com letras que enaltecem a sua história paraguaia e tradições.

Figura 3 - Trajes típicos da cultura paraguaia.



Fonte: Correa, 2014.

A respeito desses trajes típicos, o Entrevistado 1 informa que os homens “usam poncho, guaiaca, faixas com as cores da bandeira paraguaia [...] tudo isso era comprado no Paraguai, na ilha. O chapéu era de pano. As mulheres usavam saionas rodadas, tinha que usar o cabelo solto e comprido, com flor no cabelo”. Nos eventos populares utilizam chapéus “*piris*”, cachecóis em formato triangular em volta do pescoço, camisa branca com bordados, calça reta nas cores branca ou preta, faixa com fios de algodão na cintura, poncho, pés descalços ou com sapatos pretos (GUILLÉN *et al.*, 2016). As mulheres se apresentam com blusas brancas e saias largas até a altura dos tornozelos, decoradas com babados e acabamento em renda, ou vestidos feitos com o mesmo material e iguais detalhes, e nas suas cabeças utilizam ornamentos com flores (GUILLÉN *et al.*, 2016), sempre que possível. É comum, durante as festividades, o consumo de bebidas locais e de pratos típicos da gastronomia paraguaia. A sopa paraguaia, o *Mbeju*, a *Chipa Guasu*, o *Locro*, o *vori vori* (GRECHI; SANTOS, 2019) e a *chipa* (GODOY, 2019), são alguns deles.

Figura 4 - Sopa paraguaia.



Fonte: Lima, 2017.

Figura 5 – Mbeju.



Fonte: Brasiguai News, 2017.

Além desses pratos típicos, os paraguaios consomem o tereré (ESCOBAR *et al.*, 2019), uma bebida gelada, a base de erva-mate e água, enquanto dialogam e a efervescência da religiosidade pode ser observada nas homenagens a Nossa Senhora de *Caacupé* (ESCOBAR *et al.*, 2019).

Figura 6 - Celebração a Nossa Senhora de *Caacupé*.



Fonte: Agenzia Fides, 2016.

Figura 7 - Toro Candil.



Fonte: Candido, 2016.

As celebrações à Virgem e ao *Toro Candil* são manifestações que foram apropriadas pelos habitantes de Porto Murtinho (PARAGUAI, 2010). A respeito dos eventos que ocorrem no território brasileiro, a Entrevistada 9 cita que “pra falar a verdade os murtinhenses são muito mais ligados a Virgem do que nós, lá fazem uma festança”. Na ocasião dessas celebrações são rezadas missas, promessas são pagas e os festejos se dão com danças típicas e o consumo de pratos típicos. O Brasil, país do carnaval e do futebol é também dos indígenas, conforme discorrerei a seguir.

País Tupiniquim.

País Tupiniquim, programa de índio, caboclo-do-pé-rachado – são termos pejorativos utilizados com a pretensão de atribuir valor negativo a eventos fora dos padrões ou identificar alguém que reside em situação de precariedade. Esse tipo de aviltamento se vincula à imagem dos indígenas e lhes atribuem estereótipos incompatíveis com a riqueza da sua cultura. No período pré-colonial, o território brasileiro, assim como o paraguaio, era habitado por tribos indígenas, compostas por homens que possuíam padrões culturais ricos bastante semelhantes entre si, a citar os códigos linguísticos, muito próximos. No início do período colonial, os tupis ocupavam a região costeira e a faixa litorânea, os guaranis habitavam regiões contíguas aos rios Paraná e Paraguai e os tupiniquins estavam estabelecidos na região costeira compreendida entre a Bahia e o Espírito Santo.

O Brasil é tupiniquim, mas em bom sentido, são muitas palavras indígenas que foram incorporadas aos nossos dicionários e fazem parte do nosso cotidiano. Comemos caju, mandioca, açaí e o tucupi, bebemos o guaraná e o boldo, já ouvimos falar em nomes como

Iracema e Ubiratan, do Parque do Ibirapuera, do Rio Tietê e do Maracanã. As mudanças socioculturais promovidas no país tupiniquim foram feitas pelos portugueses e foram inevitáveis (BHABHA, 1998) e entender os processos transculturais, por meio do conceito de modernidade, passa, obrigatoriamente, pela compreensão dos contextos históricos. Nesse sentido, trago as considerações de Fanon (1963) quanto à importância dos aspectos coloniais. Para o referido autor, o colonialismo é violento, explora, provoca alienações, faz o uso “ético da violência” e modifica, por meio da política, a cultura, a organização social e a educação dos colonizados, mediante o discurso de que essas imposições seriam em favor do povo subjugado.

Passados séculos dos empreendimentos colonizatórios europeus, ainda vivemos em um mundo epistemicamente colonial, embora o Norte tivesse nos deixado fisicamente, esse “mestre epistêmico” nos legou as suas ideias, conhecimento e modelos “universais” que nos mantêm sob suas rédeas (MITOVA, 2020). Quanto a essa condição, interpreto que os estudos dos discursos coloniais, sob a ótica dos colonizados, podem servir à compreensão neocolonial atual, por situar o colonialismo com segurança no passado e sugerir uma linha contínua desde então, até o presente momento (SPIVAC, 2010). Em termos históricos, os primeiros contatos dos europeus com os indígenas brasileiros se deram com o descobrimento.

Os portugueses desembarcaram no Brasil com o objetivo de explorar as potencialidades e as riquezas minerais, implantar seus assentamentos mediante a subjugação dos índios e a imposição da cultura e modo de trabalho europeu. A esse respeito, Fausto (1996) explica que esses povos originários foram submetidos à violência cultural, sofreram com epidemias e muitos pereceram diante da barbárie portuguesa. Para o autor, a tentativa de cativar os índios não prosperou, pois havia uma diferença cultural abissal e os aborígenes brasileiros não aceitavam a obrigatoriedade de trabalhar além do necessário para a subsistência diária. Tratava-se de um problema estrutural, pois para viabilizar o modelo econômico Português na colônia, a Coroa necessitava do trabalho compulsório de milhões de pessoas (SANTOS, 2013).

Frente a esse cenário, os colonizadores precipitaram a decisão pela adoção da escravidão negra (FAUSTO, 1996), opção culminou em uma das maiores injustiças social do mundo (GUILLEN; COUCEIRO, 2001). Com o início da escravidão africana, o Brasil passou a possuir em sua população índios, africanos e portugueses condenados na Europa por assassinato, roubo e motivos religiosos - os degredados da Corte. Esta estratificação social se manteve até a vinda de D. João para o Brasil. Nessa ocasião, o Rei sucumbia diante de conflitos armados no continente europeu, Portugal foi invadido por tropas espanholas e

francesas, razões pelas quais fugiu com a família real para o Brasil em 1808 (FAUSTO, 1996), acompanhado de 15 mil pessoas pertencentes à elite portuguesa.

Com a mudança da sede do Reino para o Brasil, o território deixava de ser uma simples Colônia habitada pela escória portuguesa e passava, gradativamente, a se desenvolver no âmbito econômico, social e cultural. As ruas do centro da capital, Rio de Janeiro, foram pavimentadas, fundou-se a Imprensa Régia, o Banco do Brasil, a Biblioteca Nacional (FAUSTO, 1996), o Jardim Botânico e a Academia da Marinha. A Corte passou a exigir regras protocolares, o seguimento de padrões de etiqueta, modismos e costumes portugueses se espalharam, as artes passaram a ocupar espaço na sociedade, escolas e academias públicas foram criadas e permitiu-se o trabalho de brasileiros nos negócios do Reino.

O retorno do Rei para Portugal e a declaração da independência do Brasil não afetaram o cenário de prosperidade (FAUSTO, 1996), os crescimentos econômico, social e cultural na ex-colônia se deram no momento que o mundo mergulhava em debates socioculturais e não mais admitia a escravidão. No Brasil, esse ambiente de repulsa à utilização de mão-de-obra compulsória não era diferente, o movimento abolicionista exigia a liberdade dos homens negros e pautava suas reivindicações em questões de ordem humanitária e nos valores defendidos por Eusébio de Queiróz:

Acabada a importação de africanos pela energia e decisão de Eusébio de Queiroz, e pela vontade tenaz do imperador - o qual chegou a dizer em despacho que preferia perder a coroa a consentir na continuação do tráfico -, seguiu-se à deportação dos traficantes e à lei de 4 de setembro de 1850 uma calma profunda. Esse período de cansaço, ou de satisfação pela obra realizada - em todo caso de indiferença absoluta pela sorte da população escrava - durou até depois da guerra do Paraguai, quando a escravidão teve que dar e perder outra batalha. Essa segunda oposição que a escravidão sofreu, como também a primeira, não foi um ataque ao acampamento do inimigo para tirar-lhe os prisioneiros, mas uma limitação apenas do território sujeito às suas correrias e depredações (NABUCO, 2000, p. 3).

Em 1888, ano da publicação da Lei Áurea, o Brasil possuía uma população de 13,5 milhões de pessoas, dentre os quais, 1,5 milhões de escravos (IBGE, 2000). O ato de libertação fez cessar a injustiça secular, mas não lhes garantiu a devida proteção aos problemas sociais que viriam a enfrentar. A crescente industrialização nas cidades, a volta dos combatentes da Guerra do Paraguai e a liberdade concedida aos escravos, provocaram a forte corrente migratória para a área urbana, com isso, núcleos habitacionais passaram a surgir nas periferias e nos entornos dos portos. As políticas públicas governamentais não previram essa intensa movimentação social. Os ex-escravos e as suas famílias se viram obrigados a criar as

suas próprias comunidades com estruturas que serviam para trabalhos coletivos e manifestações culturais. A dispersão das etnias ao longo do território brasileiro passou a ser significativa e pouco depois se tornou possível precisar as suas localizações geográficas:

A maioria constava de mestiços; a mestiçagem variava de composição conforme as localidades. Na Amazônia prevalecia o elemento indígena, abundavam mamalucos, rareavam os mulatos. Na zona pastoril existiam poucos negros e foram assimilados muitos índios. À beiramar e nas comarcas dos metais sobressaía o negro, com todos os derivados deste radical. Ao sul dos trópicos elevava-se a porcentagem dos brancos. Das três raças irreduzíveis, oriunda cada qual de um continente e compelidas à convivência forçada, eram os africanos a que maior número de representantes puros possuía, em consequência das levas anualmente fornecidas pelo tráfico dos negreiros (ABREU, 2009, p. 200).

Contemporaneamente a sociedade brasileira projetava uma nova realidade sociocultural. A cultura se apropriava das suas raízes, abordavam-se temas ligados à identidade étnica e escritores passaram a ser inspirados. Nos trilhos do romantismo se aventuraram Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar, com abordagens indigenistas, Castro Alves priorizava obras que relatavam as agruras dos escravos. Economicamente o país se desenvolvia, os investimentos no setor de infraestrutura eram significativos, especialmente nos segmentos de estradas de ferro e de comunicação por meio do telégrafo, os homens alcançavam locais distantes e passaram a explorar novos territórios, dentre eles, o sul do então Mato Grosso. A monarquia chegava ao fim e iniciava-se o período republicano. No início do século XX, o Brasil passou a priorizar a colonização de áreas distantes dos grandes centros e os imigrantes, principalmente os oriundos da Europa e da Ásia, contribuíram com essa política expansionista.

O avanço da população se deu em direção aos limites fronteiriços e contribuiu para a disseminação das etnias e das respectivas culturas ao longo do território brasileiro. A par dessa configuração, considero que a cultura do país é plural e contém elementos provenientes das tradições portuguesas, indígenas, africanas, espanholas, alemãs, italianas e asiáticas, principalmente (IBGE, 2000). De modo geral a cultura popular brasileira é caracterizada como possuidora de elementos próprios (*online*) presentes no folclore, na música, na culinária, nas festas populares, nas manifestações africanas e indígenas, na literatura e a religião é fortemente expressada no cristianismo (BRASIL, 2021). Essa descrição generalista motivou diversos autores a estabelecer concepções, a defenderem a tese de que a cultura decorreria da mera apropriação de valores e costumes, apenas nos campos educacional e popular, por certos grupamentos de pessoas.

A assunção dessa linha de pensamento, eminentemente bi referencial, define a cultura educacional como presente principalmente nas universidades e a popular englobaria os valores “materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna” (BOSI, 1992, p. 309). Noto que se trata de uma dualidade limitadora das possibilidades de estudos. Para esse autor seria possível acrescentar, a depender do desenvolvimento da sociedade, outras duas subdivisões da cultura, a de “escritores, compositores, artistas plásticos, dramaturgos, cineastas, enfim, intelectuais que não vivem dentro da Universidade” (BOSI, 1992, p. 309), e a das massas, vinculadas ao mercado de bens de consumo. Em respeito às características desta pesquisa, a considerar apenas as premissas de Bosi (1992), interessaria apenas analisar a cultura sob a perspectiva popular, por considerar valores históricos, materiais e imateriais.

A cultura popular engloba os valores, costumes e tradições que são apreendidos e compartilhados por sujeitos pertencentes a um determinado espaço geográfico. Nesse modo de ver, entendo que a contextualização etnográfica, as relações e práticas sociais, conflitos linguísticos e dialógicos, são os principais elementos que caracterizam a cultura. Por essa razão, considero, com relação ao homem brasileiro, que a sua formação étnica resultou, basicamente, da miscigenação de três raças e apresenta certa multiplicidade de caracteres físicos, culturais e sociais. A esse respeito, observo que a cultura do Brasil recebeu contribuições indígenas, portuguesas e africanas, marcadamente no período colonial, posteriormente emergiram as contribuições culturais de imigrantes e atualmente se sujeita às influências da globalização e demais práticas vinculadas às tecnologias disponibilizadas no mundo contemporâneo.

Sobre essa questão, busco apoio em Canclini (2008) para substratar a minha compreensão de que a hibridação, nos atuais contextos globalizatórios, obriga à análise da cultura mediante certas confrontações e diálogos, com o reposicionamento dos sujeitos nos seus respectivos lócus, em respeito às diversidades e às diferenças. Trata-se de um cenário global que requer um olhar com mais dinamicidade e fluidez para que se possa perceber a cultura contemporânea. A esse respeito, Bhabha (1998) sugere que essa análise se dê por meio de contextos temporais e teóricos dos sujeitos e das sociedades e promover os estudos em apartado, com a individualização dos elementos relativos aos períodos colonial e pós-colonial:

Uma reorientação nesses termos pode ser encontrada nos textos históricos do momento colonial no fim do século dezoito e início do dezenove. Isso porque ao mesmo tempo que a questão da diferença cultural emergia no

texto colonial, os discursos da civilidade estavam definindo o momento duplicador da emergência da modernidade ocidental (BHABHA, 1998, p. 61).

A compreensão da história, por meio de enunciados espaço-temporais, é importante para a análise das culturas (BHABHA, 1998), a esse respeito o autor explica que “a enunciação da diferença cultural problematiza a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima” (BHABHA, 1998, p. 64), a seu ver a segmentação, em razão do escopo espaço-temporal, possibilita a percepção das “contribuições”, bem como a valoração das expressões, usos e costumes presentes ao longo dos processos transculturais. Com base nessas concepções, interpreto que, depois de passados quase 400 anos de submissão ao Reino de Portugal, é de natural conclusão que a cultura brasileira seja originariamente portuguesa, com a contribuição das tradições, usos e costumes indígenas e africanos.

A respeito da cultura brasileira, noto que as imposições coloniais surtiram efeito. Houve efetividade no exercício de poder do Norte e as reformas pombalinas, intentadas com vieses religiosos e educacionais, são exemplos dessa prática. Sob o fundamento de que seria necessária a inclusão dos indígenas na sociedade, os descendentes dos povos originários foram obrigados ao afastamento da sua cultura tradicional. Na oportunidade, o Reino Português entendia que os indígenas eram indivíduos inferiores e as suas identidades culturais e étnicas deveriam ser apagadas. Por essa razão, com o objetivo de “ajudar” os nativos, o Marques de Pombal lhes impôs a obrigatoriedade de aprender a língua portuguesa, situação que contribuiu para a eliminação de parte das línguas aborígenes no país. Essa parte da história permite a contextualização de fatos sociais que leva à compreensão e a caracterização da rede de influências socioculturais exercidas sobre os homens, nas suas respectivas sociedades. Esta é modalidade de estudos defendida por Bhabha, de acordo com o autor, a adoção do conceito de cronotopo presta-se como ferramenta de interpretação e identificação, com maior precisão, dos caracteres culturais das sociedades, pois considera os enunciados e manifestações em relação ao espaço-tempo dos sujeitos.

Ao considerar os demais aspectos culturais, ressalto que o Brasil possui muitos sotaques, mas o idioma falado pelos brasileiros jamais se afastou da língua oficial e, apesar das imposições coloniais, a exemplo das medidas pombalinas, remanesce na cultura brasileira uma significativa parcela de elementos, usos e costumes indígenas e africanos, diante dos quais assumo a liberdade de utilizar o carnaval como exemplo capaz de demonstrar a presença de elementos das culturas portuguesa e africana no Brasil. Originado numa brincadeira trazida

pelos colonos portugueses, o “*entrudo*” foi recepcionado pelos escravos e passou a fazer parte das manifestações culturais.

Figura 8 - O entrudo.



Fonte: Agostini, 1880 *apud* História com Gosto, 2017.

Nessas celebrações, com os rostos pintados, os negros saíam às ruas, lançavam farinha nos transeuntes e atiravam bolas de cheiro. A partir do final do século XX, os africanos e seus descendentes passaram a incorporar outras formas e elementos nas representações, transformaram esse evento, originado na Europa e criado sob preceitos da religião cristã, na manifestação cultural atual. A cultura brasileira é bastante rica e diversa, o folclore, a música e a gastronomia são segmentos que representam as diversas influências a que se submeteu o povo brasileiro. Na região norte do Brasil é forte a cultura indígena, o Boto Cor-de-Rosa (CASCUDO, 2014), a Vitória-Régia e a lenda da Mandioca (PEREIRA, 2007) são manifestações baseadas em histórias nativas, o Carimbó é uma dança com nome e movimentos indígenas que é performada com rebolados típicos da cultura negra (SABINO; LODI, 2011) e rodopios típicos da cultura portuguesa (IPHAN, 2013). No nordeste é maior a presença da cultura negra (SIEBERT; CHIARELLI, 2012) e, à medida que se afasta do litoral e adentra no sertão, aumenta a influência indígena (SIEBERT; CHIARELLI, 2012).

As fronteiras, de acordo com Donnan e Wilson (1998) *apud* Simões (2008), em geral “representam espaços de mudanças culturais, e conjuntamente de construções dicotômicas entre “nós” e “eles”, revelam “nacionalismos” por meio de símbolos e rituais”, razões pelas quais, diante dessas especificidades, merecem análises pontuais e como já evidenciadas alhures, ocorrem na conurbação internacional de Porto Murinho com Carmelo Peralta.

1.3 Aspectos socioculturais das cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta

Os povos indígenas, em especial os que estejam divididos por fronteiras internacionais, têm direito a transitar, manter, desenvolver contatos, relações e cooperação direta, inclusive atividades de caráter espiritual, cultural, político, econômico e social, com os membros de seu povo e com outros povos (DECLARAÇÃO AMERICANA SOBRE OS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS, 2016).

Etimologicamente, a palavra fronteira tem origem no termo “fronteiro”, cujo significado é “vem à frente de, em primeiro, na frente, e limite, [...] termo de divisão dos Estados, grupos, geografias e posses; proximidade com a linha de distinção e sentido metafórico” (LISÓN TOLOSANA, 1994, p. 77 *apud* SIMÕES, 2008, p. 1). Há uma diferenciação entre as denominações “linha de fronteira” e “zona de fronteira”, essa se presta para delimitar um espaço de forma bastante ampla e aquela para designar uma demarcação geográfica (SIMÕES, 2008, p. 1). O termo “zona de fronteira” remete a “uma conotação espacial mais imprecisa e um significado social mais amplo do que o conceito legal e restrito de linha de fronteira” (SAHLINS, 1996, *apud* SIMÕES, 2008) e estende as relações a todas as áreas contiguas a “linha de fronteira”.

Historicamente, para Simões (2008) as cidades de fronteira têm sido um laboratório de culturas, no mesmo sentido, Betancor e Angelo (1998) *apud* Betancor (2010) explicam que os habitantes de uma localidade de fronteira com “contato especial”, caso das cidades gêmeas, compartilham seus espaços e não se vinculam aos limites pré-definidos ou politicamente delimitados por e para cada dos países. De acordo com os autores, os sujeitos rompem as barreiras Estatais e se afastam do modelo de Estado, nação e cultura nacional e se voltam às suas questões identitárias territoriais locais, ao seu trabalho e ao seu cotidiano.

A respeito dessa identidade territorial, interpreto que a mesma está “associada à noção de espaço de referência identitária. A de identidade regional está associada aos conceitos de região, regionalismo e regionalidade. E as identidades múltiplas estão associadas à noção de multiterritorialidade” (CARDOSO; MOURA, 2017, p. 60). Com base nessas definições, noto que a noção de cultura em zonas de fronteiras compreende um complexo de elementos que são apropriados e compartilhados por sujeitos com identidades territoriais e a alteridade pode servir como fundamento para compreender os seus regramentos sociais.

As abordagens das questões identitárias e culturais nas zonas de contato fronteiriças exigem, portanto, análises das origens étnicas, formas de poder, políticas de governo e das práticas sociais comunitárias.

Sobre essas características, ao abordar os pensamentos de Fanon (1963), Bhabha (1998) enfatiza que a identidade cultural assume vieses híbridos quando as mentes são inundadas de anseios por mudanças políticas e, com base na perspectiva da identidade, da cultura e do seu uso como luta política, torna-se possível dissecar a natureza dos conflitos de ordem colonial e compreender os valores estéticos e políticos, desde os períodos de dominações.

Quanto a esse pormenor, cito que Brasil e Paraguai foram colonizados por europeus e se submeteram a diferentes regimes de governo, em períodos e momentos relativamente semelhantes. As incursões dos portugueses e espanhóis na América do Sul seguiram praticamente os mesmos padrões e se deram mediante a imposição dos seus respectivos modelos coloniais, políticos e de governo, consistentes em explorações de terras, a subjugação de residentes, na utilização dos seus modos de produção e na disseminação das suas culturas.

Em seguimento a esse entendimento, considero como pertinentes as lições do autor no sentido de que as ações coloniais do passado se fundaram em argumentos meramente justificadores, pois “o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração instrução” (BHABHA, 1998, p. 111). Por essas razões, ao considerar os fatos do passado, interpreto que as conquistas empreendidas nos solos brasileiro e paraguaio se deram de forma conflituosa com os nativos, pois houve a recusa formal desses colonizados à imposição colonial (BHABHA, 1998).

Nesse sentido, entendo que a percepção de Bhabha (1998) durante a análise crítica feita em relação ao pensamento de Fanon (1963), torna essa premissa cabível aos eventos coloniais no Brasil e no Paraguai, ante a ótica dicotômica de que os colonizados, ao se submeterem ao controle colonialista, passaram por uma "pseudo-petrificação" que os incitaram e excitaram ainda mais, ao tornar ambivalente a fronteira cultural entre ambos.

Trata-se de detalhes que podem explicar a existência de maniqueísmos típicos de exercícios do poder e justificar a existência de preconceitos linguísticos na atualidade. Isso porque, em termos de linguagem verbal, o pensamento maniqueísta pode se manifestar nas relações de poder e promover a hierarquização entre as línguas e/ou suas variedades. Há anos o Brasil combate essa prática.

Sobre essa questão, consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) dos terceiros e quartos anos do ensino fundamental que esse tipo de “discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos

existentes no interior da sociedade” (BRASIL, 1998, p. 82). Nesse sentido, ressalto o estabelecido do referido documento que esse, como qualquer outro preconceito, “resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia”. Motivos pelos quais há a necessidade de que o aluno “entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana” (BRASIL, 1998, p. 82), como forma de coibi-la.

Na atualidade, a par das influências globais, é impossível a assunção da hipótese de que o mero proceder colonizatório ou a imposição de um Estado Nacional totalitário seriam capazes de manter as unidades de um povo em torno de uma identidade cultural única. A esse respeito, interpreto que as considerações de Hall (2014) tornam induvidosa essa impossibilidade.

Para o autor, as nações modernas são originadas por meio de fusões culturais aviadas por conquistas violentas e possuem estratos sociais compostos por uma multiplicidade étnica tal, que inviabilizaria ou impediria a continuidade de qualquer forma perene de exercício de poder. Nesta linha de pensamento, entendo que a amplitude e o alcance da globalização, por si, não seriam capazes de produzirem resultados homogêneos em termos culturais e identitários:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (HALL, 2000, p. 31).

A globalização pode interferir nas identidades, quanto a isso Hall (2000) apresenta, alternativamente, certas práticas que se prestam como ferramenta para o fortalecimento e reafirmação das identidades, dentre as quais, a de resistência. Com relação a essas práticas, considero como pertinente agregar as noções de práticas de reexistência.

Seus objetos visam, *a priori*, a manutenção identitária e apresentam-se como uma das premissas e fundamento para a compreensão da natureza cultural e a identificação dos elementos que compõem a cultura e a identidade na conurbação formada pelos municípios de Porto Murinho e Carmelo Peralta. Nesse caminhar, infiro que as condicionantes aduzidas por Hall (2000), as premissas cronotrópicas de Bhabha (1998), as relações econômicas, institucionais e sociais que promoveram a integração sociocultural entre as duas cidades, se somam às noções do afeto e da alteridade nessa pesquisa, como forma de analisar as características que fundam a manutenção desta integração.

Em defesa desses pressupostos, considero que a citada integração pode ser de natureza apropriativa e/ou representativa local e não seja de simples compreensão por parte de indivíduos localizados em outros territórios. Para o mundo exterior, distante das zonas de contato, a imagem das sociedades fronteiriças podem se resumir a estereótipos.

A representação da realidade sociocultural do Paraguai, para muitos brasileiros, é incompleta, a esse respeito, Souchaud (2011) afirma que as interpretações externas se resumem às notícias que levam à compreensão miúda de que o Paraguai é um país fechado, do ilícito, do falsificado e violento. Trata-se de uma percepção miúda, rígida e meramente referencial que não representa a realidade cotidiana das zonas fronteiriças e não se presta como regra geral. Para eliminar esse estereótipo, de acordo com o autor, bastaria voltar os olhares a outras porções fronteiriças do Mato Grosso do Sul e observar as trocas e contatos históricos entre os dois países.

Cito que as especificidades das regiões abrigadas pelas cidades de Foz do Iguaçu / *Ciudad del Este* ou de Ponta Porã / *Pedro Juan Caballero*, não refletem a realidade sociocultural paraguaia. São conurbações habitadas por pessoas de diversas nacionalidades que têm como objetivo principal o comércio cujas “as complexidades vividas em *Ciudad del Este* são visíveis nos aspectos da composição da população principalmente” (CURY e FRAGA, 2013, p. 469). A heterogeneidade do povo, representada por “descendentes diretos e indiretos de Guarani, paraguaios, brasileiros, argentinos, libaneses, palestinos, sírios, chineses, coreanos e outros que vivem neste espaço urbano” (CURY; FRAGA, 2013, p. 469) viabiliza uma profusão de segmentos econômicos, que vão desde “comerciantes, consumidores, cambistas, ambulantes, turistas, laranjas, sacoleiros e outros” (CURY; FRAGA, 2013, p. 469) que se comunicam em diversas línguas.

Nessas zonas de fronteira, diversos idiomas são utilizados em ambos os lados, muitos dos seus habitantes possuem dupla cidadania, alguns fixam residência em determinado país e seus filhos estudam em outro, os locais de trabalho não necessariamente são os mesmos de residência e possuem veículos com placas dos dois países (CURY; FRAGA, 2013). Trata-se de especificidades que não refletem a realidade global do Paraguai.

À medida que se afasta destas conurbações maiores, observam-se certas homogeneidades e os habitantes paraguaios possuem características socioculturais que não variam significativamente. Como características gerais, são bilíngues, falantes de duas línguas oficiais - o espanhol e o guarani, suas tradições têm raízes nas culturas espanholas e indígenas (ESCOBAR *et al.*, 2019), com traços típicos que remetem aos esboços étnicos e culturais deflagrados ainda no período colonial.

A respeito das imposições coloniais, houve a recusa expressa dos nativos à imposição europeia e para compreender as relações de forças que culminaram com a manutenção de elementos indígenas, em primeiro lugar, temos que considerar “as diferentes formas de destruição do universo simbólico e imaginário dos povos indígenas, bem como a imposição de modelos coloniais” (ESCOBAR *et al.*, 2019, p. 21). Depois considerar “a resistência das culturas indígenas” (ESCOBAR *et al.*, 2019, p. 21) e, por fim, interpretar “os diferentes processos de assimilação, negociação e apropriação que essas culturas fizeram (e continuam a fazer) das formas europeias” ESCOBAR *et al.*, 2019, p. 21). No processo de análise desse fenômeno, estas condicionantes não podem ser consideradas de forma isolada (ESCOBAR *et al.*, 2019, p. 21), pois quase sempre se dão de forma simultânea e entrelaçada.

Sobre essa ocorrência, noto que é “impossível ignorar o papel da religiosidade na cultura do povo paraguaio e, da sua cultura e na religiosidade, tendo em vista que os princípios desse povo são em geral voltados ao contexto da espiritualidade” (WATERKEMPER; GOMES, 2012, p. 5) e a cultuação à *Virgencita* Índia de *Caacupé*, padroeira do Paraguai, é exemplo dessa religiosidade.

Além das características eminentemente simbólicas, não pode ser perdido de vista que outros elementos, provenientes da tradição e costumes indígenas, assim como o artesanato, a música e a culinária, ocupam papel de relevância na cultura paraguaia e foram apropriados pelos brasileiros residentes em zonas de contato. A comunidade de Porto Murtinho celebra, há tempos, a Virgem de *Caacupé* e nas ruas da cidade é possível ouvir músicas paraguaias, beber tereré e nas padarias e lanchonetes pode-se comer uma chipa.

O exercício destas práticas permitiu a integração cultural, mas não significou uma exceção às regras matrizes de seus respectivos países, ao contrário, demonstrou que se deu em razão de certas peculiaridades de natureza apropriativa, afinal, o murtinhense consome a lambreado assim como o peraltense aprecia um churrasco. Diante dessas peculiaridades locais, como forma de prospectar as características desse processo hibridatório, abordarei a seguir as questões de natureza sócio-histórico-cultural que dizem respeito às duas cidades.

O processo de ocupação da zona de fronteira em Porto Murtinho se deu de forma gradual. Com o evento da Guerra do Paraguai, o trânsito de pessoas aumentou significativamente na região. Inicialmente um contingente de soldados se formou como forma de coibir as investidas paraguaias no território brasileiro, fato que deflagrou as primeiras empreitadas colonizatórias e passou a transformar o perfil socioeconômico no sul do território mato-grossense (LIMA, 2016). Em paralelo a essas ocupações militares, o Paraguai agonizava diante da resposta dos aliados e contabilizava a morte da maioria de seus homens (BITTAR,

2009). Tratara-se de um conflito armado que produziu efeitos danosos para os dois lados, cujos prejuízos econômicos, sociais, culturais e políticos são observados até os dias atuais, especialmente quanto à responsabilidade pela deflagração da Guerra.

Com relação à causa do conflito armado, uma corrente defende a tese de que brasileiros e argentinos buscaram se defender da tirania de Solano López Outra se alinha à ideia de que tivera início a partir de manipulações comerciais da Inglaterra e, a terceira, aborda questões de natureza identitária e nacionalista, com a ocupação de seus espaços e a consolidação política no cenário local.

À parte das suas origens, findada a Guerra emergiu a necessidade de reocupação das áreas brasileiras invadidas pelo Paraguai e, por opção governamental, a região de Rio Brilhante foi escolhida como centro de logística, segurança e comércio. No local foi criada uma colônia militar, comandada pelo major João Caetano Teixeira Muzzi que se tornou um polo agregador de interesses e o centro de controle político-administrativo do sul do Estado (DUTRA, 2004). Como parte das responsabilidades atribuídas ao militar, incumbira-lhe a de manter relações com os empresários locais, em especial com os ervateiros.

A modalidade colonizatória priorizada na época proporcionou a exploração da cadeia da erva-mate pela Companhia Mate Laranjeira, a construção de Ferrovias, o povoamento da porção sul do Mato Grosso (BITTAR, 2009) e viabilizou a ocupação da região atualmente ocupada pelo território murtinhense. Por meio dessa política expansionista, com base na decisão político-econômica entabulada entre a empresa ervateira, o presidente do Estado de Mato Grosso e o Banco Rio – Mato Grosso, Porto Murtinho passou a existir no cenário nacional.

Para explorar o mate de forma eficiente, ampliar a produção e viabilizar o escoamento do produto para os mercados tradicionais, a Companhia utilizou o aporte de recursos feito pelo Banco Rio - Mato Grosso, dirigido à época pelos irmãos Murtinho. A respeito dessa operação financeira, Bittar (2009) afirma que se tratara de uma opção pessoal do agente político. De acordo com a autora, Manuel Murtinho, no exercício do cargo de presidente do estado, optou por privilegiar a companhia, na qual ele e a família eram acionistas, por meio de aportes de recursos e a prorrogação do prazo de concessão para exploração dos ervais por mais 16 anos.

A família Murtinho adquiriu por meio do banco, em 1892, a maioria das ações da empresa e garantiu os recursos necessários à Mate Laranjeira para iniciar as suas atividades na região, com a exploração da Fazenda Três Barras (SILVA, 2018). Essa iniciativa se deu logo depois de findada a guerra e ao mesmo tempo em que a procura por terras na faixa de

fronteira passou a ser mais intensa. Os sulistas eram os maiores interessados na ocupação das terras e, ao vislumbrar a possibilidade de fornecer alimentos para os funcionários da companhia ervateira, passaram a se instalar no local e a explorar a atividade de criação de gado.

A respeito desse processo migratório, Bittar (2009) informa que a presença do gaúcho era significativa na região de fronteira e Silva (2018) ressalta que os sul-rio-grandenses mencionavam o hábito comum que havia entre eles e os paraguaios no consumo da erva-mate como bebida:

O sul-rio-grandense é portador de excelentes qualidades, sobrepujando entre estas a da sua coragem e a do seu ardente amor patriótico. Encarado, porém, como colono, ele não é, em nosso modo de ver, o melhor indicado para provocar a eclosão de antagonismos em nossa fronteira paraguaia. Porque, ali, ele se encontra, sob vários aspectos, como em seu meio de origem. Semelhança de solo, relativa identidade de clima, a mesma paisagem, a coincidência de muitos hábitos (SILVA, 2018, p. 77).

Com base nessas premissas, noto que o gaúcho em muito se assemelhava ao povo guarani, condição que excluiria a possibilidade de conflitos. Havia similaridade nos costumes pastoris, no consumo da bebida típica, no churrasco, na corrida de cavalos, no sistema de carretas, na vestimenta e na índole guerreira (SILVA, 2018, p. 78). Características que posicionaram os sujeitos em um mesmo contexto cultural, à exceção de certos padrões de linguagem e de moral.

A essa altura, com a forte corrente migratória de sulistas para a região, os irmãos Murtinho passaram a reear pela perda de seus benefícios e pelo comprometimento de seus interesses pessoais. Com base em argumentações de que uma eventual invasão gaúcha criaria um Estado dentro do Estado e seria preferível a ocupação da região por empresas estrangeiras (BITTAR, 2009), os irmãos convenceram Generoso Ponce, presidente do estado à época, a estabelecer barreiras à ocupação das fronteiriças áreas por terceiros, ocorrência que impediu os intentos colonizatórios e paralisou por certo período o desenvolvimento local.

Livre de possíveis concorrências pela posse das terras, Tomás Laranjeira deu continuidade aos seus planos e modificou a estrutura do porto anteriormente utilizado para a movimentação de gado e o adaptou para servir como local de embarque de seus produtos e criou nas suas imediações uma pequena vila. Denominada Porto Murtinho, a localidade foi erigida com esse nome em homenagem aos seus associados-acionistas, a Vila tornou-se município em 1911 e foi emancipada em 13 de junho de 1912.

A adaptação executada por Laranjeira viabilizou os negócios da erva-mate, auxiliou no desenvolvimento do Estado e transformou o local num importante centro comercial. Tratara-se de atividade que promoveu a chegada de outros investimentos (LIMA, 2000) e perdurou até a década de 1960, embora a concessão da Companhia cessasse efetivamente em 1915 (BITTAR, 2009).

No início do século XX a produção era significativa e, para viabilizar o transporte da erva até o local de embarque, foi construído um trecho de ferrovia que ligou o porto à Fazenda São Roque, na mesma época o governo implantou um posto telegráfico na cidade e a população passou a contar com energia elétrica por meio de grupos geradores (LIMA, 2000). Ao longo da década de 1910, hotéis, mercados, lojas e residências passaram a surgir, a maioria com estilos e arquitetura predominante europeu (LIMA, 2000). O trânsito de pessoas provenientes do Uruguai, Paraguai, da Argentina, da Europa ocidental e meridional nas ruas da cidade passou a ser comum, pois facilitado pelo transporte fluvial que permitia a conexão da cidade com as principais localidades (LIMA, 2000).

Em razão do momento econômico e da logística fluvial, as charqueadas se tornaram o grande negócio da região até a década de 1960. Contemporaneamente descobrira-se a madeira Quebracho, fonte do tanino, um componente utilizado na produção de medicamentos e no tingimento de couros.

Para a exploração desse produto foi fundada, em Porto Murtinho, no ano de 1936, a Florestal Brasileira S.A (HEYN, 2003), empresa portuguesa com capital alemão que chegou a possuir em seus quadros 2.000 funcionários (HEYN, 2003), parte dos quais, europeus. No ano seguinte, em 1937, os alemães criaram outra empresa, a Quebracho do Brasil S/A, e disponibilizaram no momento da sua abertura 800 vagas de emprego (HEYN, 2003).

Estes investimentos provocaram a migração de nordestinos, paulistas, gaúchos e europeus para a cidade (KMITTA, 2013) e as atividades econômicas passaram a se desenvolver satisfatoriamente. Nos ervais, a área de exploração chegou a alcançar, no auge da produção, 5.000.000 de hectares explorados, cujos trabalhadores, eram majoritariamente de origem paraguaia e indígena. Porto Murtinho avançou e se tornou referência até o início da Era Vargas. Como parte das medidas adotadas com o ingresso do Brasil na Guerra Mundial, o presidente da república determinou a junção da cidade ao Território de Ponta Porã e o anexou à área de segurança nacional.

Não bastasse, também desapropriou as instalações da Companhia Mate Laranjeira em Guaíra e extinguiu o monopólio da empresa na exploração dos serviços de navegação no alto Paraná. Foram decisões que, somadas, impactaram negativamente no nível de atividade

econômica em Porto Murtinho, afetaram negativamente nas vagas de trabalho e causaram a demissão dos empregados nos ervais:

À medida que se esgotava a atividade ervateira no ESMT, os trabalhadores foram se dispersando por toda a extensão da região, oferecendo sua mão-de-obra em trabalhos sazonais como picadas, aberturas de estradas e formação de fazendas; atividades estas que eram as que restavam à sua (falta de) qualificação profissional. Isso é profundamente sentido quando se trata de ex-trabalhadores da Cia. Matte Laranjeira que por aqui permaneceram (uma parte retornaria ao Paraguai) (ALBANEZ, 2013, p. 144).

A respeito do desenvolvimento de uma localidade e a viabilidade na exploração de produtos, destacam-se as características relacionadas aos aspectos econômicos, sociais e políticos (SICSÚ; CASTELAR, 2009, p. 22). Sobre isso, explica Bittar (2009) que Getúlio Vargas teria sido o responsável por inviabilizar as atividades econômicas e frear o desenvolvimento socioeconômico de Porto Murtinho, por meio da adoção de suas medidas políticas.

Até então, a erva-mate, conhecida como ouro verde, contribuía significativamente para os superávits da balança comercial brasileira (DANIEL, 2009). Somadas às medidas políticas de Vargas, registraram-se períodos de escassez do produto, a excessiva demanda, as adulterações e a perda de valor com o consumo generalizado do vegetal na forma de tereré ou chimarrão, situações que afetaram o sistema produtivo e as vendas (DANIEL, 2009).

Nesse período, os portugueses abriram o Café Real, imigrantes europeus exibiam seus estilos e os modismos eram vistos com frequência pelas ruas. As lojas vendiam roupas e acessórios importados, os alemães celebravam o sucesso de seu negócio com a exploração do tanino e os espanhóis, proprietários do “*Saladerô Cue*”, ampliavam a sua participação no mercado nacional e internacional do charque (LIMA, 2000). Esse cenário findou com o ingresso do Brasil na Primeira Guerra Mundial.

Os alemães se retiraram do país, seguidos pelos demais estrangeiros que, por questão de segurança pessoal, resolveram voltar para os seus países de origem (HEYN, 2003). Como consequência dessa evasão tivera início um período de penúria com o abandono das indústrias por seus proprietários. Tempos depois, ainda amargando dificuldades, Porto Murtinho viu surgir, a poucos minutos de distância, no território paraguaio, a cidade de *Capitán Carmelo Peralta*. Bem à frente, na pequena *Isla Marguerita*, pertencente ao município paraguaio, reside algumas centenas de pessoas e há um pequeno comércio de mercadorias importadas frequentado pelos Murtinhenses e turistas.

Figura 9 - Localização geográfica dos municípios.



Fonte: Google Earth, 2021.

Mais da metade dos municípios de Mato Grosso do Sul congregam características semelhantes. Localizados em territórios pertencentes à faixa de fronteira com o Paraguai e/ou a Bolívia (MATO GROSSO DO SUL, 2019), apenas sete destes são considerados como cidades-gêmeas, dentre eles encontram-se Porto Murtinho e Carmelo Peralta. De acordo com o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (2019), as cidades-gêmeas possuem grande potencial de integração econômica e cultural, formam conurbações com tradições e manifestações típicas da fronteira e produzem efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e nas questões de cidadania.

Sobre essas características, a redução do nível de atividade econômica no município de Porto Murtinho trouxe o desemprego e a cidade acabou por absorver boa parte dos trabalhadores do setor empresarial.

De etnia paraguaia e indígena, esses ex-empregados são sujeitos “binacionais” que trabalharam no território murtinhense e com seus habitantes se relacionavam, suas idas e vindas, de um país para o outro, eram constantes e o Rio Paraguai não representava uma barreira intransponível. Homens, sem qualquer formalidade, cruzavam livremente a fronteira,

viviam em nossa pátria como se estivessem na sua própria terra (SILVA, 2018), se socializavam com gaúchos, paulistas e imigrantes que se instalaram na região, compartilhavam suas ideias, sentimentos e tradições.

A esse respeito, considero que as zonas de fronteira são espaços compartilhados que permitem trocas permanentes e podem viabilizar as suas práticas transculturais e a (re)associação de padrões culturais às atividades cotidianas podem (re)apropriar significados e signos às regras de convívio comunitário em situações que denotam exercícios de alteridade (BRAGA, 2013). Quanto a isso, tendo como referência os entendimentos desse autor, interpreto que as primeiras relações entabuladas nas conurbações fronteiriças surgem como forma de viabilizar padrões e códigos que possibilitem minimamente as trocas locais.

As convenções posteriormente emergidas se prestam para franquear a construção identitária e formatar uma extensa e permeável rede, na qual torna-se possível promover, a qualquer tempo, a apropriação dos elementos culturais compartilhados.

Nesse sentido, no âmbito de Porto Murtinho e Carmelo peralta, compreendo que a integração cultural se dá nos festejos populares, na música, na arte, nas vestimentas, na gastronomia, na religião, na língua e no folclore. O consumo de alimentos, como a chipa, a sopa paraguaia, o lambreado, o *vori-vori*, o puchero, e o uso das línguas guarani e espanhola, são alguns destes exemplos:

Portanto, em contextos culturais, o município mantém, desde longa data, estreita integração com o Paraguai. Além do trabalho, do folclore, dos festejos populares, da música e de outras formas de arte, também na culinária se difundiu o consumo da chipa, da sopa paraguaia, do lambreado, do *vori-vori* e do puchero. Essas práticas culturais revelam a singularidade plasmada pelo processo histórico na materialidade do território. O idioma é uma junção e sobreposição da língua portuguesa, do guarani e do espanhol (castelhano), marcando a singularmente a condição de fronteira com o Paraguai (IMASUL, 2021, p. 94).

A celebração a Nossa Senhora do *Caacupé*, manifestação tipicamente paraguaia, de cunho religioso e festivo, ocorre em Porto Murtinho seguindo os padrões do país vizinho, conforme consta nos depoimentos dos entrevistados. A esse respeito, o Entrevistado 1 explica como se dão as celebrações em solo brasileiro:

A Virgem de Caacupé. A crença da população mais idosa é muito grande e a fé deles é inabalável. Do lado brasileiro tem 18 famílias que comemoram o dia de Nossa Senhora de Caacupé e comemoram em procissão. Tem muitas famílias brasileiras que pintam o muro com a Santa. No festival tem todos os personagens históricos, o índio, o negro na escravidão, as promesseiras, a

imagem da santa em um andor, o Toro Candil pai e os dois filhos, todos juntos durante os festivais. Juntos tem o mesmo significado.

No dia que antecede a celebração à Virgem, as promesseiras festejam ao ritmo da polca paraguaia e do chamamé, em meio a risos e gritos de alegria os fiéis expressam sua grande devoção à Santa, cuja imagem é mantida em um altar enfeitado com as cores das bandeiras do Brasil e do Paraguai (TEDESCO, 2017). Proveniente do folclore paraguaio, as festividades alusivas ao *Toro Candil* (TEDESCO, 2017) se dão com brincadeiras dos participantes com “*pelotas tatás*” e o enfrentamento de um boi que se lança pelas ruas com os chifres em chamas.

De acordo com a autora, este evento inicia ao som da polca paraguaia e com um jogo semelhante ao futebol. A *pelota* (bola em espanhol) *tatá* (fogo em guarani) é fabricada com estopas, que, depois de mergulhada em óleo, lhe é ateadado fogo e o futebol na rua se desenvolve até que as chamas se apaguem. Na sequência, os participantes dão vida ao *Toro Candil*, que os passa a perseguir pelas ruas, com os chifres em chamas.

Como ressaltado alhures, a integração cultural também pode ser verificada na utilização das línguas paraguaias, no gosto pela música, na gastronomia e no uso de certas vestimentas. Trata-se de apropriações que podem ser observadas nos dizeres de Lima (1978) *apud* Centeno (2008, p. 121) “nós da fronteira, pouco a pouco, assimilávamos dos vizinhos guaranis, os hábitos, os costumes, o dialeto, o modismo e o estilo comercial”, condição que é ressaltada pelo autor na sua “bela e emocionante música [...] suas festas alegres e entusiasmantes, e mesmo o seu civismo; porque nós, jungidos como vivíamos, esquecíamos o culto aos nossos heróis, olvidando os grandes vultos do passado” . A respeito dessas trocas culturais, na contemporaneidade, ressalto que no lado oposto do rio está Carmelo Peralta. Município que atualmente conta com uma população formada por paraguaios, descendentes de espanhóis, indígenas e uma pequena parcela de pecuaristas brasileiros.

Nos arredores da cidade há uma tribo indígena, os índios Ayoreos, comunidade contatada pela primeira vez por missionários da *New Tribes Mission*, na década de 1950 (RENSHAW, 2006). Trata-se de um povo considerado como paraguaio pelos conterrâneos e que vive em situação de pobreza.

Extremamente místicos, são monolíngues, falantes da língua *Zamuco*, com exceção dos “homens Ayoreo que trabalhavam para os criadores de gado ou como funcionários em Porto Murtinho ou em Carmelo Peralta” (GRÜNEWALD, 2015, p. 92), dado que evidencia a presença de outra língua na região, além do português, espanhol e guarani. Rica em atrativos

turísticos e com grande potencial agrícola, a cidade de Carmelo Peralta pertence ao Departamento Alto *Paraguay*, cuja capital é *Fuerte Olimpo*, sofreu com o seu isolamento em relação aos principais centros urbanos do Paraguai e seus habitantes se obrigam a buscar socorro junto aos serviços públicos disponíveis no lado brasileiro:

Vários aspectos determinan la dinámica específica de Carmelo Peralta como ciudad fronteriza. En primer lugar, la ciudad vecina de Puerto Murtinho es la única ciudad brasileña que hace frontera con el Paraguay sobre el río y, además, es la segunda ciudad ribereña em importancia después de Corumbá. Esto determina una gran actividad económica que toma lugar en Murtinho y ejerce adicionalmente una fundamental influencia sobre Carmelo Peralta⁵ (MINISTERIO *del INTERIOR*, 2010, p. 22).

Os paraguaios que possuem documentação brasileira podem fazer uso dos serviços médicos em Porto Murtinho e, nos demais casos, os atendimentos de emergência se dão na cidade brasileira apenas por questão humanitária (MINISTERIO *del INTERIOR*, 2010). Esta ajuda mútua torna a integração entre os municípios harmônica e permanente, bem como confere a fluidez necessária para a efetivação das suas trocas culturais (MINISTERIO *del INTERIOR*, 2010).

A respeito desse processo, cito as programações das mídias de massa, a escolarização de meninos e meninas paraguaios no sistema educacional brasileiro e o contato diário com a comunidade Murtinhense (PARAGUAI, 2010). A presença em maior escala de cidadãos paraguaios no território brasileiro se dá em razão das poucas opções de trabalho no lado paraguaio, de acordo com os registros do governo do país.

Por essa razão, atuando nas fazendas, no setor turístico e no comércio local, os paraguaios buscam seu sustento e os indígenas se limitam às atividades de coleta de iscas. O turismo é uma das atividades econômicas mais importantes em Carmelo Peralta, mas depende da oferta e demanda brasileira (PARAGUAI, 2010). Há o reconhecimento do governo paraguaio de que o município brasileiro conta com infraestrutura hoteleira e turística, acessos por estrada e por meio de um aeroporto que possibilitam o acesso e a recepção de turistas provenientes dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná (PARAGUAI, 2010).

⁵ Vários aspectos determinam a dinâmica específica de Carmelo Peralta como cidade fronteiriça. Em primeiro lugar, a vizinha Puerto Murtinho é a única cidade brasileira que faz fronteira com o Paraguai pelo rio e, além disso, é a segunda cidade ribeirinha mais importante depois de Corumbá. Isto determina uma grande atividade econômica que se realiza em Murtinho e além disso exerce uma influência fundamental na Carmelo Peralta.

Como característica geral, os jovens dos dois municípios se inter-relacionam nas atividades culturais, de esporte e lazer, boa parte dos moradores de Carmelo Peralta é plurilíngue. Há falantes de três e quatro línguas entre seus habitantes, caso de alguns indígenas da tribo Ayoreo que, além do seu próprio idioma, se comunicam em português, guarani e espanhol (MINISTERIO *del INTERIOR*, 2010).

As emissoras de rádio possuem programações mistas, com músicas paraguaias e brasileiras, conteúdos religiosos e informes que se dão em todas as línguas, por outro lado, quando se trata de transmissões televisivas, a influência passa a ser brasileira, em razão do número limitado de canais paraguaios:

En medio de esta configuración multicultural, existen diversas hegemonías. Por un lado existe una influencia fundamentalmente brasileña sobre los jóvenes. Por otro lado, al interior de Carmelo Peralta, se produce un predominio del español y el guaraní por sobre la cultura Ayoreo. También existe una notable influencia “paraguaya” en el Brasil⁶ (MINISTERIO *del INTERIOR*, 2010, p. 44).

Diante desse cenário, noto que as influências socioculturais se dão mutuamente. Em Porto Murtinho se expressam vários símbolos da cultura paraguaia e os seus elementos são bastante difundidos. Há um consumo massivo de tereré, fato reconhecido e representado em esculturas nas ruas da cidade. Símbolos da religiosidade popular também foram incorporados, como a Virgem de *Caacupé* e uma "releitura" do *Toro Candil*, manifestação típica das festas de *San Juan del Paraguai* e os dois eventos são os centro das atenções nas festas anuais de Porto Murtinho (MINISTERIO *del INTERIOR*, 2010).

No sentido de arrazoar esse processo integracionista, o governo paraguaio cita o relatório da pesquisa realizada pela Rede Inter-regional de Cooperação Integração transfronteiriça e latino-americana da Itália, cujas conclusões ressaltaram que a sociedade formada pelos dois municípios, se analisada ante a perspectiva de território compartilhado e por se caracterizar como uma fortaleza fechada seria algo relativamente inovador (MINISTERIO *del INTERIOR*, 2010). Para o governo paraguaio, Carmelo Peralta se submete à influência do espanhol de forma mais limitada do que a do português e, em Porto Murtinho, há uma mistura do guarani com o português, principalmente entre os habitantes que possuem ascendência paraguaia.

⁶ Em meio a essa configuração multicultural, existem várias hegemonias. Por um lado, existe uma influência fundamentalmente brasileira sobre os jovens. Por outro lado, dentro de Carmelo Peralta, há um predomínio do espanhol e do guarani sobre a cultura ayoreo. Há também uma notável influência “paraguaia” no Brasil.

Trata-se de situação atípica, na qual pequenas localidades se encontram tão distantes dos centros urbanos, que as relações com as comunidades vizinhas do país limítrofe são intensas e alimentadas por sentimentos de pertencimento étnico e cultural mutuamente compartilhados (DIAZ, 2016). Compreendo que tal concepção é compatível com a realidade das cidades fronteiriças do Estado de Mato Grosso do Sul por apresentarem “questões culturais e políticas bem postas no contexto socioeconômico, político e cultural, apesar de, ao olhar imperial dos centros, continuar na escuridão” (NOLASCO, 2015, np).

A esse respeito, percebo que autora, em consonância com a vertente doutrinária de Mignolo, faz suas reflexões atribuindo a essas conurbações as características de um biolocus, em que os habitantes têm suas vidas concebidas, vividas de forma peculiar e as práticas sociais se dão mediante uma perspectiva de alteridade.

Conforme mencionado alhures, a identidade tem origem em uma série de fatores, decorre das formas de interação, da compreensão do papel do indivíduo na sociedade, das práticas linguísticas e das relações sociais. Com respeito a essas características, Hall (2000) explica que o sentimento de pertencimento cumpre papel fundamental e invoca reflexões quanto à relação entre identidade e linguagem.

As identidades, com frequência, se baseiam em versões existencialistas da história e do passado, simbólica, portanto, em relação às outras (HALL, 2000) Por outro lado, interpreto que o social e o simbólico revelam a condição de pertencimento e de manutenção identitária, nesse sentido caberia apenas ao sistema definir quem dele faz parte (CANCLINI, 2013). Com base nessas perspectivas, infiro que em relação às questões fronteiriças, trata-se de uma forma particular de inclusão, vinculada aos processos de construção de sentidos, que dá conformidade à identidade.

Ainda, quanto a essa condição, em alinhamento aos ensinamentos de Canclini (2013), compreendo, como regra geral, que as relações sociais são dinâmicas e há certa dificuldade na manutenção das culturas tradicionais, diante das variadas e difusas influências globais.

A respeito das hibridações nessas situações, entendo que esse conceito considera a existência de apenas um sistema, complexo em seu todo, que analisa fusões raciais, de crenças, do moderno com o antigo, do culto com o popular e, contemporaneamente, apropria as influências da globalização e das grandes intervenções humanas. Com relação a modificação do meio ambiente por ações humanas, registro que nas fronteiras entre Brasil e Paraguai e Argentina e Paraguai há exemplos dessas intervenções.

As usinas hidrelétricas de Itaipu e *Yacyretá* são obras de grande porte, idealizadas com a finalidade de promover o desenvolvimento econômico regional com base na oferta de

energia elétrica a baixo custo, apoio às atividades da agroindústria e da construção (RIVAROLA, 2018). Nesses casos, o aproveitamento econômico da água tornou-se o meio de confluência econômica e conformação identitária nas conurbações dos países impactados:

Contudo, como será visto adiante, prevaleceu a inteligência política e o Brasil e o Paraguai, amparados pelas regras universais e aceitas do direito fluvial, tiveram a rara capacidade de juntos transformarem o que seria uma dificuldade em uma vantajosa oportunidade para ambos com a construção da usina de Itaipu (SÓRIA, 2012, p. 58).

Foz do Iguaçu e *Ciudad del Este* se submeteram à intervenções humanas que alteram as suas paisagens, provocaram movimentos migratórios, modificaram a economia local e transformaram a sociedade. Novas relações territoriais se formaram a partir de então e as identidades locais foram afetadas, nesse sentido são as explicações de Derroso e Cury (2019). Os autores afirmam que a (re)construção da identidade pode se dar mediante múltiplas relações territoriais que são reconhecidas pelos sujeitos, dentre elas as obras materiais de grande porte e os elementos imateriais.

Em complemento, sinalizam que esses elementos materiais e imateriais produzem reflexos no desenvolvimento sócio-histórico da região e influenciam de modo permanente na modelagem identitária. Lembro que Porto Murtinho contém em sua história passagens que guardam certa similaridade com o que está por vir. No passado sediou empreendimentos de grandes magnitudes que provocaram profundas transformações socioculturais na região. Com base nessa perspectiva, entendo que o corredor logístico poderá se tornar um bastião de outro ciclo econômico e promover impactos. Porto Murtinho e Carmelo Peralta, por comporem o trajeto da Rota Bioceânica, um obra de integração logística de âmbito continental, poderão se submeter a novos processos e influências culturais.

Feitas essas considerações, no capítulo seguinte abordarei as questões teóricas que motivaram e fundamentaram a pesquisa, com incursões pelo monolinguismo, plurilinguismo, diglossia, línguas em zonas de contato, aspectos translíngues e transculturais em contexto de fronteira, superdiversidade, preconceito linguístico, teoria do afeto e hibridismo.

2 DO MONOLINGUISMO ÀS VISÕES FLUÍDAS DE LÍNGUA

A respeito do monolinguismo e dos usos dos repertórios linguísticos, considero como essenciais as suas compreensões para fins de analisar, identificar e descrever os processos de hibridações culturais e das práticas de linguagem.

As Américas Central e do Sul surgiram a partir de projetos coloniais e foram “inventadas” por europeus monolíngues, falantes das línguas espanhola e portuguesa. A colonialidade tem origem em eventos históricos e, por meio de exercícios de poder, buscaram-se o controle social e a reprodução de culturas, em favor do desenvolvimento da nação colonizadora e sob a justificativa de auxiliar os colonizados (MENEZES DE SOUZA, 2013). Nesse processo, o colonizador tenta impor a(s) sua(s) língua(s), mediante uma configuração com escopo normativo, tacitamente aceito, de que o monolinguismo seria algo natural, normal ou esperável, e o bilinguismo e o plurilinguismo seriam o especial, excepcional, ou anômalo.

O modelo colonial monolíngue fez emergir a ideia de línguas em perigo, com o risco de extermínio das línguas, semelhante à situação observada na contemporaneidade, nos casos de mudança da língua indígena para a urbana (MAKONI; PENNYCOOK, 2005), embora o sujeito afetado pudesse entender se tratar de uma espécie de adaptação evolutiva.

Ao Considerar a orientação contemporânea translíngue, Rocha e Maciel (2015) afirmam que o monolinguismo é algo ilusório diante da diversidade de códigos, registros e discursos que transitam nas práticas sociais, práticas comunicativas sociais.

Para esses autores, as noções de línguas, tanto as nacionais quanto as estrangeiras, podem ser objeto de abordagens translíngues por meio de “conceitos, ideias e aspectos atrelados a uma orientação monolíngue, tais como o ensino da língua padrão, a idealização de um falante nativo como referência, a busca pelo domínio do idioma, [...] e a assimilação da cultura” (ROCHA; MACIEL, 2015). Trata-se de condição que possibilitaria análises no campo da superdiversidade, pois o conceito de língua “como prática local, situada e, assim, ideológica e historicamente marcada” (ROCHA; MACIEL, 2015). A esse respeito, considero que esta orientação não se aplicaria aos dialetos.

As línguas possibilitam a escrita, com a representação das similaridades regionais, famílias linguísticas e formas literárias (MAKONI; PENNYCOOK, 2015). Os dialetos se limitam às representações verbais e expressões em espaços restritos, em que seus usuários estão livres para adotar termos próprios, sem a necessidade de vinculação a termos ou referenciais equivalentes, nas construções mais amplas (idem, 2015).

Com relação às considerações dos autores, interpreto que é possível compreender os humanos como seres possuidores de linguagem e sentidos apropriados para absorver mensagens por meio de lentes ideológicas específicas, do lócus de enunciação e dos repertórios dos envolvidos nas trocas das mensagens. Uma consequência da apropriação de regimes metadiscursivos na compreensão dos efeitos na linguagem e nas línguas.

Considero que a desinvenção, pensada de forma ampla, pode nos levar a repensar os sentidos da língua, ao aceitá-la como meio de comunicação, transmissão de informações, compartilhamento de valores e de integração social (MAKONI; PENNYCOOK, 2015). A resistência de alguns ao multilinguismo se vincula ao passado histórico, pois antigamente o multilinguismo teria sido utilizado como ferramenta nas subjugações (idem, 2015).

Nesse sentido, interpreto que as situações em que as línguas são consideradas independentemente de seus falantes, nelas são gastos mais recursos ou os direitos se vinculam mais a elas do que às pessoas (ibidem, 2015), podem ser mitigadas ou mediadas pelas visões fluidas. Sobre essa possibilidade, noto que contemplam as teorias do afeto ao valorar os sentimentos e analisar a produção de sentidos por meio das perspectivas dos falantes, dos repertórios e meio social.

Com base nessas premissas, comento que a análise de processos relacionados às línguas e aos seus usos, exige do linguista amplas prospecções. Nesse campo, deduzo que importa considerar as diversas abordagens já consagradas na seara da linguística aplicada.

A perspectiva monolíngue, a primeira em relevo, considera a situação do falante e sua condição na sociedade e o bilinguismo advém de conceitos generalistas que o vinculam à capacidade do falante em receber e transmitir mensagens em duas línguas diferentes.

Por seu turno, a diglossia se apoia em padrões normativos locais e hierárquicos que disciplinam comportamentos e regras para utilização de códigos, diante da coexistência, não harmônica, de línguas. Nesse sentido, para fins de efetividade na análise das práticas monolíngues, do plurilinguismo, da diglossia, do preconceito ou da teoria do afeto, reforço meus entendimentos quanto à importância da contextualização histórica, das enunciações coloniais, práticas e exercícios do poder, bem como dos seus efeitos.

Essa é a tônica do ativismo decolonial - repensar, desinventar e reconstruir, bem como procurar entender os usos da língua por meio das práticas sociais. Perquiro sobre a possibilidade de adoção de referenciais em algumas dessas atividades.

Na busca por respostas, deparei-me com o estudo de Uphoff (2007) contendo um postulado Derridiano, que envolve o monolinguismo e o bilinguismo e apresenta certa antinomia expressa quanto à compreensão das línguas e dos idiomas, suas utilizações e

modelos “1. Não falamos nunca senão uma única língua. 2. Não falamos nunca uma única língua (DERRIDA, 2001, p. 19-22)”.

A autora explica que, segundo o postulado de Derrida, o sujeito pode falar diversas línguas, buscar significar e criar significados em apenas um idioma e por meio de exercícios de alteridade faz usos e empréstimos de outras, sem distingui-las, nesse cenário, apropria-se da fala do interlocutor para poder significar. No que se refere a esta pesquisa, entendo que a investigação compreende análises de o que e como os habitantes de Porto Murtinho e Carmelo Peralta fazem com os seus códigos linguísticos e repertórios transculturais com base nos conceitos da epistemologia da emergência e da perspectiva rizomática. Referenciais mais amplos e menos restritivos que viabilizam as análises sob um viés decolonial.

2.1 O monolinguismo e a formação dos Estados Nacionais

Na Roma antiga as elites eram bilíngues, o romano culto lia e falava em grego, uma língua que era comum em boa parte do Império e, na Europa centro-ocidental do medievo, os *Clerici* ou letrados deveriam ser bilíngues, em que a língua culta era o latim (MONTEAGUDO, 2012). Para o autor, o latim era a língua da alta cultura e os eruditos europeus se viam obrigados a uma espécie de bilinguismo culto, por outro lado, havia um bilinguismo social, no contato espontâneo entre falantes de várias línguas e em situações de coexistência de línguas em um mesmo território ou comunidades.

Sobre o uso da língua, interpreto, com base nos enunciados de que uma sociedade, comunidade ou país, tem-se que é considerado monolíngue se apenas uma delas for conhecida e utilizada por seus membros. Em prosseguimento, noto que o monolinguismo social não é um fenômeno espontâneo. Essa prática é resultado de uma série de operações glotopolíticas e objeto de convenções e homogeneização de falantes de várias línguas. Moldado em processos complexos, não repercute o estado natural das coisas e tem estreita relação com os fundamentos que levaram à criação dos estados-nação (MONTEAGUDO, 2012). A respeito da natureza estatal, Rocha e Maciel (2015) citam que os Estados nacionais, criados a partir do século XVIII, emergiram com concepções de identidades nacionais e sob a premissa de que a língua seria um objeto estático, completo, normatizado atrelado à ideia de território no âmbito linguístico.

Abordo o termo “invenção”, com base no evidenciado por Monteagudo, para quem “as identidades nacionais têm uma origem num momento da história passada, tipicamente na idade média, não sofrendo maiores alterações ao longo da história” (MONTEAGUDO, 2012,

p. 46). Nesse sentido, sob a ótica construtivista, apropriar-se-ia o termo “invenção” às descobertas e contatos havidos na modernidade “relacionados com a construção de estados nacionais e com os correspondentes processos de unificação de mercados e culturas, e particularmente, resultantes da elaboração de específicas tradições culturais, linguísticas e literárias” (MONTEAGUDO, 2012, p. 46), mediados por processos, tecnologias e meios de comunicação.

Diante desta percepção, apoio-me nessas premissas ao compreender que a invenção do monolinguismo e a noção de estado-nação são inseparáveis para fins de estudos (MONTEAGUDO, 2012). Na Europa, o modelo de estado-nação, adotado pela maioria dos países, foi o napoleônico. Fundado em conceitos linguísticos, objetivava a manutenção do poder político e a sua legitimação, por meio da formação de um estado patrimonial, de dinastia reinante, com fronteiras definidas por meio de alianças, matrimônios, conquistas ou compras dos seus monarcas.

Tratava-se de proposições iluministas, difundidas ao longo dos séculos XVIII e XIX, que abordavam questões de soberania nacional, do governo do povo e da igualdade entre os cidadãos. Defendia-se que a formação de consciências nacionais no momento em que a maioria da população da França era analfabeta e se comunicava por meio de dialetos locais, sendo raríssimos os casos de cidadãos que soubessem ler e falar o francês (MONTEAGUDO, 2012). Nesse ambiente precário, propunha-se a criação de nações com culturas homogêneas e línguas comuns, com o argumento de que somente seria possível o reconhecimento da soberania popular e a igualdade entre os cidadãos, se houvesse uma língua nacional.

Os renascentistas debatiam no âmbito político, filosófico e cultural, questões sobre a liberdade individual e se opunham aos antigos paradigmas medievais que conferiam importância à ordem e hierarquia (MELLO; DONATO, 2011), mediante a unicidade da língua. No processo de efetivação da orientação monolíngue e diante da ideologia iluminista, a ciência, o desenvolvimento industrial e a burocracia cumpriram papéis fundamentais (DIAS *et al.*, 2020). Frente as análises de Canagarajah (2013), Dias *et al.* (2013) apontam que a língua, sendo a essência de um povo, representa o espírito e os valores da comunidade, um argumento que justificaria os discursos do monolinguismo e da formação dos estados nacionais, pois consideravam apenas os falantes como seus membros legítimos.

O monolinguismo é, portanto, uma construção política, moldada em premissas identitárias que visam, por meio do discurso de fortalecimento das identidades e da noção de pertencimento, impor a língua-nação aos falantes, para o fortalecimento dos territórios e o controle social.

Quanto a esse intento, Monteagudo (2012) afirma que o movimento nacionalista considerava que os franceses não tinham nação, língua e cultura comuns e propagavam a necessidade de abandonar as línguas e dialetos, com a adoção do francês como língua única e fonte para a linguagem descritiva, normativa e performativa, de modo que fosse possível constituir uma nação. A utilização de padrões linguísticos únicos provocou o desaparecimento de línguas. Para Monte Mor (2014, p. 3) a utilização dos mesmos provocou o desaparecimento de línguas e “disseminou ou fortaleceu valores linguísticos, culturais e sociais tidos como unificadores e universais”.

Trata-se de uma clara demonstração de que essa situação não favorecia a comunicação entre pessoas que falavam línguas diferentes e a imposição de uma espécie de monoglossia que veio a exterminar o plurilinguismo. Essa ideia monolíngue viabilizou a criação dos estados-nações sob o pretexto de que uma língua nacional corresponderia às consciências, costumes e aos hábitos linguísticos (MONTEAGUDO, 2012). Com base em processos de implantação que se deram por meio dos aparelhos do estado, tornou-se obrigatório o uso da língua nacional nas publicações, comunicações estatais, nos documentos da administração pública e nas estruturas educacionais.

Sobre a consolidação dessa prática, Soca (2015) *apud* Ferrari (2017, p. 40) afirma que “no começo do século XIX, o monolinguismo começou a adquirir prestígio e fortalecendo as características e as fronteiras das identidades”, ao mesmo tempo em que o bilinguismo perdia força diante de diversas propagandas negativas. O modelo de Estado Nacional passava a ter a língua como ferramenta performativa identitária e impunha ao cidadão a obrigação de manter forte e unívoca lealdade ao território-nação.

Com a adoção desse modelo por outros Estados, os bilíngues passaram a serem exceções (MONTEAGUDO, 2012) e sobre as invenções das línguas durante os intentos coloniais (MAKONI; PENNYCOOK, 2005), menciono que as práticas monolíngues contribuíram para a eliminação das línguas originárias que se vinculavam à tradição, história e etnicidade, dos povos subjugados.

Feitas essas considerações, consto que na consolidação dos estados-nações, as sociedades associavam o uso de seus idiomas às identidades nacionais, o que acabou por modificar a forma e organização política dos Estados (DERRIDA, 1996), bem como entendo que, a imposição de padrões linguísticos monolíngues minimiza as possibilidades de adoção das línguas originárias como únicas e oficiais.

Nas zonas de contato fronteiriças é possível a ocorrência de conflitos linguísticos que intentem estabelecer hierarquias, ao supervalorizar uma língua em detrimento da(s) outra(s).

Essa prática monolíngue, típica dos discursos nacionalistas, pode incidir mesmo em ambientes fronteiriços, em que os sistemas linguísticos são, caracteristicamente, orgânicos e fluidos. A esse respeito, considero a noção de territorialidade, que orientou a concepção de comunidade em contextos de fronteira por considerar as zonas de contato como “caracterizadas pela posse de uma língua própria, mesmo que carentes de tradição cultivada” (FERRARI, 2017, p. 41), em detrimento do monolinguismo puro, praticado no âmbito de cada Estado.

2.2 Práticas diglössicas em ambientes bilíngues

Etimologicamente, de acordo com o dicionário Michaelis (online, 2021), a palavra Diglossia é composta por *di+glôssa+ia*, e significa a “existência de bilinguismo ou hídialeto em que há funções sociopolíticas diferentes entre as duas línguas ou dialetos”. No caso da composição da palavra, *di* – tem sentido de duas vezes, enquanto que, *glossa*, língua e presta-se para caracterizar uma condição linguística, em que duas línguas ou idiomas, com códigos linguísticos funcionalmente diferentes, coexistem numa sociedade. Nessa situação, os falantes, de acordo com os respectivos repertórios, escolhem, dentre eles, aquele que se prestará ao contexto da prática social e à comunicação:

diglossia (n.) Um termo usado em sociolinguística para se referir a uma situação onde duas variedades muito diferentes de um idioma co-ocorrem ao longo de um discurso comunidade, cada uma com uma gama distinta de função social. Ambas as variedades são padronizadas até certo ponto, são consideradas alternativas por falantes nativos e geralmente têm nomes especiais. Os sociolinguistas geralmente falam em termos de um (H) alto variedade e uma variedade baixa (L), correspondendo amplamente a uma diferença na formalidade: a alta variedade é aprendida na escola e tende a ser usada na igreja, no rádio programas, na literatura séria, etc., e como consequência tem maior prestígio; a baixa variedade tende a ser usada em conversas familiares e outras ambientes relativamente informais. Situações diglössicas podem ser encontradas, por exemplo, em Grego (alto: Katharevousa; baixo: Dhimotiki), árabe (alto: clássico; baixo: Coloquial), e algumas variedades de alemão (H: Hochdeutsch; L: Schweizerdeutsch, na Suíça). Uma situação em que três variedades ou idiomas são usados com funções distintas dentro de uma comunidade são chamadas de triglossia. Um exemplo de situação triglössica é o uso do francês, árabe clássico e tunisiano coloquial Árabe na Tunísia, os dois primeiros sendo classificados como H e o último L (CRYSTAL, 2008, p. 145. Tradução nossa⁷).

⁷ **diglossia** (n.) A term used in sociolinguistics to refer to a situation where two very different varieties of a language co-occur throughout a speech community, each with a distinct range of social function. Both varieties are standardized to some degree, are felt to be alternatives by native-speakers and usually have special names.

As variedades linguísticas e os usos de diferentes idiomas, durante as práticas sociais nas comunidades e as funções sociais a eles correlatas, foram objeto de estudos. Moreno (2006) *apud* Ferrari (2017), afirmam que a coexistência das línguas espanhola e indígenas nos territórios hispano-americanos, há a ocorrência de práticas diglósicas, em situações em que as línguas prestigiadas eram normalmente utilizadas para fins públicos ou de prestígio social e, as outras, para a comunicação familiar.

A América do Sul possui casos particulares que podem caracterizar esta prática e são observadas no Paraguai e no Peru. Nesses países há um tipo de especialização funcional e as línguas indígenas não são amplamente utilizadas pelos meios oficiais. Na página oficial do governo paraguaio (<https://www.paraguay.gov.py/>) não há opção da língua guarani para a leitura dos conteúdos e na página da sua secretaria de cultura (<http://www.cultura.gov.py/>) há o informe de “GUARANI (EM CONSTRUCCIÓN⁸)”. Situação idêntica é observada nas páginas oficiais do governo peruano. O *quéchua*⁹ é popular no país e nas páginas oficiais não é possível localizar comunicados nessa língua. A esse respeito, considero que o conceito de diglossia adquire maior amplitude se considerado de forma ampla e em termos culturais:

Como conceito descritivo refere-se aos diferentes tipos de relações entre as culturas que encontramos na vida social. Aculturação, miscigenação, sincretismo, hibridação e diglossia cultural são alguns dos conceitos descritivos que foram inventados para descrever a complexidade das relações interculturais (TUBINO, 2005, p. 24 *apud* FERREIRA, 2013, p. 17).

A diglossia é compreendida como uma espécie de hierarquização entre práticas linguísticas, em que está presente um bilinguismo posto à disposição de determinada comunidade (MARANHÃO, 2011). A individualização e a caracterização da comunidade de fala, que não equivale à de língua, ocorre em sociedades diglossianas em que “há uma suposição subjetiva de que a língua ou dialeto H é mais prestigioso, superior e mais respeitado, enquanto a língua ou dialeto L é considerado inferior e às vezes sua existência é

Sociolinguists usually talk in terms of a high (H) variety and a low (L) variety, corresponding broadly to a difference in formality: the high variety is learnt in school and tends to be used in church, on radio programmes, in serious literature, etc., and as a consequence has greater social prestige; the low variety tends to be used in family conversations, and other relatively informal settings. **Diglossic** situations may be found, for example, in Greek (High: Katharevousa; Low: Dhimotiki), Arabic (High: Classical; Low: Colloquial), and some varieties of German (H: Hochdeutsch; L: Schweizerdeutsch, in Switzerland). A situation where three varieties or languages are used with distinct functions within a community is called **triglossia**. An example of a triglossic situation is the use of French, Classical Arabic and Colloquial Tunisian Arabic in Tunisia, the first two being rated H and the last L.

8 Construção.

9 Língua indígena falada na América do Sul, principalmente no Perú.

até rejeitada por algumas pessoas” (SIMANJUNTAK *et al.*, 2019, p. 60). Essas práticas, de acordo com os autores, podem ser observadas entre pessoas instruídas que defendem a desnecessidade do uso da variedade inferior, embora a utilizem em suas conversas diárias.

Assim, além dessas características lingüísticas propriamente ditas, comento que membros de comunidades bilíngues podem utilizar outros elementos e repertórios disponíveis, inclusive os de natureza identitária e social, como forma de produzir sentidos.

Nas zonas de contato formadas por comunidades bilíngues, a escolha pelo uso da língua depende da situação em que se encontra o falante, mas a selecionada para ser utilizada nas escolas e no trabalho nem sempre é aquela praticada pelos usuários nos demais ambientes. A esse respeito, Ferreira (2013) aborda a questão sob a perspectiva da macro e micro-interculturalidade, em que esta é a observada nas relações interpessoais, e aquela nas relações empreendidas no âmbito das estruturas sociais e simbólicas, como as políticas interculturais vinculadas ao Estado.

Noto que as suas considerações explicitam que duas se articulam, na forma de complementariedade e simultaneidade, de modo que “as políticas interculturais que visam ações transformadoras devem buscar o desenvolvimento simultâneo tanto nos espaços macro quanto nos micro” (FERREIRA, 2013, p. 18). Para mais além, em termos indigenistas, a autora ressalta que, sob o ponto de vista ético-político, esta ação pode promover a valorização e o fortalecimento de certas identidades em detrimento das originárias.

Faz parte da cultura indígena a compreensão de que a identidade cultural se vincula à língua e a sua hierarquização pode configurar uma forma de subjugação identitária. Nessa condição, o uso desenfreado do bilinguismo pode conduzir a uma espécie de monolingüismo estrutural em que a variedade considerada de prestígio costuma ser padronizada por meio de codificação formal (SIMANJUNTAK *et al.*, 2019) e contribui para a aniquilação da língua mais fraca (MARANHÃO, 2011). Com respeito ao bilinguismo de exclusão, infiro que se trata de um fenômeno que envolve o uso de duas línguas por uma comunidade, mediante exercícios de poder, em um mesmo território.

Sobre esse pormenor, considero que a distribuição das línguas, em função da natureza de suas utilizações, promove a diglossia (FERREIRA, 2013, p. 25) e a manutenção de uma superior à outra durante certo tempo, conduz ao reconhecimento tácito da hierarquização (SIMANJUNTAK *et al.*, 2019). Para esses autores, a hierarquização de línguas pode levar a situações dicotômicas inimagináveis, pois as línguas regionais são aprendidas como línguas maternas, usadas em famílias ou entre falantes nativos que as falam e se prestam para a comunicação entre colegas em ambiente escolar. Noto, com base nessas premissas, que essa

prática malferia a liberdade de expressão e os princípios constitucionais que garantem a isonomia entre cidadãos.

2.3 Bilinguismo, Plurilinguismo e questões de ordem emocional

O monolinguismo passou a ser alma do Estado-nação, concebido sob o “modelo napoleônico de estado: um estado, uma nação, uma língua” (MONTEAGUDO, 2012, p. 47) e ao conferir efetividade à noção de língua nacional foi necessário extirpar o bilinguismo e o plurilinguismo. As Américas, Central e do Sul, foram inventadas e colonizadas a partir de projetos intentados por países europeus monolíngues.

Sobre a colonialidade, Menezes de Souza (2013) afirma que ela não deriva de um processo histórico de colonização, mas decorre de um exercício de poder em que o colonizador busca, em nome do seu desenvolvimento, controlar e reproduzir sua cultura sob o discurso de prover de auxílios os colonizados. A imposição da língua fez parte de tais processos e justificou discursos coloniais, nacionalistas e evangelizadores.

Tratava-se de um modelo normativo que era tacitamente aceito por considerar que o monolinguismo seria algo natural, normal ou esperável e, lado outro, o bilinguismo ou o plurilinguismo o especial, excepcional, ou anômalo. Quanto ao comportamento do colonizador, Makoni e Pennycook (2005), relatam que os povos nativos, destribalizados ou assimilados em razão das incursões coloniais, eram tratados como mímicos ou híbridos.

De acordo com os autores, trata-se de uma denominação pejorativa, em que o mesmo rotulo não era dado aos colonizadores quando estes se afetavam pelo encontro com a cultura dos colonizados. Essa forma de hibridação fez emergir a ideia de línguas em perigo, situação que analogicamente pode ser observada nos casos de mudanças da língua indígena para a urbana (MAKONI; PENNYCOOK, 2005). Nesse caso, a adoção do lócus do sujeito como referencial, levaria a compreensão pelo afetado de que se trataria de uma espécie de adaptação evolutiva e apropriativa e, uma forma de extermínio, para os estudiosos. Estas situações não comportam excepcionalidades aviltantes, entendo que possam decorrer de construções que envolvam sujeitos e sociedades diferentes em que os indivíduos se apropriam dos repertórios disponíveis para viabilizar a comunicação. Conforme abordado alhures, o bilinguismo e o plurilinguismo eram considerados como práticas normais até o advento da imposição monolíngue, posição evidenciada nos excertos da literatura:

A mesma Península Ibérica, por acaso no século XIII, era uma região plurilíngue, com várias línguas escritas, duas delas de ampla circulação (latim, só escrita, e árabe, falada e escrita), outra com cultivo exclusivamente literário, mas procedente de fora da Península Ibérica (o occitano), outra mais com uso ritual (o hebreu), os diversos romances em pleno processo de emergência como línguas escritas (galego-português, asturleonês, castelhano, aragonês e catalão) e ainda o basco, carente de cultivo escrito (MONTEAGUDO, 2012, p. 45).

Para esse autor, os diversos tipos de bilinguismo eram identificados em situações e contextos diferentes. De acordo com as suas considerações, o bilinguismo de elite se refere ao aprendizado formal de uma língua auxiliar e o bilinguismo social é aquele que “se produz mediante o contato espontâneo entre falantes de várias línguas, e que tipicamente corresponde a situações de coexistência de duas línguas espalhadas em um mesmo território e/ou duas comunidades linguísticas formando parte de uma mesma entidade política” (ibidem, 2012, p. 45). Nas suas explicações, adota como exemplo as variedades faladas do árabe e do romance durante a Idade Média. Com relação ao plurilinguismo, afirma que a sua prática se dava na península ibérica no século XIII:

por acaso no século XIII, era uma região plurilíngue, com várias línguas escritas, duas delas de ampla circulação (latim, só escrita, e árabe, falada e escrita), outra com cultivo exclusivamente literário, mas procedente de fora da Península Ibérica (o occitano), outra mais com uso ritual (o hebreu), os diversos romances em pleno processo de emergência como línguas escritas (galego-português, asturleonês, castelhano, aragonês e catalão) e ainda o basco, carente de cultivo escrito (MONTEAGUDO, 2012, p. 45).

Conferia-se uma posição privilegiada ao plurilíngue e lhe era permitido utilizar seus repertórios linguísticos de acordo com as necessidades, ambientes, interlocutores e eventos. Independente do modelo adotado, napoleônico ou herderiano, houve uma adesão maciça ao ideal nacionalista da “associação estreita entre língua, identidade nacional e estado” (MONTEAGUDO, 2012, p. 51), tendo o uninacionalismo como norma. Formaram-se por meio dessa prática cidadãos monolíngues, tornou-se raridade a presença de falantes de várias línguas (MONTEAGUDO, 2012) e este modelo, baseado na imposição da língua como forma de conferir caráter identitário, foi amplamente utilizado nas ocupações coloniais.

Em contextos atuais, entendo que há outras condicionantes de igual importância, como as usualmente observadas nas zonas de contato. Nessas regiões, as padronizações e imposições monolíngues, notadamente em ambientes escolares, semelhantes à narrada pelo Entrevistado 1, constringido diante da ordem “Sai da minha sala índio burro! Fica em posição

de Urubu”, inibem o desenvolvimento cultural e a aprendizagem, ao imporem metodologias vinculadas apenas à língua oficial. Não bastasse, nas pequenas conurbações podem ocorrer as práticas de preconceito linguístico e de diglossia, caso das práticas pedagógicas utilizadas em dissonância com as perspectivas modernas que demandam o seu alinhamento às realidades socioculturais e materiais, como forma de inclusão.

A título de definição de bilinguismo, Maher (2007, p. 79) propõe "a capacidade de fazer uso de mais de uma língua" e, em apoio ao proposto, defende que nesse contexto a possibilidade de apropriação das línguas estrangeiras por quem delas faça uso, conformaria uma condição de validação dos diferentes modos e repertórios, mesmo que resultantes do hibridismo, nas zonas de contato em que se deem tais práticas. Apesar destas ilações, a ideia nacionalista de pertencimento fez com que a ampla adesão ao monolinguismo promovesse a redução do bilinguismo e do plurilinguismo na Europa.

A respeito da bandeira do monolinguismo, apregoava-se que o sujeito, modelado pela orientação monolíngue, faria somente uso da “língua oficial e que é levado a manter lealdade à coletividade na qual está inserido. Um cidadão que, em grande parte, por meio do sistema educativo é instruído e onde os seus hábitos linguísticos se encarregariam de determinar o meio social” (FERRARI, 2017, p. 39). Diante desses aspectos, ter-se-ia como motivação o reconhecimento do sujeito como cidadão nacional, mediante a perspectiva do sentimento de pertencimento. Nesse sentido, em alusão aos ensinamentos de Montenegro (2012), a autora sugere que o monolíngue seria, então, um sujeito instruído e construído, graças ao sistema educativo estatal.

Sob esta perspectiva, Butler e Spivak (2018) analisaram o sentimento de pertencimento do imigrante, não falante da língua oficial. Nas suas prospecções, os autores lembraram um fato em que a língua espanhola teria sido utilizada por imigrantes latinos durante o canto do hino norte-americano. Sob a denominação de “*nuestro hymno*”, como forma de protestos à decisão do presidente George Bush que estabelecia a obrigatoriedade do uso da língua inglesa para cantar o hino americano, os imigrantes tornaram evidente a sua oposição à imposição monolíngue. A prática foi um exemplo de transgressão, promovida por indivíduos que se consideravam nacionais, apesar de não dominarem a língua oficial.

Sobre esse tema, pontua que durante as colonizações, os povos originários possuíam suas próprias línguas e se submeteram a conflitos de convivências linguísticas. Naqueles momentos, colonizadores e colonizados tiveram que se aventurar por práticas plurilíngues como meio de conferir efetividade às suas comunicações. Tratava-se de territórios que passaram a ser compartilhados de modo súbito por povos distintos e, sob uma espessa névoa

emergida com a inesperada sobreposição de culturas, travaram-se disputas pelo exercício do poder territorial e cultural.

Diante das considerações lançadas nesse tópico, entendo que na contemporaneidade se avizinha uma noção de cidadania mais próxima do sentimento de pertencimento, assim, para o reconhecimento da nacionalidade, bastaria ao sujeito a convicção quanto a qual país pertença a sua identidade, apesar das relações/negociações conflituosas que são observadas em territórios colonizados e nas zonas de fronteira. A esse respeito, cito que dentro dos limites paraguaios, coabitam o espanhol e guarani, em algumas conurbações a população faz usos de outras línguas, caso das cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta, em que se tornou comum ouvirem os idiomas oficiais do Paraguai, do Brasil e alguns dialetos.

Nesta região é usual aos peraltenses levarem seus filhos às escolas brasileiras, utilizarem os serviços médicos de Porto Murtinho e assistir programações televisivas do Brasil. Em contrapartida, são muitos os brasileiros que possuem propriedades em Carmelo Peralta e trabalham no comércio local. São características próprias e específicas que criaram e compõem a rede fluida local e desconsideram a existência dos limites territoriais, ao prestigiar os seus próprios ideais de pertencimento. Nesse contexto, diante da compreensão de que as línguas de contato são utilizadas de forma modular, em razão do repertório dos interlocutores e dos contextos em que se dão as comunicações, entendo pela necessidade de abordar a teoria do afeto, diante das narrativas que remetem à prática de preconceito linguístico e das remissivas à beleza da cultura paraguaia emanadas pelos Entrevistados.

2.4 Aspectos translíngues e transculturais em contextos de fronteira: reflexões acerca da fluidez e da indexicalização dos discursos

A soberania do cidadão apenas começa a ser pensada, codificada, se estivermos pensando na sociedade mundial. Nessa altura da história, a cidadania vigente, efetiva, é a da mercadoria (IANNI, 2008).

A soberania, conforme citado na epígrafe, impede de pensar a sociedade sem vir à mente a *internet*, computadores, *smartphones*, transmissões via satélite, não vincular as relações sociais aos meios digitais nas redes sociais e a sua interatividade. Enfim, excluir do âmbito das relações humanas as ferramentas e os meios que permitem conectividade, acesso a conteúdos, trocas e diálogos digitais, tornaria impossível posicionar o homem na sociedade atual.

Ao longo desta pesquisa, fiz uso do celular em diversas vezes para dialogar com meu orientador, efetuei pesquisas na internet e recebi arquivos via e-mail, bem como por meio de aplicativos que contribuíram para esse fim. Na atualidade, os homens tendem a se vincular a padrões globais e ajustam-se às ordens sociais contemporâneas, e a ordem atual é a da sociedade conectada. A sociedade do consumo passou a exigir padrões e plataformas digitais, a esse respeito, considero que os processos de construção de sentidos precisaram se voltar às novas propriedades, tacitamente aceitas, nestas práticas universais.

Com a tecnologia, o global passou a ser local e vice-versa. São inúmeras “*lives*” disparadas diariamente, o cidadão, distante dos principais centros urbanos, consegue acessar em tempo real notícias e conteúdos sobre questões cotidianas, basta que possua acesso a uma rede que possibilite a transmissão e o recebimento de dados - a *internet*. Professar religiões, efetuar pagamentos, comprar alimentos, medicamentos, estudar, participar reuniões, passaram a ser possíveis na forma virtual. A tecnologia *transpôs* barreiras e, *transcendendo* todas as expectativas, *transmutou* processos culturais e *transformou* sociedades.

Estas (re)conformações contemporâneas conferiram valor ao prefixo *trans* que passou a ser incorporado às expressões e palavras, atualmente utilizadas na compreensão e explicação de processos em contexto sociocultural. Emprestam-no para estabelecer ou formular padrões, estados ou condições e proporcionar estratificações desvinculadas de dados meramente estatísticos, econômicos ou educacionais. A respeito do objeto de pesquisa, cito que Porto Murtinho e Carmelo Peralta já se submeteram a diversos processos *trans*, pois ao longo de suas histórias passaram por ciclos que fizeram incidir influências socioculturais nas suas populações.

Com o advento da sociedade da globalização e das novas técnicas de estudos, passaram a receber importância termos como translocal, transcultural, translinguagem e os seus efeitos. A esse respeito, Tanzi Neto e Oliveira (2018, p. 65) afirmam que “assim como os repertórios e a indexicalidade, em um mundo pós-moderno, [...] permeiam/constroem discursos nos espaços digitais, cada vez mais superdiversos”, as variáveis “sociais, culturais e linguísticas” passam a possuir maior relação com a vida das pessoas. Nesse sentido, para Melo e Moita Lopes (2014, p. 661) “a ordem indexical é produtiva, porque constrói categorias no mundo social que podem se cristalizar no decorrer do tempo e da história, criando, assim, modos essencializados e específicos para certos sujeitos e grupos sociais”. Em apoio, considero que a indexicalidade leva em consideração os valores, crenças e normas em relação às características locais, translocais, sociais, pessoais e comunitária (TANZI NETO e OLIVEIRA, 2018). Com base nessa noção, os elementos são estratificados e hierarquizados

em razão dos discursos e permitem os cotejamentos e análises nos respectivos ambientes, sistemas e grupos sociais.

A par desses entendimentos, entendo que as sociedades transculturais ou translocais explicitam conflitos dualistas, entre o costume e o moderno, campo e rural, social e culto (OLIVEIRA, 2017), paradoxos que se reconformam e dão lugar a novas sínteses culturais, em que o sentimento de continuidade passaria a ser vivenciado pelas sociedades e culturas.

A noção de cultura passa, nesse contexto, a ser objeto de análise por meio de diversas dimensões. Para as suas classificações, a utilização do prefixo *trans* se aplicaria em complemento à indexicalidade, o que seria uma demonstração clara da oposição crítica ao modelo tradicionalista (TOLEDO, 2015). De acordo com essa hipótese, as culturas deveriam ser previamente delimitadas e posteriormente comparadas entre si, condição que não é amplamente aceita. Como real, impõe-se a assunção de que existem redes que viabilizam caminhos com fluidez e permeabilidade que permitem o entrelaçamento de culturas.

O olhar sob a perspectiva *trans* torna possível compreender como “as culturas se misturam e interagem entre si, permitindo uma comunicação transcultural” (TOLEDO, 2015, p. 472). Feitas essas considerações, torna-se possível avaliar o alcance das dimensões das concepções *trans*, uma vez que tal perspectiva considera todos os dados, fatos e elementos que podem contribuir ou se relacionar com o objeto de estudo.

Trata-se de termos que se completam e complementam ao convergirem para a tendência moderna, nesse sentido, com o objetivo de caracterizar a magnitude do prefixo, acato a proposição de que em “termos como translíngua, translocação, translíngua, transnacionais, transletramento, é recorrente o uso do prefixo *trans*. Segundo o dicionário online de português, esse prefixo exprime a ideia de além de, através, para além de” (FERRARI, 2017, p. 58). Sob esse referencial, noto que na atividade translíngua, a língua, composta majoritariamente pela fala e escrita, não alcança status hierárquico superior aos outros recursos semióticos.

Gestos, imagens e sons podem compor a estrutura dinâmica e passam a justificar com maior evidência, a validade do prefixo “*trans*”, ao permitir uma visão transdisciplinar, Inter territorial, modal e fluída em relação às práticas. Consubstanciado nessa compreensão, ressalto a importância da análise dos dados sob a perspectiva *trans*, bem como da indexicalidade, para fins de reavaliação das práticas sob o aspecto da alteridade (TOLEDO, 2015). São pressupostos que interessas às relações transculturais, alcançam os indivíduos que delas fazem parte ou estão inseridos. Por fim, ressalto que trata-se de perspectiva que não se

limita às comunicações verbais, pois considera as influências globais que ultrapassam as barreiras no mundo contemporâneo e assumem grande amplitude na órbita *transfronteiriça*.

2.4.1 Práticas de linguagem e manifestações culturais em zonas de contato

As fronteiras internacionais do Brasil se dão, em maioria, com países que têm o espanhol como língua oficial. Os países sul-americanos se caracterizam por apresentarem aparatos sócio-histórico-culturais e estruturais bastante comuns. Entre alguns há pequenas conurbações internacionais, caracterizadas pela convivência entre as línguas e com manifestações culturais que se dão em relativa harmonia.

Por outro lado, de acordo com Carvalho (2006, p. 52), “as teorias dos contatos interétnicos em situação de fronteira têm na questão das identidades um de seus elementos fundamentais. Na situação de fronteira, as identidades reafirmam-se, transformam-se, metamorfoseiam-se, reproduzem-se” e assim, as identidades desdobram-se em termos étnicos, regionais e nacionais. Fronteiras são polos naturais de confluência humana, locais as relações se dão de forma complexa, mediante dinâmicas sociais peculiares e, em razão dos constantes movimentos migratórios, as transgressões territoriais ocorrem permanentemente (STURZA, 2005). Por essa razão, considero que as fronteiras geográficas estão diminuindo, o real não mais se diferencia do virtual (HANCIAU, 2013) e a cultura global passa a ocupar papel de destaque nesse novo mundo:

Ha cada vez menos fronteiras no mundo; não existe mais diferença nem mesmo entre o universo real e o virtual. Este espaço novo, intersticial, prove e promove estratégias de resistência e desenvolvimento, que se destacam no âmbito da literatura e da cultura, para montar para uma estética textual híbrida, podendo comportar a autobiografia, a ficção, entre outros gêneros que se imbricam, concretizando o também denominado *hors lieu*: lugar de encontro entre o real e o imaginário, espaço intervalar favorável a todas as experimentações (HANCIAU, 2013, p. 91).

A análise das fronteiras locais, sob a ótica econômica, das línguas de contato, das trocas, das interações culturais e dos demais processos de natureza histórica-identitária, pode levar a perceber especificidades hibridatórias que refugiriam ao comum. Culturas não são estáticas, se transformam no tempo ou se apropriam de elementos de outras (CARVALHO, 2006), condição mais notadamente observada nas zonas de contato fronteiriças.

E nesses ambientes emergem as conurbações internacionais, formadas por meio de certas especificidades, em que os contatos, as trocas e as interações entre os sujeitos se

realizam e desenvolvem, historicamente mediante conflitos interculturais (MAYER *et al.*, 2021). Essa posição conduz a uma situação que leva ao desenvolvimento de uma identidade local e passa a ser utilizada nas diversas formas de comunicação intercultural, verbal e não verbal.

Nesse sentido, Carvalho (2006, p. 55), explica que seria “ilusório pensar que a fronteira política, como um todo é, em toda a sua extensão, uma região de trocas, pois é “ilusório crer que contatos, trocas e interações dão-se em qualquer lugar”. Segundo o autor, há situações em que as interações sociais se tornariam impossíveis, por razões culturais ou outras não especificadas.

Situadas as exceções, nas zonas de contato fronteiriças o inconsciente coletivo busca estabelecer, dentro de critérios estabelecidos pela experiência comum, padrões de homogeneidade, semelhança ou mesmo igualdade (MAYER *et al.*, 2021) como forma de promover uma auto-identificação por meio de certos paradigmas. Nesse contexto, os sujeitos fronteiriços lançam mão das suas experiências coloniais e neocoloniais, culturais, históricas, por meio de temas que envolvem discriminação, conflito, racismo e opressão (MAYER *et al.*, 2021). Ao mesmo tempo estabelecem padrões paradigmáticos como meio de formatar e estruturar as suas redes interculturais.

No que diz a respeito à relação intercultural nas regiões de fronteira, Bustinza (2014) ressalta que, no âmbito escolar, existem ao menos três variantes de grande importância. Ao citar em primeiro lugar “as fronteiras e sua relação com as línguas” (BUSTINZA, 2014, p. 313) o autor sugere que devemos entendê-las como zonas de transição, termo que seria mais apropriado para fins de posterior análise e compreensão das comunicações interculturais, da diversidade cultural, da linguística e da cultura.

Esta posição de importância, que é concedida às línguas, remete a outra percepção - as duas mais importantes do continente, espanhol e português, não compartilham de espaço comum, em termos linguísticos, nas conurbações internacionais. Razões que nos levam à compreensão do assinalado por Carvalhal (2014) em relação às situações de conflito linguístico nas fronteiras brasileiras. Para esse autor, nas zonas de contato, os sujeitos “colocam em evidência o poder econômico das línguas, configurando processos de escolhas linguísticas e relações interpessoais, em que, na maioria dos casos, evidenciam uma situação de prestígio do Brasil e, conseqüentemente, da língua portuguesa” (CARVALHAL, 2014, p. 320). Ao Dialogar nesse sentido, Hanciau (2013, p. 93) busca apoio nos ensinamentos de Canclini (2008) e alerta que a “oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o

popular e o massivo não funciona mais”, ou seja, não se sustentam concepções que dividem a cultura em camadas, com o objetivo de estudar hibridações.

Pensamento que encontra suporte nas premissas de Blommaert, para quem “a globalização força a sociolinguística para não pensar suas distinções e preconceitos clássicos e se repensar como uma sociolinguística dos recursos móveis, enquadrada em termos de redes trans-contextuais, fluxos e movimentos” (BLOMMAERT, 2010, p. 884), afirmação que leva à compreensão da possibilidade de adoção de novos caminhos e perspectivas em pesquisa, diante das progressivas quedas de fronteiras geográficas na atualidade.

2.4.2 Translocalização e realocalização da linguagem e cultura na contemporaneidade

As políticas públicas de governo, bem como as que compõem a natureza estatutária dos direitos humanos e sociais, contribuem para o fortalecimento da corrente defensora da concepção multiculturalista que busca “privilegiar a aceitação social da diferença enquanto algo legítimo e valioso, em detrimento da assimilação de imigrantes ou de povos indígenas” (BRANCO, 2012, p. 32). Com base nessa premissa, a diretiva protetiva não alcançaria todas as hipóteses de “assimilação dos imigrantes, da diluição dos seus traços culturais na sociedade majoritária, a uma perspectiva em que a sociedade passa a aceitar essas diferenças culturais, procurando integrar esses cidadãos em vez de os apagar” (BRANCO, 2012, p. 32), diante das interferências contemporâneas globais nas práticas de natureza sociocultural.

É necessária a adoção de uma concepção ampla que considere as conexões das culturas entre si e destas com o global, bem como as suas articulações e movimentos no ambiente em que as tradições são mantidas, fundidas ou conformadas. A esse respeito, considero que “uma importante consequência desses processos que elucidam a articulação reflexiva entre o global e o local é a transformação do costume local em relíquia, como forma de realocalizar a tradição em contextos marcados pela destradicionalização” (LEITE, 2005, np).

Trata-se, na essência, de preocupações quanto à possibilidade de remodelações das culturas individuais, adaptações aos usos e costumes locais, hipótese que pode ser arrefecida em razão dos recentes estudos sobre imigração.

A globalização é a materialização da translocalização e se dá mediante imposições sociais, econômicas, políticas e culturais em processos que “confrontam o capitalismo global e os grupos sociais que lhe resistem, as lógicas homogeneizadas e as diferenciadoras, a americanização da cultura popular e as culturas locais vernáculas, a globalização hegemônica

e a contra-hegemônica” (SARRETA, 2011, p. 209). Nesse contexto, a linguagem deixa de ser inerte, circula no tempo e no espaço, considera o ambiente e abrange, simultaneamente, as relações sociais, culturais, políticas e os aspectos históricos.

Com relação a essas questões, Branco (2012) assume que todas devem ser analisadas sob uma perspectiva transnacional. A seu ver, atualmente, tanto migrante quanto imigrante, devem ser vistos como pertencentes a um todo que considere as suas respectivas famílias, comunidades e tradições, embora tal visão não encontre eco nos entendimentos de Bhabha. Para esse autor, “todas as formas de assimilações, de natureza translocal ou na forma de realocização, não seriam perniciosas, pois inexisteriam culturas anteriores ou originárias e todas estão constantemente submetidas a processos de hibridação” (BHABHA, 2013 *apud* MELLO, FROEHLICH, 2021, p. 2). Sob esse aspecto, percebo que se trata de questão merecedora de atenção nas zonas de contato.

Nas localidades fronteiriças há “necessidade de tentar compreender esses processos nos obrigou a pensar em como noções relativas ao tempo, espaço, fronteiras apresentam marcas de rupturas que afetam diretamente a nossa constituição identitária, linguística e cultural” (TANZI NETO; OLIVEIRA, 2018, p. 53), uma vez que neles é mais latente o espírito preservacionista de tradições e de identidades. São perspectivas recentes que se prestam para avaliar as práticas socioculturais em processos dinâmicos, em contextos de fronteira, as quais, entendo, que socorrem às questões relativas aos movimentos de translocalização e realocização.

Os estudos de Mello e Froehlich (2021), sobre a noção de hibridação, revelam que os conceitos modernos não admitem a concepção estática de que a hibridação estaria voltada a questões capitalistas e aos bens de consumo. Apesar das notas positivas, em termos de ressimbolização de uma cultura em relação à outra (Bernd, 2004 *apud* Mello e Froehlich, 2021) e da recomposição da identidade em diversas ordens e níveis de pertencimento, os autores ressalvam que há elementos que permanecerão em constante circulação. A esse respeito, citam a cultura originária do indivíduo e a da sociedade que o absorve, as quais passarão a congregar sujeitos provenientes de diversas localidades, que comungarão valores recém-construídos, com base numa “sensação” de pertencimento múltiplo.

Entendo que esses processos podem proporcionar, de forma positiva, a cessação de conflitos, bem como, com a ressimbolização sociocultural, haveria a assunção de uma nova formação identitária. Nesse cenário, a perspectiva translocal pode levar para além das abordagens tradicionais ao considerar o ambiente em que as relações se dão, como um todo.

Com relação a esse tema, Darling-Wolf (2015) afirma que as questões translocais e superdiversas são mais facilmente absorvidas.

Situação que para Tanzi Neto e Oliveira (2018), se consideradas as diversas formas de conexões e as dinâmicas sociais, pode ser representativa de múltiplos contextos e tornar possível estender o foco de análise, para além dos *habitats* dos sujeitos. Condição importante para essa pesquisa, ao considerarmos o tráfego de pessoas na Rota Bioceânica que poderão carregar consigo movimentos, tendências globais, tradições e costumes para esse espaço (LIMA *et al.*, 2016) e nele compartilhar as suas experiências e visões de mundo. Apesar desses movimentos, migrantes e imigrantes continuam a manter uma parte importante da sua cultura, os contatos com familiares e amigos permanecem ativos, por meio da *internet* acessam notícias e informações provenientes da terra-mãe e revivem as suas tradições.

Nesse sentido, considero que os processos de integração vindouros podem considerar estas influências, somá-las aos efeitos globais e estabelecer mecanismos de cooperação, com vistas viabilizar a interpretação do “sistema representacional e os seus significados ao do outro. Neste esforço para comunicar os seus significados a outras pessoas, os participantes na sua troca têm de ser capazes de utilizar o mesmo código linguístico” (BRANCO, 2012, p. 35). Esta ferramenta, na ótica da autora, possibilitaria a comunicação entre os sujeitos ocupantes das zonas de contato.

Em prosseguimento, a pesquisadora alerta que falar a mesma língua, não significa apenas falar o idioma local, mas “também a conseguir interpretar imagens, linguagem corporal, expressões faciais presentes na sociedade” (BRANCO, 2012, p. 35), como forma de apropriar as formalidades e regramentos impostos nos processos relocacionais. A esse respeito, considero que os processos formais de realocação e de translocalização podem eliminar a cultura anterior, ou, a considerar a base conceitual de Bhabha, hibridá-la, porque em movimento.

Por essas razões, segundo o teor do declinado pelo Entrevistado 1, no sentido de que as nesse ambiente as coisas “vêm chegando e as coisas vêm se transformando, levando as pessoas a procurar grupos sociais diferentes”, destaco a necessidade de avançar pelas noções de translinguagem, de superdiversidade, das teorias afetivas e aspectos correlatos.

2.4.3 Translinguagem, superdiversidade e os aspectos emocionais da linguagem

Conceito utilizado inicialmente no País de Gales por Cen Willians, nos estudos pedagógicos que envolvia a língua local e o inglês (VOGEL e GARCIA, 2017), a

translinguagem resulta da fusão de múltiplos processos que, ao mesmo tempo, concorrem entre si e se complementam, valorizam os componentes e recursos sociais emergidos e identificados nas práticas comunitárias. Durante as primeiras incursões, Williams preocupava-se apenas com as formas pelas quais as práticas pedagógicas consideravam os processos de ensino-aprendizagem.

No ambiente educacional estudado, os alunos foram incentivados a utilizar as duas línguas, de formas diferentes, ora para leitura e ora para a escrita, alternando-as. Passada a fase inicial desses estudos, os pesquisadores se enveredaram na observação dos modos pelos quais o bilinguismo, enquanto processo dinâmico, poderia se prestar para caracterizar as pessoas bilíngues e as formas como as mesmas apropriam, de modo fluído, os seus recursos linguísticos (VOGEL; GARCIA, 2017). Trata-se de concepção que passou a ampliar os sentidos do prefixo formador da palavra e que denomina a prática pedagógica. A inovação foi possibilitada por estabelecer, como marco diferencial, a premissa de que as práticas multilíngues perpassam os limites do monolinguismo ou das línguas aceitas e utilizadas em determinado território, sociedade ou espaço – nação.

A translinguagem é uma opção teórica que “oferece uma visão diferente do bilinguismo e multilinguismo” (VOGEL; GARCIA, 2017, p. 1), nesse caminhar, os bilíngues e plurilíngues não podem ser observados por meio de uma teoria que considera a existência de sistemas de linguagens autônomos. Trata-se de situação em que seriam considerados os usuários de todos os idiomas, com a faculdade de selecionar e utilizar os seus repertórios de forma unitária e produzir sentidos em contextos comunicativos.

Ainda, para Vogel e Garcia (2017), as práticas translíngues tendem a excluir as ideologias linguística, cultural e racial que promoveram a hierarquização e ceifaram a legitimidade das práticas das minorias. Importante ressaltar que a proposição de Ferrari (2017, p. 58) contribui para esse entendimento, de acordo com a autora, a “translinguagem vai além da linguagem, ultrapassa os limites do próprio lugar buscando a construção dos sentidos e a justiça social”. As empreitadas humanísticas, de pacificação e de justiça social, têm por base a igualdade entre os sujeitos e essa pode ser alcançada se houver paridade de armas – com a liberdade do usuário na escolha e utilização dos repertórios disponíveis para produzir sentidos, em detrimento dos próprios significados.

Por essa razão, reforço a minha compreensão quanto à dimensão atribuída e contemporaneamente alcançada pelo prefixo *trans*.

Nessa linha de raciocínio, considero as afirmações de Garcia e Wei (2014) quanto ao alcance do termo translinguagem. De acordo com as autoras, a sua dimensão permite a

captura das complexas práticas dos falantes, pois não podem ser considerados como meros sujeitos com línguas gravadas em seus corpos que vivem entre diferentes contextos sociais e semióticos. Com respeito a esse fundamento, as autoras afirmam que o monolinguismo marcou sociedades por impor línguas nacionais, quando os sujeitos, na realidade, conviviam em ambientes de diversidades sociais e semióticas.

Sobre o assunto, reflito que a translanguagem tem como objetivo reposicionar a noção de construção de sentido e a sua importância diante da diversidade de contextos a que são submetidos os falantes. Acrescento que Canagarajah (2013) *apud* Rocha e Maciel (2015), considera como importante todas as espécies de recursos semióticos nas abordagens translíngues:

valida-se o pressuposto de que a comunicação envolve uma multiplicidade de recursos semióticos, tais como a língua, em sua relação com imagens, ícones e símbolos, além de uma pluralidade de modos, nos processos de produção de sentidos em que as pessoas se engajam nos mais diversos contextos e com os mais distintos propósitos (CANAGARAJAH, 2013 *apud* ROCHA; MACIEL, 2015, p. 140).

Noto, a rigor das abordagens de Rocha e Maciel (2015), no que concerne a esta prática, que “o translanguismo é um conceito que tem ganhado força nos campos de estudos da linguagem e dos letramentos, enfatizando a ideia de zonas de contato e uma orientação mais aberta e dinâmica em relação às línguas, às linguagens e a outros recursos semióticos”. Nas zonas de contato, esse conceito adquire maior evidência ao se posicionar em conjunto com a noção de estrangeiro, “em vista do alinhamento de sentidos que possa ter com as ideias de colonialidade” (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 427). Nesse sentido, a noção de forasteiro pode ser absorvida diante dos processos globais que tendem a eliminar diferenças entre migrantes e imigrantes:

Saint-Georges (2013) enfatiza a natureza fluida e dinâmica das relações sociais em meio aos processos de globalização hoje vivenciados. Ecoando Vertovec (2007) e Blommaert e Rampton (2011), a autora nos lembra que migrantes e imigrantes apresentam atualmente trajetórias biográficas e geográficas muito complexas, sendo o enfraquecimento de fronteiras e a sobreposição também evidentes no que diz respeito à caracterização do que entendíamos como comunidades, conforme também problematiza Bauman (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 413).

Nos processos translíngues, aos falantes é franqueado utilizar mais de uma língua, e em conjunto, mesmo que em fragmentos, com base nas necessidades que emergirem durante as comunicações, em referência às práticas pedagógicas que utilizam o bilinguismo como

recurso possível (LEMKE, 2020). Esta mentalidade passou a ser formada como oposição aos paradigmas estruturais, ao objetivar a viabilidade de processos de construção de sentidos mais amplos, por meio da possibilitação de usos de todos os recursos disponíveis e dos repertórios dos falantes.

Na translíngua, as práticas permanecem ativas, as trocas se dão entre os atores durante todo o tempo, os interlocutores absorvem de modo constante as informações e não há regramentos formais. Por meio dessa prática, pode ser possível avaliar, permanentemente, a comunicação e os processos de construção de sentidos, tendo como parâmetros os repertórios dos interlocutores, a multiplicidade de recursos semióticos disponíveis, as línguas e as suas relações com imagens, ícones e símbolos (ROCHA; MACIEL, 2015). Surge, com base nesse tocante, que durante a utilização deste processo, os mediadores necessitam atuar com criatividade, afastarem-se de regramentos e de juízos prévios de valor, para permitir, no âmbito dos processos de construção de sentidos, a adaptação da comunicação aos contextos e momentos, para possibilitar aos sujeitos a imersão com maior profundidade nos diferentes tipos de linguagem:

Linguagem verbal e não verbal são duas expressões comumente utilizadas para se abordar os diferentes tipos de linguagens. No entanto, tal visão estruturalista se pauta em uma noção reducionista e binária de se conceber a linguagem. Outra possibilidade mais ampliada de se olhar para os processos de construção de sentidos tem sido promovida pela perspectiva pós-estruturalista (Maciel e Pereira, 2019, p. 2674).

Essas premissas derivam das características dos indivíduos e das sociedades na contemporaneidade. O homem está inserido em sociedades nas quais as relações humanas cumprem papel fundamental nos processos de construção de sentidos (ROCHA; MACIEL, 2015). Diante das múltiplas possibilidades de interações, para os referidos autores “O prefixo Trans pode indexicalizar a fusão entre a dicotomia língua/linguagem. Ele busca, ainda, transcender a forma pela qual olhamos para a língua como estrutura autônoma” (MACIEL; PEREIRA, 2020, p. 50), em razão da utilização de formas e comunicações mais abertas, proporciona-se aos falantes um sistema inclusivo, não rígido, em que podem ser absorvidos e valorados todos os recursos linguísticos e os repertórios durante os processos de troca.

Trata-se de procedimentos que permitem a conformação de “novos” territórios nos quais, indivíduos pertencentes a diferentes nichos sociais, efetuam livremente as suas trocas, eliminam diferenças e criam/formam identidades comunitárias por meio de valores e práticas comuns.

Nesse viés, a translinguagem é utilizada por professores sem que os mesmos percebam, na tentativa de interagir e construir sentidos, ainda que de modo instintivo (FERRARI, 2017). A respeito dessas práticas nas zonas de contato fronteiriças, “a inter-relação que o vocábulo *trans* proporciona, representa a intensificação do rompimento estrutural das línguas nomeadas [...] a translinguagem emergir nesta junção das línguas envolvidas nas fronteiras” (LEMES; GOMES, 2020, p. 3276). O *portunhol* falado nas fronteiras do Brasil é um dos exemplos que podem ser citados.

Há um intenso fluxo de pessoas nessas regiões, de diferentes nacionalidades e provenientes de diversos lugares. A adoção de práticas sob a perspectiva da translinguagem tem permitido aos fronteiriços uma melhor construção de sentidos por meio de sua própria realidade. A pesquisa de Ferrari (2017) reflete em boa dimensão a realidade fronteiriça atual. Realizada em escola localizada no município de Corumbá, os dados por ela coletados identificaram o ambiente escolar analisado, como “uma sala onde 95% dos alunos tem como língua materna o espanhol, vivem em solo boliviano e estão estudando em uma escola brasileira, onde o idioma oficial é o português”. Com relação a essa questão, importa ressaltar que a utilização das bases e dos formatos adotados nas relações contemporâneas, atualmente estruturadas em ferramentas que promovem interações e trocas por meio de redes sociais (ROCHA, 2015), podem ser igualmente necessárias.

A utilização de tecnologias e mídias provoca profundas mudanças nos relacionamentos e nos processos de construção de sentidos (ROCHA, 2015), razão pela qual interpreto que na contemporaneidade podem ser adotadas práticas pedagógicas *translúngues* que abordem essas novas modelagens interativas sociais. Outro aspecto importante e que se destaca, refere-se à *superdiversidade*, pois consideram as diversidades dentro das diversidades.

As ideias recentes, relativas às abordagens das diversidades socioculturais, fez surgir uma nova concepção nos últimos anos. A pluralidade de culturas e de identidades, observadas entre sujeitos que convivam em espaços comuns ou em sociedades, fez emergir a noção de *superdiversidade*, como forma de estudar as práticas que possuem dinâmicas próprias em contextos *multilíngues*. Parafrazeando Canagarajah (2011), Jaspers (2014), Creese e Blackledge (2015), Leeman (2015), Stroud e Prinsloo (2015), García e Li Wei (2017) e Ollerhead *et al.* (2018), Prinsloo e Krause (2019) afirmam que a *superdiversidade* é um tema recorrente entre os professores na Europa, América do Norte e Austrália.

A respeito dessa concepção, os autores consignam que dentre as suas discussões, os pesquisadores procuram apresentar a tradução como uma estratégia, em reconhecimento à dinâmica da linguagem em contextos multilíngues cotidianos.

A tradução aventada se daria de forma aberta, com a finalidade de conceber a ideia da abordagem translíngue modo amplo e diversificado, menos roteirizado e mais independente da linguagem, do que as noções predominantes de multilinguismo e bilinguismo (PRINSLOO; KRAUSE, 2019). Emergido esse conceito, passaram a ser possível empreender outras investigações sobre a linguagem, a identidade e a cidadania, por envolver questões relativas à mobilidade e à diversidade.

Essa concepção se dá em oposição aos estudos convencionais da linguagem ao permitir que as abordagens se enveredem por cenários em que a natureza interdisciplinar da sociolinguística seja examinada de forma entrelaçada com a linguagem e a sociedade (DUBOC; FORTES, 2019). Trata-se de uma consequência real, pois as mudanças econômicas e tecnológicas afetam a noção de mobilidade, em que a migração e a imigração antigamente eram vistas como processos de mudanças na organização espacial na vida dos sujeitos e de forma permanente:

as pessoas deixaram seu país e se estabeleceram em outro. Naquele novo país, eles viviam separados de seu país de origem, talvez (mas não necessariamente) em comunidades étnicas. Eles levaram suas línguas e outras culturas pertencentes com eles, mas a separação da terra de origem e da natureza permanente da migração provavelmente traria pressão para acomodar para a sociedade anfitriã (BLOMMAERT, 2010, p. 6).

A respeito da influência da mobilidade nas sociedades contemporâneas, Spotti (2008) *apud* Duboc e Fortes (2019) ressalta que a mesma cria uma rede com complexas relações, regulamentações e práticas, como se fosse uma forma de adaptação aos novos processos de globalização que vêm se dando mediante o uso das tecnologias e das mídias digitais. Para os autores, a mobilidade de bens, informações e, em particular, do ser humano passaram a ser elementos importantes para a compreensão das sociedades.

Com base nesse conceito, Duboc e Fortes (2019, p. 2) afirmam que “novas variáveis para além da etnia e da territorialização devem ser levadas em conta no exercício de compreensão das identidades multifacetadas constitutivas do sujeito migrante” e, via de consequência, “os princípios fundamentais e os conceitos teóricos, como linguagem, comunicação e comunidade dentro dos domínios da Sociolinguística, devem ser examinados”.

Sobre a importância das práticas translíngues, Rocha e Maciel (2015) reafirmam os conceitos de Bakhtin (2003) ao assumi-las como processos “enunciativo, dialógico e heteroglóssico, em que “se fazem ouvir as vozes”, nas línguas, “linguagens, gírias, estilos””, por meio de análises de hibridações linguísticas e de elementos semióticos, os autores perceberam que os enunciados constitutivos das práticas de linguagem, passavam a “desempenhar o seu papel único e singular na comunicação discursiva (criadora)” e criativa (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 327 *apud* ROCHA; MACIEL, 2015, p. 430).

Trata-se de apropriações dos enunciados e discursos no espaço-tempo dos sujeitos, com as quais se torna possível contextualizá-los em relação aos demais caracteres, como a idade, posição social, etnia, dentre outros. Essa condição também viabiliza a noção de superdiversidade, “(re)pensada para e a partir dos diferentes contextos em que línguas entendidas como maternas, adicionais ou estrangeiras sejam usadas e aprendidas de forma que a pesquisa em linguagem realmente ultrapasse os limites das suposições monolíticas e estabilizadas” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 327 *apud* ROCHA; MACIEL, 2015, p. 430).

As novas teorias acerca da modernização repercutem sob o argumento de que se trataria de múltiplas modernidades, com categorias sociológicas dentro de uma sociologia multicultural global (BHAMBRA, 2013), daí a solução para a resolução das questões sociais passaria por uma “igualdade putativa, por meio do reconhecimento da diferença” (IDEM, 2013, p. 305), e convergir-se-ia para o objeto e a noção de superdiversidade. A respeito da superdiversidade, Blommaert (2010, p. 7) explica que “os espaços locais tendem a aparentar como caóticos, a partir de comparações feitas com o *status* nacional, regional, étnico, cultural ou linguístico, por seus habitantes”. Por meio dessa percepção, o autor assevera que imigrantes possuem idioma e cultura compartilhados, mas a *internet* permite-lhes residir em um novo território e manter contatos intensivos com as redes de outros lugares, inclusive as de seus países de origem (BLOMMAERT, 2010).

Desta maneira, a organização espacial do sujeito seria ao mesmo tempo local e translocal, com o virtual fazendo as vezes do real, situação chancelada pelo paradigma das múltiplas modernidades que reconhece a diversidade de culturas localizadas globalmente e aceita a possibilidade de formas culturalmente diversas de ser moderno (BHAMBRA, 2013). Essa complexidade da sociedade contemporânea foi objeto de estudos por Rocha e Maciel (2015), de acordo com esses autores, na modernidade ressaem “as ideias de complexidade e superdiversidade para explicar as práticas sociais e nossa constituição linguística, cultural e identitária” (ROCHA e MACIEL, 2015, p. 313).

Com citações a Kumaravadivelu (2012), Blommaert e Rampton (2011), os autores reproduzem o pensamento de Vertovec (2007) e afirmam que os termos atuais se prestam “para abordar os diferentes aspectos e condições que caracterizam o funcionamento das sociedades contemporâneas, evidentemente marcadas pelo fluxo transnacional, também associado aos impactos das tecnologias digitais de comunicação e informação” (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 313). Assim, o foco pode se voltar para as possíveis diversidades no âmbito das questões de natureza hibridatória.

Com relação ao entrecruzamento de culturas nas diversidades, entendo que “a hibridização age como uma força emergente de interação criativa recuperando o aspecto histórico e político da cultura, infiltrando-se nos interstícios espaciais e temporais normalmente bloqueados pelas divisões e categorizações canônicas” (SOUZA, 2010, p. 301). Interpreto, com base nessa narrativa, que o hibridismo é origem e não resultado, e por meio da sua análise passa a ser possível identificar as características das forças sociais e culturais que atuam em determinada sociedade.

Trata-se de uma proposição que se aproxima dos conceitos de Bhabha, para quem esse processo é ininterrupto e “todas as formas de assimilações, de natureza translocal ou na forma de realocização, não seriam perniciosas, pois inexistiriam culturas anteriores ou originárias e todas estão constantemente submetidas a processos de hibridação” (BHABHA, 2013 *apud* MELLO; FROEHLICH, 2021, p. 2). Em relação à aplicabilidade dessa noção ao escopo dessa pesquisa, compreendo que as zonas de contato fronteiriças, bilíngues ou plurilíngues, apresentam justaposições de línguas e possuem padrões de linguagem, hierarquias linguísticas, níveis variáveis de alteridade que podem depender dos sujeitos, contextos e de seus próprios produtos culturais.

Nesses ambientes, os repertórios dos falantes são ativados em função dos contextos e das respectivas ideologias e remetem à existência de um sistema que conforma redes com diversidades dentro das diversidades. Em derivação, há outro aspecto que merece nossa análise em termos de bilinguismo, a esse respeito, considero que as teorias afetivas se vinculam às diversidades, alteridade, padrões e hierarquias linguísticas.

Humanos são motivados por impulsos afetivos, representativos das suas emoções e sentimentos. Etimologicamente, a palavra afeto vem do substantivo latino, *affectus*, *us* e representa um estado de ordem psíquica ou moral (CUNICO; CONTRERAS, 2015). É um sentimento de ordem emocional e subjetivo, pois agimos por afetos e os impulsos deles derivados se manifestam em relação a alguém, a um fato ou a algo e podem ou não ser exteriorizados mediante certos estímulos. No âmbito das relações sociais, compreendo que

esses estímulos afetivos podem causar respostas dissociadas da realidade subjetiva e provocar inibições ao receptor, ao lhe impor novas conformações sociais, a exemplo dos efeitos das práticas de preconceito linguístico e de diglossia.

Reflexões sobre o intelecto humano devem se dar em conjunto com a emoção, a motivação e a vontade, bem como relacionar as atividades cognitivas aos desejos, às necessidades e aos interesses, pois é impossível estudar as funções psicológicas de forma isolada do intelecto (LEMOS, 2018). A opção pela primazia da realidade das sentenças, que confere veracidade absoluta aos fatos, passa por abalos, a esse respeito, estudiosos como Rajagopalan (2004) vêm chamando a atenção para as diferenças entre as significações emotivas (ou afetivas) e as meramente cognitivas (puramente referenciais).

Para o autor, as pessoas comuns atribuem uma grande carga de valor emocional aos seus idiomas e, quando uma segunda língua é aprendida depois da infância, as duas línguas podem diferir em termos emocionais (RAJAGOPALAN, 2004, p. 106). No campo emocional, as pesquisas têm sido direcionadas aos estudos do impacto emocional que as diferentes línguas produzem nos indivíduos bilíngues e multilíngues, apesar da existência de correntes que tendam a teorizar as linguagens e emoções como fenômenos independentes (RAJAGOPALAN, 2004).

Com base na visão social da emoção e por meio da interpretação da mesma como um fenômeno discursivo, pode-se expandir o âmbito das prospecções sobre as práticas de bilinguismo (RAJAGOPALAN, 2004). Em relação à influência da filosofia cartesiana que criava barreiras às incursões afetivas, Lemos (2018, p. 43) aponta que as teorias das emoções anteriores “eram, na sua essência, dualistas, fragmentavam o homem entre razão e emoção”.

Atualmente, segundo o autor, se busca considerar “a importância da contribuição filosófica”, como forma de permitir o diálogo entre a psicologia e a filosofia espinosana, que se contrapõe aos pensamentos filosóficos de que não haveria como separar razão de emoção. Sobre esse aspecto, Serrani (2002, p. 24) avalia o sentimento “como um estado afetivo estável. É usual que uma reação seja caracterizada como afetiva em oposição ao que seria uma reação racionada” e assume que há conexão entre o cognitivo e o emocional, motivo pelo qual não podem ser estudados de modo dissociado, especialmente quando questões verbais estiverem envolvidas.

Processos que envolvem a aquisição de línguas desconsideram, como regra, a dimensão inconsciente do sujeito, nesse caso, a enunciação em línguas estrangeiras se vincula às questões identitárias do enunciador (SERRANI, 2002) e afasta-se da condição que exige distinções conceituais nas abordagens dos pressupostos psicanalíticos presentes nos processos

enunciativos em línguas não maternas. Nesse contexto, afirma a autora que as memórias resultantes de processos sócio-históricos e inconscientes, são heterogeneidades constitutivas não evidenciadas diretamente no discurso, motivo pelo qual se expressam nas emoções e atravessam toda formulação discursiva.

Muitos pesquisadores preferem conduzir suas investigações sem abordar as questões emocionais ou tratá-las de forma marginal, como se fossem parte de práticas de *codeswitching* (RAJAGOPALAN, 2004). Perfilhando a corrente oposta a essa, Magiolino (2010, p. 161) *apud* Lemos (2018, p. 63) defende a teoria de que “as emoções são afetadas pela palavra” e compreendê-las “implica pensar no processo de significação”. De acordo com a teoria proposta, o autor entende que a palavra “é signo que impacta, sensibiliza, impressiona, comove, abala, transforma, geram novos significados, causando sensações de dor, aperto, saudade, angústia, entusiasmo”, o que garantiria certa organicidade cultural.

No que se relaciona especificamente à aplicação da noção aos estudos da linguagem, Rajagopalan (2004) considera que pouco se tem feito em termos de planejamento linguístico e de políticas públicas no sentido de considerar a importância do aspecto emocional da língua nas práticas linguísticas.

Para o autor, a linguagem é cheia de conotações emocionais e nas práticas *codeswitching*, se ela não for devidamente relativizada, as suas significações poderão não refletir de modo apropriado os sentidos objetivados, sofrerem valorações incompletas, insubsistentes ou inservíveis. De acordo com a concepção afetiva, o sujeito é um ser biológico e social, que responde “às ordens do ideológico e do inconsciente, não se mostra direta nem totalmente, sendo possível apreender somente suas pistas, mediante análise das posições enunciativas construídas simbolicamente no discurso” (SERRANI, 2002, p. 29), bem como assume as duas posições, subjetiva e ideológica, ao mesmo tempo, no seu lócus enunciativo.

Trata-se de uma dicotomia que se faz acompanhar de outras condicionantes binárias. Sobre esse aspecto, Rajagopalan (2004) cita como pertinente considerar as abordagens sobre questões de gênero, corpo e mente e defende que podem interferir na linguagem ao exteriorizar certos caracteres de fundo emocional, com valores específicos e próprios. Para o supracitado autor, a racionalidade presente na metalinguagem da linguística é inversamente proporcional à emotividade presente na linguagem popular (RAJAGOPALAN, 2004), posição contrária aos entendimentos de Bloomfield (1994), cujas abordagens teóricas consideram a ciência como racional, fria e metódica, sem espaço para calor ou alegria.

A emoção no campo metalinguístico é rechaçada por alguns estudiosos, mediante o argumento de que a emoção se manifesta por meio de pessoas comuns e de forma

depreciativa em contextos linguísticos. Como suporte, os estudos qualitativos, com o foco na perspectiva histórico-cultural, podem ser adotados de modo a valorar as percepções pessoais e refletir a relação do individual com o social, como uma instância que faria parte da totalidade social, modificando e sendo modificada por ela (LEMOS, 2018). Interpreto como apropriada essa possibilidade, com base na premissa de que as memórias discursivas são constitutivas da subjetividade e da identidade linguístico-cultural do sujeito e compõem o repertório e as construções utilizadas no seu discurso (SERRANI, 2002). Quanto a influência do afeto em contextos sociolinguísticos, Kempinska (2014) faz uso das teorias de Pavlenko, lançadas no livro *Emotions and Multilingualism*, de 2005.

O autor baseia seus estudos em experiências narrativas em língua não materna, com espeque em pesquisas realizadas com pessoas em diferentes contextos sociolinguísticos. O autor percebeu que havia “dificuldades de vocabulário – o fato de que, no nível lexical, faltam termos equivalentes para nomear uma emoção –, mas também uma carência considerável no que tange ao recurso, aos detalhes e à linguagem figurativa” (KEMPINSKA, 2014, p. 205-206). Essas abordagens permitiram ao autor concluir que os detalhes, não contemplados pelos repertórios, são importantes para a elaboração de imagens mentais e para as reações afetivas (KEMPINSKA, 2014, p. 206). Em reforço as suas conclusões, ilustra que Marina Tsvetáieva já havia, em 1934, chamado a atenção para esse tipo de relação íntima entre a língua materna e as emoções de “apelo lácteo” presentes na palavra *sorveira* – uma “palavra-árvore nativa”.

Nesse campo fértil, pode-se pensar o multilinguismo com base nas emoções e considerar os valores presentes na memória afetiva, pois “a língua materna, enquanto depósito dos primeiros afetos tende a aparecer como o espaço privilegiado, se não único, da função emotiva” (KEMPINSKA, 2014, p. 208). Em relação à língua materna, atualmente há a compreensão de que se trata de uma parte muito importante da metalinguagem (RAJAGOPALAN, 2004).

Para esse autor, as manifestações das pessoas comuns se dão por meio dela, de forma diretamente conectada às emoções, se exteriorizam mediante todos os tipos de linguagens e as práticas sociais se deixavam guiar por um sentido prático, como uma espécie de “*sinta o jogo*” (RAJAGOPALAN, 2004). Por essas razões os monolíngues talvez não consigam perceber a importância afetiva de certas palavras e das expressões veiculadas por bilíngues na língua materna.

No tocante a esse aspecto, transcrevo parte dos dados de pesquisa coletados por Santos (2021), com os destaques da autora às reações acaloradas ao chamado para o “*camby*”, uma palavra da língua guarani utilizada para designar um alimento diário – o leite.

De acordo com as suas observações, “foi possível notar o valor do repertório para esses falantes, [...] no sentido que adquiria por meio da pronúncia, pela satisfação em expressá-la em sua língua guarani. [...] expresso em guarani, o leite, o “*camby*” parecia ter outro sabor” (SANTOS, 2021, p.120). Acerca dessas concepções, interpreto que a relação das línguas com as emoções se dão de forma dinâmica e podem emergir certas ambivalências sob a ótica do multilíngue (KEMPINSKA, 2014) que não permitem a apropriação efetiva do valor emocional que originariamente seria conferido por meio da língua mãe.

Feitas essas considerações, compreendo que essa noção substrata a compreensão de que as manifestações de ordem emocional podem ocorrer com maior dinamismo por meio do uso da língua materna, diante da possibilidade de formulações mais criativas, reais e afetivas. Ressai, por meio das noções de diversidade, da superdiversidade e da teoria do afeto, como igualmente importante para a compreensão das práticas linguísticas locais, a incursão sobre as noções de preconceito linguístico que serão feitas a seguir.

2.4.4 Preconceito linguístico

Não existe uma forma “certa” ou “errada” para os usos da língua, o preconceito linguístico é fruto de uma construção ideológica que apregoa a existência de apenas uma língua correta e implica em prática discriminatória (BAGNO, 1999). Em termos de hierarquizações da fala, essa ação se revela por meio de “atitudes discriminatórias no que concerne a variantes linguísticas de menor prestígio social em relação a variantes de maior prestígio, supostamente adequadas a um imaginário de norma padrão da língua” (FREITAS; FERNANDES, 2018, p. 205). Trata-se de prática que impõe rótulos sociais e avia ações segregacionistas com a “exclusão de determinadas variantes linguísticas é a exclusão de sujeitos com nome, etnia, classe social e endereço” (FREITAS; FERNANDES, 2018, p. 211). De forma mais ampla, a noção de preconceito linguístico aborda as características de modo, posição social e estética:

De acordo com Marcos Bagno, ‘preconceito linguístico é a atitude que consiste em discriminar uma pessoa devido ao seu modo de falar’. Como já dito, esse preconceito é exercido por aqueles que tiveram acesso à educação de qualidade, à ‘norma padrão de prestígio’, ocupam as classes sociais dominantes e, sob o pretexto de defender a língua portuguesa, acreditam que o falar daqueles sem instrução formal e com pouca escolarização é ‘feio’, e carimbam o diferente sob o rótulo do ‘erro’ (PAIVA, 2011, p. 44 *apud* SOUZA, 2017, p. 370).

Em direção a essa proposição conceitual, Souza afirma que se trata de ações negativistas diante do diferente e, a seu ver, definir uma norma-padrão como única não seria correto (SOUZA, 2017, p. 370). São especificidades e situações nas quais “as variações estilísticas trazem em si a ideia de diferentes modos de organização estrutural da língua” (SOUZA, 2017, p. 370) e ao sujeito é franqueada a possibilidade de poder se valer dos estilos de linguagem disponíveis para cada situação comunicativa, sem a necessidade de depreciá-los (SOUZA, 2017, p. 371). As variações da língua em contextos regionais e culturais, dentro de um mesmo território, decorrem de fenômenos de ordem regular que são eclodidos por meio do uso da língua (NARO, 1998), nesses ambientes, os sotaques, expressões e trejeitos podem pavimentar as vias preconceituosas. O preconceito tem seu embrião formado em razão de diferenças.

As estruturações internas da língua, para fins de utilização de repertórios, normatizações ou definir padrões de linguagem, contextos apropriados para uso das línguas (NARO, 1998), deflagram fenômenos que, com o passar do tempo passam a ser regulares em certas sociedades ou comunidades. Criam restrições e barreiras de natureza estrutural, internas ao sistema linguístico, e social, externas a esse sistema (NARO, 1998). São contextos que levam à noção ampliada da prática de preconceito, entendida como “toda discriminação feita a uma pessoa ou grupo que não podem falar livremente sua língua ou dialeto (língua minoritária ou não), é principalmente discriminação social” (HEINZE; MENEGUEL, 2009, p. 25). A respeito dos efeitos da subjugação mediante o preconceito linguístico, reflito que, em relação ao uso da língua e na identificação cultural do sujeito, há a vinculação de crenças e conexões estereotipadas à raça, etnia, status social, cor, dentre outras.

Sobre as formas e modos de apropriações depreciativas em razão do preconceito, noto que há certa padronização de ordem social com “a generalização, ou a criação de categorias abstratas que possuem características gerais do que se entende por essas populações específicas” (FREITAS; FERNANDES, 2018, p. 205). Nessas situações são comuns expressões do tipo “os alunos “indisciplinados” ou “incompetentes”, os criminosos “vagabundos”, os “loucos” ou “transtornados”, com as agências atuando para reforçar esse estereótipo” (FREITAS; FERNANDES, 2018, p. 205). A hierarquização social de línguas engessa o referencial paradigmático quanto ao correto ou não, assim, o “excesso na valorização da norma leva a criar e estabelecer significativos preconceitos de natureza linguística a partir do momento em que certas pessoas detêm que existem idiomas mais importantes do que outros” (HEINZE; MENEGUEL, 2009, p. 32).

No caso específico desse campo de estudo, Anastácio e Rocha (2020) avaliaram percepções e atitudes linguísticas dos professores da educação básica das escolas públicas de Porto Murinho. Na oportunidade voltaram as suas investigações às variações linguísticas, por meio dos repertórios e das línguas faladas na região, com o objetivo geral de identificar como são tratadas as questões relacionadas a estas variações e observar ocorrências de preconceito linguístico.

Para fundamentar seus objetivos, as autoras estabeleceram como premissa que o preconceito linguístico promove “a exclusão e a marginalização do ser humano, sejam eles indígenas, paraguaios, alemãs, que residem no Paraguai (Menonitas) ou de outras regiões e nacionalidades, como os que vêm da zona rural para a urbana ou os que migram do interior para cidades maiores” (ANASTÁCIO; ROCHA, 2020, p. 5), em referência às questões relacionadas às diversidades locais.

A esse respeito, Heinze e Meneguel (2009, p. 32) consideram, de forma extensiva, a ocorrência de práticas discriminatórias durante “preconceitos ou julgamentos de valor no idioma ou em algumas de suas características, ou em alguns de seus alto-falantes. Mas realmente tem que diferenciar entre a própria linguagem e estereótipos sociais”. Interpreto, com base nessas correlações, que a noção de preconceito linguístico se vincula às práticas e processos monolíngues e encontra barreiras que podem impedir o seu espalhamento nas redes da globalização. Essa compreensão tem como ponto de partida as considerações de Bhabha (1998), para quem a cultura mantém-se em movimento e não permite relativizações.

Apesar dessas conformações contemporâneas, é possível nos depararmos com situações em que a “falta de conhecimento, o jeito simples de ser e de dizer, por falar outra língua ou mesclá-las ao falar, o sujeito atrai o olhar de pessoas pouco honestas, que se aproveitam dessas condições para submetê-los a trabalhos mais pesados” (ANASTÁCIO; ROCHA, 2020, p. 5). Por outro lado, como se fosse uma espécie de “preconceito inverso”, a vergonha, o sentimento de inferioridade ou de incapacidade, podem acarretar retrações e sentimentos negativos e inviabilizar o desenvolvimento das pessoas:

as línguas consideradas mais bonitas são, primeiramente, o português (32%), em seguida o espanhol (20%) e o inglês (9%). As demais línguas são assinaladas pela minoria. É importante observar que o guarani, uma língua muito falada na região, é apontada como mais bonita apenas por um informante, embora apareça junto com outra língua na resposta de outros três sujeitos. Ainda assim, esses dados revelam não só o grande prestígio que as línguas dos grandes colonizadores (português, espanhol e inglês) têm na região, como também deixam transparecer o pouco prestígio diante das

línguas de matriz indígena locais, dentre elas, o guarani (ANASTÁCIO; ROCHA, 2020, p. 10).

É nítido o sistema hierárquico formado com base em caracteres estéticos e sociais. As respostas obtidas à pergunta seguinte, formulada naquela pesquisa, corroborou com esse entendimento. Para a maioria dos entrevistados, as duas línguas mais feias são a Ayoreo e o Guarani. As autoras destacam que essas línguas não passaram por avaliações negativas, mas ressaltaram que os seus falantes são os pobres “que vivem em aldeias, que fazem parte de uma cultura minoritária, indígena, e que, historicamente, ocupam um baixo status na pirâmide social” (ANASTÁCIO; ROCHA, 2020, p. 5). A respeito do lócus da fala, Heinze e Meneghel (2009) explicam que a posição sociocultural pode influenciar nos processos de construção de sentidos e nas conotações das mensagens:

Esse viés sociolingüístico é mais sério quando o falante pertence a uma classe social inferior. No Brasil e em muitos outros países, quanto mais baixo o status socioeconômico da pessoa, mais perto ela estará do analfabetismo, de "não saber falar", "falar mal" ou "falar feio". A mesma frase dita por uma pessoa economicamente próspera soa diferente, porque se torna "foi um descuido de sua parte" e o caso de uma pessoa desfavorecida torna-se "não posso falar" (HEINZE; MENEGUEL, 2009, p. 38).

As características sociais, étnicas, raciais, religiosas, sexuais, de gênero, interferem nas interações e nos processos comunicativos e podem aviar práticas de preconceito lingüístico e cultural. Não raro observa-se que alunos se esquivam quando convidados a participar de atividades em sala de aula, pessoas se retraem na presença de falantes que demonstram domínio da língua culta, imigrantes e migrantes se sentem excluídos diante das dificuldades de interação. São comportamentos “auto-preconceituosos” que levam a questionamentos sobre vergonha no uso da língua mãe por insegurança ou receio de rejeição social.

Chacotas e piadas de colegas, abordagens equivocadas de professores e dificuldades na fala, são motivos de bloqueios nas manifestações orais. Situações que podem remeter às características típicas da subalternidade, diante das limitações no agir e da violência epistêmica provocada nas mentes dos afetados (SPIVAK, 2010).

O processo colonial na América do Sul findou há séculos e ainda nos deparamos com práticas que tendem a promover a segregação social, o afastamento de pessoas das salas de aula e a limitação de acesso dos mais fragilizados aos serviços públicos. Sobre essas questões a pesquisa pretende avançar, por meio da análise dos dados coletados, nos campos das

práticas translíngues, dos movimentos culturais e dos elementos semióticos, caracterizadores da cultura na conurbação formada pelos municípios de Porto Murtinho e de Carmelo Peralta, bem como descrever as expectativas dos moradores em relação aos impactos culturais que poderão advir a partir do uso da Rota Bioceânica.

3 PRÁTICAS TRANSLINGUES E OS MOVIMENTOS CULTURAIS – O PROCESSO DE HIBRIDAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI NA CONURBAÇÃO FORMADA PELOS MUNICÍPIOS DE PORTO MURTINHO E CARMELO PERALTA

E1: Sai da minha sala índio burro! Fica em posição de Urubu.

Interpreto o excerto acima como uma possível prática colonizatória perpetrada pela professora em relação ao aluno. É importante destacar que essa prática pode não ter sido intencional, mas produto da colonialidade. Em outras palavras, embora o processo de colonização oficialmente tenha exaurido, essa prática, ainda que involuntária, tende a distanciar os professores dos alunos e esses das salas de aula.

As ações pedagógicas, atualmente orientadas pela translíngua, podem proporcionar o planejamento adequado das atividades de ensino, de forma inclusiva, baseado na compreensão das diversidades e das realidades sociais locais. Para que seja possível delimitar um marco para fins de apropriação dos dados coletados nessa pesquisa e promover o diálogo dos temas emergentes com a teoria, início minhas abordagens por meio da análise das respostas do primeiro entrevistado. Trata-se de pessoa nascida no Paraguai, que na adolescência mudou-se com a família para Porto Murtinho e deparou-se com situações conflituosas em ambiente escolar. Utilizo-o em primeira chamada em razão das suas dificuldades iniciais para a comunicação na língua portuguesa e das vedações que lhes foram impostas para o uso do guarani, sua língua materna:

P: Como se dava a comunicação em ambiente escolar?

E1: Por muito tempo era proibido do lado brasileiro pronunciar uma frase em guarani, eu fui punido. Aprendi a falar o português já com 15-16 anos, só falava guarani, vivia no sítio, todos na colônia Bocaiuva onde eu morava, 50-60 famílias, todos nós falávamos o guarani e o português entrou na nossa vida na escola [...] era proibido falar o guarani, quem sabia falar não podia falar, ficou mais no âmbito familiar, eu falo guarani com minha família no sítio.

P: como eram as punições?

E1: Era insultado, sai da minha sala índio burro, ou mandavam eu ficar na posição de urubu.

P: E na atualidade, como é?

E1: Atualmente se comunicam bastante em espanhol na ilha, o guarani vem se apagando, no lado brasileiro o guarani ainda é utilizado por famílias mais antigas e em ambiente familiar, o pessoal tem vergonha de falar o guarani publicamente [...] Se você falar o guarani numa escola o pessoal fica em silêncio.

As situações narradas podem remeter ao colonialismo monolíngue, preconceito linguístico, práticas de discriminações ou diglossia, última hipótese aplicável ao ser considerada a parcela de falantes da língua guarani, em Porto Murtinho. Essas práticas escapam aos objetivos educacionais que visam a inclusão, por meio da adoção de metodologias de ensino flexíveis e levam em consideração a realidade social dos alunos. Sob a ótica do preconceito linguístico ou da discriminação, noto que essas práticas não se limitam às construções e imposições normativas monolíngues, restritas aos alunos em ambientes escolares.

Quanto a essa constatação, ressalto que a questão da humanização no uso das línguas, sinaliza para a necessidade da não eliminação de repertórios e variantes linguísticas, com riscos de promover a exclusão de sujeitos com nome, etnia, classe social, endereço e apagar as suas identidades (FREITAS; FERNANDES, 2018, p. 211-212). Nesse sentido, compreendo que as histórias locais merecem ser contextualizadas.

Relembro que desde as primeiras incursões colonizatórias, a força de trabalho utilizada na região era formada por paraguaios e indígenas, correspondia, de acordo com a história oral, à maioria das pessoas que habitava a cidade assim, registro que a língua espanhola e o guarani sempre estiveram presentes em Porto Murtinho. Em decorrência desse movimento de realocização, muitos moradores locais são paraguaios ou, deles descendentes, e o município faz parte de uma zona de contato fronteira, forma a conurbação que utiliza de três línguas oficiais, o português, o espanhol e o guarani.

Estes idiomas se entrecruzam nas falas e são utilizados nas comunicações cotidianas, há certa fluidez em seus usos, com a apropriação de costumes e tradições paraguaias à cultura local. Por essa razão, não raro, ouvimos, durante caminhadas pelas ruas de Porto Murtinho, expressões proferidas em guarani por brasileiros, paraguaios que entabulam suas falas em português, comentários comuns acerca de suas tradições, a rigor dos conteúdos presentes no seguinte excerto:

P: o senhor poderia nos explicar como eram as manifestações culturais no passado?

E2: A cultura que tem aqui é paraguaia, do sul não tem influência aqui não, nem do lado paraguaio aqui perto não tinha. O que tem aqui é a cultura paraguaia que é muito agradável, como é até hoje. O povo acaba gostando dessa cultura, eles são muito ricos nessa parte, as músicas, as festas, estas danças deles, Toro Candil, Boi Tatá, o pessoal que veio para aqui começou a cultivar.

P: Por que é tão forte a cultura paraguaia aqui?

E2: Na Mate Laranjeira 90% eram paraguaios os trabalhadores. Eles eram o braço forte da época, a classe operaria era formada por paraguaios. [...] Murtinho, quando, na década de 70, a população era quase 80% paraguaia, se mudaram pra cá e levavam uma vida normal sem se preocupar com documentos. Até um tempo atrás o povo só falava em guarani, era bonito de ver. A partir da década de 70 já começou a influenciar bastante a cultura brasileira, mas a paraguaia permaneceu.

A respeito das razões que motivam as trocas culturais e as práticas linguísticas nas zonas de contato, considero que nesses locais “diversos grupos sociais interagem e as comunidades são tratadas como menos homogêneas e menos limitadas” (CANAGARAJAH, 2013 *apud* FERRARI, 2017), apesar da compreensão de que estas sociedades estabelecem e regulam certos padrões e que há ambiguidades em contextos fronteiriços registrados ao longo da história.

As diferenças locais, em contextos de fronteira, são usualmente criadas e motivadas por meio de práticas Estatais, intentadas com vistas a evidenciar as suas culturas. Nesse ambiente conflituoso, essas imposições enfrentam dificuldades de assimilação, diante das relações entrecruzadas e consolidadas ao longo do tempo pelas populações locais (SIMÕES, 2008). Depreendo que as identidades fronteiriças se formam mediante as suas referências culturais e sentimentos comuns de pertença, a esse respeito, Simões (2008) afirma que não há grupo sem cultura, e a cultura, expressão da identidade étnica, é transmitida e reproduzida por meio de processos de inculturação-socialização e educação.

Com relação às referências comunitárias locais, noto que se voltam, em larga escala, para os elementos da cultura paraguaia, motivos pelos quais, no contexto dessa pesquisa, prospectei, mediante a perspectiva da emergência e rizomática, abrir espaços para a coleta de dados que pudessem caracterizar os demais elementos e representar a identidade cultural local. Nesse sentido, ressalto que além das questões inerentes às práticas linguísticas, a culinária, a música, as vestimentas e a religiosidade foram exaltadas nas narrativas dos entrevistados.

Esses elementos de integração cultural serão detalhadamente avaliados no curso dessa pesquisa, com base nas teorias relacionadas às relações de poder, às práticas de resistência, de reexistência ou de reinvenção. Não obstante, com base nos paradoxos locais, nas influências globais e econômicas, descreverei, ao final, as expectativas dos moradores locais em relação às possíveis influências que poderão advir com o uso da Rota Bioceânica. A respeito dessas emergências, carrego a seguinte proposição:

Em vista de um nível macro de transculturalidade, prevê-se, segundo o filósofo, uma ligação externa e uma natureza internamente híbrida acerca das culturas envolvidas. Principalmente após o advento da globalização, as culturas contemporâneas se encontram em outras culturas, concedendo a ambas uma essência interna de hibridismo. No que diz respeito ao nível micro da transculturalidade, Welsch prevê o nível dos indivíduos, dado que estes, apesar de inseridos em um determinado grupo cultural, se diferenciam entre si por meio das narrativas e experiências únicas que trazem consigo (TOLEDO, 2015, p. 474).

Para fins de compreensão desse alcance, a considerar as influências culturais, interpreto que o homem não é um ser com identidade única, imutável e impenetrável. O indivíduo não vem ao mundo com uma identidade pronta e acabada, ela é formada por meio de processos interacionais, exposições ambientais e da miscigenação cultural, nos quais as nossas identidades se caracterizariam como uma identidade *patchwork* (TOLEDO, 2015).

Quanto a essa característica, destaca o autor que a “cultura não é nem uma parte de um todo, nem o depósito de suas histórias. Sua vitalidade reside em sua dialética, em sua necessidade de aceitar as perspectivas opostas e narrativas discordantes” (BRUNER, 2003, p. 91, *apud* TOLEDO, 2015, p. 474). Compreendo, portanto, que o homem é fruto de um contínuo processo de modelagem identitária cultural, se submete permanentemente a influências sociais em cujas sociedades igualmente se encontram em constantes transições (TOLEDO, 2015).

Não obstante, a considerar que na contemporaneidade as "fronteiras estão em toda parte" (BALIBAR, 2002 *apud* RUMFORD, 2012, p. 888), há necessidade de ressaltar que as abordagens feitas nessa pesquisa não se basearam em pressupostos ou instrumentos de exclusão. Considerei a ótica do multiperspectivismo que me conduziu à análise das condições associadas ao reconhecimento mútuo, sentimentos de pertencimento e de convivência harmônica, motivadoras da formação de uma sociedade comum, que permite a sua coexistência e funcionamento, como comunidade (RUMFORD, 2012). Por essas razões, interpreto como de igual importância, a investigação e a análise das expectativas dos moradores em relação às obras da Rota Bioceânica, bem como os possíveis impactos culturais que com ela poderão advir.

Por fim, informo que ao longo do processo de coleta de dados foram necessários ajustes como forma de permitir a abordagem de outras questões epistêmicas que mereceram esclarecimento e, a esse respeito, consigno que o plano inicial se manteve intacto e os objetivos da pesquisa foram alcançados, uma das características da metodologia de pesquisa adotada, baseada na emergência pós-moderna, com viés rizomático.

3.1 Repertórios translíngues na fronteira de Porto Murtinho e Carmelo Peralta: o monolinguismo como ferramenta de exclusão

Retorno ao depoimento do Entrevistado nº1. Punido por sua dificuldade na comunicação na língua portuguesa, se viu estereotipado como índio burro e foi obrigado a sair da sala ou nela permanecer na “posição de urubu”. A imposição do castigo, com a obrigação de o aluno se manter em postura imóvel, com os braços retos, esticados e abertos, pode representar uma violência epistêmica cometida pela professora, em decorrência de padronização pedagógica monolíngue.

Figura 10 - Urubu



Fonte: Wikimedia, 2021.

O ex-aluno, estereotipado como índio relatou que “antes das embarcações motorizadas, [...] os chalaneiros levavam as pessoas pra comprar na ilha. Na beira do rio havia uma grande aglomeração de pessoas, tinha uma feira montada pelos paraguaios”, de acordo com as suas informações, o aglomerado humano se comunicava fluidamente, pois “esse pessoal falava o português, guarani e espanhol, falando os três idiomas conseguiam se entender. Isso se manteve, com essa mistura a população consegue se entender”. A par dessa informação, compreendo que o plurilinguismo era comum em Porto Murtinho, exceção feita apenas nos ambientes escolares:

P: Quando você se mudou para Porto Murtinho?

E7: Vim pra cá com 13 anos, morava em Forte Olimpo. Pra procurar trabalho, não tinha nada lá, hoje em dia tá bem tranquilo.

P: Você estudou aqui?

E7: Quando cheguei em Porto Murtinho matriculei na escola, estudei um pouco, meu pai separou e foi embora e fiquei com a minha mãe, pouco depois deixei a escola [...] Quando fui pra escola foi ruim pra mim, não conseguia entender [...] Só levava xingo da professora, ela dizia que não tava falando direito [...] mais ou menos falava Castilho, tive que aprender na marra.

P: Como você aprendeu o Português?

E7: Aprendi português com a vida. No trabalho falava em guarani com os colegas no hotel Americano, que também eram paraguaios, era mais fácil.

P: Você saiu da escola por causa dos xingamentos?

E7: Não, eu tinha que trabalhar. [...] Era só eu que tinha problemas pra entender, me xingava porque não conseguia falar português direito, mandava eu falar mais alto.

P: E na sua família, como é? Falam em português?

E7: Somos cinco irmãos, todos falam guarani, até hoje. Em casa, na casa da minha mãe a gente só fala em guarani.

O excerto acima contém a explicitação de outra situação de violência epistêmica, que poderia não ser comuns com os alunos em processo de alfabetização, em contextos bilíngues nas zonas de fronteira. Nota-se que dois cidadãos, falantes apenas da língua guarani, se submeteram à prática colonial monolíngue, passaram por constrangimentos e foram vítimas de preconceito linguístico, em ambiente escolar sediado no Brasil.

Ao prosseguir com as conversas, constatei a existência de eventos e passagens em seus cotidianos que revelaram práticas de resistência e de reexistência, em ambientes familiares e comunitários. Para fins de contextualização, resalto que os fatos narrados se deram há mais de 20 anos e, contemporaneamente, também se desenvolviam práticas assemelhadas em território paraguaio. Sobre a ocorrência no território guarani, a Entrevistada 9, residente na Ilha Margarida, informou que aprendeu a língua guarani, depois a espanhola e, por fim o português, com certa especialização no uso da língua.

P: A senhora fala quais idiomas? Qual aprendeu primeiro?

E9: Eu aprendi primeiro o guarani, o espanhol eu vim a aprender malema na escola e depois na convivência de passar no mercado, essas coisas, tive que aprender o português também. O espanhol praticava na escola e o português pela convivência. Falava esses idiomas tudo mal. Eu não sei falar direito nem espanhol, nem português. O guarani é que nem inglês, se escreve de uma forma esquisita e se fala de outra maneira.

P: Como se dão as conversas da senhora por aqui? Na Ilha e em Porto Murtinho?

E9: A gente começa falando guarani e termina falando português e o que menos usa é o espanhol. Na escola, com a professora falando espanhol era diferente, foi uma coisa estranha. Dificultou bastante, mas Deus nos concede essa inteligência de entender, criança capta em seguida as coisas, dificultou um pouquinho, a gente não fala bem e leva umas broncas.

P: Como assim? Leva bronca?

E9: Naquela época você era bem discriminado falando guarani, era chamado de índio, guarango, agora não, estão incentivando a cultura, de que é um idioma que vem do Paraguai mesmo [...] Naquela época as professoras tudo vinha de Assunção e por lá quase não se fala guarani, antigamente eram bem rígidos para você falar espanhol. É tão complicado você falar guarani e ter que falar espanhol.

P: Havia outros tipos de castigo? Só bronca?

E9: Naquela época as professoras eram como se fosse militar, mas também a gente aprende, porque que hoje em dia os jovens não aprendem? Era um pouco delicado o jeito que tratavam a gente. A gente ia tremendo, com medo, nervosa. Aprendi bem matemática, no meu comercio uso bem.

P: E em Porto Murtinho, especificamente, como é a sua comunicação com o povo de lá?

E9: Minha neta, que nasceu aqui, quando fala guarani e espanhol tem sotaque, mas o português tranquilamente. Quando vou pra Porto Murtinho, automaticamente falo em português, mas quando vou no medico eles não gostam do sotaque. Ninguém obriga nós a falar português somente [...] Tem gente que fala com nós em guarani.

P: E quanto aos brasileiros que vem à Ilha? Eles falam em espanhol ou guarani com vocês?

E9: Falam em português [...] Já me questionei sobre isso ai, mas isso, pelo menos eu não me sinto obrigada a ser diferente, a não ser no posto de saúde. Isso que eu falo tem alguns médicos que vem de longe e eu já tive uma experiência com um médico, eu falei com sotaque e ele perguntou: você veio do Paraguai [...] Maltratam. Ele pegou meus estudos médicos feitos em Assunção e logo jogou.

P: É sempre assim? Com todos os médicos?

E9: Em Campo Grande falei pro médico que sou brasileira e moro no Paraguai, o médico disse saúde não tem lugar. Em Assunção o médico percebeu que eu misturo palavras e já mudou comigo.

P: A senhora já se sentiu discriminada?

E9: Já me questionei a respeito da discriminação, uso meus limites, começo a lembrar como posso usar uma palavra em português e logo falo em guarani ou espanhol. [...] Eu não tenho essa diferença de discriminar ou pensar que sou melhor que os outros, mas tem gente que vai lá bate boca, discrimina.

Segundo esses relatos, analiso que há uma hierarquização na utilização das línguas, com o guarani adotado nas práticas cotidianas, o espanhol nas escolas e o português, nas atividades comerciais, sociais, nos equipamentos comunitários e públicos em Porto Murtinho. Essa declarante é brasileira, foi adotada por uma mulher paraguaia quando criança, desde então reside na Ilha Margarida e lá sobrevive graças às suas atividades em um pequeno comércio.

Além da especialização no uso das línguas, constato que ela se submeteu à prática monolíngue, com a imposição do espanhol na escola pública paraguaia e ao preconceito ou racismo linguístico, durante as suas consultas médicas nas cidades de Porto Murtinho e de Assunção. Perguntada quanto à capacidade de se comunicar nas três línguas, limitou-se a

relatar que possui certa dificuldade para se comunicar em português e espanhol. Como meio de explicitar seus apuros nos usos dessas línguas, comparou o uso do guarani ao inglês.

Frente a esses recortes, destaco que os ex-alunos se submeteram, em época pretérita, a atos perpetrados em escolas públicas, provavelmente adotantes de práticas pedagógicas tradicionalistas, previamente formatadas, por meio em padrões normativos vinculados às respectivas línguas oficiais (MONTE MÓR, 2014). Nessas condições, os professores acabaram por reproduzir “relações de poder assimétricas, mantendo, portanto, as mais diversas formas de desigualdade e exclusão social” (ROCHA; MACIEL, 2013, p. 15). Sobre essa prática, considero que as pedagogias, implementadas sob as perspectivas *trans*, podem contribuir com a inclusão dos alunos por contemplar todos os fenômenos em movimento, sem cair no total relativismo (FREITAS; FERNANDES, 2018, p. 213), pois ao contrário, a adoção de padrões monolíngues pode conduzir a situações de supressões sociais.

Ainda, a respeito dos repertórios linguísticos, notei que na conurbação formada pelos dois municípios há contatos interculturais frequentes, entre pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais, sobre essa característica, considero que os processos de ensino podem auxiliar na mitigação de conflitos e adequar as práticas pedagógicas às diferenças culturais (SOUZA, 2010, p. 293).

Compreendo que nesses ambientes, imposições monolíngues com o poder concentrado nas mãos dos professores podem assumir vieses excludentes por se darem por meio do uso de ferramentas aparelhadas pelo Estado que normatizam condutas (FOUCAULT, 2004). No tocante, considero, em complemento, que a adoção de práticas translíngues pode contribuir para a minimização dos índices de abandono escolar, pois o caráter hegemônico das línguas nacionais pode provocar a exclusão e promover a violência epistêmica, de modo semelhante ao ocorrido com alguns dos entrevistados. Sai da minha sala, índio burro! Fica na posição de urubu! Xingamentos, determinações para falar mais alto, atribuição de estereótipos, rotulagens de cidadãos comuns como índios ou *guarangos*, são expressões discriminatórias e excludentes que não têm o condão de contribuir para a formação e a integração de cidadãos ao meio social.

Na contemporaneidade, a utilização de práticas pedagógicas voltadas para as realidades sociais e locais passou a ser a tônica educacional, em detrimento das teorias hegemônicas, fundadas em paradigmas que “corroboram formas estreitas, bipolarizadas e monolíticas de enxergar a sociedade e sua interface com a linguagem, com a educação e com o poder” (ROCHA; MACIEL, 2013, p. 15). Por essas razões, consigno que as práticas

pedagógicas baseadas em mecanismos de ensino-aprendizagem em apenas uma língua, não encontram suporte na contemporaneidade (MONTEAGUDO, 2012).

Nesse diapasão, ressalto que o perfil social contemporâneo é caracterizado por pessoas com acesso aos meios tecnológicos de comunicação e pelos intensos movimentos globais. São atributos que viabilizam novas formas e metodologias de inclusão social e repercutem com maior vigor nos processos transculturais.

Em apoio, consigno que a noção de estado-nação, fundada sob a perspectiva monolíngue, há muito foi superada e as narrativas voltadas puramente às questões territoriais, para justificar ideais de pertencimento, deixaram de se prestar como subsídio para a utilização de práticas monolíngues. Quanto a esse tema, pontuo que há conexão da língua indígena guarani com a cultura de Porto Murtinho, bem como identifico a estreita relação entre as identidades dos moradores locais com os paraguaios e seus descendentes.

Com respeito a essa observação, reporto-me à Hall (2014, p.40). Para esse autor, os significados advêm das relações de “similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua”, desse modo, as condicionantes locais passam a merecer apreço e o emprego de práticas pedagógicas voltadas para a compreensão das similaridades e diferenças – as diversidades, podem ser adotadas em Porto Murtinho.

Quanto às práticas pedagógicas modernas, considero que a translíngua, por atuar em sentido interpretacionista e integracionista, envolve, simultaneamente, os repertórios comunitários e os signos apropriados e inseridos nos respectivos códigos linguísticos. Nesse sentido, pode viabilizar a identificação, a manutenção e a propagação da linguagem e da cultura local. Fundamento essa análise ao tomar por base as características inerentes à conurbação formada por Porto Murtinho e Carmelo Peralta.

Nela, observo a presença de sistemas cíclicos, em que os membros e usuários cotidianamente trocam mensagens e se apropriam, mutuamente, dos conhecimentos que são compartilhados. Ressalto que essas relações, quando se dão por meio da língua guarani, evidenciam práticas de reexistências comunitárias, por meio de processos com fluxos contínuos e se prestam para a manutenção da cultura local. Para fins de ilustração desse entendimento, aponto as exposições de Chauí:

Há um vaivém contínuo entre as palavras e as coisas, entre elas e as significações, de tal modo que a realidade (as coisas, os fatos, as pessoas, as instituições sociais, políticas, culturais), o pensamento (as ideias ou conceitos como significações) e a linguagem (as palavras, os significantes) são inseparáveis, suscitam uns aos outros, referem-se uns aos outros e interpretam-se uns aos outros (CHAUÍ, 2006, p. 156).

Trata-se de posição na qual, torna-se evidente a compreensão de que as línguas podem possibilitar a transmissão de pensamentos e ideais, permitir inter-relações nas mais variadas formas e, na condição de parte de um código que é aceito pela sociedade, a língua guarani poderia se tornar um bem coletivo na região. Em consonância, delimito que culturalmente, em Porto Murtinho a língua guarani é reconhecida como proveniente da cultura indígena e ocupa uma posição relativamente pétreia. Analiso, com base nos relatos, que a língua guarani atua, em certas situações, como provedora de conhecimento e responsável pela perpetuação da memória local. Por essa razão, noto que há conexão entre a língua, a sociedade, a identidade e a cultura dos residentes na conurbação formada pelas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta.

Delimitado o meu entendimento sobre a presença da língua guarani, cumpre abordar as questões relativas às possíveis práticas de diglossia e de preconceito linguístico. A imposição, em zonas de fronteira, de limites em relação ao que seja interior e exterior provoca dicotomias, nesse cenário, pode haver antagonismos entre quais seriam as línguas priorizadas e as estrangeiras (BUSCH, 2012). A possível hierarquização de línguas, em territórios compartilhados, pode gerar conflitos e conduzir ao desaparecimento da língua inferior, no caso dessa pesquisa, a guarani seria a em perigo.

No caso, afasto dos meus entendimentos a noção de bilinguismo puro, pois nesse não há valoração entre línguas, condição não observada nas narrativas dos entrevistados. Reflexiono, com base nas informações prestadas, que há a especialização de funções linguísticas, situação caracterizadora da diglossia, mediante a priorização do português ou do espanhol, em detrimento do guarani. A par dessa possibilidade, passo a considerar a ocorrência dessa prática ou, em instância alternativa, de preconceito linguístico.

P: Como se dava a comunicação em ambiente escolar?

E1: Por muito tempo era proibido do lado brasileiro pronunciar uma frase em guarani, eu fui punido [...] era proibido falar o guarani, quem sabia falar não podia falar, ficou mais no âmbito familiar, eu falo guarani com minha família no sitio

P: E na atualidade, como é?

E1: [...] o guarani ainda é utilizado por famílias mais antigas e em ambiente familiar, o pessoal tem vergonha de falar o guarani publicamente [...] Se você falar o guarani numa escola o pessoal fica em silêncio.

P: Você estudou aqui?

E7: [...] Quando fui pra escola foi ruim pra mim, não conseguia entender [...] Só levava xingo da professora, ela dizia que não tava falando direito [...] mais ou menos falava Castilho, tive que aprender na marra.

P: Você saiu da escola por causa dos xingamentos?

E7: Não, eu tinha que trabalhar. [...] Era só eu que tinha problemas pra entender, me xingava porque não conseguia falar português direito, mandava eu falar mais alto.

P: E na sua família, como é? Falam em português?

E7: Somos cinco irmãos, todos falam guarani, até hoje. Em casa, na casa da minha mãe a gente só fala em guarani.

P: Como assim? Leva bronca?

E9: Naquela época você era bem discriminado falando guarani, era chamado de índio, guarango [...] Naquela época as professoras tudo vinha de Assunção e por lá quase não se fala guarani, antigamente eram bem rígidos para você falar espanhol. É tão complicado você falar guarani e ter que falar espanhol.

P: E em Porto Murtinho, especificamente, como é a sua comunicação com o povo de lá?

E9: [...] quando vou no medico eles não gostam do sotaque. Ninguém obriga nós a falar português [...] Tem gente que fala com nós em guarani.

P: E quanto aos brasileiros que vem à Ilha? Eles falam em espanhol ou guarani com vocês?

E9: Falam em português [...] Já me questionei sobre isso ai, mas isso, pelo menos eu não me sinto obrigada a ser diferente, a não ser no posto de saúde. Isso que eu falo tem alguns médicos que vem de longe e eu já tive uma experiência com um médico, eu falei com sotaque e ele perguntou: você veio do Paraguai [...] Maltratam. Ele pegou meus estudos médicos feitos em Assunção e logo jogou.

P: A senhora já se sentiu discriminada?

E9: Já me questionei a respeito da discriminação, uso meus limites, começo a lembrar como posso usar uma palavra em português e logo falo em guarani ou espanhol. [...] Eu não tenho essa diferença de discriminar ou pensar que sou melhor que os outros, mas tem gente que vai lá bate boca, discrimina.

Ao teor dessas narrativas, reflito que certas palavras podem possuir os mesmos significados em mais de uma língua, mas os seus *feelings* podem não ser necessariamente os mesmos. A esse respeito, pondero que as noções de superdiversidade e as teorias afetivas se prestam para auxiliar nessa demonstração, pois em situações informais, os falantes fazem a opção pelo uso dos códigos linguísticos, de acordo com seus repertórios e em razão dos contextos em que as suas práticas se dão.

A institucionalização do uso das línguas portuguesa e espanhola, em patamares superiores ao guarani, pode avançar no sentido de excluir a liberdade no plano individual subjetivo, em detrimento de convenções coletivas ou Estatais normatizadas e conduzir à extinção da língua indígena em Porto Murtinho.

Quanto à imposição monolíngue, identifico a presença de possível diglossia nos ambientes educacionais e reforço que práticas pedagógicas translíngues, podem elevar ao mesmo patamar, os códigos disponíveis em Porto Murtinho, garantirem a eficácia nos

processos de ensino-aprendizagem e impedir a ocorrência de discriminações ou evasões escolares, a esse respeito, colaciono as explicações de Ferreira:

A escola deve refletir e pensar suas ações tendo conhecimento das consequências da adoção de abordagens de ensino bilíngue que não contribuem com a manutenção cultural e linguística dos seus povos. É preciso fazer projetos políticos-pedagógicos que escutem o que realmente a comunidade deseja e não sejam baseados no currículo da sociedade não indígena, baseando-se sim na dialogia social. Para que isso ocorra de forma efetiva, é necessário qualificação, tanto dos professores indígenas, que precisam atentar-se a essas questões, quanto das demais pessoas e órgãos que lidam com a Educação Escolar Indígena, pois muitos dos empecilhos vêm das próprias Secretarias de Educação (FERREIRA, 2013, p. 28).

Com respeito à prática de diglossia na conurbação, não é complexo demonstrar que a comunidade de fala de Porto Murtinho não equivale à da língua guarani, mas é impossível negar o seu uso na forma popular. Trata-se de uma convivência linguística tal que “se comunidades de fala são definidas apenas pelas suas características linguísticas, devemos reconhecer a inerente circularidade de tal definição, dado que a própria língua é compartilhada” (WARDHAUGH, 1992, p. 118 *apud* MARANHÃO, 2011, p. 52). Desse modo, assinalo que as diversas características locais fundamentam a opção do falante por um ou outro código, a depender de condições que não são propriamente linguísticas, mas sociais, econômicas e étnicas.

Por outro lado, interpreto que nas suas práticas linguísticas comunitárias locais pode haver uma espécie de diglossia reversa, caracterizada por sentimentos de subalternidade ou de vergonha e receio no uso língua guarani. Há discriminações dos usuários da língua indígena, tanto por parte de paraguaios quanto por brasileiros, que consideram as línguas, espanhola e portuguesa, superiores. Analiso que se trata um modelo consuetudinário, assumido de forma tácita, que organizou na comunidade local o plurilinguismo em padrões e escalas, com a separação dos idiomas português, espanhol e guarani em estratos, e em razão do uso. As línguas portuguesa e espanhola ocupam uma espécie de *status* normativo-social, com seu uso obrigatório nas escolas e em espaços da administração pública, enquanto que o guarani se limita mais ao uso popular.

A respeito desse ajuste consuetudinário, repiso que parte da literatura paraguaia reconhece a inexistência do bilinguismo puro no Paraguai. Para alguns autores, há uma diglossia que privilegia a língua espanhola (MELIÀ, 2011), embora tivesse o espanhol paraguaio assimilado, em parte, a língua indígena e ter dado origem à *Jopara*, uma variedade dialética corriqueiramente utilizada por *guarangos* (SEGOVIA *et al.*, 2012). Nessa condição,

reforço minha compreensão quanto à existência de práticas de diglossia e de preconceito linguístico, nos territórios brasileiro e paraguaio.

No caso, o preconceito linguístico tem relação com o objeto estético e se vincula às noções de que a língua guarani é inferior. “Sai da minha sala, índio burro!” é uma expressão verbal, dirigida ao membro da sociedade pertencente à etnia paraguaia. Monolíngue e falante da língua guarani, o aluno pertence a uma diversidade, caracterizada por um grupo ou minoria social, falante da língua guarani. A violência epistêmica se deu em razão da desconformidade da sua fala, com padrão linguístico formatado na língua portuguesa, assumido pelo professor como normativamente correto (FREITAS; FERNANDES, 2018, p. 211), e por essa razão, foi esteticamente estereotipado, nesse sentido:

Esse viés sociolinguístico é mais sério quando o falante pertence a uma classe social inferior. No Brasil e em muitos outros países, quanto mais baixo for o status socioeconômico da pessoa, mais perto ela estará do analfabetismo, de "não saber falar", "falar mal" ou "falar feio". A mesma frase dita por uma pessoa economicamente próspera soa diferente, porque se torna "foi um descuido de sua parte" e o caso de uma pessoa desfavorecida torna-se 'não posso falar' (HEIZE; MENEGHEL, 2009, p. 38).

A respeito dessa prática, cito que a zona de contato, na conurbação formada por Porto Murtinho e Carmelo Peralta, “possui vários idiomas circulando livremente no seu território como o Guarany, o Espanhol, o Português, o Ayoréo, além de outras línguas indígenas faladas nas aldeias nos arredores do município” (ANASTÁCIO; ROCHA, 2020, P. 2). A considerar esses aspectos, destaco as narrativas da Entrevistada nº 9, em que há relatos das suas conversas com médicos brasileiros e paraguaios.

Esses profissionais da saúde ocupam posição social, *status* educacional e financeiro, superiores ao dela e, embora compreendessem as suas mensagens, assumiram posições preconceituosas, cessaram a sua liberdade de falar livremente e utilizar seu repertório. A prática desse preconceito ou racismo linguístico foi também observada, de forma reflexiva, nas narrativas de outros entrevistados. Malgrado não houvesse proibição ostensiva e generalizada em relação ao uso do guarani, as restrições se limitem (ássem) aos ambientes escolares, analiso que a não utilização da língua indígena em outros locais passou a se dar, exclusivamente, por opção dos falantes, diante o receio de constrangimentos.

3.2 Repertórios Transculturais na fronteira Brasil/Paraguai na conurbação formada pelas cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta

E5: Olha, do ponto de vista dos documentos e da história oral, a elite era europeia [...] Os trabalhadores eram notoriamente de origem ameríndia ou mestiços com espanhóis, portugueses, alemães, franceses, holandeses. [...] O povo sempre foi uma mescla de base ameríndia [...] Era uma característica observada em ambos os lados.

O perfil étnico-cultural da porção central do Continente Sul-Americano é representado por uma mistura de etnias, tradições e costumes, de origens europeia, indígena e africana, fruto dos intentos coloniais. Com relação à colonização do Brasil e do Paraguai, observo que as mesmas foram marcadas por períodos de disputas e conflitos, notadamente entre povos originários e colonizadores e se deram, especialmente, em relação às questões linguísticas e religiosas.

Findados os períodos coloniais, passou a ser possível observar certo equilíbrio nas disputas de natureza identitária, frente às novas concepções, experiências e visões de mundo. Na atualidade o local se funde com as noções de translocal e global. No âmbito das cidades de Porto Murtinho e Carmelo Peralta, as experiências e visões de mundo são compartilhadas por meio de sentimentos comuns, de pertença e de identidade local.

Esses fundamentos mantêm vivos as tradições e os costumes, mesmo aqueles mais distantes que remetem ao passado colonial e ao universo simbólico dos indígenas, observadas no folclore e na religiosidade. Sobre essa identificação, aduzo que além do uso relativamente comum da língua, há nas manifestações culturais em Porto Murtinho, elementos do folclore, das tradições e dos costumes paraguaios, com a integração dos moradores locais com os de Carmelo Peralta, nos festejos populares, na música, na arte, na culinária e na religião.

Portanto, em contextos culturais, o município mantém, desde longa data, estreita integração com o Paraguai. Além do trabalho, do folclore, dos festejos populares, da música e de outras formas de arte, também na culinária se difundiu o consumo da chipa, da sopa paraguaia, do lambreado, do vori-vori e do puchero. Essas práticas culturais revelam a singularidade plasmada pelo processo histórico na materialidade do território. O idioma é uma junção e sobreposição da língua portuguesa, do guarani e do espanhol (castelhano), marcando a singularmente a condição de fronteira com o Paraguai (IMASUL, 2021, p. 94).

No período colonial as relações na região não eram amistosas, de acordo com o Entrevistado 1 “Tinha um clima tenso entre os paraguaios e os que estavam do lado de cá, a

maioria não era daqui então não foi grave no início, a partir da formação da identidade local começou a ter maiores rixas”. Segundo esse morador “Aconteciam crimes, havia uma separação muito grande e, com o tempo, isso foi sendo superado, e aí começou a cultura paraguaia a ser adquirida no lado de cá, principalmente a cultuação do *Toro Candil* e as manifestações religiosas”.

Com base nas declarações do Entrevistado 7, considero que até recentemente, antes da pandemia do coronavírus, a celebração a Nossa Senhora do Caacupé, ocorria com frequência em Porto Murtinho e para a Entrevistada 9, essas manifestações são de relevo e de importância para a cultura local:

P: Como se dão as celebrações culturais na região?

E9: Pra falar a verdade os murtinhenses são muito mais ligados a virgem do que nós, lá fazem uma festança, aqui não tem mais esse sentimento, essa alegria, eu não sei o que acontece aqui, em outros lugares é muito forte.

Figura 11 - Celebração à Virgem de *Caacupé* em residência de Porto Murtinho.



Fonte: Ermínio *apud* Araújo, 2014.

O Murtinhense se apropriou das músicas, festas, danças, eventos religiosos e de elementos do folclore paraguaios. A figura acima representa uma desses eventos. No dia que antecede a celebração à Virgem de *Caacupé*, as promesseiras festejam ao ritmo da polca paraguaia e do chamamé, em meio a risos e gritos de alegria esses fiéis expressam sua grande devoção à Virgem, cuja imagem é mantida em um altar enfeitado com as cores das bandeiras

do Brasil e do Paraguai (TEDESCO, 2017). Há outra manifestação, alusiva ao *Toro Candil*, amplamente citada pelos entrevistados, proveniente do folclore paraguaio:

E2: A cultura que tem aqui é paraguaia, do sul não tem influência aqui não, nem do lado paraguaio aqui perto não tinha. O que tem aqui é a cultura paraguaia que é muito agradável, como é até hoje. O povo acaba gostando dessa cultura, eles são muito ricos nessa parte, as músicas, as festas, estas danças deles, Toro Candil, Boi Tatá, o pessoal que veio para aqui começou a cultivar.

E5: A cultura popular era eminentemente paraguaia de origem indígena. A cultura paraguaia era muito mais forte [...] O Toro Candil,

Sobre esse evento festivo, Tedesco (2017) relata que o mesmo se dá por meio de brincadeiras dos participantes com “*pelotas tatás*” e disputas com um boi, que se lança pelas ruas com os chifres em chamas. Essas brincadeiras iniciam ao som da polca paraguaia e com um jogo semelhante ao futebol. A *pelota* (bola em espanhol) *tatá* (fogo em guarani), utilizada nas celebrações, é fabricada com estopas.

Depois de mergulhada em óleo, é ateadado fogo na *pelota tatá* e uma espécie de futebol na rua se desenvolve até que as chamas se apaguem. Depois desse futebol incandescente, os participantes dão vida ao *Toro Candil*, que passa a lhes perseguir pelas ruas, com os chifres em chamas. Feitas essas ponderações, identifico que a integração cultural na conurbação local se dá com base na utilização das línguas paraguaias e portuguesa, no gosto comum pela música, na gastronomia, na religiosidade e é resultante de apropriações de naturezas tipicamente fronteiriças.

Sobre esse processo de apropriação, o Entrevistado 1 explica que com apoio do colégio de freiras “modelavam as alunas a igreja católica tinha um poderio muito grande, com a religião e os costumes tudo foi modelando a cultura e a integração aumentando, o pessoal se apropriando do que é típico da fronteira”. Analiso que a apropriação da cultura paraguaia, conforme situa Lima (1978, p. 77), se deu de forma natural, pois os moradores “da fronteira, pouco a pouco, assimilávamos dos vizinhos guaranis, os hábitos, os costumes, o dialeto, o modismo e o estilo comercial”. Para o autor, essas apropriações foram facilitadas pela “bela e emocionante música [...] festas alegres e entusiasmantes” (LIMA, 1978, p. 77), sobre esse aspecto em Porto Murtinho, transcrevo os seguintes excertos:

P: o senhor poderia nos explicar como eram as manifestações culturais no passado?

E2: A cultura que tem aqui é paraguaia, do sul não tem influência aqui não, nem do lado paraguaio aqui perto não tinha. O que tem aqui é a cultura

paraguaia que é muito agradável, como é até hoje. O povo acaba gostando dessa cultura, eles são muito ricos nessa parte, as músicas, as festas, estas danças deles, Toro Candil, Boi Tatá, o pessoal que veio para aqui começou a cultivar.

P: Por que é tão forte a cultura paraguaia aqui?

E2: Até um tempo atrás o povo só falava em guarani, era bonito de ver. A partir da década de 70 já começou a influenciar bastante a cultura brasileira, mas a paraguaia permaneceu.

P: Como se dão as celebrações culturais na região?

E9: Pra falar a verdade os murtinhenses são muito mais ligados a virgem do que nós, lá fazem uma festança, aqui não tem mais esse sentimento, essa alegria, eu não sei o que acontece aqui, em outros lugares é muito forte. Nos pegamos mais os costumes do brasil, pelo menos em termos de religião, eu vejo no corpus christi, incentivam anima os jovens. Aqui acabou, tinham pessoas que movimentavam muito nos, se mudaram.

P: Como é caracterizada a cultura em Porto Murtinho?

E5: A cultura popular era eminentemente paraguaia de origem indígena. A cultura paraguaia era muito mais forte [...] O Toro Candil, as músicas, os bailes, eram notoriamente paraguaios ou platinas. [...] A polca, o chamamé e a guarânia vieram com os paraguaios para porto Murtinho. [...] A cultura mantém-se e não mantém-se. Ha registros de que ela esteja presente no dia a dia e no cotidiano das pessoas, principalmente nos mais velhos. [...] Que é uma mistura de elementos ameríndios, espanhóis e portugueses.

P: Como o senhor avalia a cultura local?

E3: O murtinhense absorveu a cultura paraguaia. Com as enchentes ficaram só os locais, muitos foram embora. Temos uma mescla na língua, na dança, na música. Temos médicos e advogados que foram embora e não voltaram mais, ficaram os locais. Quem tinha mais poder aquisitivo ia embora e os menos favorecidos se juntavam com os paraguaios, tinha essa questão da língua, da culinária. Isso prevaleceu até hoje.

P: Como se deu o processo de formação cultural em porto Murtinho?

E1: Com a religião e os costumes tudo foi modelando a cultura e a integração aumentando, o pessoal se apropriando do que é típico da fronteira. [...] o pessoal vem mantendo costumes, tem a gastronomia, o idioma, as falas e as gírias, enfim, inclusive as festividades.

P: Isso vem se mantendo?

E1: Na beira do rio havia uma grande aglomeração de pessoas, tinha uma feira montada pelos paraguaios [...] Esse pessoal falava o português, guarani e espanhol, falando os três idiomas conseguiam se entender. Isso se manteve. Com essa mistura a população conseguia se entender. [...] A comida é um elemento de integração cultural aqui. A alimentação promove mais integração do que a língua.

Analisando que, para os entrevistados, é positiva a apropriação de tradições e costumes da cultura paraguaia pelos Murtinhenses. Com base nessas informações, bem como nas demais coletadas na região, noto que a cultura do país vizinho é enaltecida, pois caracterizada como

agradável, rica, alegre, forte e integrativa e por esses motivos foi assimilada e mantida pelos Murinhenses.

Exponho que, dentre os depoimentos colhidos, emergiram, com maior ênfase, remissivas às celebrações ao *Toro Candil*, à Virgem de *Caacupé*, à música, à língua e à gastronomia. Por essas razões, compreendo, diante da multiplicidade de elementos reportados nas dinâmicas socioculturais com os moradores da conurbação, que foi pertinente a análise dos repertórios culturais por meio das concepções *trans*, das noções de *meaning* (sentido) e *feeling* (sentimentos), da superdiversidade, do conceito de cronotopo e das teorias afetivas.

A adoção da perspectiva *trans* tornou possível o revolvimento de todos os caracteres transemióticos, de forma ampla e multimodal. Essa ferramenta se prestou para facilitar a compreensão dos processos de hibridação e de construção de sentidos, ao se enveredar pelo campo da semiótica social e analisar as dinâmicas e as práticas sociais, por meio dos usos e costumes dos sujeitos entrevistados (MACIEL; PEREIRA, 2019). A respeito da efetividade dessas práticas, consigno que para os autores, os *meanings* atribuídos aos signos serão mais bem valorados e, dentro das respectivas diversidades, os *feelings* dos sujeitos passam a ser devidamente interpretados.

A adoção dessas noções também proporcionou a análise dos dados coletados por meio das suas integrações e vinculações aos múltiplos processos transemióticos da comunidade, aos respectivos cronotopos e diversidades. A consideração de pesos e medidas não permitiu “hierarquizar a fala ou escrita em detrimento dos outros recursos [...] O prefixo *Trans* contempla a possibilidade de considerar as formas de construções de sentidos para além dos aspectos linguísticos e semióticos” (MACIEL; PEREIRA, 2019, p. 2679). Situação na qual reputo que essas modalidades possibilitaram a observação, de forma diferenciada, do conjunto das práticas sociais elencadas nas entrevistas (VOGEL; GARCIA, 2017, p. 1) e viabilizaram a análise dos dados coletados, nos respectivos espaços-tempo dos falantes, com a devida apropriação dos sentidos.

A respeito da posição cronotópica do falante, em relação às prospecções dos sentidos, entendo que foi viável e pertinente a sua assunção para fins dessas análises, pois permitiram voltar a atenção para a investigação dos valores conferidos pelos indivíduos¹⁰ às respectivas

10 O sujeito em Foucault é caracterizado em razão das relações de poder que orbitam tanto do lado dominante quanto dos dominados. Se dão nas relações sociais entre indivíduos, assim, uma das formas de constituição dos indivíduos em sujeitos é através da sua identificação comunitária e da oposição (FOUCAULT, 1995, p. 234) aos poderes “maiores” presentes na sociedade, manifestados nos discursos.

mensagens, nas respectivas línguas-mães e posições sócio-econômico-culturais, bem como às expressões transemióticas que compõem as suas culturas e a local.

Assim, interpreto que a adoção das práticas *trans*, nessa pesquisa, possibilitou um olhar mais afastado das ideologias de naturezas linguística, cultural e racial, sem a hierarquização ou discriminação das práticas sociais das minorias (VOGEL; GARCIA, 2017). A análise semiótica sob essa perspectiva tornou-se viável porque diferentes mensagens foram captadas nas entrevistas e mutuamente se combinaram mesmo aquelas emanadas por sujeitos que se encontravam em diferentes diversidades e cronotopos, pois convergiram, de forma simultânea, para significar, no todo, um algo que emergiu como pertencente à comunidade local.

Quanto a essa concepção, registro, em relação às línguas, que os sujeitos locais convivem nos seus próprios ambientes, nas suas correspondentes diversidades sociais e semióticas (GARCIA; WEI, 2014), mas aceitam-se, mutuamente, como se pertencessem a uma mesma comunidade. Compreendo que essas concepções permitiram explicitar mais apropriadamente os sentidos que os sujeitos locais buscaram atribuir às manifestações, sobre esse aspecto elenco que mencionaram a cultura paraguaia como agradável, rica, alegre, forte e integrativa.

São adjetivações que se deram nos contextos de suas falas, com variáveis vinculadas às suas identidades e realidades, tais como as diversidades socioculturais, de etnia, de nacionalidade e de idade. Sobre essa constatação, ressalto que foi de estreme importância considerar, nas análises, todos os recursos semióticos disponibilizados e observados na pesquisa e contextualizar os dados obtidos aos variados modos pelos quais os habitantes da conurbação se envolvem nas práticas sociais locais (CANAGARAJAH, 2013 *apud* ROCHA; MACIEL, 2015). Trata-se de uma perspectiva que valora as diversas visões de ordem cronotópica dos falantes e garante, ao conceito de translíngua, maior importância em vista do alinhamento que promove entre as mensagens e os sentidos que pretendem lhe conferir.

Em consonância com esse proceder, cito que se trata de localidades gêmeas em que os falantes se habituaram a utilizar todo o seu repertório transemiótico e os sistemas linguísticos disponíveis, em conjunto, mesmo que em fragmentos (LEMKE, 2020), situação que pode ser observada durante as entrevistas e as dinâmicas com os habitantes locais. Nessa condição, pude observar que os falantes fizeram uso desses recursos, sem maiores formalidades.

Quanto a essa evidência, destaco, diante das múltiplas interações locais, que a adoção da perspectiva *trans* viabilizou a indexicalização dos sentidos e situou os enunciados nos respectivos cronotopos, (MACIEL; PEREIRA, 2020). Esclareço que, nesse contexto de

fronteira, as questões ligadas às diversidades, pluralidades e identidades culturais ocuparam espaços e se prestaram como ferramenta de análise. Trata-se de um prisma que possibilitou o estudo das práticas socioculturais em contexto multilíngue, por meio da mobilidade, da diversidade, da linguagem e da localização dos sujeitos na sociedade como um todo (DUBOC; FORTES, 2019).

Assim, todas as variáveis, além da etnia e da territorialização, foram levadas em conta (DUBOC; FORTES, 2019) e, desse modo, os estudos efetivamente consideraram em seu bojo toda a gama de elementos semióticos comunitários (ROCHA; MACIEL, 2015). Feitas essas considerações, trago os estratos a respeito dos sentimentos dos entrevistados em relação aos elementos da cultura paraguaia apropriados pelos Murtinhenses:

Quadro 3 - Destaques das entrevistas realizadas com os Murtinhenses.

Entrevistado	Idade	Nacionalidade	Relatos/destaques
1	60	Paraguaia	- Houve uma integração e os habitantes de Porto Murtinho se apropriaram do que é típico da fronteira; - Destacou a importância da religião da gastronomia, do idioma, das falas, das gírias e das festividades.
2	85	Brasileira	- A cultura paraguaia é agradável e rica; - Destacou a importância das músicas; das festas; das danças; do Toro <i>Candil</i> ; do Boi Tatá e a beleza da língua guarani.
3	65	Brasileira	- O Murtinhense absorveu a cultura paraguaia; - Destacou a importância da língua, da dança e da música.
5	50	Brasileira	- A cultura paraguaia era muito mais forte; - Destacou a importância do Toro <i>Candil</i> , das músicas, dos bailes.
7	40	Paraguaia	- A cultura paraguaia aqui é boa; - Destacou que antes tinham festas boas da santa e agora acabou.
9	65	Paraguaia	- A cultura paraguaia é alegre; - Destacou a importância dos eventos religiosos

Fonte: O autor, 2021.

Com base nos dados apurados, interpreto que a avaliação da cultura paraguaia é positiva para todos os entrevistados e, para aqueles com idade igual ou inferior a 50 anos, há o sentimento de que ela acabou ou vem enfraquecendo. A esse respeito, noto que para os entrevistados com idade superior a 50 anos, a cultura paraguaia local permanece viva nas suas mentes. Com respeito aos elementos transemióticos, relato que durante a coleta de dados, os

entrevistados exteriorizaram sentimentos de nostalgia, de felicidade e de vigor nas referências que foram feitas às representações do *Toro Candil*, da Virgem de *Caacupé*, à música paraguaia, ao uso da língua guarani e à gastronomia, originárias do país vizinho. Trata-se de questões em que, a considerar as apropriações cronotópicas, pude notar que as descrições expressadas nas falas não afetaram os paralelismos positivistas que foram levantados nas respostas dos demais, pois acabaram por desaguar em compreensões não apartadas dos *meanings* e *feelings* observados nos pronunciamentos da maioria dos entrevistados. Oscilaram, apenas, em relação aos elementos que consideraram de maior expressão.

A sociedade local é caracterizada por uma forma dinâmica e complexa que viabiliza as suas trocas por diversos meios, seus signos são trocados por meio de mensagens verbais e não verbais e dentre elas se incluem as apropriações dos repertórios linguísticos disponíveis e os elementos visuais, sonoros e sensoriais. Na condição de elementos visuais, incluem as vestimentas e os adornos utilizados nas celebrações. São os itens que podem ser vistos nas relações sociais, sobre essa questão, considero que os vestuários constituem pontos de convergência identitária e viabilizam os processos de comunicações, pois parte desses se dá através deles (EMERECIANO, 2011). Na fotografia reproduzida na página 120, que reproduz o evento do dia que antecede a celebração à Virgem de *Caacupé*, é possível observar a mensagem emitida por meio das vestimentas e das decorações. Os participantes se vestem com trajes típicos e há uma profusão de bandeiras e elementos que representam os dois países no local. A apropriação de elementos como signos depende do contexto de seu uso. Com base nesse entendimento, analiso que as vestimentas utilizadas pelos moradores da conurbação, durante as celebrações, expressam o *meaning* dos eventos e representam os *feelings* dos participantes durante as trocas culturais.

As promesseiras festejam ao ritmo da polca paraguaia e do chamamé, em meio a risos e gritos de alegria esses fiéis expressam sua grande devoção à Virgem. Com respeito aos elementos sonoros, considero que são identificados nas músicas, reproduzidas por meio de canções, gêneros e ritmos locais. A esse respeito, compreendo que as músicas representam o *meaning* dos moradores por apresentarem funções metalinguísticas de natureza integrativa nas suas letras e expressam o *feeling* dos Murtinhenses na medida em que reproduzem elementos da cultura, tradição e folclore paraguaios. Sobre essa função, Rajagopalan (2004) explica que a racionalidade presente na metalinguagem da linguística é inversamente proporcional à emotividade presente na linguagem popular.

Esses elementos passam a compor o arcabouço dos signos sensoriais. As expressões, tons de vozes, toques, gestos, sinais, risadas, são signos que podem assumir posição de

importância sinestésica dependendo dos contextos em que as trocas ocorrem. A esse respeito, repiso as reações ao chamado para o *camby* e os risos, gritos e gargalhadas das promesseiras durante as celebrações à Virgem. São momentos em que os *meanings* dos interlocutores poderiam até mesmo significar a expressão pura das reações, risos e gargalhadas, mas os *feelings* dos envolvidos remetem a situações específicas. Afinal, trata-se do *camby* e da Virgem de *Caacupé*.

O *feeling* representa as emoções e os sentimentos dos indivíduos acerca de algo ou alguém, uma forma de autodefinição e compreensão por suas condições no mundo e o *meaning*, decorre do processo e do contexto de criação dos significados que são atribuídos aos signos pelo indivíduo nesses contextos. Trata-se de condicionantes que são mais bem compreendidas por meio da semiótica social. Nos processos integrativos, os moradores de Porto Murtinho e de Carmelo Peralta usam seus recursos semióticos para produzir sentidos aos signos em condições específicas, a esse respeito, considero que as formas de interpretá-los devem obedecer ao mesmo regramento.

Daí o porquê da adoção da noção de cronotopos, da superdiversidade, das teorias afetivas e dos prefixos *trans*. Os moradores da conurbação agem sob condições específicas. As abordagens dos sistemas sociais, culturais e materiais, com a contextualização cronológica, permitiram a valoração dos *meanings* e a compreensão dos *feelings* ao tempo em que foram representados ou apresentados os signos.

Sobre essa questão, analiso que os sentidos atribuídos aos elementos culturais locais advêm da compreensão coletiva, formada por meio da conjunção das apropriações individuais que os sujeitos atribuíram aos significantes, com base na utilização dos recursos semióticos disponíveis, nos usos e costumes apreendidos e compartilhados nas interações sociais. Sobre essa questão, infiro que os entrevistados puderam descrever os sentidos das manifestações culturais, dos elementos de integração e da língua guarani, por meio das suas compreensões individuais.

A respeito desses *meanings* e *feelings*, inscrevo que os moradores locais têm a compreensão (*meaning*) de que se trata de uma língua indígena, que é considerada como importante e bela (*feelings*) pelos Murtinhenses, foi apreendida e ainda usada pelos habitantes de maior idade. As apropriações dos demais elementos culturais se deram dentro de princípios sociológicos tipicamente fronteiriços.

São dados captados por meio de declarações emitidas nos contextos, práticas sociais, *meanings* e *feelings* dos sujeitos presentes nas suas respectivas diversidades, na conurbação (BHAMBRA, 2013). Ao analisar essas questões sob a ótica da superdiversidade, observo que

a organização espacial dos sujeitos apresentou-se, ao mesmo tempo, como local e translocal, na medida em que ocuparam naturalmente todos os espaços comunitários nas cidades da conurbação, neles compartilharam suas culturas e reconheceram mutuamente as suas diversidades (BHAMBRA, 2013). Essa característica foi demonstrada nos depoimentos, pois os moradores dos dois municípios transitam livremente entre um e outro, há brasileiros que trabalham no Paraguai, paraguaios que laboram no Brasil e fazem uso das estruturas públicas brasileiras, utilizam os códigos linguísticos e os apropriam aos contextos da fala, tudo como se um único espaço fosse.

Analiso que os padrões socioculturais, reconhecidos e apropriados pelos membros da comunidade local, revelam que há, em boa escala, a assunção da existência de uma identidade local representativa em relação à língua, às festividades, às manifestações religiosas, à música, à gastronomia e à dança. São elementos que puderam ser individualizados e compreendidos por meio das noções de cronotopo e da superdiversidade (ROCHA; MACIEL, 2015). Quanto a esse proceder, ressalto que o avançar das perguntas, ao longo das entrevistas e o posterior entrecruzamento das respostas obtidas, atuou como uma rede permeável que promoveu a interação criativa entre o pesquisador e os entrevistados. Assim, com base nas respectivas diversidades socioculturais, foi possível capturar as memórias subjetivas e coletivas, históricas e políticas, da cultura local (SOUZA, 2010), por meio da perspectiva cronotópica de cada um.

A esse respeito, noto que o hibridismo cultural em Porto Murtinho é de origem e pouco fora transformado ao longo do tempo, condição que possibilitou identificar as características sociais e culturais, construídas mediante um processo ininterrupto. Conformadas ao longo do tempo, desde as primeiras incursões coloniais, notadamente a partir da implantação da Companhia Mate Laranjeira, observo que os movimentos e os processos de realocização ou de translocalização, havidos desde então na conurbação, não foram suficientes para malferir a sua origem (BHABHA, 2013 *apud* MELLO, FROEHLICH, 2021). Em decorrência desse pormenor, exaro que, em relação ao uso da língua indígena na cidade de Porto Murtinho, há certas justaposições dessa com a língua portuguesa, mas apenas com o objetivo de produzir sentidos em determinadas situações.

Em contrapartida, aludo que nesses contextos emergiram práticas de alteridade, observadas especialmente nos usos das línguas quando os falantes buscaram compreender os sentidos das mensagens dos transmissores, com base nas suas respectivas diferenças.

Consigno que durante o período de pesquisas em campo, percebi o uso da língua guarani em contextos populares, por membros da comunidade Murtinhense, para expressar

gracejos, fazer piadas e esboçar frases simples. Com relação a esse fato, entendo que se trata de um sistema comunicativo local que se expressa com maior vigor em ambientes descontraídos. Essa prática informal envolveu e absorveu pessoas pertencentes a diferentes grupos, mas respeitaram-se as diferenças entre os interlocutores, por considerarem os respectivos *meanings* e *feelings*. A considerar a ampla utilização de expressões com gracejos, piadas e enunciações de frases simples e prontas, em fragmentos, durante as conversas locais, anoto que outro aspecto que pode ser analisado, remete às noções das teorias afetivas.

Ao longo das entrevistas e conversas com moradores locais, sujeitos utilizaram frases e expressões na língua indígena, a exemplo dos proferidas pelos Entrevistados 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, que em determinados momentos pronunciaram “*jaha*”; “*porã*”; “*chera’a*”; “*jupi motocicleta*”; “*kuña porã*”, “*porãete*”, “*mba’éichapa*”, dentre outras que não puderam ser identificadas. Essas palavras e expressões significam vamos, bonito (a), amigo, montar na motocicleta, mulher bonita, muito bem, boa tarde. Alerto que se trata de manifestações, na língua guarani, que foram proferidas por cidadãos paraguaios e brasileiros, residentes em Porto Murtinho. O Entrevistado 5 lembra que “Todo paraguaio queria ensinar a gente a falar em guarani, ensinando expressões em nomes feios. Os termos pejorativos, as piadinhas infames etc., são todas feitas em guarani. Uma ou outra ganha uma tradução que não tem o mesmo brilho daquela feita na língua original”. Analiso que, com base nos sentidos que os entrevistados pretendiam produzir, optaram por transmitir suas mensagens, mesmo que em fragmentos, na língua indígena.

São impulsos afetivos que tornaram aptas a demonstração de seus sentimentos e a expressão de pensamentos. Voltados às respectivas emoções, motivações ou exercícios de vontade, foram viabilizados, em melhor medida, por meio da língua mãe ou da paraguaia quando adotada por brasileiros como mais importante, nos respectivos contextos. Sob o ponto de vista da sensibilidade, assinalo que notei certa dificuldade dos moradores na separação das suas atividades meramente cognitivas do cotidiano das sensações correspondentes a elas. A esse respeito, com base nas declarações dos entrevistados, foi possível identificar sentimentos de pertença à identidade local, consubstanciados nas expressões acerca da sua admiração pela língua guarani, da cultura paraguaia e da assunção de costumes e tradições do país vizinho.

Sobre essa questão, observei tons emocionais em expressões lançadas na língua guarani, nas quais pude perceber certa carga de sentimento quando os falantes pronunciaram palavras e frases naquela língua. A esse respeito, considero que o domínio de outras línguas não foi capaz de reduzir a carga emocional emanada do inconsciente (SERRANI, 2002). As memórias afetivas dos cidadãos locais, falantes da língua guarani, foram demonstradas nas

suas representações verbais mais simples e cotidianas, nesse sentido, trago as remissivas feitas aos episódios relatados pelos Entrevistados em situações e contextos monolíngues.

Quanto a essas ocorrências, relembro que para Rajagopalan (2004), a linguagem é cheia de conotações emocionais e, nas práticas puras de *codeswitching*, ela não é devidamente relativizada e as significações não são refletidas de modo apropriado, por sofrerem valorações incompletas, insubistentes e inservíveis.

Por meio da concepção afetiva, o sujeito, ser biológico e social (SERRANI, 2002), assume as duas posições no seu lócus enunciativo, envia a mensagem e experimenta os sentimentos que ela emana ao ouvi-la na língua materna. São os momentos da *sorveira* (KEMPINSKA, 2014) em que o bilíngue experimenta essa sensação.

Lembro que esses sentimentos adquirem maior amplitude se consideradas as questões de gênero, corpo e mente (RAJAGOPALAN, 2004). No que se relaciona a essa pesquisa, ressalto que a análise qualitativa permitiu direcionar um olhar apropriado às características histórico-cultural dos entrevistados e valorar essas percepções pessoais (FREITAS *et al.*, 2002). Acerca dessa condição, os sentimentos, exteriorizados nos contextos das entrevistas, foram parcialmente captados por meio de narrativas que se deram em língua não materna (KEMPINSKA, 2014), bem como foram amplamente observados nas expressões e palavras esporadicamente lançadas em guarani.

Com base nessas interpretações, tornou-se possível perceber, por meio dos usos desses fragmentos dos repertórios maternos, a exteriorização de emoções, bem como algumas valorações em reações afetivas. A considerar que a língua materna funciona como uma espécie de depósito dos primeiros afetos e ocupa espaço privilegiado, ou único, no exercício da função emotiva (KEMPINSKA, 2014), dialogo com os estudos de Santos (2021). Sobre a remissiva ao leite no idioma guarani, a autora ressalta que “foi possível notar o valor do repertório para esses falantes, [...] no sentido que adquiria por meio da pronúncia, pela satisfação em expressá-la em sua língua guarani. [...] expresso em guarani, o leite, o “*camby*” parecia ter outro sabor” (SANTOS, 2021, p.120). Diante dessas considerações, infiro que nas situações cotidianas mais simples, o uso da língua guarani deixou os falantes soltos para estabelecerem livres relações entre seus pensamentos e exteriorizarem suas mensagens e pude perceber certo prazer em se comunicarem por meio dela, mesmo que em complementos a outros idiomas.

Quanto aos demais elementos culturais, observei a ocorrência de práticas de reexistência, nas quais os moradores de Porto Murtinho procuram manter vivas certas tradições da cultura paraguaia. Essas ações vêm se dando como forma de legitimação

ideológico-identitária dos moradores mais antigos em confronto com as demais relações sociais e disputas de poder. Como já abordado, reforço que a respeito aos elementos transemióticos, os entrevistados exteriorizaram sentimentos de nostalgia, de felicidade e de vigor nas referências feitas às representações do *Toro Candil*, da Virgem de *Caacupé*, à música paraguaia, ao uso da língua guarani e à gastronomia, originárias do país vizinho.

A par dessa observação, perquiro as razões das ilações e questionamentos, usualmente feitos à qualidade de bens originários da terra Guarani. “*La garantía soy yo*”, “*cavalo paraguaio*”, são expressões que certamente não se prestam para revelar os sentimentos que os Murtinhenses e muitos dos sul-mato-grossenses, têm em relação ao país vizinho. Sobre essa questão, considero como pertinente o declinado pelo Entrevistado 5, de acordo com as suas narrativas “tem os que falam mal do paraguaio, mas toma tereré [...] o cara faz usos e abusos do tereré, come chipa, sopa paraguaia, baila em Caacupé e fala mal, denegrindo e desmerecendo esses elementos culturais”. Nem tudo o que é paraguaio é ruim, assim como nem tudo que é brasileiro é bom.

A cultura paraguaia assumiu posição de relevância no contexto histórico de Mato Grosso do Sul. Como forma de reconhecer essa importância e tornar explícitas as relações desenvolvidas com o Paraguai, a Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul instituiu, que no dia 14 de maio será comemorado o “Dia do Povo Paraguaio”. Reconhecimento coerente com a realidade social, pois, afinal, em todo o Estado é possível participar de uma roda de tereré, saborear chipas e sopas paraguaias, ao som de polcas, chamamés e rasqueados.

3.3 Percepções, Expectativas e Projeções da Rota Bioceânica, por meio de olhares situados locais

E2: Com relação à Rota Bioceânica o povo não vê nada que possa ser favorável a eles. A população está em contato direto com o porto, com a rota não, não tem a devida importância pro povo, a população não se sente inserida. Essa mudança pode ser boa, mas pra quem gostava do Murtinho como eu sempre gostei, não vai gostar muito não, prefiro aquele Murtinho como sempre foi, tradicional.

A considerar o externado pelo Entrevistado 2, as percepções, a respeito dos possíveis benefícios socioeconômicos que o Corredor Logístico poderá proporcionar, guardam relação com a forma pela qual os indivíduos locais se veem inseridos no processo de planejamento e de construção da Rota. Há um sentimento coletivo de proscricção. Sobre essa questão,

interpreto que o *meaning* dos Murтинhenses se conecta a realidade atual, pois se vincula ao presente que é vivido e fisicamente delimitado ao porto da cidade.

A respeito dessa estrutura fluvial, considero, com base nas manifestações colhidas e nas observações empreendidas no local, que para alguns ela se vincula à identidade local, além de prover o sustento de muitas famílias, direta ou indiretamente. Para além das percepções, meramente econômicas, que dissociam-se da Rota Bioceânica e se aproximam do *meaning* em relação à importância da estrutura portuária, ressalto que as expectativas e os *feelings* expressados pelos habitantes são os de a que a comunidade de Porto Murтинho não será diretamente beneficiada com o corredor.

De acordo com o observado nas respostas dadas às perguntas, avalio que o porto local aparenta possuir conexão identitária com a população local, condição não observada em relação à Rota Bioceânica. Arguido sobre essa questão, o Entrevistado 2 limitou-se a dizer que o porto está ali e existe, trata-se de uma realidade local, portanto, enquanto a Rota ainda se projeta o que, para os moradores, seria algo ainda intangível.

Ao cotejar as respostas dadas a respeito dos impactos, notei certo antagonismo em relação à perspectiva quanto à consumação do empreendimento. Nas declarações sobre as expectativas aos impactos culturais, esse entrevistado manifestou-se no sentido de considerá-la uma realidade e aduziu que a mudança pode ser boa, mas não para os tradicionalistas. Percebo que há certa incongruência no tocante à concretude da Rota Bioceânica.

Sobre as comparações tecidas entre a Rota e o porto local, considero que trata-se de empreendimentos diferentes, motivo pelo qual não podem ser objeto de cotejamentos sob a ótica das percepções. A respeito das expectativas, por outro lado, pode ser possível. O humano não consegue separar o real do imaginário que é cotidianamente projetado na sua mente. Por essa razão, comparações que envolvam empreendimentos realizados em ciclos anteriores ou, atualmente, a exemplo da estrutura portuária, com a Rota de Integração Latino-Americana, podem não refletir a realidade do que está por vir.

As expectativas e as percepções do homem remetem a apropriações de diversos signos, processos de construção de sentidos, incursões na memória afetiva e é complexo ao ser humano entabular pensamentos, sem partir de certas premissas ou adotar referenciais semelhantes que sejam conhecidos. Considero, com base nessas condicionantes, que não é possível adjetivar algo como bom antigo sem conhecer o ruim atual.

A esse respeito, relembro que uma das premissas dessa pesquisa foi buscar apoio em elementos históricos e socioculturais para identificar as questões relacionadas às práticas sociais e aos processos transculturais dessa conurbação. Por meio da contextualização

histórica foi possível explicitar os ciclos econômicos e os correlatos processos transculturais por que passara Porto Murinho. Considero que essas análises, sob vieses referenciados, podem passar, cotidianamente, pelas mentes dos moradores. Percebi que as expectativas dos entrevistados se vincularam, aparentemente e como se uma regra fosse, a tempos pretéritos e aos correspondentes ciclos de Porto Murinho. Essa subjetividade faz parte dos processos cognitivos e de construções de sentido. Por meio dela, os indivíduos rotineiramente buscam construir e definir o seu agir frente às realidades sociais, ao mesmo tempo em que as significações se apresentam e se relacionam às suas memórias, inclusive às afetivas. Mediante essa perspectiva, observo, também com base nos depoimentos, que as significações, a respeito da Rota Bioceânica, seus possíveis impactos culturais e os benefícios carreados ao desenvolvimento local, não encontram-se consolidados no consciente coletivo.

E1: O município continua o mesmo, já veio várias empresas importantes, por que Porto Murinho não se manteve em desenvolvimento, será que agora vai beneficiar, em que sentido isso traria benefício? Até que aconteça a Rota eu quero esperar pra ver. Há uma descrença muito grande com a Rota Bioceânica [...] É uma grande oportunidade que vai surgir, mas até que isso aconteça.

E1: Até que aconteça a Rota eu quero esperar pra ver, em que sentido isso vai trazer benefícios para o município. Porto Murinho nunca soube se apropriar dos legados.

E1: De todas as empresas que se instalaram aqui o desenvolvimento foi ótimo, mas quando acabava isso Murinho entrava em depressão social.

E2: Com relação a Rota Bioceânica o povo não vê nada que possa ser favorável a eles.

E9: Em Carmelo Peralta tem um movimento muito grande por causa da Rota, a cidade tá levantando bastante. No princípio quando começaram o empreendimento as pessoas não acreditavam [...] Depois começou a andar, parece uma coisa importante [...] Vai estreitar [...] Muitos países vão se beneficiar com isso. O progresso chegou em Carmelo Peralta.

Nos grandes empreendimentos, é comum a emergência de impactos sociais e de implicações econômicas nos locais em que as intervenções se dão, especialmente nos níveis de ofertas de trabalho e nos afogamentos dos equipamentos públicos. Nesse sentido, ao contextualizar os alcances das intervenções humanas, citei na introdução os casos de Foz do Iguaçu/PR, com as construções da Ponte da Amizade e da Usina hidrelétrica de Itaipu.

Em Altamira/PA, com a construção da Usina de Belo Monte, e em Três Lagoas/MS, com a implantação da fábrica de papel e celulose, bem como relatei algumas afetações atribuídas às mesmas. Informei que em Três Lagoas, o maior complexo industrial desse segmento no mundo, reúne, atualmente, um contingente de funcionários superior a 11 mil pessoas (*online*, 2018), parte dos quais, migrantes.

Explicitarei, por meio da análise evolutiva desses empreendimentos, que desde os inícios das obras até as suas entradas em operações, ocorreram ciclos episódicos significativos. Dentre eles, reforço que o primeiro compreendeu o período de movimentação de pessoas para a execução das obras e o último se relacionou à efetiva utilização de pessoas para trabalhar no processo operacional, momento em que puderam ser verificados significativos incrementos populacionais e colapsos nos sistemas públicos.

A respeito dessas movimentações demográficas, sustento que se elas dão com o início das obras, nos territórios das localidades que compõem as regiões abrangidas o custo de vida pode variar significativamente e os bens patrimoniais passam a sofrer severas variações em razão de especulações econômicas (MENDONÇA *et al.*, 2020). Essa dinâmica pode repercutir negativamente ao longo dos ciclos iniciais e nos fins das obras, períodos em que os números de desempregados e desalojados lançados na comunidade são altos e há colapsos nos sistemas públicos de saúde, de educação e de assistência social (MENDONÇA *et al.*, 2020). Analiso que a superveniência de longos períodos entre ciclos econômicos ou a constante alternância dos mesmos, podem conduzir a depressões econômicas e elevar os indicadores dos passivos sociais.

Quanto aos impactos mediatos, compreendo que as populações podem ser afetadas em relação “às atividades que se concentram na área central e dependem de deslocamentos, como serviços bancários, mobilidade, cultura, lazer e serviços de saúde” (SOUSA; MIRANDA NETO, 2019, p. 11). Nesses momentos e nos períodos pós-obras, os equipamentos públicos agonizam com as demandas excessivas por auxílios.

Alguns migrantes se deslocam com a finalidade de laborar nas grandes obras, levam consigo suas tradições, usos e costumes, por lá permanecem durante seus trabalhos, compartilham as suas visões de mundo, expectativas e percepções e passam a difundi-las nesses ambientes. Nesse contexto, interpreto que centros urbanos tradicionais, como Porto Murtinho, tendem a se descaracterizar ao surgirem novas áreas habitadas por recém-chegados, locais em que esses novos cidadãos tornam-se referenciados por meio das suas próprias identidades e culturas (SOUSA; MIRANDA NETO, 2019, p. 11). A população entrevistada de Porto Murtinho não exteriorizou expectativas sólidas a respeito de possíveis impactos culturais a partir do uso da Rota Bioceânica.

Observo que os idealizadores e executores desse empreendimento não se preocuparam em situar as populações abrangidas sobre os benefícios que poderiam ser proporcionados a cada município e as medidas mitigatórias e preventivas que podem ser intentadas com vistas a minimizar danos socioculturais, ambientais, sanitários e educacionais. Sobre essa

evidenciação, noto que a memória local olvidou os referenciais históricos que foram abordados nesse estudo. Nos ciclos episódicos, Porto Murтинho vivenciou momentos de desenvolvimento econômico acompanhados de processos transculturais e os seus finais foram traumáticos. Demonstrou-se que as intervenções de grande magnitude por que passara se prestaram para incrementar e incentivar o desenvolvimento local, mas vieram acompanhadas de afetações que deixaram passivos socioculturais.

Sobre o período de execução das obras, elenco a sazonalidade da mão-de-obra, os déficits de mobilidade urbana e o súbito aumento da população, cuja parcela incremental passa, de modo imediato, a utilizar as estruturas públicas e sobrecarregar os equipamentos que cotidianamente são destinados ao atendimento à saúde, de assistência social e educacional dos habitantes. Feitas essas ponderações, reporto que as expectativas e percepções da população local, em relação aos impactos culturais que poderão advir com a utilização da Rota, dentro das suas respectivas realidades, foram objetivamente narradas pelos entrevistados. Nesse sentido, carrego os seguintes excertos das respostas dadas pelos entrevistados acerca desse questionamento:

E1: Tem tanta coisa boa nos costumes que também se foi. A gente tá pronto pra assimilar o que vem de fora, o pessoal aqui assimila facilmente. [...] Eu acho que o município precisa trabalhar isso, senão irá se perdendo a cultura [...] O município tem que se apropriar e resgatar tudo [...] Senão a gente não vai manter [...] Por exemplo, as procissões já não tem mais, vai se perdendo. Eu não acredito que a Rota faria se perder isso, já vem acontecendo. O município tem que criar meios de resgatar a cultura.

E2: Com a Rota Bioceânica, eu acho que a cultura vai se manter, vai mudando lentamente, o mundo muda lentamente. [...] A pro povo da cidade não vai mudar muito [...] Ainda mais porque vai passar retirado da cidade, quem vem do Chile não vai parar na cidade.

E2: A tendência é que permaneça a língua e a culinária, isso não vai mudar muito, o que for mudar vai demorar e as pessoas são acomodadas, não se preocupam com outras coisas, vivem com aquilo ali que lhes agradam.

E2: A curto prazo o trânsito de pessoas na Rota Bioceânica não impactará na cultura local. A cultura não vai ter muita mudança porque a língua vai continuar sendo o castelhano, nesses países é só o castelhano que usam. Quem vem aqui da Argentina, Paraguai e Chile fala o castelhano.

E2: Essa mudança pode ser boa, mas pra quem gostava do Murтинho como eu sempre gostei, não vai gostar muito não, prefiro aquele Murтинho como sempre foi, tradicional.

E3: Ao longo da rota teremos contato com várias culturas. Vai ser uma mescla muito legal que vai enriquecer a cultura. Não vai tirar nossa identidade cultural do fronteiro, vai somar. [...] Eles também querem conhecer nossa cultura, vai ser um casamento perfeito.

E3: Tinha essa questão da língua, da culinária. Isso prevaleceu até hoje e não vai ser afetado pela Rota. Isso vai ser um chamariz, precisa ser trabalhado em termos de mídia.

E3: Precisa mostrar a cultura em etapas. A logística vai ser o carro chefe, mas a área de abrangência vai ser outra [...] Vai vir a cultura, cada comunidade vai ter a sua, turismo que pode mostrar [...] Um enriquecimento que vai ser bem integrado, sem prejudicar a raiz de Porto Murinho e Carmelo Peralta.

E5: A tendência da integração [...] Vai acontecer algo com a cultura [...] Os elementos culturais, materiais e imateriais.

E5: A estrada pode ser um fator de valorização e de conservação [...] O movimento da pecuária extensiva gerou uma cultura que até hoje nos é cara. [...] Nós não temos mais um ritmo, uma música, cantores, cantoras, poetas que contem a grandeza disso porque talvez não haja grandeza, estamos num limbo cultural.

E5: A Rota Bioceânica serve sobremaneira pra isso, porque é uma rota que vai trazer mais turistas e mais visitantes e essa gente, com certeza, vai querer ver a diversidade, a riqueza, a pluralidade, a mestiçagem [...] a Rota Bioceânica tá passando, unindo.

E7: Já mudou muito, a Rota não vai mudar mais nada.

E9: Aqui na ilha não tem como mudar. Em Carmelo Peralta é outra coisa. [...] Dois filhos já mudaram pra lá [...]

Antes de adentrar na efetiva análise desses dados, ressalto que essas manifestações representaram, de forma subjetiva, o modo pelo qual cada um dos entrevistados compreende a cultura local, e “de modo consciente e inconsciente, cognitivo, imaginativo, volitivo, emocional” (CARRILLO, 2019, p. 18), repercutiram as suas impressões por meio das “experiências e seus sentidos de vida, enquanto orientam suas práticas sociais” (CARRILLO, 2019, p. 18). Com esse fito, assumo que as subjetividades dos entrevistados se prestaram como fonte de produção de sentidos, nos seus respectivos cronotopos e diversidades, refletiram os seus estados de espírito frente às percepções que possuem sobre a Rota Bioceânica, vislumbrada como algo certo e ainda intangível, repito.

Na mesma perspectiva, colheram-se as suas expectativas acerca do que está por vir, por meio da captura de seus sentimentos a respeito da possibilidade de passarem a ter o espaço físico e sociocultural da conurbação compartilhados com outros sujeitos ou modificados por ação do homem.

A par dessa possível interferência, considerou-se que um contingente supranacional se acomodará ao longo de toda a sua extensão, nela serão instaladas empresas, algumas multinacionais, por ali passarão, diariamente, milhares de pessoas, provenientes de diversos países e de culturas diferentes. Nesse sentido, entendo que a população local externou certa descrença em relação aos impactos que a Rota Bioceânica, equiparada a uma obra de grande porte, poderá provocar sobre a cultura local. Sobre essas expectativas, extraio as seguintes expectativas e percepções:

E1: Eu não acredito que a Rota faria se perder isso, já vem acontecendo.

E2: Com a Rota Bioceânica, eu acho que a cultura vai se manter [...] A tendência é que permaneça a língua e a culinária [...] A curto prazo o trânsito de pessoas na Rota Bioceânica não impactará na cultura local. A cultura não vai ter muita mudança porque a língua vai continuar [...] Essa mudança pode ser boa.

E3: Ao longo da rota teremos contato com várias culturas. Vai ser uma mescla muito legal que vai enriquecer a cultura. Não vai tirar nossa identidade cultural do fronteiroço, vai somar. [...] Tinha essa questão da língua, da culinária. Isso prevaleceu até hoje e não vai ser afetado pela Rota.

E5: A tendência da integração [...] Vai acontecer algo com a cultura.

E7: Já mudou muito, a Rota não vai mudar mais nada.

E9: Aqui na ilha não tem como mudar. Em Carmelo Peralta é outra coisa.

As percepções dos entrevistados 1, 7 e 9 convergiram no sentido de que a Rota não seria responsável, mesmo no futuro, por significativas modificações na cultura local, pois ela já estaria se submetendo à transformações. Sobre as expectativas, reporto a uma parte das afirmações dos entrevistados, em que manifesta suas impressões no sentido de que a Rota Bioceânica não impactará na cultura local. Para esses, a cultura: irá se manter, principalmente na língua e culinária; o corredor irá promover uma mescla legal, não irá “tirar a identidade cultural do fronteiroço”, a língua e a culinária não serão afetadas pela Rota; haverá uma integração cultural; Carmelo Peralta já vem passando por transformações e se submeterá à outras.

Com relação ao consignado pelos entrevistados, assinalo que as expectativas manifestadas por alguns, no sentido de que haverá transformações com o trânsito de pessoas na Rota Bioceânica, podem ser substratadas em premissas de não rigidez das identidades (HALL, 2014), da pluralidade de sujeitos e das múltiplas possibilidades de trocas em zonas de contato. Nessa perspectiva, compreendo que poderão emergir nessa conurbação, a partir da utilização da Rota Bioceânica, espaços em que serão compartilhadas experiências e visões de mundo, sob diversas perspectivas, mediante processos fluidos nos quais essas trocas poderão irrigar umas às outras e (re) moldar identidades dos envolvidos nos mais variados contatos (HALL, 2000).

Quanto às percepções dos entrevistados 1, 7 e 9, no sentido de que as afetações vêm se desenvolvendo a despeito da Rota, por compreenderem que as culturas em Porto Murtinho e na Ilha Margarida há muito estão em transformações, infiro que também podem representar a realidade de parte da sociedade local. Sobre esse possibilidade, apoio-me nas ilustrações de Lacerda (2017), para quem o desenvolvimento socioeconômico segue um fluxo natural, e não há, necessariamente, uma vinculação aos processos transculturais, embora pudessem as respectivas culturas, sofrer influências. Relembro que o autor assume essa posição com

ressalvas, pois a seu ver os processos transculturais podem se submeter e derivar de influências que acompanham o desenvolvimento seja ele bom ou ruim.

Trata-se de condição ou resultado que, para o autor, tem conexão direta com as expectativas e percepções da população, assim, o bom ou ruim dependeria das esperanças do povo e da realidade concreta aviada por suas sensações frente à concretude das coisas. A considerar essa perspectiva, saliento que o bom pode refletir as percepções positivas com a possibilidade da efetiva materialização da Rota Bioceânica. Por ora, são apenas conjecturas sobre esse futuro projetado. Sobre essas questões, importa apontar o narrado pelo Entrevistado 3, transcrito parcialmente na epígrafe desse tópico em que há recortes com remissivas ao passado. Sob esse aspecto, o entrevistado estima que a cultura local possa ser submetida a influências positivas e a tradição dos murtinhenses não será afetada negativamente.

No que diz respeito às questões de fundos emocionais presentes nas entrevistas, percebo que não remanescem dúvidas de que a população de Porto Murtinho está apreensiva e aguarda esse novo ciclo. Ouvem-se alvoroços, as percepções acerca das contribuições da Rota ao desenvolvimento local e das interferências na cultura variam da descrença à prudência. A respeito dessa multiplicidade de expectativas e percepções, avalio que a população não se sente inserida no contexto decisório e não faz parte das deliberações de questões que envolvem o corredor, embora seus municípios dela façam parte. Com relação aos residentes no território paraguaio, relato que as expectativas passaram a surgir como positivas desde os primeiros movimentos políticos e ampliaram-se com o efetivo início das obras de construções rodoviárias.

Diretamente conectadas a uma possibilidade futura, não pode ser olvidado que para alguns, caso aconteçam, transformações culturais poderiam se conformar em um momento em que há muito não se verificam alterações significativas nas práticas socioculturais na conurbação. Os comportamentos dos membros da comunidade, verificados nos usos das línguas de contato e a cultura, nos usos e costumes locais, vêm, mesmo que precariamente se mantendo. Por meio de práticas de reexistência, parte da população procura manter a língua guarani e as celebrações culturais, originárias das tradições, folclores e religião do Paraguai. A esse respeito, analiso que os cidadãos domiciliados em Porto Murtinho assumiram as suas identidades fronteiriças e as revelam por meio de apropriações que há muito fizeram de elementos culturais de origens paraguaias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Protegido da noite que me encobre,
 Escura como o vão entre os mastros,
 Eu agradeço a quaisquer deuses que acaso existam
 Por minha alma inconquistável.

Nas garras das circunstâncias,
 Não estremeci ou chorei em voz alta.
 Sob os golpes do acaso
 Minha cabeça sangra, mas não curvada.

Além deste lugar de ira e lágrimas,
 Agiganta-se o horror das sombras,
 E, ainda assim, a ameaça dos anos
 Me encontra, e me encontrará, sem medo.

Não importa quão estreito seja o portão,
 Quão cheio de punições o pergaminho,
 Eu sou o mestre do meu destino,
 Eu sou o capitão da minha alma (HENLEY, 1888).

A vida é repleta de caminhos e de opções nos quais somos senhores e mestres dos nossos destinos. Ao iniciar meu trilhar pelas veredas da pesquisa, meu imaginário não alcançava esse culminar, repleto de colheitas importantes. Os distorcimentos do gabarito e as três linhas dos azulejos me conduziram às primeiras práticas semióticas, a carreira jurídica me lançou patamares acima em direção a prospecções amplas sobre fatos sociais, compreensões acerca da importância dos bens da vida e a linguagem jurídica me instigou ao fomentar minha atuação como um de seus interpretantes.

A forma de pensar o mundo, a compreensão das realidades sociais, a mediação do fato social com questões de natureza transcultural, transglobal e translocal, aviaram meus pensamentos sobre o princípio da universalidade, os conceitos de isonomia e a importância de considerar as diversidades dentro das diversidades.

Problemas e desalentos são vividos, a vida passa e a aprendizagem permanece. Transcorro esses caminhos de forma ativa e sagro-me feliz. Foram momentos inesquecíveis que muito contribuíram para a minha formação como homem, pai de família e ser social. Essa compreensão me conduziu à constatação de que reformas provocadas pelo e para o homem, negativas ou positivas, inspiram análises e discussões, pois podem provocar impactos sobre culturas e identidades.

Ao me albergar nesses quesitos, passei a vislumbrar meus objetivos de pesquisa e a escolha da conurbação formada por Porto Murtinho e Carmelo Peralta como lócus foi estreme

de significações. A Rota de Integração Latino Americana – a RILA, corredor logístico projetado com o objetivo primário de promover a interligação rodoviária entre quatro países da América do Sul e diminuir o tempo de viagem das cargas e produtos que se destinam à Ásia, abrange a conurbação formada pelos municípios de Porto Murtinho e Carmelo Peralta.

Os moradores dessas cidades, que se vivem isolados em contextos econômicos e geográficos, passaram a vivenciar momentos de expectativas, pois para alguns há a compreensão de que esse empreendimento poderá proporcionar-lhes maior competitividade regional e desenvolvimento local. Entre os moradores de Porto Murtinho e Carmelo Peralta há certa simbiose, na cidade brasileira residem cidadãos paraguaios e muitos brasileiros moram ou exercem suas atividades em Carmelo Peralta.

Os elementos culturais, observados em Porto Murtinho, emergiram por meio de apropriações de elementos da tradição, cultura e folclore paraguaios. Há singularidades expressadas nas trocas sociais e nas manifestações culturais que são representativas de uma espécie de pertencimento identitário local, essas interações promovem certa harmonia, como se a fronteira entre si não existisse, pois compartilham mutuamente os espaços.

Esse território compartilhado poderá ser permeado por “profundas mudanças sociais, impactado pelos complexos processos de globalização e migração difusa, altera-se a natureza social, linguística e cultural da diversidade” (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 416) com a utilização da Rota Bioceânica.

Por essas razões, tracei como objetivo dessa pesquisa identificar, descrever e analisar os aspectos presentes nos processos de hibridação transcultural, na conurbação formada pelos municípios de Porto Murtinho e Carmelo Peralta, por meio das características linguísticas, dos repertórios transculturais e suas formas de utilização, bem como identificar, descrever e analisar as percepções e expectativas dos residentes na conurbação, em relação aos possíveis impactos e influências culturais que advirão com a utilização do corredor logístico.

Para esse fim, o modelo de pesquisa que adotei foi o qualitativo, de cunho etnográfico, replanejado a partir da epistemologia de emergência pós-moderna, sob a perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari (1995). Iniciada a pesquisa, as emergências foram surgindo, uma a uma e os diálogos com o meu orientador passaram a se tornar, dia após dia, repletos de substância e conteúdos positivos. As premissas e os dados que inicialmente foram considerados nesse estudo não obedeceram a uma hierarquia pré-estabelecida ou se vincularam aos pontos centrais das investigações.

Na geração dos dados primários realizei entrevistas gravadas em vídeo, captei imagens por meio de fotografias, entabulei diálogos com membros da sociedade local, priorizei as

visitas ao museu da cidade e consultas bibliográficas. A adoção do conceito de cronotopo me permitiu analisar os dados obtidos em relação aos contextos dos espaços-tempos em que as manifestações se deram e a perspectiva da superdiversidade tornou as suas apropriações mais precisas ao considerar as realidades socioculturais dos indivíduos.

Elenquei emergências por meio de análises prévias dos elementos coletados, a partir de então os rizomas passaram a se formar e tornou-se possível categorizar e organizar os dados. Situações coloniais, práticas de resistência e de reexistência, preconceito linguístico, diglossia, translanguagem, emoções, feelings, são caminhos que passei a considerar e a percorrer, com base nessas prospecções.

A análise dos dados relativos aos repertórios translíngues na fronteira de Porto Murtinho e Carmelo Peralta conduziu-me a cenários em que o monolinguismo pode ter sido utilizado como ferramenta de exclusão. A expressão “Sai da minha sala, índio burro! Fica na posição de urubu!” é plena de simbolismos. Xingamentos, humilhações, atribuições de estereótipos, rotulagens como índios ou *guarangos*, são práticas discriminatórias e excludentes que não têm o condão de contribuir para a formação e a integração de cidadãos ao meio social.

Na contemporaneidade, a utilização de práticas pedagógicas translíngues e voltadas para as realidades sociais e locais passou a ser a tônica educacional, em detrimento das teorias hegemônicas, fundadas em paradigmas que “corroboram formas estreitas, bipolarizadas e monolíticas de enxergar a sociedade e sua interface com a linguagem, com a educação e com o poder” (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 15). A translanguagem contribui para a extirpação dessa prática a atuar em sentido interpretacionista e integracionista, ao envolver, simultaneamente, os repertórios comunitários e os signos apropriados e considerados nos respectivos códigos linguísticos.

Em derivação da imposição monolíngue, há a especialização de funções linguísticas, emergindo a diglossia ou o preconceito linguístico, mediante a priorização do português ou do espanhol, em detrimento do guarani. Essa prática, em territórios compartilhados, pode gerar conflitos e conduzir ao desaparecimento da língua hierarquizada como inferior, a guarani. Para melhor compreender essas ocorrências, recorri às noções de superdiversidade e às teorias afetivas, pois em situações informais, os falantes locais fazem a opção pelo uso dos códigos linguísticos, de acordo com seus repertórios e em razão dos contextos em que as suas práticas se dão. A esse respeito, identifiquei que as línguas portuguesa e espanhola ocupam uma espécie de *status* normativo-social, em que o guarani se limita mais ao uso popular.

A literatura paraguaia reconhece a inexistência do bilinguismo puro no Paraguai, nesse território há uma diglossia que privilegia a língua espanhola (MELIÀ, 2011) e a junção do espanhol com o guarani deu origem à *Jopara*, uma variedade dialética corriqueiramente utilizada por *guarangos* (SEGOVIA *et al.*, 2012). A respeito dessa estereotipagem, cito que a conurbação formada por Porto Murtinho e Carmelo Peralta, “possui vários idiomas circulando livremente no seu território como o Guarany, o Espanhol, o Português, o Ayoréo, além de outras línguas indígenas faladas nas aldeias nos arredores do município” (ANASTÁCIO; ROCHA, 2020, p. 2). Sobre esses aspectos, notei a existência de práticas diglósicas ou de preconceito linguístico, por parte de médicos brasileiros e paraguaios, consubstanciadas em situações narradas pela Entrevistada 9 em que, embora os profissionais compreendessem as suas mensagens, assumiram posições que fizeram cessar a sua liberdade de falar livremente e utilizar seu repertório.

Quanto às constatações e emergências na pesquisa, ressalto que além do uso relativamente comum da língua guarani em contextos populares, há nas manifestações culturais em Porto Murtinho, a presença de elementos do folclore, das tradições e dos costumes paraguaios, com a relativa integração dos moradores locais com os de Carmelo Peralta, nos festejos populares, na música, na arte, na culinária e na religião.

O universo simbólico dos indígenas paraguaios é muito presente nas manifestações religiosas em Porto Murtinho, nas celebrações à Virgem de *Caacupé* é possível observar altares enfeitados com as cores das bandeiras do Brasil e do Paraguai (TEDESCO, 2017) e as promesseiras festejam ao ritmo da polca paraguaia e do chamamé, em meio a risos e gritos de alegria que se dão enquanto expressam a sua devoção à Virgem.

Apropriações como essa e a do Toto Candil contribuíram para proporcionar a harmonia entre os moradores da conurbação. Para o Entrevistado 1 “Tinha um clima tenso entre os paraguaios e os que estavam do lado de cá, a maioria não era daqui então não foi grave no início, a partir da formação da identidade local começou a ter maiores rixas”. A cultura local é paraguaia, nos dizeres do Entrevistado 2. Para esse morador o sul não tem influência na região e a cultura paraguaia é muito agradável, como é até hoje, o povo acaba gostando dessa cultura, que é muito rica nas músicas, nas festas, nas danças, nas manifestações ao *Toro Candil*.

A respeito do processo de apropriação cultural, considerei os dizeres de Lima (1978, p. 77), para quem ela se deu de forma natural, pois os moradores “da fronteira, pouco a pouco, assimilávamos dos vizinhos guaranis, os hábitos, os costumes, o dialeto, o modismo e o estilo comercial”. Para o autor, essas apropriações foram facilitadas pela “bela e emocionante

música [...] festas alegres e entusiasmantes” (LIMA, 1978, p. 77), compreensão que é reforçada nos relatos dos entrevistados. Segundo os Murtinhenses entrevistados, o ato de apropriação da língua, de tradições e de costumes da cultura paraguaia é avaliado como positivo e a cultura do país vizinho é enaltecida, pois caracterizada como agradável, rica, alegre, forte e integrativa.

A adoção da perspectiva *trans* tornou possível o revolvimento de todos os caracteres transemióticos presentes nos dados, de forma ampla e multimodal, bem como se prestou para facilitar a compreensão dos processos de hibridação e de construção de sentidos, ao se enveredar pelo campo da semiótica social, analisar as dinâmicas presentes nas práticas (MACIEL; PEREIRA, 2019), com base nos respectivos cronotopos e diversidades.

Com base na utilização dessas ferramentas, pude notar que as descrições expressadas nas falas não se deram de formas apartadas dos *meanings* e *feelings* referenciados nos respectivos espaços-tempos dos sujeitos. As expressões, os tons de vozes, os toques, os gestos, os sinais, as risadas, são signos que assumiram posição de importância sinestésica e contribuíram para a adoção das teorias afetivas.

Os risos, gritos e gargalhadas das promesseiras durante as celebrações à Virgem são momentos em que os *meanings* significam a expressão pura dessas reações, mas os *feelings* remetem a situações específicas. Foram dados captados nas declarações que foram emitidas nos contextos, práticas sociais, *meanings* e *feelings* dos entrevistados, nas suas respectivas diversidades (BHAMBRA, 2013). A língua guarani ocupa um espaço relativamente privilegiado, ou único, no exercício da função emotiva (KEMPINSKA, 2014) em alguns contextos. A esse respeito, observei que as utilizações de expressões na língua guarani para gracejos, piadas e enunciações de frases simples e prontas, se analisadas por meio das noções das teorias afetivas, permitem constatar que se fazem acompanhar de cargas emocionais.

Quanto aos outros elementos culturais, provenientes das tradições e costumes paraguaios, apropriados pelos Murtinhenses, constatei que vêm se mantendo, de forma precária, mediante práticas de resistência e de reexistência, trata-se de observação que explicita que ainda há disputas nos processos de legitimação ideológico-identitária dos moradores, principalmente dos mais antigos, em confronto com as imposições globais, demais relações sociais e nas disputas de poder.

Sobre esses processos, apporto meus questionamentos a respeito das razões e fundamentos que colocam em dúvida a qualidade do que é de origem Guarani. A estereotipagem que feita há anos, como “*La garantía soy yo*” e “*cavalo paraguaio*”, certamente não se prestam para revelar a riqueza cultural do país vizinho. Sobre essa questão,

considerarei como pertinente o declinado pelo Entrevistado 5, “tem os que falam mal do paraguaio, mas toma tereré [...] o cara faz usos e abusos do tereré, come chipa, sopa paraguaia, baila em Caacupé e fala mal, denegrindo e desmerecendo esses elementos culturais”. A cultura paraguaia merece respeito e ocupa posição de relevância no contexto histórico de Mato Grosso do Sul, faz parte da realidade social local e está presente nas rodas de tereré, na gastronomia, nas músicas e no uso da língua.

A respeito dos processos hibridatórios, os estudos de Bhabha (1998) revelam que há processos de fluxos contínuos que afetam e transformam cotidianamente as culturas. Interpretei que essas ocorrências podem dar em maiores ou menores proporções, a depender dos níveis de interferências humanas e de seus correlatos impactos. Nesse sentido, ao considerar a magnitude da Rota Bioceânica, essa pesquisa se voltou para a prospecção das percepções e expectativas da população de Porto Murtinho a respeito da possibilidade de ocorrência desses impactos na conurbação.

Com base nos dados coletados, compreendi que os idealizadores e executores desse empreendimento até o presente momento, não se preocuparam em situar a população sobre os benefícios, as medidas mitigatórias e preventivas que serão adotadas para fazer frente aos possíveis danos socioculturais, ambientais e educacionais.

Os entrevistados externaram certa descrença em relação aos benefícios econômicos que a população poderá ter com a Rota Bioceânica, bem como há relativa compreensão no sentido de que esse corredor logístico não seria responsável, mesmo que no futuro, por significativas modificações na cultura local, pois esta já viria se submetendo a transformações. As diversas percepções e expectativas, exteriorizadas pelos entrevistados, denotam que a população efetivamente não vem participando do processo decisório e das deliberações acerca de questões que envolvam o corredor.

Essa não inclusão da população leva a preocupações quanto às políticas que manejadas com vistas à preservação do patrimônio imaterial, pois esse é de responsabilidade solidária da sociedade e do poder público. Por essa razão foi que emergiu na contemporaneidade o conceito de desenvolvimento sustentável e na atualidade é defeso ao homem empreender sem preservar, nesse sentido há princípios que emergiram para regular as relações econômicas, sociais e culturais.

Sobre essas diretrizes, ressalto que a preservação do patrimônio cultural se vincula às garantias de cidadania, da dignidade da pessoa humana, da ressignificação em relação ao passado, da integração entre os elementos naturais, sociais, econômicos e culturais, que viabilizam o desenvolvimento da vida. Os cidadãos têm direito ao desenvolvimento

socioeconômico, mas reservam-se ao direito de questionar a sua não interferência nos bens culturais e no meio ambiente. Por esses motivos, considero pertinente que debates mais amplos e inclusivos, sobre os temas socioculturais relacionados à Rota Bioceânica, se deem nas localidades diretamente impactadas e abrangidas, em respeito à identidade e à memória dos povos e como meio de se estabelecer políticas preservacionistas ou mitigatórias que levem em consideração a importância das línguas originárias e da cultura.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. **Capitanias hereditárias**. In: Capítulos da história colonial [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009.

AGENZIA FIDES. **América/Paraguai** - Dedicada aos jovens a festa de Nossa Senhora de Caacupé. 2016. Disponível em: < http://www.fides.org/pt/news/61261-AMERICA_PARAGUAI_Dedicada_aos_jovens_e>. Acesso em: 18 abr. 2021.

ALBANEZ, J. L. **Ervais em queda transformações no campo no extremo sul de Mato Grosso (1940-1970)**. Dourados: UFGD, 2013.

ANASTÁCIO, R.; ROCHA, P. G. da. **O plurilinguismo e o preconceito linguístico em Porto Murtinho/MS: um estudo com professores da educação básica**. Interletras, Qualis, v. 8, n. 31, abr./set. 2020.

ARAÚJO, A. **No dia da Virgem de Caacupê, até pernambucano se rende à cultura paraguaia**. 2014. Disponível em: < <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/no-dia-da-virgem-de-caacupe-ate-pernambucano-se-rende-a-cultura-paraguaia>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. **A imaginação dialógica**. Austin: University of Texas Press, 1981.

BETANCOR, G. **Una fronteira singular**. La vida cotidiana en ciudades gemelas: Rivera (Uruguay) y Sant’Ana do Livramento (Brasil). In: Dilemas e Diálogos Platinos. – Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BHAMBRA, G. K. **The possibilities of, and for, global sociology: a postcolonial perspective**. In: Chapter in Political Power and Social Theory. Janeiro, 2013.

BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado**. v 1. Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande: UFMS, 2009.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAGA, A. C. **A espacialização das trocas multiculturais em conurbações internacionais da fronteira Brasil-Uruguaí**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/85203/000908024.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

BRANCO, I. **A importância da língua de acolhimento na integração de imigrantes nepaleses em Portugal**. Dissertação. Universidade de Lisboa, 2012.

BRASIGUAIO NEWS. **Receita**: Como fazer o verdadeiro Mbeju Paraguaio. 2017. Disponível em: < <https://brasiguaioweb.com/2017/08/10/receita-como-fazer-o-verdadeiro-mbeju-paraguaio/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL. **Biografia – Fernando Henrique Cardoso**. Biblioteca da Presidência da República. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/biografia>>. Acesso em: 18 set. 2021.

BRASIL. FUNAI – Fundação Nacional do Índio. **História e cultura Guarani**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani>>. Acesso em 18 set. 2021.

BUSTINZA, I. A. U. **Didática de Línguas Adicionais e Integração Latino-Americana**. Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística, Foz do Iguaçu, 2014.

BUTLER, J.; SPIVAK, G. C. **Quem canta o Estado-nação?** Língua, política, pertencimento. Tradução de Vanderley J. Zacchi e Sandra Goulart Almeida. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

CALAINHO, D. B. **História medieval do Ocidente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. Tradução: Ana R. Lessa e Heloisa P. Cintrão. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2013.

CANDIDO, R. **Toro Candil de Porto Murtinho – MS**. 2016. Disponível em: < <https://www.protagonismodigital.sed.ms.gov.br/roteiro-de-estudo/toro-candil-de-porto-murtinho-ms-65077>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

CARDOSO, N. A.; MOURA, R. Regiões de fronteira e fluxos migratórios: o caso do Paraná. In: **O Mercosul e as regiões de fronteira**. Rio de Janeiro: Ipea, 2017.

CARRILLO, A. T. **Pensar epistémico, educación popular e investigación participativa**. Ciudad de México: Nómada, IPECAL, 2019.

CARVALHAL, T. P. **Conflitos linguísticos em zonas fronteiriças: diagnóstico das atitudes linguísticas e do perfil sociolinguístico dos estudantes de uma escola de Foz do Iguaçu**. Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística. Foz do Iguaçu, 2014.

CARVALHO, F. A. Fronteiras e zonas de contato: perspectivas teóricas para o estudo dos grupos étnicos. Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de História. **Dimensões**, [S. l.], v. 18, p. 49-70, 2006.

CASCUDO, L. C. **Antologia do folclore brasileiro**: volume 1 [online]. 1. ed. São Paulo: Global, 2014.

CHAUÍ, M. **A linguagem**. Convite à filosofia. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006.

CONDEMI, S.; SAVATIER, F. **Neandertal, nosso irmão: uma breve história do homem.** Tradução de Fernando Scheibe. 1. ed. -- São Paulo: Vestígio, 2018.

CORREA, P. M. A. **Quando subo no palco, sinto que todo o Paraguai está conosco.** Paraguai Teete, 2014. Disponível em: <<https://paraguaiteete.wordpress.com/2014/10/07/quando-subo-no-palco-sinto-que-todo-o-paraguai-esta-conosco/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

COSTA, R. M. C. **Escravidados na liberdade: abolição, classe e cidadania na Corte imperial.** Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio/ Casa Civil/ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2014.

CUNICO, H. C.; CONTRERAS, H. S. H. **A teoria do afeto em Wallon e sua contribuição na significação das relações educativas no ambiente hospitalar.** 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/78099929-A-teoria-do-afeto-em-wallon-e-sua-contribuicao-na-significacao-das-relacoes-educativas-no-ambiente-hospitalar.html>>. Acesso em: 14 set. 2021.

CURY, M. J. F.; FRAGA, N. C. **Conurbação transfronteiriça e o turismo na tríplice fronteira: Foz Do Iguaçu (Br), Ciudad Del Este (Py) e Puerto Iguazú(Ar).** 2013. Disponível em: <http://www.mujieryfronteras.com/wp-content/uploads/2019/06/Ferreira-Fraga-2013-Conubar%C3%A7ao-fronterici%C3%A7a_ART%C3%8DCULO.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

DANIEL, O. **Erva-mate: sistema de produção e processamento industrial.** Dourados: UEMS, 2009.

DAUWE, F. **Caderno de estudos: história moderna.** Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Indaial: UNIASSELVI, 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34. 1995. 715 p.

DERRIDA, J. **O monolinguismo do outro ou a prótese de origem (1996).** Tradução de Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016.

DERROSO, G. S.; CURY, M. J.F. Elementos de uma identidade territorial: um estudo de caso da cidade de Foz do Iguaçu-PR. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 41, v. 1, p. 65-85, jan./jun. 2019.

DIAZ, E. S. R. **Las fronteras “porosas” de Sudamérica: ¿líneas divisorias o áreas de cooperación?** 2016. Disponível em: <http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_analisis/2016/DIEEEA39-2016_Fronteras_Porosas_Sudamerica_ESRD.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2021.

DUTRA, C. A. S. **O território ofaié pelos caminhos da história.** Dissertação para à obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em História, UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados. 2004. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000305.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

ESCOBAR *et al.* **La música en el Paraguay:** situación actual y perspectivas de future: ponencias presentadas en el 1er. Simposio de la Música en el Paraguay “Ipuaporãve hagua ñane remiandu”. Asunción: Secretaría Nacional de Cultura, 2019. 373 p.

EYLER, F. M. S. **História antiga: Grécia e Roma:** a formação do Ocidente. Petrópolis: Vozes, 2014.

FANON, F. **The wretched of the Earth.** Newyork: Grove Press, 1963.

FAUSTO, B. **História do Brasil.** Edusp, 1996. 89 p. Disponível em: <[https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2021.

FELIPE, L. **Existência [II].** Antiguidade. Joinville: Clube de Autores, 2019.

FERNANDES, J. A. **De cunhã a mameluca:** a mulher tupinambá e o nascimento do Brasil. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

FERRARI, L.F.D.N. **En Español! Qué lindo! Sabe dos idomas! Em português e Espanhol. Que rico, tá?** Um olhar situado sobre aspetos de translinguagem na interação professora/alunos em uma escola de fronteira de Brasil-Bolívia . Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade:** Curso no Collége de France (1975- 1976). Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Microfísica do poder.** 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FREITAS, M. A.; FERNANDES, D. M. **O preconceito linguístico e a estética da exclusão por meio de duas perspectivas interacionistas:** o círculo de Bakhtin e o comportamentalismo radical. *Revista Linguagem*, São Carlos, v.28, n.1, p. 205-225. jan./jun. 2018.

FREITAS, H. et al. O método de pesquisa survey. **Revista de administração**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 105-112, jul./set. 2000.

GARCIA, O.; WEI, L. **Translanguaging.** language, bilingualism and education. London: Palgrave Macmilian, 2014.

GRECHI, D. C.; SANTOS, B. D. Culinária, cultura e identidade na fronteira Brasil e Paraguai. **Revista desenvolvimento, fronteiras e cidadania.** Ponta Porã, vol.3, n.2, p.1-38, out. 2019.

GRÜNEWALD, L. E. N. **O fascismo dos homens bons:** Sobre padres e os Ayoreó do alto Paraguai. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, 2015.

GUILLÉN, C.; BALBUENA, J.; GONZALÉZ, M.; VALDEZ, A. **Trajes típicos.** 2016. Disponível em: <<https://es.scribd.com/document/322790662/Ministerio-de-Educacion-y-Cultura>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

GUILLEN, I.; COUCEIRO, S. **500 Anos Um novo mundo na TV**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância. 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

HEINZE, E. G.; MENEGHEL, R. El uso de los verbos “tener” y “haber” en la sociedad actual brasileña y el prejuicio lingüístico. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista v. 7, n. 3 esp., p. 23-48, dez. 2009.

HENLEY, W. E. **Um livro de versos**. Londres: D. Nutt. 1888. p. 56–57.

HISTÓRIA COM GOSTO. **Os Entrudos - Carnaval do século XVII ao século XIX**. 2017. Disponível em: <<https://historiacomgosto.blogspot.com/2017/02/os-entrudos-carnaval-do-seculo-xvii-ao.html>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê Iphan – Carimbó**. Inventário Nacional de Referências Culturais: Belém, 2013. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Invent%C3%A1rio%20Nacional%20de%20Refer%C3%Aancias%20Culturais%20sobre%20o%20Carimb%C3%B3.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

JENSEN, J. S. **Epistemologia**. Tradução Eduardo R. da Cruz. Rever. São Paulo, ano 13, n. 2. nov. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/rever/article/download/18418/13662>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014

KEMPINSKA, O.D.G. A função emotiva em perspectiva intercultural. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, p. 202-213, jun. 2014.

KMITTA, I. R. **Porto Murтинho**: as águas, a cidade e a (re) construção de sua História. Artigo (Doutorado em História). Universidade Federal da Grande Dourados. 14 p. 2013. Disponível em: <http://www.sul2013.historiaoral.org.br/resources/anais/5/1376424974_ARQUIVO_Artigo_Hist_ORAL_FozIguacu_2013.pdf>. Acesso: 28 ago. 2021.

LACERDA, L. N. A. **“Vocês fazem isso porque tem medo de nos ouvir”**: análise dos discursos do estado quanto aos direitos indígenas diante da usina Belo Monte. Dissertação (Mestrado em antropologia social). UFG, Goiânia, p. 138. 2017.

LEMES, A. A. S., GOMES, N. S. Rota Bioceânica – Brasil e Paraguai – numa proposta textual: histórias em quadrinhos (HQs) nas possibilidades da translíngua. **Revista Philologus**, Ano 26, n. 78 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2020.

LEMOS, A. S. C. **A dimensão do afeto no desenvolvimento cultural da criança.**

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2018.

LIMA, L. **Receita de Sopa paraguaia fácil.** TudoReceitas, 2017. Disponível em: <<https://www.tudoreceitas.com/receita-de-sopa-paraguaia-facil-3830.html>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

LIMA, L. O. **A guerra do Paraguai.** 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2016.

LIMA, M. M. E. R. O resgate de Porto Murtinho. **Revista Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, Campo Grande, v. 4, n. 3, p. 135- 143, dez. 2000.

LIMA, A. M. **Mato Grosso de outros tempos: pioneiros e heróis.** São Paulo: Soma, 1978.

MACHADO, O. K.; MACHADO, P. F. N. **História II.** 1 ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

MAHER, T. M. Do Casulo ao Movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural. In M. C. Cavalcanti e S. M. Bortoni-Ricardo (orgs.) **Transculturalidade, Linguagem e Educação.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p.67-96.

MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. **Desinventando e (Re)constituindo línguas.** Tradução de: Cristine Gorski Severo. Work. Pap. Linguíst., 16(2):9:34, Florianópolis, ago/dez, 2015.

MELIÀ, B. **A língua é a pele que habitamos.** Entrevista, nov. 2011. Disponível em: <<http://paulocesarl.blogspot.com/2011/11/la-lengua-es-la-piel-que-habitamos.html?m=1>>. Acesso em: 10 set. 2021.

MELLO, C. I. M.; FROEHLICH, J. M. Hibridação e tradução cultural em tempos de globalização: reflexões sobre o artesanato contemporâneo em perspectiva territorial. **Polis Revista Latinoamericana**, [S. I.] v. 20, n. 59, p. 203-222, 2021.

MELLO, V. D. S.; DONATO, D. S. O pensamento iluminista e o desencantamento do mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. **Revista Crítica Histórica**, ano 2, n. 4, p. 1-17, dez. 2011.

MENCK, J. T. M. **D. João VI e a construção das bases do Estado Nacional.** Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018, 144 p.

MENDONÇA, M. R.; TEIXEIRA, J. C.; MARIANO, A. J. F.; MEDEIROS, G. N. O município de Três Lagoas/MS como maior produtor/exportador de celulose do mundo: a ideologia do progresso e suas contradições. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 42, v. 3, p. 50-76, jul./dez. 2020.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. "Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito": entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP). Dossiê Especial FICLLA. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 05-21, 2019.

MITOVA, V. Decolonising Knowledge Here and Now. **Philosophical Papers**. vol. 49, n. 2, p. 191-212, jul 2020.

MONTEAGUDO, H. A invenção do monolinguismo e da língua nacional. **Gragoatá**, [S. I.], v. 17, n. 32, jun. 2012.

NABUCO, J. **O abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000.

NARO, A. Variação e Funcionalidade. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 7, n. 2, p. 109-120, 1998.

NAVARRO. E. A. O domínio da língua castelhana sobre o guarani paraguaio. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 29, mai./ago. 2004.

OLIVERA, D. G. *Soberanía cultural, identidad y lengua guarani*. **Ñemitÿrã**. Revista Multilingüe de Lengua, Sociedad y Educación, v1, n.1. 2019. Disponível em: <<https://sites.google.com/fil.una.py/revista-nemityra/>>. Acesso em 08 set. 2021.

ONU. **La lengua guaraní, orgullo de un país**. 2019. Disponível em: <<https://news.un.org/es/story/2019/02/1451281>>. Acesso em 25 de agosto de 2021.

PARAGUAI. **Anuario Estadístico 2018**. Disponível em: <<https://www.ine.gov.py/>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

_____. **Cultura**. Disponível em: <<https://embaixadaparaguai.pt/pt-pt/cultura/>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

_____. **Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos**. Tamaño y Estructura de la Población. DGEEC, 2005.

_____. **Paraguay: dinámica poblacional y territorial en centros poblados fronterizos**. CIP/Ministerio del Interior. Assunção, 2010.

PEREIRA, F. G; MACIEL, R. F. Processos de construção de sentidos para além da dicotomia verbal e não verbal em contextos médicos. **Revista Philologus**, [S. I.], v. 25, p. 2674-2681, 2019.

PEREIRA, M. A. **Lendas e mitos do Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

QUADROS, K. **Tereré é eleito Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade**. 2020. Disponível em: <<https://100fronteiras.com/ciudad-del-este/noticia/terer-e-eleito-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

RAJAGOPALAN, K. The concept of World English and its implications for ELT. **ELT Journal**, [S. I.]/v. 58, n. 2, p. 111-117, abr. 2004.

RENSHAW, J. "A eficácia simbólica" revisitada: cantos de cura ayoreo. **Revista de Antropologia**, [S. I.], v. 49, n. 1, p. 393-427, 2006.

RIVAROLA, M. **Políticas fiscales y desigualdad en Paraguay**. 2018. Disponível em: <<http://www.decidamos.org.py/fiscalidad/wp-content/uploads/2018/06/Cap1-Pol%C3%ADticas-Fiscales-y-Desigualdad.pdf>>. Acesso em 04 abr. 2021.

ROCHA, C. H.; **Línguas estrangeiras na infância, formação cidadã e letramento crítico**. Desafios contemporâneos no ensino: língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 2018.

SABINO, J.; LODI, R. **Danças de Matriz Africana**. Rio de Janeiro: PALLAS, 2011.

SANTOS, F. R. J. **É “á” sou paraguaia e moro no Brasil**: Repertórios linguísticos e práticas translíngues de imigrantes paraguaios na cidade de Jardim-MS. Dissertação. Campo Grande: [s.n.], 2021.

SANTOS, J. R. **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

SARRETA, C. R. L. **A (re) construção do conhecimento, o intelectual e a hermenêutica**. *Perspectiva*, Erechim. v. 35, n.130, p. 203-215, junho/2011.

SEGOVIA, M; ACOSTA, S.; PENNER, H. **La impronta guaraní en el castellano paraguayo**. Entrevista. 2012. Disponível em: <<http://paulocesarl.blogspot.com/2012/11/la-impronta-guarani-en-el-castellano.html?m=1>>. Acesso em: 10 set. 2021.

SERRANI, S. Afetividade e escrita em língua estrangeira. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 22, p. 023-039, jan./jun. 2002.

SICSÚ, J.; CASTELAR, A. **Sociedade e economia**: estratégias de crescimento e desenvolvimento. Brasília: Ipea, 2009.

SIEBERT, E. C.; CHIARELLI, L. K. **Cultura Popular Brasileira Indaial**. UNIASSELVI, 2012.

SILVA, J. M. **Canaã do oeste**. 3. ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2018.

_____. **Fronteiras guaranis**. 3. ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2018.

_____. **Christovam Colombo e o descobrimento da America pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1892. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242470>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SILVESTRE, F. **Assembleia Legislativa realiza sessão solene em homenagem ao povo paraguaio**. 2016. Disponível em: <<https://www.al.ms.gov.br/Noticias/57295/assembleia-legislativa-realiza-sessao-solene-em-homenagem-ao-povo-paraguaio>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SIMANJUNTAK, F; HAIDIR, H.; JUNAIKI; PUJIONO, M. Diglossia: phenomenon and language theory. **European Journal of Literature, Language and Linguistics Studies**, [S. l.] v. 3, n. 2, ago. 2019.

SOMERVILLE, M. **Postmodern emergence**. International Journal of Qualitative Studies in Education, v. 20, n. 2, p. 225–243, 2007.

SÓRIA, M. A. Z. **Usina de Itaipu: integração energética entre Brasil e Paraguai: uma síntese histórica da Itaipu Binacional**. Assessoria de Comunicação Social – Itaipu Binacional. Foz do Iguaçu: Itaipu Binacional, 2012.

SOUCHAUD, S. A visão do Paraguai no Brasil. **Contexto interno**, v. 33, n. 1, jun. 2011. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/cint/a/nVkJgmQWyd9M5hdxgDWHTKL/?lang=pt>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

SOUSA, B. D.; MIRANDA NETO, J. Q. Usina hidrelétrica de Belo Monte e o papel dos agentes na reestruturação da cidade de Altamira-PA. **InterEspaço**, Grajaú, v. 5, n. 18 p. 01-18 set./dez. 2019.

SOUZA, A. J. **O preconceito linguístico em debate: quais gramáticas descritivas usar?** In I Simpósio de Glotopolítica e Integração Regional. 2017. 369-386 p. Disponível em: <https://www.academia.edu/41422529/O_preconceito_lingu%C3%ADstico_em_debate_quais_gram%C3%A1ticas_descritivas_usar>. Acesso em: 23 set. 2021.

SOUZA, L. M. T. M. Cultura, Língua e Emergência Dialógica. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 289 – 306, jul-dez 2010.

SPIVAK, G. C. **Crítica de la razón poscolonial Hacia una historia del presente evanescente**. Trad. Marta Malo de Molina. Madrid: AKAL, 2010.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, v.57 n. 2, abr./jun. 2005.

TANZI NETO, A.; OLIVEIRA, G. C. A. **Translocalidade, repertórios e indexicalidade: efeitos constitutivos do discurso contemporâneo em espaços digitais superdiversos**. Revista Intercâmbio, v. 38, p. 46-68, 2018. São Paulo: LAEL/PUCSP.

TEDESCO, G. P. *“Toro Candil”*: um componente da singularidade cultural em Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 1, jan./mar. 2017.

TOLEDO, F. A formação da identidade transcultural, a exemplo de Rafik Schami - Traducción, género e identidad. **Revista Mutatis Mutandis**, [S. I.] v. 8, n. 2, p. 466-484, 2015.

UPHOFF, D. As línguas do outro: reflexões sobre um caso de bilinguismo. **Revista Fragmentos**, Florianópolis, n. 33, p. 229-243, jul./dez., 2007.

VOGEL, S.; GARCIA, O. **Translanguaging**. City University of New York. CUNY Academic Works, 2017. Disponível em: <https://academicworks.cuny.edu/gc_pubs/402/>. Acesso em 13 jun. 2021.

WATERKEMPER, A. G.; GOMES, M. J. T. A influência do rádio na difusão da cultura paraguaia em Dourados-MS. **Web-Revista Socio Dialeto**. v. 2. n. 1. jul. 2012. Disponível em: <www.sociodialeto.com.br>. Acessado em: 08 ago. 2021.

WIKIMEDIA. **Urubu de asas abertas na Praia Ilha Grande.jpg**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Urubu_de_asas_abertas_na_Praia_Ilha_Grande.jpg>. Acesso em: 18 abr. 2021.

ZUCCOLILLO, C. M. R. **Língua, nação e nacionalismo**: Um Estudo sobre o Guaraní no Paraguai. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. 2000.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 1

Pesquisador: Obrigado Entrevistado 1, de início seria interessante que o senhor contextualizasse, brevemente, a história local, abordando as questões políticas, econômicas, sociais e culturais de relevância.

Entrevistado 1: Falar de Porto Murtinho é falar de 110 anos de história. Iniciou em 1892 com a construção do porto para exportação de erva-mate, da Mate Laranjeira, uma empresa conhecida no Estado. Daí o município passou por vários processos históricos importantes. Na economia nós tivemos o ciclo da erva mate, das charqueadas, do tanino e posteriormente o turismo de pesca, o turismo diversificado, cultural, de contemplação, enfim.

Desde o início houve uma dominação da cultura europeia. Portugueses, turcos, alemães, vieram se estabelecer para trabalhar no comércio e montagem das indústrias do tanino, das charqueadas e da erva mate, juntando-se ao pessoal do sul. A partir daí o município cresceu se desenvolveu, mas sempre em ciclos né períodos de alta baixa terminavam.

Quando terminava um período prosperidade passava por um período parada econômica e depois ressurgia com uma nova atividade econômica e vem até os dias atuais, hoje Porto Murtinho tem 110 anos, foi criado em 1911, mas na verdade o porto iniciou em 1892 e vive expectativa da retomada dos portos né que a sua vocação original e a construção da ponte sobre o Rio Paraguai ligando aí a rota bioceânica ligando através da colônia Peralta né, são cidades gêmeas do Brasil e Paraguai.

A população, hoje soma 15000 habitantes né 50% na área rural 90% desse pessoal é ocupado, está empregado na cidade. Murtinho é o segundo maior município do estado, do pessoal aqui vive na área rural, a distancia mais longa do centro da cidade até a última fazenda percorre-se 300 km, temos aí colônias né 3 colônias 6 aldeias indígenas, são os remanescentes da nação guaicurus. A gente vive diariamente com a cultura paraguaia porque do outro lado do Rio já tem uma cidade paraguaia, Carmelo Peralta, município novo, mas já 5000 habitantes.

Também tem uma colônia indígena, os Ayoreos. A gente está próximo, 90 km da capital do estado desse território do Paraguai, que é Forte Olimpo, uma cidade importante, ao norte, tem um destacamento militar em Barranco Branco. Do outro lado, no território brasileiro, subindo um pouco mais o Rio, tem a Baía Negra, última cidade paraguaia, depois, já se alcança a fronteira com a Bolívia. Descendo o Rio Paraguai, a 45 km, rio abaixo, tem a

antiga sede de uma fábrica de tanino – Quebracho do Brasil, na boca do rio Apa, que vem de Bela Vista, que faz também divisa também com o país vizinho, o Paraguai.

Pesquisador: Quando falamos dos aspectos culturais em Porto Murtinho, o senhor percebe e identifica as fases de influência, as colonizações pelos europeus e poderia nos falar de que forma isso influenciou na formação cultural e como se apropriam e manem vivas até os dias atuais. E qual é a magnitude dessas influências?

Entrevistado 1: De início a colonização aqui começou com uns com os gaúchos né, quando a companhia Mate Laranjeira desceu para essa região para usar o Rio e montar um porto para exportar a erva mate que era nativa, viram os gaúchos é gaúchos depois vieram os paranaenses. Enfim junto com eles também, com a exportação da erva-mate, vieram os europeus né, esses europeus vieram para trabalhar no comércio.

A empresa Mate Laranjeira sendo uma grande empresa chegou a ter 18000 funcionários, enfim, usou a mão-de-obra local, que eram os indígenas e os paraguaios e aí surgiu o povoado inclusive, da conjugação desse pessoal, desses trabalhadores, mais o pessoal que vieram para trabalhar no comércio, os europeus, aí formou-se o povoado então aí se misturou os gaúchos com os europeus e os nativos né, os paraguaios e os indígenas.

Então o que se manifestava nos ervais era um modelo que a gente tinha aqui, então é, influenciou muito também os conflitos né, porque a erva mate vai vir para cá depois da guerra do Paraguai, então tinha uma rivalidade muito grande, um clima tenso, entre os paraguaios e os do lado de cá. Como a maioria, não sendo daqui, isso ficou grave no início, mas depois quando o pessoal começou a tomar identidade local aí sim criou uma rixa muito grande.

Inclusive ocorriam incidentes na beirada do Rio, enfim e por muito tempo é aconteciam crimes, havia uma separação muito grande, com o tempo isso foi sendo superado e começou a cultura a ser adquirida para cá, a cultura paraguaia, do Toro Candil, principalmente do Toro Candil. Aí tem as semanas santas né, que eram as procissões, que se manifestavam na Semana Santa, então aí isso acabou servindo para integrar as 2 fronteiras, o pessoal do Paraguai e do Brasil e a partir daí tudo isso vai sendo superado.

Também, aqui foi construído em 1914 um castelo né pra abrigar uma Senhora que casou com um fazendeiro daqui, um uruguaio e ela era de família nobre na Europa, então ela tinha mandado construir um castelo para morar e usava os costumes dela na Europa. Aquelas vestimentas lançavam moda aqui para as meninas e mulheres no local. Então, ela ensinava, dava aulas de idiomas, falava 8 idiomas, aula de piano.

Tinha a escola das irmãs, a igreja teve um papel importante na educação aqui, mas aí as irmãs se instalaram aqui e começaram a trabalhar na educação das crianças modelando o

sistema da Igreja Católica, tinham um poderia muito grande. Com a religião e os costumes tudo foi modelando a cultura e a integração aumentando, o pessoal se apropriando do que é típico da fronteira.

Pesquisador: Como se deu o processo de formação cultural em porto Murtinho?

Entrevistado 1: Então, tudo isso foi modelando e modificando essa visão que existia e a integração foi crescendo através das festas e da cultura e o povo se integrando, e aí também começou já a ter os nascidos aqui né e aí a pessoa vai se apropriando daquilo que é realmente nosso da nossa fronteira e o que vem permanecendo até agora. O pessoal vem mantendo alguns costumes, tem a gastronomia, o idioma, as falas e nas gírias, enfim inclusive as festividades, é assim que até hoje acontece.

Pesquisador: Com relação às trocas linguísticas, como elas se dão aqui? Quais são os idiomas utilizados em ambientes informais e formais? Isso vem se mantendo?

Entrevistado 1: É. Até há alguns anos atrás aqui é, antes da das embarcações motorizadas, eram só as canoas, o comércio era muito forte na Ilha Margarida, em frente à Porto Murtinho. A maioria fazia compras na Ilha Margarida, tecidos mantimentos enfim o comércio daqui era mais para atender os fazendeiros, a população mais humilde ia comprar na ilha então, os chalaneiros levavam e traziam as pessoas, cobravam pelo meio de transporte.

Na beira do Rio então havia uma grande aglomeração de pessoas todos os dias, tinha uma feira montada pelos paraguaios, quem fazia a feira eram os paraguaios que vinham do outro lado da Colônia porque tinha uma plantação. Traziam tudo, desde verduras, legumes, enfim e os peixes. Os pescadores, os peixes eram oferecidos ali, peixe pulando na beira do rio, eram 100 metros de peixe pulando, era vendido ali mesmo. Esse pessoal falava o português, guarani e espanhol, falando os três idiomas conseguiam se entender. Isso se manteve. Com essa mistura a população conseguia se entender. Hoje essa comunicação é mais fácil porque a pessoa além de entender fala.

Então, eu sempre dou palestra colégio em Carmelo Peralta e eu falo em português, e os alunos entendem, e até participando, falando português, às vezes eu falo Guarani com eles também. Às vezes nem todos entendem lá Porque a Juventude hoje está falando mais em espanhol eles também estão nessa transição, o Guarani ele fica assim meio que se apagando.

Atualmente se comunicam bastante em espanhol na ilha, o guarani vem se apagando, no lado brasileiro o guarani ainda é utilizado por famílias mais antigas e em ambiente familiar, o pessoal tem vergonha de falar o guarani publicamente. Se você falar o guarani no meio de uma palestra na escola o pessoal fica em silêncio.

Por muito tempo era proibido do lado brasileiro pronunciar uma frase em Guarani, eu fui punido. Aprendi a falar o português já com 15 – 16 anos, só falava o Guarani, vivia no sítio, todos na colônia Bocaiuva onde eu morava, 50-60 famílias, todos nós falávamos o guarani e o português entrou na nossa vida na escola.

Na minha família, meus pais são brasileiros, mas a gente só falava o guarani. Todos na colônia Bocaiuva onde eu morava, eram 50 e 60 famílias, todos nós falávamos Guarani, então o português entrou na nossa vida depois que entramos pra escola e na escola era proibido falar o Guarani.

Pesquisador: Você tinha dito mais cedo que havia castigos, como era isso:

Entrevistado 1: Eu não conseguia falar direito no começo então tinha castigo, era insultado, sai da minha sala índio burro, ou mandavam eu ficar na posição de urubu. Isso prejudicou do pessoal se apossar do idioma Guarani. Era proibido falar o guarani, quem sabia falar não podia falar, ficou mais no âmbito familiar, eu falo guarani com minha família no sítio e quem queria aprender não tinha meios.

Pesquisador: É correto, então, interpretar a partir dessas suas narrativas, que a população de faixa etária menor não utiliza de forma corriqueira o Guarani?

Sim, até porque hoje em dia até incentivam, mudou muito né, tem até projetos de alguns professores, pesquisadores que vêm, por exemplo, a gente tem muito acesso a Ponta Porã, lá tem cartilhas produzidas em Guarani, esse material acaba chegando muito para cá, mas não tem se hábito trabalhar isso nas escolas, então a juventude hoje, as pessoas não tem acesso ao guarani, e tem um pouco de preconceito né.

Pesquisador: Sob o ponto de vista cultural, você sinaliza que a língua Guarani pode estar se perdendo, e com relação às demais tradições, há esse mesmo sentimento? Ou elas ainda se mantêm e passam de geração para geração?

Entrevistado 1: Vem se apagando até porque surgiu a internet e outros atrativos. Então, quem praticava muito, por exemplo, aqui, na época da semana santa, 40 dias antes, antigamente a gente não falava alto e nem palavrão e a gente nem apanhava, era a época que a gente aproveitava e aprontava, você não apanhava, senão agredia o sentimento religioso e essa influência é paraguaia.

Então, aí você saía em procissão, montava um grupo e saía com cruz, com velas, enfim, ia na casa das pessoas cantando musicas lindas, mas eram vários grupos, era procissão, as promesseiras, os cancioneiros e esses grupos quando se encontravam eles trocavam cantos né enquanto cantavam outros passavam e eles paravam e as casas montavam o chamado

calvário com plantas, com folhas de Coqueiros, com galhos de árvores e penduravam chipa paraguaia.

Você ia lá, cantava e rezava e na saída você tirava uma chipa que era amarrada com folha de Coqueiro, pendurada e aí as casas já esperava. Você tinha que ir em todas as casas porque senão o pessoal ficava bravo porque era discriminação não ir na casa de alguém. Então tinha as promesseiras e tinha as pessoas que eram especialistas para cantar, as músicas eram em Guarani, isso foi se acabando né as pessoas mais antigas que fazia isso foi foram falecendo, enfim foi se enfraquecendo e não teve alguém que fizesse continuar e mais os atrativos atuais, é, aí, depois, você tinha que pascoar, tudo que você aprontou em 40 dias no Domingo de Páscoa você tinha que pascoar com a mãe, pai e com os padrinhos, os padrinhos são os segundos pais.

Na falta dos pais o padrinho é responsável, então você apanhava naquele dia por tudo que você aprontou em 40 dias, mas você podia sair aliviado porque apanhou por aquilo que você aprontou. Então, essa influência era muito interessante nas pessoas, você já sabia que iria apanhar lá na frente.

Tinha o Toro Candil, era um evento muito interessante porque tinha a participação da cidade inteira, mas era um modelo diferente do que é atualmente, então o Toro Candil ele teve início com a colonização espanhola, na colonização da América pelos espanhóis, porque o boi sempre foi um trabalhador eu brinco falando assim que o boi trabalhava tão igual e sofria mais que os homens, era tão escravo quanto.

Tem registro né, porque além de trabalhar e puxar a carreta né com cargas de madeira e no início da erva mate ele recebia ferroadada né, era machucado e eles trabalhavam tanto quanto os homens porque tinha que puxar na região alagadiça, aquele carro de boi com carga de madeira, enfim. Então, a festa era para alegrar os patrões que vinham em visitas, então lá no interior, lá no Paraguai, porque a fábrica de tanino teve 5 fábricas no Paraguai nessa região toda, então era uma festa com a caveira da cabeça do boi e coberta com tecido e eles colocavam um tufinho de pano com querosene e ateavam fogo para aparecer na escuridão que na época não tinha luz elétrica e uma bolinha de fogo para eles brincarem. Divertiam-se com isso.

Pesquisador: Essa bola de fogo é o que se chama de pelota tatá?

Entrevistado 1: Pelota, né, pelota tatá para aparecer, né, porque as pessoas chutavam aquilo ali e tinha que fugir né, porque senão se queima, né. A festa do touro aí foi acrescentado a imagem da Santa para representar religiosidade da população, a Nossa Senhora de Caacupé, que é a padroeira do Paraguai. E aqui também né no caso da fronteira,

depois, no Brasil a partir de 2007 2008, que o prefeito remodelou isso para criar um festival aqui, modificou né, mas se criou os 2 filhos do Toro Candil, para a manifestação cultural local.

Isso não foi bem aceito, inclusive pelo conselho estadual de cultura né, do folclore né, eles questionaram isso porque estaria se apropriando de uma cultura que é do Paraguai, na verdade a gente representou toro Candil aqui sendo filhos dele os 2 tourinhos que já nasceram aqui no Brasil, com identidade brasileira, então foi muito questionado na época. A festa era grande chamava muito atenção e divulgou muito o município.

Pesquisador: Com relação a questão das celebrações religiosas, esses músicos, que ritmos que normalmente eles tocavam durante esses eventos religiosos? Parece que durante velórios também havia o hábito de cantar, e essa questão da culinária, a exemplo da chipa, aqui também se comia também no seu longo e ao final dos velórios, mas seria correto dizer que as celebrações religiosas típicas do Paraguai que seriam celebradas aqui elas seriam rituais que acompanham a vida toda desde o nascimento até o falecimento, nos velórios se seguiram o mesmo modelo?

Entrevistado 1: Sim aqui esses músicos que cantavam, era um grupo que cantava, não tinha instrumentos musicais era no gogó mesmo, mas era lindo, tinha as pessoas que eram os puxadores né, as pessoas mais idosas, e os homens e mulheres acompanhavam, isso era treinado eles ensaiavam.

Pesquisador: Eram hinos religiosos? Não eram ritmos específicos?

Entrevistado 1: Não. Eram hinos religiosos, os cantos eram específicos, por exemplo, eu lembro do canto “meu santíssimo sacramento...”, era lindo, todo mundo cantando isso numa noite escura na estrada, porque ia para a área rural também, íamos andando e parávamos. Eu também eu cheguei de participar, era lindo da escuridão surgindo aqueles cantos, as pessoas que estavam dormindo iam se levantando e já preparavam o altar com os santos, levantavam e ficavam esperando e muitos dali iam acompanhando a gente e cantavam até amanhecer, mas não tinha instrumentos musicais, puxavam e todo acompanhava, era servido chipa com um pouco de vinho, era isso.

Nos velórios você tinha que amanhecer, você não podia chegar antes da meia-noite, você amanhecia com a família porque senão você tava cometendo um azar, você tinha que amanhecer e era uma choradeira danada, você tinha que chorar. Todo mundo chorava e ai servia muita coisa, servia janta, servia café, servia chá, servia chipa, sopa você come a noite inteira, então é pra pessoa não ir embora.

Sabe não era e você deixava... você levava dinheiro e vela, você levava um dinheirinho e vela e deixava em cima do caixão. O dinheiro era pra bancar as despesas, então se você não levava isso não era normal ninguém cobrava, mas eu tinha que levar, era por mim. Então você levava a vela e um dinheirinho.

Pesquisador: Você contextualizou essa questão religiosa e das festividades e no lado da das festividades você falou sobre o Toro Candil e da Virgem de Caacupé. Ela é menos importante, menos expressiva do que o Toro Candil ou as celebrações se dão com a mesma intensidade? Como que se dá isso aqui? Qual é a valorização que se dá para Virgem de Caacupé?

Entrevistado 1: Aqui a crença da população mais idosa é muito grande. Uma fé inabalável pela Virgem até hoje. As pessoas almoçam e dão graças a São Francisco par que traga o alimento e que amanhã consiga mais alimento, que as pessoas mais antigas quando vão almoçar ou jantar, depois levanta a mão, o braço e agradeça reza, tem um nicho né, é um santuariozinho em que as pessoas têm em casa. Então, do lado brasileiro tem acho que é 18 famílias que comemoram o dia de Nossa Senhora de Caacupé, tem a procissão, faz uma procissão de campo durante a semana e depois vai ter a procissão que todo mundo vai levar o seu santuariozinho para a igreja.

Tem muitas famílias brasileiras que pintam o muro com a imagem de Nossa Senhora de Caacupé, então faz a celebração, as famílias mais antigas ainda continuam celebrando. No festival, por exemplo, é muito lindo, eu participo né, é a figura do índio leva todos os personagens históricos local, o índio, o negro da escravidão, as promesseiros né, e aí a própria imagem da Santa.

Pesquisador: Então, as celebrações mudaram por aqui?

Entrevistado 1: Não mudou. E tem o Toro Candil pai e os 2 filhos, né, que acompanham a Virgem sim, acompanham principalmente no festival, então é uma mesclagem em que todos têm o mesmo significado, entende? Juntos eles formam aquilo ali, naquela manifestação, mas junta todos os personagens.

Pesquisador: Com relação à alimentação, o que é mais simbólico aqui no território brasileiro e que seja de origem paraguaia? Você falou da chipa, falou da sopa paraguaia, tem algo mais?

Entrevistado 1: Sim, nas manhãs, nas casas, inclusive eu, é hoje a gente maneira um pouquinho por causa da gordura, pronto. Mas a gente usa é banha de porco aqui porque é uma gordura e é mais saudável, a tortilha tem uma massa que você faz com trigo ovo caipira, né, leite, se quiser colocar um tempero, normalmente se coloca salsinha e cebolinha, assim, mas

you faz uma massa para fritar, aquilo ali é a tortilha, you come com o cocido, que é um chá mate.

Coloca a erva mate e o açúcar you queima com a brasa, de preferência brasa de Angico. O cheiro então fica no ar e toma conta do bairro inteiro. Esse é o meu café da manhã. You toma um chá com a tortilha e quando é um desfile, alguma coisa assim, os diretores de escola passam mensagem falando vamos reforçar o cocido com a tortilha porque é o alimento, café da manhã tradicional.

No almoço nós normalmente comemos o puchero, o puchero é típico né, o puchero é ossobuco que falam hoje dia né, osso com carne, o surtido, faz bolinho de milho de fubá, milho moído na máquina fininho, faz bolinhos e you aí coloca verduras, legumes, mistura depois a gente faz um sopão, é bem nutritivo né.

O pessoal que trabalhava e trabalha na área rural, se não comeu puchero não aguenta trabalhar o dia inteiro, tem que ser o puchero. E o carreteiro, o carreteiro já é mais o puchero, aí, de tarde, lá pelas 4 horas, mais um cocido com galheta. A galheta que é o pão caseiro, uma bolacha seca é feito no Paraguai e ele dura meses no saco, pendura ele e não estraga, dura meses.

Então, ai depois, tem ai nesse puchero o *vori vori*, tem a sopa que não é sopa. Sopa “*so o*”, “*so o*” é carne que fala, né. Então, é feita com uma massa de milho e no meio se despeja um tipo carne moída e mais uma camada de milho. Aí tem o lambreado que é a tortilha, mas com a carne no meio, um bifão no meio. You comeu o lambreado ali? Então, tenho uma amiga que faz um lambreado como ninguém. É uma tortilha só que com a carne no meio. A princípio seria isso a influência dos paraguaios na gastronomia. O cocido com a tortilha, o puchero, né.

Pesquisador: E esses alimentos são consumidos por todos, independentemente da classe social, da idade?

Entrevistado 1: Só pra you ter uma ideia, hoje, quando vou ao sítio, lá eu tenho fogão de lenha, tenho um tataquá, um forno feito de cimento e barro, então lá em casa a gente tem, então you faz um puchero no tachinho, a pucherada, aí eu posto no face, rapaz mas o que tem de gente manda mensagem para mim, dizendo eu quero eu gosto disso, sabe, é um dos mais curtidos quando eu uso dessas coisas. Aí eu faço pão caseiro, chipa aí faço o cocido com a Brasa que foi usada pra esquentar o forno, já aproveita a brasa, tiro foto e mando só olhar no meu face depois pra ver o tanto de curtida, a integração e a interação é violenta, o pessoal comenta, fala eu quero.

Pesquisador: Então a comida é um elemento de integração cultural?

Entrevistado 1: O pessoal gosta, eu tenho pessoas de nível econômico bem elevado, comerciantes, fazendeiros, né. Gente que tem fazenda, mas não faz lá que mudou muito, antigamente não tinha o pantaneiro o fazendeiro antigo tradicional. Tem fazenda, mas não faz lá. Mudou muito, antigamente nós tínhamos o pantaneiro fazendeiro, hoje em dia os fazendeiros da região moram em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, só vendem o boi e tiram dinheiro.

Ele traz uma pessoa de fora para cuidar da fazenda, antigamente você chegava no sítio a criança de 7 anos trançava um laço para você enquanto a mãe tava tomando chimarrão com você o guri ia lá e fritava uma tortilha, fazia um carreteiro. Hoje em dia não, nem o pai sabe, eu tranço um laço, se você pedir pra um cara trançar um laço, vai te perguntar o que é isso. Muitas coisas vão se perdendo.

Mas nessa questão da alimentação, da gastronomia local, pra mim, eu me sinto bem. Eu quero ir pro sítio pra eu postar lá, e eu levo alguns algumas vezes, tenho umas amigas bem ricas que nem falaram comigo, nem conhece, sou uma pessoa bem popular, mas quando eu posto isso, dizem eu quero.

Pesquisador: Então seria correto nós imaginarmos, sob o ponto de vista de integração e manutenção de tradição cultural que a alimentação ocupa maior espaço cultural do que a língua guarani?

Entrevistado 1: Sim, porque através dela você se comunica mais. Essa integração é maior. A comida é um elemento de integração cultural aqui. A alimentação promove mais integração do que a língua. Só preciso terminar essa parte do sítio, né. Aí eu tenho que trazer, se eu não trazer, isso é pra fulano, isso é pra ciclano, porque pedem, né, eles já sabem que tenho que fazer bastante porque aproveita tudo, né, o forno, a lenha que queima, você assa duas ou três vezes, e não dá pra você guardar pro outro dia, é tudo barato pra você fazer isso, você usa queijo, ovo e araruta.

Pesquisador: Então se não atender aos pedidos pode ser um motivo de desagrado?

Entrevistado 1: Não no mau sentido, mas assim você não trouxe pra mim, espera aí, tá ara isso, agora, é, traz, pensa na alegria da pessoa que recebe. Eu tenho uma amiga minha que é psicóloga, ela veio da cidade pequena de Caracol, aí desde que ela chegou eu fui pro sítio e ela lembrava pera aí, me chama, traz pra mim, tá, mas eu não levo porque a pessoa é chique, aí esses dias eu trouxe para uma sacolinha pra ela assim, ela abriu, pegou e comeu na minha frente e comeu então você fica feliz.

E aí todos pedem, os que não pedem comentam, aí dão os parabéns, falam eu quero, por que não convida enfim, gente de Campo Grande, São Paulo é as pessoas daqui que

conhecem, gente que está morando fora, fala nossa, quanta saudade eu tenho, então tem influência muito grande.

Pesquisador: Interessante. Nesse mesmo sentido, com relação à apropriação de valores culturais, há as vestimentas Paraguaias, o que o murtinhense absorveu?

Entrevistado 1: Então. É, no início era tudo uniforme, né, o pessoal usava botinas, botas de borrachas, 7 léguas, por causa das cobras, assim os que trabalhavam na área rural tinham que se proteger. Eu usei porque a gente tirava leite você proteger das cobras a gente usava. Os tecidos nossos pais compravam na ilha, hoje não tem mais. Usavam um facão e um revólver, era proibido, mas era pra se proteger e cuidar do outro, os inimigos eram os animais.

Era bonito usar, eu adorava ver os caras com revolver na cintura, eu pensava, cara, assim, queria crescer logo pra poder usar também e aí, nessa questão do pessoal da área rural da cidade, então era tudo uma imitação, no nosso caso aqui, da influência que recebia através do Rio. Não tinha televisão, internet, então se alguém ia pra fora depois vinha e trazia a novidade, era repulsa no início, mas depois acabava influenciando, mas a tradição maior e paraguaia.

Mas daí o pessoal ia deixando os costumes antigos aos poucos. Alguns que voltavam com tatuagens eram rotulados como bandidos e era visto da pior forma, recebia um isolamento grande. Depois, com o tempo, o pessoal vai incorporando, vai se tornar no normal, né. O pessoal da área rural e da cidade tem uma diferença muito grande na forma de se vestir, né.

Aqui era é tudo muito bem arrumado né normalmente com blazer né até pouco tempo, até funcionário público tinha que ter uma vestimenta apropriada. Para ir nos bailes no clube dos caixaras você só entrava com namorada ou esposa, você não entrava para procurar namorada ali.

Você já tinha que ir acompanhado da sua namorada ou esposa e a roupa tinha que ser manga comprida abotoada, a maioria branca e calça azul ou preta, ou, enfim, e alguns usavam até gravata. Aí tinha um conjunto que tocava, é era isso, então você não falava vou para vou pra festa, não, você tem que chegar, tem que ser adulto, tem que ter namorada ou esposa era uma regra.

Pesquisador: É usual, durante caminhadas pela cidade, observarmos os homens usando poncho, chapéu e faixas em certos períodos? Isso remete à cultura paraguaia, como você observa essa apropriação na atualidade?

Entrevistado 1: Inicialmente é, em fazendas usam muito. Os trabalhadores braçais usam a guaiaca, aí, embaixo da guaiaca usam uma faixa, normalmente com a cor da bandeira

paraguaia, né, porque os paraguaios fazem mesmo, que produz, então usa para proteger de hérnia porque faz esforço físico, está ali amarrada, dá 4 ou 5 voltas depois prendia e aí colocava a guaiaca em cima, um cinturão, mas aquilo é para proteção da saúde. Os campeiros, se não usarem, tá se arriscando, porque como fala, fica rendido, né, então ele protege contra hérnia e tem que a perneira né.

Tudo fabricado, normalmente, no início eram os paraguaios que produziam, faziam isso ali, então você comprava na Ilha. Então, o maior presente você podia dar um amigo que trabalhava na fazenda como peão era dar uma faixa daquela. O chapéu era de pano, também do Paraguai. Muitos usavam chapéu de pano.

O poncho, os fazendeiros antigos já usavam e aí no frio. Então, se pintar um friozinho aqui em Murtinho, os antigos quando usam tem em casa né, é um tecido com furo no meio né normalmente tem a mesma formatação e modelos de cores que estão na faixa, sabe que eles tratam assim né, influência indígena um pouco menos talvez né então, mas é muito bonito sabe, então, essa vestimenta.

Pesquisador: E as vestimentas das mulheres?

Entrevistado 1: Tá, as mulheres usavam saionas rodadas, blusas brancas e cabelo solto. É belo o cabelo solto e comprido, muito comprido. Para ser mulher tinha que ter cabelo solto e cabelo comprido, né, então você falava que mulher linda olha os cabelos dela né então era cabelão e o homem tinha que ter o cabelo curto.

Pesquisador: E a flor no cabelo?

Entrevistado 1: As mulheres utilizavam, tinha muita flor aqui né, é muita flor e a mulher tinha que se enfeitar, também a mulher já é vaidosa por natureza né, daí colocavam atrás da orelha né, para tirar foto, assim, andar com isso, aí mais tarde apareceu aquelas já de artesanato, mas pra prender o cabelo, mas era mais era mais um adereço né.

Pesquisador: Quero falar sobre a família, a forma de construção dos núcleos familiares e os demais personagens. Como eram e são escolhidos os padrinhos das crianças aqui?

Entrevistado 1: Os padrinhos das crianças, aqui, quando a criança nascia eram imediatamente, já eram convidados, alguns amigos casal, tinham que ser casados, de preferência da maior idade possível. Para fazer o primeiro batismo em casa, batismo da água do socorro.

Chama-se batismo da água de socorro para socorrer a criança, para proteger espiritualmente, a pessoa ia a casa batizar a criança e aí escolhia os compadres, tinha a pessoa que celebrava isso, eram as pessoas que vinham para fazer o batismo essa pessoa na comunidade era vista como uma pessoa santa, então uma pessoa assim conselheira.

Enfim e ela vinha aí os padrinhos ali suspendiam a criança, aí molhavam um raminho com a água batizada água ali, enfim, isso aí são os compadres de primeiro batismo de água de socorro, aí é esses padrinhos são seguros, na ausência dos pais, se os pais vão viajar, já chamam o compadre para cuidar, o compadre tem que olhar a casa, passa a ser responsável, é esse o papel.

Pesquisador: Entendi. Então era uma medida de proteção, os padrinhos tinham que ter uma característica protetiva?

Entrevistado 1: Sim, era de extrema confiança da família. Assim, você tá escolhendo é um padrinho. Passado esse tempo, aí quando você escolhia um, por exemplo, um fazendeiro, já dizia que você tá escolhendo por dinheiro, não pode. Então, os laços eram de família, não tinha laço econômico, não tinha, e aí tinha. O padrinho era responsável por você cuidar de você, se te encontravam na rua perguntavam que está fazendo aqui e mandavam você para casa, entende?

Pesquisador: Essas famílias influenciavam, influenciam ainda, se for o caso, na formação educacional dos filhos e nos segmentos políticos?

Entrevistado 1: Influenciavam em tudo, até porque antigamente não tinha, por exemplo, faculdade. Como que eu vou fazer nível superior, então os padrinhos aconselhavam, iam na casa, explicavam, porque são mais esclarecidos, né?

Uns explicavam e ofereciam ajuda para poder, quando a pessoa se formava aqui não ficar parado, ou, no fim do estudo, com a formação do grau de escolaridade aqui era um baque muito grande para a pessoa e para a família. A pessoa chorava, ficava entristecido porque o estudo era levado a sério, então todo mundo estava olhando para você como estudante, a pessoa do estudante era muito respeitado.

Você falava sou estudante que o pessoal abria as portas para você, né. Você não era malandro, enfim o pessoal te via por esse lado, então é nesse ponto ali que eles entravam e quando podiam né, para oferecer ajuda, enfim aí o padrinho ajudava até mesmo a conseguir emprego.

Na política não tinha essa ligação, essas coisas não, era mais complicada, mas nas outras coisas que dependia de colocar essa pessoa no mercado de trabalho com alguma coisa assim era o padrinho que tinha influência quando o pai não tinha, fazia esse papel.

Pesquisador: E hoje como é a questão da estratificação sociocultural em razão das faixas etárias e das influências das pessoas na sociedade. Há algum tipo de segregação em Porto Murinho?

Entrevistado 1: Eu tinha falado com você naquela hora da conversa aqui as coisas vão chegando e as coisas se transformando não é? E aí a própria necessidade do lugar às vezes, é leva a pessoa procurar um grupo social diferente né, ali naquele grupo social, tem um custo diferente ou então a pessoa acaba saindo indo até do núcleo familiar, vai se desagregando mesmo né e através da internet recebe muita informação né, hoje em dia todo mundo é assim, as criancinhas não brincam mais de boneca.

A gente brincava muito é de Torito. Torito é o que a gente brincava, é 7 coquinhos que você pegava com a mão, brincava, criancinha de 5 anos dava um show, segurava na mão não, sabia jogar é hoje em dia nem sabe que é isso mais porque tem outros atrativos, não? Então é uma coisa que se foi. E aí vem a questão, é das proximidades da juventude e enfim, aí nem os pais controlam mais os filhos, né?

Na nossa região os pais tinham domínio muito grande sobre a família é hoje em dia não tem é eu acho que é pouquíssima família deve ter isso. Nas famílias hoje é raríssimo, né? Já não tem e o mundo está mais atrativo porque não é e não tem também muita coisa a oferecer porque está tudo aí né pessoa tem muita opção né e aí muitas coisas se apagaram.

Pesquisador: Então você compreende que a globalização, o acesso às informações e os meios de comunicação que estão aí tem contribuído para é arrefecer essas manifestações culturais de origem paraguaia na região?

Entrevistado 1: Sim, inclusive o próprio festival que acontecia aqui que trazia 4 ou 5 países, é 20 chegou a 20 - 30 municípios trazendo seus artistas para se apresentarem, eram 5 dias de festival, é as pessoas iam é pra festa não sabia o que que era tudo aquilo ali. Você perguntava: você está gostando do festival, o que significa o festival, não sabiam, diziam: não, estou me divertindo.

A partir daí eu fiz um trabalho muito grande nas escolas né? Criei, assim, é durante a semana do museu, concursos tá pra gente poder levar a isso uma parceria muito grande com as escolas, mas as pessoas esquecem né?

Naquele momento o pessoal assimilava isso, mas depois, com o tempo, não pratica, né, o festival é uma vez por ano, então o museu ficou muito visitado nesse período ou museu é o ponto ainda hoje mais visitado, mas assim, pela comunidade local. Daí então, as pessoas hoje, quando acontece participam, mas não sabem o significado.

Pesquisador: Houve uma época de ouro e de glamour na cultura de Porto Murtinho? Quais são as suas lembranças com relação a isso, como era a sociedade nesses períodos?

Entrevistado 1: Quando a Mate Laranjeira veio pra cá, construir o porto, Porto Murtinho foi a primeira cidade da região centro-oeste a receber m trilho, ferrovia, Campo Grande só recebeu em 1914.

Porto Murtinho em 1907 já estava sobre o trilho, então é, aí, a empresa grande sendo instalada aqui vinham os grandes empresários para cá e eles traziam modelo vestimentas e costumes deles e isso passava pras pessoas daqui. Depois nós tivemos na década de 30, Porto Murtinho participando diretamente da revolução, imagina de pessoas que vinham para cá, da publicidade que é isso aqui dava e as pessoas em contato com esses outros de fora.

Vários grandes passaram por aqui, né e eles repassavam tudo aquilo, recebia desse encontro que se passava para acomodar as trocas. Porto Murtinho foi o segundo município que mais arrecadava impostos na época do antigo Mato Grosso. Então era um município muito rico né e vinham pessoas, políticos, Murtinho para cá ou quando tomando jeito, donos de empresas gigantes vinham pra cá e com eles vinham vários políticos.

Muitas reuniões aconteciam aqui, decisões de nível nacional né, daí foram construídas as primeiras casas, a casa mais antiga está ali perto da igreja, ali no parquinho, foi construído em 1892 a casa onde Thomaz Laranjeira parava. O trem passava lá na frente, então quando ele estava aí era uma festa muito grande porque vinha gente de Conceição.

Quando ele vinha para cá, vinham do Paraguai homens empresários e as suas mulheres, enfim a festa era grande. Então cada um que chegava trazia um modelo de ser, um costume e uma forma de se vestir uma forma de agir e isso, numa cidade que era pequenininha e parada, né, é tudo novidade e já pegava. Daí você vai ter a Segunda Guerra Mundial né, e os próprios alemães, donos das empresas, enfim.

Tinha comentado com você da Virgínia né, que era moradora do Castelinho, né, tanto que Porto Murtinho é dona do único Castelinho que tem no Mato Grosso do Sul, né pensa na influência que é isso deu para as pessoas. Aquilo, ela se exibia ali as vestimentas dela de dia e as pessoas ficavam na frente com a sua costureira pra pegar um modelo, para copiar e usar, na festa seguinte todo mundo estava com aquele modelo, era lançado moda.

Ela lançava moda na comunidade, ela dava aula de piano, falava 8 idiomas, enfim dava aulas para os filhos dos mais abastados da cidade. O comércio era dominado pelos turcos, né é a gente tinha o café real, uma fábrica de café aqui no centro bem em frente ao posto. O café feito e embalado aqui mesmo, então cada um que vinha vivia os seus costumes e a sua cultura, tinha espaço para isso, não ia disputar com ninguém, a forma de ser dele era repassado para outros, né?

Então, desde calçado roupas, alguns costumes, falas no idioma, enfim é a gente queria isso né, então Porto Murtinho era um centro cosmopolita sim, era livre a manifestação cultural. A gente recebia muitas permissões também, Murtinho fala é o fim de linha, é a última guardiã da fronteira. Não, Porto Murtinho é a primeira guardiã da fronteira porque é por aqui e aí chegavam o pessoal, é o portal de entrada, é a chegada agora a pessoa quer jogar na última guardiã da fronteira, última não somos a primeira guardiã porque aqui bate de frente, aquilo que recebe primeiro.

Então, as pessoas não querem pensar assim, por aqui subiram pessoas, vieram expedições. Roosevelt passou por aqui, o Mato Grosso do Sul só foi dividido quando Geisel entrou, ele conhecia o Estado, por isso que aconteceu a divisão. Muitas revoluções aconteceram antes e nunca ninguém dividiu o Estado porque não conheciam o Estado. Olha o Geisel quando entrou ele dividiu porque ele passou por aqui e ele andou aqui com o Roosevelt que depois veio a ser presidente dos Estados Unidos.

Porto Murtinho recebeu, é aí na época da guerra, era o caminho, confronto, enfim, a revolução é a instigante, o conflito que aconteceu aqui, recentemente está acontecendo um movimento negativo em relação a isso novamente. Lá em Assunção alguns historiadores que estão retomando esse tema, publicando livros instigando o conflito, enfim tá um clima de hostilidade novamente aqui na região em função da Guerra do Paraguai porque mudou muito a forma de se trabalhar e a liberdade que alguns escritores têm inclusive alguns sem muita informação, sem pensar muito, no que é isso pode dar para todo mundo.

Isso está causando alguns momentos tristes aqui na região de fronteira, de novo, porque inclusive na escola né eu ia eu muitas vezes, eu fui falar sobre a Guerra do Paraguai na escola do Paraguai, mas uma maneira diferente. O conflito aconteceu no passado e que a gente não tem culpa nisso e que isso supera de outra forma hoje em dia, mas tem material sendo publicado hoje em dia em Assunção que vem seguindo incitando conflitos, reclamando que essas terras são do Paraguai, pelo tratado de Tordesilhas, enfim, esquecem os outros tratados, né?

Pesquisador: E esse movimento nacionalista não seria, estou só fazendo um paralelo, saindo um pouquinho do nosso tema, esse nacionalismo não é um movimento global?

Entrevistado 1: Sim, mas é eu estou falando assim pra gente porque nós já vivemos isso, há muitos anos nós já vivemos isso, nós já experimentamos isso e foi trágico, né? Nós tivemos confronto ali na Praça Thomaz Laranjeira, houve o desembarque de tropas paraguaias na praça, houve confronto e essa coluna que desembarcou aqui seguiu até o Rio Grande do

Sul. Temos a cachoeira do Apa, geograficamente falando, o lugar mais lindo do município de Porto Murtinho.

Onde há o encontro do Rio Apa com o Perdido, na divisa com o Paraguai, é a 90 km daqui, que lugar mais lindo. Ali houve um confronto e começou ali a Retirada da Laguna que não está registrado em nenhum documento histórico, agora está sendo porque eu tenho um material que eu estou lançando e vai sair, esse primeiro material.

Então, o município de Murtinho, hoje não tinha não está citado nisso, é que a Retirada da Laguna, que começa em Bela Vista e outro na cachoeira do Apa porque foi parar em Nioaque. O Brasil ia rechaçando o Paraguai dividido em 2 colunas, uma parou em Bela Vista e a outra entrou na cachoeira do Apa.

Ali houve um confronto com os paraguaios, o Rio Apa estava alto, só que os paraguaios sabiam por onde que estava passagem, mesmo o rio alto pelas pedreiras, dava passagem a pé e os brasileiros acharam que ele seria o fim daquele combate, mas não, eles conseguiram passar, pegaram pedras, inclusive até os que não sabiam, pegaram todas e passaram andando pelas pedras sem serem levados pela correnteza. Rechaçaram as tropas brasileiras e ali começou a retirada da Laguna.

Pesquisador: Mas voltando aqui, uma pergunta, o Ray Conniff esteve em Porto Murtinho?

Entrevistado 1: Eu sinceramente não tenho registro a esse respeito, Getúlio Vargas esteve aqui, Roosevelt passou pelo Rio. Eu comecei a dar aula em 91, na escola Thomaz Laranjeira, tinha um prédio bem antigo era a primeira escola, grupo escolar. Na década de 30 o pessoal se encontrava aqui, Getúlio Vargas vinha se encontrar aqui com empresários e políticos, tomar chimarrão, gaúcho, né?

Tem que ter uma família gaúcha, os pais do Zeca, José Orcírio, de São Borja, da região do sul, Silvino Jacques andava muito por aqui né, então ele vinha para cá, mas vinha escondido. Eram figuras públicas, não se fazia muito alarme, né. Está aqui ó então, a moeda que é cunhada do Getúlio Vargas, ele veio e nessa escola o piso era de tijolo, aquele tijolinho comum, e ele, é, deu para o cara, porque o cara estava fazendo chimarrão.

Reunindo ali com o Thomaz Laranjeira aí ele pagou o cara, deu uma gorjeta para o cara, e caiu dele no buraco do tijolo e aí o cara não conseguia tirar e ele deu outra moedinha. Pronto, em 2003 - 2004 o Zeca estava reformando ali para fazer a quadra coberta ele demoliu quase tudo, houve manifestação porque era a escola mais antiga, mas enfim tirou, destruiu lá pra fazer a quadra coberta da escola. Eu estava indo pra sala de aula e eu passava, eu moro na

esquina, passava em cima daqueles entulhos pra não dar a volta pra dar aula ali e eu vi um negócio ali caído no chão.

Dei uma mexida ali passei a mão pelo entulho e eu vi a moedinha, peguei e coloquei no bolso e fui dar a aula. Nem mandei limpar por causa disso que eu descobri fui conversar com o pessoal mais antigo levando essa moeda, ligando inclusive o pai do Zeca ou Heitor, pessoal antigo.

Eu ia num asilo, né porque ali estão os idosos, né levar uma pinguinha para eles e aí eles começaram a contar algumas histórias para mim e aí o cara falou pra mim que o pai fez chimarrão para o Getúlio Vargas e tinha recebido dele uma moeda e eu mostrei a minha, ele falou igual isso aí.

E eu achei que essa moeda é, então tá aqui a prova de que Getúlio Vargas esteve em Porto Murтинho, essa moedinha vai ficar no museu, mas no museu lá em casa, né. Então é mais uma história nossa, e foi Getúlio Vargas que depois bloqueou Rio Paraguai aqui e Murтинho sofreu a sua primeira crise, a primeira grave crise econômica né porque a erva mate parou de passar por aqui e aí só voltou recuperar depois de 34-35 com a indústria do tanino.

Pesquisador: Historicamente você disse que tivemos algumas fases e essas fases se vincularam aos grandes empreendimentos locais, Mate Laranjeira, tanino e saladeiros. Seria razoável pensar que a rota bioceânica poderia impactar de uma forma profunda a cultura e a sociedade de Porto Murтинho? Em que magnitude se daria comparando-se aos outros cenários?

Entrevistado 1: Só para complementar isso eu queria já fechar segunda questão religiosa, por exemplo, o pessoal perdeu muito assim a participação a descrença, enfim pelos acontecimentos é que aconteceram dentro dessas instituições, por exemplo, nós tivemos nos últimos 5 padres, 2 estão casados e usaram assim não de forma correta a igreja católica. É uma comunidade pequenininha isso, bem católica, entendeu? Então é isso, tira a fé do pessoal, de acreditar então que a participação da igreja católica você não tem quase ninguém, enfim, só dando um exemplo, né.

De todas as empresas que aqui se instalaram cada uma trouxe uma época de prosperidade, para aquele momento foi ótimo, foi um período de riqueza e emprego, a autoestima da população era boa. De todas as empresas que se instalaram aqui o desenvolvimento foi ótimo, mas quando acabava isso Murтинho entrava em depressão social. Tudo porque não tinha né então como várias empresas prósperas se instalaram aqui, hoje você vai, por exemplo, eu falo porque eu vou para a escola eu tenho contato com pessoas.

Contato com alunos do sexto ano até o final do ensino médio e você percebe, aí você fala, faz uma exposição otimista, mas sempre tem uns questionando, mas precisa ter várias indústrias importantes aqui que a gente fala com empolgação das empresas nos momentos prósperos.

O município continua o mesmo, já veio varias empresas importantes, por que Porto Murtinho não se manteve em desenvolvimento, será que agora vai beneficiar, em que sentido isso traria beneficio. Até que aconteça a Rota eu quero esperar pra ver. Há uma descrença muito grande com a Rota Bioceânica. Como que vai vir agora vai conseguir? Então, essa é uma pergunta que a gente está buscando resposta não é, será que, em que sentido que vai beneficiar isso ao município.

Vou te dar um exemplo. É quando foi iniciado o segundo porto aqui, agora, recentemente, foi gasto mais de 100.000.000 de reais, nunca se viu tantos caminhões e a 5 km tinha fila de caminhão ocupando a BR, aí a população tem um hábito da caminhada na BR porque não tem pista caminhada na cidade então atrapalhava, aí você vai verificar qual benefício que essa empresa está trazendo para o município?

Até aquela época nenhum centavo cada caminhão pagava para o município porque eles receberam com prazo de concessão pra não pagar nada para o município e ficavam na BR pra não pagar o estacionamento dentro do poso, ou aqui ou lá, para ficar na BR os caras são particulares trabalhadores, então é até você entender isso já causa uma descrença na população, além de atrapalhar, jogar poeira, tá ocupado pra transitar? Qual o lucro para o município?

Não dá nada porque é isso que está acontecendo nesse momento. Até que aconteça a Rota eu quero esperar pra ver, em que sentido isso vai trazer benefícios para o município. Porto Murtinho nunca soube se apropriar dos legados. Então, até que acontece, a gente, eu pelo menos, quero esperar, sabe, eu quero esperar para ver porque eu sei que a ponte vai estar livre, lá vai passar e de que maneira que o município vai se apropriar disso, tanto culturalmente, economicamente tanto, enfim, é em que sentido que é isso vai trazer melhorias para o município porque é até agora as outras estão temporariamente assim.

Quando não podia mais se beneficiar, é claro, além do capitalismo da empresa né, é isso, mas o município não soube se apropriar daquilo que foi deixado né porque era alguma coisa estranho para aqui. Não nasceu aqui, não é do pessoal daqui não, veio com um objetivo e quando esse objetivo foi atingido não se importaram de ir embora, entendeu? Então, quando ficou, tanto que os trilhos foram todos retirados – os 87 km de trilhos foram todos retirados vendidos como sucatas para o estado de São Paulo é, enfim, poderia estar aí.

A gente não soube se apropriar daquilo que, embora deixado, mas podia ser apropriado, isso economicamente, e socialmente a mesma coisa né, porque tinha tantas coisas boas, os costumes da família da família, fechada em si, da solidariedade com a outra pessoa, enfim isso também se foi com a correria, aí da igreja isso também se foi.

A educação escolar foi trazida pela Igreja Católica e era a melhor educação do município, tinha então, hoje em dia não tem mais e aí ficou a igreja para transmitir os bons costumes para falar das coisas boas né, mas aí um padre dá um exemplo outro vem e dá outro, aí a pessoa fala que não é boa, nem a igreja presta mais, então a gente vai perdendo com os exemplos que a gente vem recebendo.

Tem tanta coisa boa nos costumes que também se foi. A gente tá pronto pra assimilar o que vem de fora, o pessoal aqui assimila facilmente porque a gente está carente mesmo, então está em busca de algo, mas aí você recebe uma pancada e então há uma descrença muito grande em relação à rota bioceânica. Eu particularmente, eu vejo assim, a rota bioceânica vai unir o nosso Pantanal, nossa região com a região de vários países.

Pensa numa estrada que você vai poder viajar que você vai curtir outras culturas, enfim em todos os sentidos né, é eu tenho na família gente que pretende viajar, inclusive antes da ponte, né. Pra até chegar ao Chile, mas ia até um máximo né, ver, por exemplo, o deserto do Atacama, né, então tem a época das flores lá. Chove lá raramente e são 200 espécies de flores que enfeitam aquela região, então pelo menos você ir. Os meus parentes lá do norte já estão indo direto, eles moram em Porto Velho né, mas a gente quer por aqui né, então é na cidade inteira vai ter caravanas vai ter sempre.

É uma grande oportunidade que vai surgir, mas até que isso aconteça, você fala na escola ali, no ensino médio, a gente então se esforça para convencer de que isso será bom, mas o povo tem que alimentar. A preocupação é saber se vai dar emprego, tem o frigorífico, tá parado e nós somos criadores de gado, aí está, sabe? Então nós temos mecanismos que poderiam estar funcionando e não está. Isso causa descrença, aí a pessoa fica aí flutuando, sabe?

Pesquisador: Isso não é questão de oportunidades? Voltando para a questão cultural, reforço a pergunta. Com base nas passagens anteriores, dos grandes investimentos, a Mate Laranjeira com 18000 funcionários é algo significativo, a Florestal também chegou a 8000 funcionários, enfim isso não foi capaz de formatar uma identidade cultural específica e típica, pois se mantiveram aqueles costumes familiares, de solidariedade, provenientes da cultura paraguaia? E agora?

Por essas razões lhe pergunto, quando da construção da ponte e da utilização da rota, qual é a sua expectativa sobre a questão cultural? Ao seu entender haveria é uma exposição tal que pudesse afetar substancialmente a cultura de Porto Murtinho? Quais são as suas expectativas e sentimentos com relação a isso?

Entrevistado 1: Então, eu acho que o município precisa trabalhar isso, senão irá se perdendo a cultura, do jeito que tudo vai se perdendo, das culturas que aqui já existiam. Até porque chegam outras né e mais forte ainda, né? E principalmente com algumas oportunidades, o pessoal, é claro que vai abraçar tanto a comunidade quanto o que vem junto, não é?

O município tem que se apropriar e resgatar tudo aquilo e trabalhar, principalmente, através da educação escolar, aquilo que a gente falou em grade curricular. Eu acho que é o caminho. Senão a gente não vai não vai manter o que era, porque já é difícil já está muito enfraquecido, né? Por exemplo, as procissões já não têm mais, vai se perdendo. Eu não acredito que a Rota faria se perder isso, já vem acontecendo. O município tem que criar meios de resgatar a cultura.

Da nossa Senhora de Caacupé que era um monte hoje em dia sai 5, 6, né? Embora algumas casas você ainda vê algumas coisas, a questão familiar, a água do socorro raramente acontece, antigamente era lei, era obrigação dos pais. Hoje em dia não nem na igreja católica batiza mais, falam assim, eu vou esperar a criança ser adulta.

A gente vai perdendo muito tá eu não acredito que a rota seja responsável por isso, já vem esse processo aqui ó, pelo contrário, eu vejo que é os que vão chegar vai enfraquecer ainda mais, então o que precisa ser feito, é um município que tem que se se se preocupar com isso e criar meios e resgatar tudo isso e através de alguns eventos, sei lá.

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 2

Pesquisador: Estamos com o Entrevistado 2, empresário, residente há muitos anos nesse local, estabeleceu aqui as suas raízes e conhece bastante as histórias e os costumes da região. Obrigado por nos receber para esse bate-papo, o senhor poderia contextualizar historicamente a sociedade e os movimentos culturais na região, considerando as interferências dos nossos vizinhos.

Entrevistado 2: Na formação histórica do município do Porto os primeiros habitantes aqui, bom, aqui era praticamente uma fazenda e que estava e na margem do Rio havia um porto com uma boa localização e a uma distância boa. Dessa fazenda é que surgiu o povoado cuja cidade foi começando com essa fazenda. Não começou como uma cidade ou uma vila, começou pela fazenda.

Pesquisador: Esses primeiros colonos que vieram aqui há para cá para explorar essa fazenda, quais eram as origens deles?

Entrevistado 2: Era muito misturado, mas o que mais tinha aqui era mesmo era os gaúchos, né. Os primeiros a explorar a região foram os gaúchos e os paraguaios. Eles começaram primeiro por Ponta Porã, vieram daquela região, mais tarde vieram os paulistas e os mineiros.

Pesquisador: E esse movimento se deu de uma forma muito lenta pelo que se sabe e com a chegada da Mate Laranjeira é o que mudou o contexto social local, é isso?

Entrevistado 2: Mudou tudo né um em relação ao que era, aqui era só um porto, e não era um porto, porto, mesmo, era um local onde as pessoas aproveitavam para fazer alguma coisa, para levar alguma coisa. Mas não era todo um movimento que desse rendimento porque a pessoa que utilizava na região era só para embarcar para desembarcar alguma coisa e ia embora, né.

Com isso pessoal não ficava rico, mas nessa época pelo que consta é já tinha mesa de renda aqui, né, no começo tinha uma mesa de renda da receita federal. E se tinha uma mesa de renda tinha que ter um movimento grande e não há nada aqui que fale dessa mesa de renda, quando começou, qual era a principal fonte de arrecadação. Antes da Mate Laranjeira já tinha a mesa de rendas, mais ou menos no começo, naquela época.

Pesquisador: Interessante essa informação, demonstra que na época já havia algum movimento econômico por aqui. E com a Mate Laranjeira vieram pessoas da onde, de qual origem?

Entrevistado 2: A maioria era do sul, o Thomaz Laranjeira era do sul, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, um pouco mais do sul, esse pessoal era mais ligado à pecuária, ao gado, então eles vieram para explorar gado na região que era aquele gado abandonado, que há muito tempo os espanhóis trouxeram e largaram aqui quando foram expulsos e esse gado se perdeu no mato e eles vieram para essa atividade, esse gado que já tinha.

Pesquisador: E com relação à cultura? Com a chegada desses colonos, trabalhadores da Mate Laranjeira, houve algum confronto cultural? Como se deu essa adaptação?

Entrevistado 2: Não porque essa cultura deles, essa cultura que tem aqui é paraguaia, né porque dos índios aqui não teve quase influência nenhuma. Existia uma tribo mais longe, um pouquinho retirado, mas aqui mesmo não tinha né, nem do lado paraguaio perto que não tinha, esses índios ficavam a certa distância.

Pesquisador: o senhor poderia nos explicar como eram as manifestações culturais no passado?

Entrevistado 2: A cultura que tem aqui é paraguaia, do sul não tem influência aqui não, nem do lado paraguaio aqui perto não tinha. O que tem aqui é a cultura paraguaia que é muito agradável, como é até hoje. O povo acaba gostando dessa cultura, eles são muito ricos nessa parte, as musicas, as festas, estas danças deles, Toro Candil, Boi Tatá, o pessoal que veio para aqui começou a cultivar.

Pesquisador: Por que é tão forte a cultura paraguaia aqui?

Entrevistado 2: Na Mate Laranjeira 90% eram paraguaios os trabalhadores. Eles eram o braço forte da época, a classe operaria era formada por paraguaios e os índios que trabalhavam aqui não eram esses aqui do lado, eram o braço forte da produção da erva.

Pesquisador: Esse movimento de pessoas também aconteceu durante a exploração do tanino? Nas atividades dos saladeiros?

Entrevistado 2: Murtinho, quando, na década de 70, a população era quase 80% paraguaia, se mudaram pra cá e levavam uma vida normal sem se preocupar com documentos. Até um tempo atrás o povo só falava em guarani, era bonito de ver. A partir da década de 70 já começou a influenciar bastante a cultura brasileira, mas a paraguaia permaneceu.

Naquele tempo pra fazer uma cirurgia não se exigia isso, então essa população que a gente tem, até um tempo atrás nos bairros um pouco mais afastado o povo só conversava em guarani.

Pesquisador: Seria correto imaginarmos que até essa década de 70 a cultura em Porto Murtinho era eminentemente paraguaia?

Entrevistado 2: Não. Já começou nessa época, olha já começou a influenciar bastante, mas ainda era brasileira, mas tinha a paraguaia e assim permaneceu, mas a cultura, os brasileiros com isso já foi mudando né, mas porque na época da Mate Laranjeira o povo não importava com esse negócio de cultura né. Era no trabalho que as pessoas se interessavam, embora com essa vinda aí começou a ter influência.

Pesquisador: Esse movimento no sentido de influenciar a cultura local começou a se dar a partir de quando então?

Entrevistado 2: Foi bem antes. Na década de 70 é quando a maioria da população era paraguaia, a maioria né, mas antes de 70 já havia um movimento grande.

Pesquisador: E você entende que já teria começado a influenciar a cultura naquela época? Os costumes eram de onde? Por exemplo, dizem que um grande time de futebol do Rio de Janeiro veio jogar aqui e daí surgem as referências e a tradição dos Murтинhenses de torcerem por times do Rio. Dizem que Ray Conniff esteve aqui com a sua orquestra. O que de tudo isso é verdade?

Entrevistado 2: Isso existe e é verdade. É a Florestal, isso já foi na era da Florestal. O futebol já foi na época da florestal que aconteceu isso. A Florestal era uma potência que mantinha aqui financeiramente, a cidade, então tem o povo daqui e do Paraguai sempre gostaram de futebol né, e então tinha um time bom aqui, mas junto com o exército né.

O pessoal do exército, da marinha, mas mais do exército, então o futebol aqui era bom e que quiseram fazer uma festa super importante, então como a maioria era Flamengo então eles trouxeram o Flamengo para jogar e insistiram para que viesse o time principal. Não era só a camiseta, a camisa, era para vir o time principal.

E o Flamengo só ganhou de 2 gols porque o Alumínio, aliás ele morreu na semana passada. O alumínio fez 2 gol contra, então o Flamengo ganhou de dois a um, mas não fez nenhum gol. No fim só ganhou por causa da defesa que deu uma bobeadada e fez gol contra né.

Pesquisador: Mas e Ray Conniff? Esteve aqui?

Entrevistado 2: O Ray Conniff eu não lembro, mas essas outras orquestras da moda, Castilho de Sevilha, por exemplo, vinha. Aqui o Clube Caiçara é uma coisa que competia muito mais que as outras cidades do Estado. Aqui nesses bailes que vários saiam por ano né, os homens de terno, as mulheres faziam aqueles vestidos chiques só para as festas, né, era uma coisa chique, eu peguei bastante isso.

Pesquisador: E o que mudou de lá pra cá?

Nas facilidades, na coisa mais fácil, coisa que não precisa gastar, as coisas que não precisa estar importando muito com a opinião pública, ai é que tudo começou avacalhar com

tudo né. A pessoa procurar o mais fácil e o mais barato né para fazer um baile, então. As pessoas deixaram de se preocupar com usar uma roupa nova, isso foi se perdendo, é praticamente até hoje né, o pessoal vem, vai à festa, aí põe a roupa que quer, tanto faz uma roupa velha. Eu morava em Caarapó naquela época, no tempo em que o Caiçara estava no auge ainda e nos bailes eu vinha aqui só para participar, tenho saudade.

Pesquisador: Você falou dos trajes. Naquela época os homens utilizavam trajes paraguaios? Qual era a vestimenta que usavam?

Entrevistado 2: Não, era normal, mas sempre de terno, bem vestido. O que mais marcava naqueles bailes em dias de frio era que usavam poncho, com pala, com poncho, era o que mudava no ambiente, mas era uma coisa de gala aqui. O Caiçara era fabuloso.

Pesquisador: E o poncho? Ele foi um elemento absorvido da cultura paraguaia ou é o do Sul?

Entrevistado 2: Não, o poncho, aquele grande né é do gaúcho, do Paraguai é aquele mais uma menor assim que põe no pescoço mas meio quadrado, vamos dizer assim né. O poncho do gaúcho é redondo né.

Pesquisador: Então há uma semelhança, mas na realidade se utilizavam ambas as vestimentas, do gaúcho e do paraguaio?

Quem tinha usava, né. Quando estava muito frio quem tinha usava né, mas os fazendeiros sempre usavam, mas o povo, as pessoas da cidade, usavam muito o outro pela comodidade, pela facilidade porque o poncho era pesado para quem trabalha. Ele era bom para aquecer, né.

Mas tem o pala, nem sei o nome certo que o paraguaio dá a essa vestimenta.

Pesquisador: Com relação à língua, como é a prática linguística? Os habitantes locais se comunicam nas três línguas?

Entrevistado 2: Eu tenho um funcionário que se comunica nas três línguas. A gente fala português, de vez em quando do uma palavra em guarani ou espanhol, mas eles se comunicam entre eles, os colegas, só em guarani, eu tive aqui dois índios, Ayoreos, muito bons de serviço, que falavam quatro línguas, né. O guarani, o castelhano, o português e o ayoreo.

Pesquisador; No contexto comunicativo, durante uma conversa, um falante aqui pode utilizar 3 ou até mesmo 4 línguas?

Entrevistado 2: Sim, mas eles falam muito mais o Guarani porque através do Guarani eles se entendem muito melhor do que no português ou no castelhano. Não tem palavras para

eles para substituir, assim, no conversar e no falar, para substituir o Guarani na facilidade de se expressar.

Pesquisador: E na conversa de um brasileiro com o paraguaio. É possível que nessas trocas eles usem no meio das frases palavras em português, Guarani e espanhol? E entre somente brasileiros? Isso se dá naturalmente?

Entrevistado 2: Isso não é muito comum né porque são poucas pessoas que falam que fala essas línguas entre brasileiros né. O brasileiro, quando precisa, usava normalmente o castelhano. O brasileiro usa muito o português e o guarani muito pouco. Entre eles, os funcionários aí, né, por exemplo, seguem falando castelhano quando estão trabalhando, mas sentou num canto para tomar para tomar um tereré é só o guarani entre eles.

Pesquisador: Então o brasileiro se fixa muito mais no português e eventualmente utiliza o espanhol enquanto que os irmãos do outro lado do Rio tem mais facilidade de se comunicar nas três línguas?

Entrevistado 2: Nada, aqui também, os moradores daqui de origem paraguaia, esse pessoal que trabalha, essa mão de obra, já são brasileiros de avô já, mas tem origem paraguaia e continuam conversando em guarani entre eles, não é a grande maioria, mas é numa proporção bem significativa que ainda mantém esse costume, né.

Pesquisador: E com relação à culinária? O que os Murtinhenses apropriaram da cultura paraguaia?

Entrevistado 2: Aqui o que tem de uso corrente e que têm origem paraguaia é a chipa, chipa guassú, é o que mais usam ainda, entre todo mundo né, entrou e permaneceu até hoje né, essas duas coisas então aqui no Estado há muito tempo, você entra em qualquer bar aí tem chipa.

Pesquisador: E a sopa paraguaia?

Entrevistado 2: Então, aqui usa muito.

Pesquisador: A gente consegue enxergar um cenário onde se mantém até certo ponto algumas bases da cultura paraguaia. Sob o aspecto religioso, falamos sobre o Toro Candil, tem a Virgem de Caacupé, essa influência é muito forte? E na Semana Santa, como se dá essa troca entre brasileiros e paraguaios, o que foi apropriado?

Entrevistado 2: Não houve bem uma troca, as coisas se dão junto, né, o Murtinhense e o paraguaio fazem as coisas juntos, né, o Paraguai é muito católico e o Murtinhense também, né. A religião evangélica surgiu de uns anos para cá né e demorou em se alastrar, quero dizer assim né, até pouco tempo o que prevalecia era a religião católica. E essas coisas são de origem católica, né, prevalecia uma maioria católica. Por isso tinha sempre a imagem de um

santo, a devoção, a fé, essas coisas, era tudo coisa católica né e o paraguaio sempre que fazia aqueles festejos era com dança, né, misturada com as festas.

Pesquisador: Como era isso? Festejos religiosos acompanhados de dança?

Entrevistado 2: Na Virgem de Caacupé, os romeiros, os promesseiros que vão para pagar promessa, então é sempre tem aquele grupo da dança na festa para acompanhar a procissão e as festas.

Pesquisador: E o Toro Candil, como é essa festa?

Entrevistado 2: O Toro Candil é uma festa ai já não é tanto da religião, é uma brincadeira em que o Toro tem fogo no chifre e avança sobre as pessoas né, aí as pessoas correm, é uma brincadeira. E tem a pelota tatá, não sei, acho que é esse nome, eu não tô lembrando agora, mas é aquela bola de fogo que ficam chutando no meio do povo.

Ai chuta lá no meio do povo e o povo sai correndo, hoje é proibido, dizem que é perigoso, desculpe, mas nunca ouvi de ninguém que tivesse um acidente. É umas coisas que eles tiram porque um achou que é depois põe na cabeça para fazer vira lei aquilo e como uma lei não precisa de muita gente, é um grupinho de forma as leis, né. Era uma coisa inofensiva que até pouco tempo se festejava.

Aqui tinha um mecânico, o dono do negócio, Salvador Antunes, ele cultuava isso, ainda deve fazer essas festas né, os bailes dele. Era sagrado, era uma referência, né.

Pesquisador: Com relação aos eventos religiosos, disseram que neles também havia comida, inclusive nos velórios. Isso está correto?

Entrevistado 2: É, mas não é por ter sido paraguaia, né porque sempre nesses eventos sempre questão de velório mesmo, a pessoa vai ali para passar a noite inteira, então as pessoas levam salgadinhos para passar, mas eles são mais voltados à comida tradicional. A comida tradicional de Murtinho, do uso da população, a gastronomia paraguaia, né.

Pesquisador: Não era obrigatório levar um dinheiro nos velórios para auxiliar nas despesas com comida, isso é verdade?

Entrevistado 2: Eu nunca vi isso, deve ser mais antigo ainda em relação a minha chegada aqui, logo no começo, no meu tempo nunca vi isso.

Pesquisador: A gente sabe com base em contextos históricos que as culturas sofrem modificações e apropriações, qual é a sua expectativa em relação ao funcionamento da Rota Bioceânica? Haverá afetação na cultura local? Qual é a sua percepção em relação ao movimento de pessoas no local?

Entrevistado 2: Com a Rota Bioceânica, eu acho que a cultura vai se manter, vai mudando lentamente, o mundo muda lentamente, né e aqui em Murtinho pra mudar essas

tradições, para mim vai ser lentamente. A Rota Bioceânica vai trazer movimento, vai trazer coisas, renda, vamos dizer assim, mas para aqueles que mexem com aquilo.

Para a cidade mesmo vai demorar muito para vir esse benefício né, vai ser benefício para o país, para o Estado, o próprio município, mas não o povo da cidade não tem assim emprego na Rota Bioceânica em grande volume para o pessoal daqui e ainda mais que é que vai passar retirado da cidade né. Então quem vem do Chile, quem vem de outro lugar não vai parar em Murтинho. Por que ele vai entrar em Murтинho se ele está querendo chegar de onde ele saiu para onde ele vai, ele quer chegar o quanto antes né.

Então vai demorar. Agora, o Porto vai trazer um pouco mais de coisa aqui porque tem que ter aquela mão de obra e tem o governo que dar cobertura nessas coisas porque vai ter muita primeira renda e a primeira maior renda virá desse porto. A Bioceânica vai ser mais pra frente, vai trazer gente de fora para montar depósito, mas no começo isso não vai mudar nada.

Pesquisador: Sob o ponto de vista cultural, a sua expectativa é que em curto prazo esse trânsito de pessoas não deva impactar de forma significativa a cultura e a sociedade local?

Entrevistado 2: Mas a cultura, por exemplo, não vai ter muita mudança. A curto prazo o trânsito de pessoas na Rota Bioceânica não impactará na cultura local. A cultura não vai ter muita mudança porque a língua vai continuar sendo o castelhano, nesses países é só o castelhano que usam. Quem vem aqui da argentina, Paraguai e Chile fala o castelhano. Quando esse pessoal vem pra cá nem tentam falar em português e como aqui sempre usou muito o castelhano não vai haver mudança.

Pesquisador: E as festividades?

Entrevistado 2: Isso se acabou. Acabou porque é um não tem mais aquela coisa do passado, é mais a Juventude que vai para ficar a ouvir aquela música numa altura imensa, numa letra que não vi nada de positivo, uma letra muito curtinha e repetitiva e só provoca a pessoa a se movimentar, se rebolar porque não tem mais aquela sensação de um baile com uma dama e formar um casal. Eles ficam aí a noite inteira fazendo bagunça e se misturando no meio, mas ficam um aqui outro ali, só olhando, praticamente nem encosta no outro. Não é o povo que está fora dessa, mas a cultura que está mudando com isso.

Pesquisador: Então a tendência é que permaneça a língua, as trocas linguísticas no espanhol ou castelhano com português e a culinária?

Entrevistado 2: A tendência é que permaneça a língua e a culinária, isso não vai mudar muito, o que for mudar vai demorar e as pessoas são acomodadas, não se preocupam com outras coisas, vivem com aquilo ali que lhes agradam. Vai ter certa demora e as pessoas não

se preocupam com as tradições, eles querem viver naquilo ali que é do interesse e naquilo que agrada, então aqui para mudar demorará muito né.

E isso é bom, eu morei em 12 cidades, no estado do Rio, São Paulo, Paraná, Mato Grosso, andei pelo Brasil inteiro e morei em vários lugares e mais o lugar que mais eu gostei foi Murtinho, essa cultura, esse costume, essas coisas me prenderam. Quando eu tive oportunidade eu vendi tudo pra lá e fui acabando com tudo, comprei uma fazenda aqui em 72, mudando para cá definitivamente porque é um lugar super agradável, além de tudo tem o Rio né, que encanta a gente, todo mundo gosta dele, só de ficar olhando.

Pesquisador: O Rio é um elemento de integração?

Entrevistado 2: É. Então eu troquei tudo por Murtinho, eu fico aborrecido por que isso está mudando muito né porque eu gostava de Murtinho do jeito que era, não do Murtinho moderno, de moderno tem um milhão de cidades no mundo né. Já andei em boa parte do mundo, mas nada é igual a Murtinho, essa satisfação de viver, essa tranquilidade, né.

E é uma pena que Murtinho mude, isso é faz parte, mas em tudo Murtinho divide em dois, futebol é Flamengo e Palmeiras e São Paulo, política pode ter candidato de qualquer partido que um grupo vai para um lado e outro para o outro, não é um político que ele é do povo, então por isso é salvo porque está no partido, então a pessoa até aquele político está de um lado o outro político está do outro, né e entra as vezes um novo ocupando um lugar daquele, mas sempre tem divisão.

A língua integra a culinária integra a música, infelizmente, está se dissipando, o povo tem uma expectativa aqui é muito forte com relação ao Porto, mas com relação à Rota Bioceânica estão meios céticos porque não veem que tem alguma coisa para eles, para sobrar para eles né. Pra eles caminhão passando é caminhão passando, o que isso trará de vantagem para eles? O Porto está ligado aqui, tá encostado aqui né, então isso é mais importante para a população, aquilo que ele está em contato direto.

Pesquisador: A população não se sente inserida nesse processo, no contexto da Bioceânica?

Entrevistado 2: Há a esperança de que a Rota vai trazer muita coisa para Murtinho, mas não para eles. Sequer há expectativa da população de que vai ter tal coisa e eu vou fazer essa coisa, tem essa coisa pra fazer. Não tem essa importância para a população, não tem essa política de inclusão.

Isso vai demorar pra chegar, para entrar né. Com relação à Rota Bioceânica o povo não vê nada que possa ser favorável a eles. A população esta em contato direto com o porto, com a rota não, não tem a devida importância pro povo, a população não se sente inserida.

Essa mudança pode ser boa, mas pra quem gostava do Murinho como eu sempre gostei, não vai gostar muito não, prefiro aquele Murinho como sempre foi, tradicional.

Uma coisa que está mudando muito em Murinho é que o turismo de pesca entrou praticamente não se fazem mais nas festas comidas tradicionais porque agora é churrasco, essas coisas ficam mais no ambiente familiar, então as famílias vão fazer então, faz as comidas, aí para fazer festa é bastante gente tem a facilidade do churrasco, não tem que fazer nada não, usa arroz, mandioca e carne só.

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 3

Pesquisador: Olá nós estamos aqui com o Entrevistado 3, conhecedor de toda essa região, é uma pessoa da comunidade de Porto Murtinho e que conhece as histórias locais e é um exímio conhecedor também dos caminhos e do traçado da Rota Bioceânica. Vamos conversar sobre os aspectos culturais e sociais da região.

Muito obrigado, você poderia contextualizar bem rapidamente a situação da Rota Bioceânica, como surgiu essa ideia, os seus idealizadores e em que estágio se encontra?

Entrevistado 3: Eu acho importante essa competitividade mundial. A rota começou lá atrás, a produção tem que ser achar um meio de chegar mais rápido no mercado asiático, hoje o maior é o maior consumidor de qualquer matéria-prima. Principalmente os produtos oriundos de alimentos. Com relação aos idealizadores, começou lá atrás, 80 e poucos anos, o povo foi falando sobre essa questão, mas um grupo queria que entrasse pela Bolívia outro que entrasse pela região central, mas precisava fazer uma prática disso aí.

O senador Ochoa, argentino liderou uma ideia e foi pensando que poderia isso acontecer, e foram acontecendo, as coisas foram ganhando corpo, aí vem o governo do Zeca, o José Orcírio, o Heitor se interessou pelo tema, aí fizeram o estudo, empresários brasileiros se estabeleceram em Santa Cruz, chegando a Santa Cruz você já fica mais perto aí de Cochabamba, La Paz, mas aí, mas aí tem um problema da altura então são vários temas que foram experimentando, mas precisava de uma prática, não adianta, na teoria você tem que experimentar.

E quando começou esse sistema, já tínhamos por necessidade chegar ao Chaco Central. Os desbravadores do Chaco descobriram, através de estudos do solo, geólogos suecos que vieram fazer, paquistaneses fizeram análise do solo, riquíssimo em potássio e aí, como abriu uma nova fronteira pecuária no Alto Paraguai que jamais se esperava, uma região totalmente inóspita, você transforma com gado vindo da Argentina, Uruguai com brasileiro.

Revolucionou a pecuária no Paraguai que era uma em que eles tinham um gadinho muito fraquinho, aí os brasileiros começaram a levar o nelore, o brahman, o Braford. E aí começaram a falar pra chegar em *Loma Plata*, região central porque há o Chaco Central e aí quando se descobriu que *Loma Plata* estava no centro. Para você cruzar a *trans* Chaco tem que cortar no meio para chegar em *Poço Hondo*, que é a divisa da Argentina e Paraguai com Argentina, que faz um círculo ao lado, Bolívia no outro lado e aí você chegaria ali. Aí foi a necessidade, começaram a criar Zicosur, reunião para cá, deputados, aí com todos os componentes, membros, foram criando isso aí, mas a princípio era somente para chegar a

Loma Plata, no Chaco Central, que era uma região super rica, é uma região de bacia leiteira no semiárido que despertou interesse de todo mundo, que os menonites, canadenses, russos, alemães, holandeses que estão lá.

Há essas comunidades em Filadélfia, Menonitas lá, e foram calculando, aí você conseguia chegar, foram traçando, o traçado pelo meio era mais fácil, né, se chegar com o topógrafo. Foi se abrindo, isso mesmo, 1986 começou esse projeto, abrir uma picada, alguma coisa, quando você chega à rotatória de *Loma Plata* precisava ter uma acesso, portanto, porque já tinha uma estrada, a General Dias que vai chegar em paralelo.

Tudo planejado, mas faltava uma estrada que passasse pela divisa com a Bolívia aquela região é uma beleza. Foi preciso abrir uma abrir uma picada, uma coisa mais leve, porque não tinha obstáculo nenhum, aí já não tem Rio naquela região, não tem obstáculo pela mata. É baixo custo, aí já tem um resultado inclusive, já começou a se abrir isso aí, hoje se transformou as 5 bandeiras, aí foi peruano, argentino, boliviano é um marco. Em 1998, 97, se tratou de abrir a picada 500, se abriu a picada 500 e abandonou, depois tiveram que entrar, voltar e refazer, e aí foi ganhando corpo ganhando, corpo ganhando, corpo pela Bolívia.

A primeira Rila você fez por Foz do Iguaçu, entraram pela Argentina, só que ela faz um braço à esquerda, faz um braço. Fizeram pela Bolívia, faz outro braço direito, assim, e aí falou, bom, vamos experimentar por Porto Murtinho, cê economiza 2.000 quilômetros, que é reto, moral da história, resumo da história, economiza 2000 km.

Por exemplo, de Campo Grande para chegar em Antofagasta, no Chile, você economiza 2000 km, isso é, de Porto Murtinho, cruzando então, vai uma economia muito grande, enquanto que por Foz do Iguaçu você vai levar mais 2000 km, por Bolívia você tem outros entraves burocráticos muito complicado e é mais 2000 km.

Então, cortaram essa linha, essa foi a razão da opção por aqui, é exatamente, mas precisava convencer porque só ficou no blá blá blá, precisava convencer que nós aqui e nós, é eu militando, fotografando, a necessidade, ouvindo Menonitas, senadores do Chile, da Argentina, junto com o Heitor, junto com Paulinho Benites, o Zeca, Nilson Cintra, Nelson, um jornalista amigo meu, Toninho Souza, que trabalha na Assembleia.

Nós seguindo e fotografando e registrando, aí, fora os argentinos, fora os chilenos que são maiores interessados que o Chile hoje pouco é exportado pelos portos chilenos, é preciso outros produtos para não ficar na inércia os portos deles, e aí há grande interesse deles, do pessoal ali de Antofagasta com os de *Mejillones*. Muito bem, mas precisa da parte política também, precisa chegar ao povo porque através de nós, através da imprensa, estamos fazendo a nossa parte porque precisava ter a prática. Será que dá certo?

Para que você possa entender, daí fizeram a terceira Rila encabeçada pelo Cláudio Cavol, pra provar que é viável, aí foram 120 empresários do setor logístico né, transporte, fornecedor de pneu, carroceria, a Volvo, todo mundo veio ver. Nessa Rila foi possível provar que é viável economicamente, você tira uma carga, tipo assim, de Dourados para descarregar no Chile, você leva 2 dias uma noite e é uma luta para você descarregar, mas com as aduanas integradas fica melhor. Quem está trabalhando nisso trabalha muito lento, essa aduana integrada, está bem avançada essa questão, o cara vai lacrar o caminhão e vai largar a carga só no destino, só vão pedir o documento da pessoa e depois na volta ele dá uma baixa.

Entrou e saiu, é normal, beleza. Então tá em estágio bem adiantado com as partes. Aí essa Rila aconteceu por aqui, tem o pessoal das universidades envolvido e foi provado e bateu o martelo, é viável economicamente para se montar uma grande logística. Então foi se batendo o martelo, mas precisava convencer o Paraguai para investir na infraestrutura porque o Paraguai, nessa questão, estava zero, aí o primeiro encontro aconteceu com o então presidente Horácio Cartes que analisou os projetos e tal. Ele encampou esse projeto, depois veio o Marito, aí o Marito fez chave em mãos e está aí, vamos dizer, hoje com 80% da primeira parte do asfalto.

Já está quase pronto e a outra parte assim que iniciar a ponta que termina, a outra parte da picada 500, então a logística, é a parte logística, o que foi o carro chefe para a economia, com a produção você deixa de perder tempo com burocracia em Santos, Paranaguá. É, aí você faz esse sistema e aí a gente se sentiu vitorioso porque aqui nasceu as ideias e aqui se lutou por isso aí, mosquito, atoleiro, fome na estrada, medo de bicho, mas a gente se sente recompensado porque vai sair.

Mas hoje a gente se sente compensado e recompensado porque as coisas vão acontecer, sob o ponto de vista da logística de transportes, sob o ponto de vista de infraestrutura e inclusive dos ganhos de capital para os produtores, né? Para os exportadores, por exemplo, o Chile, por exemplo, como você disse aí que vai poder ocupar das suas estruturas para outros produtos, economicamente, desse bloco de integração do MERCOSUL, Murtinho vai ser contemplado.

Embora, tem essa sensação de vitória pessoal, porque nasceu daqui e é um motivo de orgulho para todos, que a ideia tinha nascido nessa cidade, dos debates que começaram aqui, para a expectativa da população de Porto Murtinho, o que importa, é que Murtinho espera se beneficiar com isso. Há muito tempo isso é um ponto crucial que a gente vem debatendo faz tempo, a gente está falando isso, é preciso ter uma política, um projeto político de integração, de atrair investimento aqui para dentro para não ficar isolado.

Vai depender do anel que vão fazer, para cabeceira da ponte do lado paraguaio já está pronto e quase sai na zona urbana de Carmelo, nós estamos um pouquinho na contramão e o perigo disso é a gente ficar uma cidade dormitório e não atrair investimento. O Marito falou ontem pra mim que Carmelo Peralta vai se transformar em zona Franca. Como zona Franca, então investimento lá vai ser muito maior e nós não temos aqui esse projeto, eu conversei com o prefeito Derlei, tenho falado com Nelson, atual prefeito, e nós não queremos ficar igual Conceição, *Concepción* no Paraguai, porque passou muito longe a ponto de que somente agora, quantos e quantos anos, se aproxima a parte logística da cidade.

As grandes empresas chegaram agora e está chegando muito atrasado. Em Porto Murtinho a expectativa da construção da ponte sim é boa, muito boa, para criar frente de trabalho, deve ser uns 1000-2000 empregados, paraguaios e brasileiros no sistema de contrato, mas após a construção da ponte precisa ter uma política de desenvolvimento aqui na zona urbana de Porto Murtinho. Para atrair investimentos, senão nós vamos perder para Caracol, nós vamos perder para Jardim, eles vão para Carmelo.

No quilômetro 83 está sendo montado restaurante, shopping, em *Loma Plata*, importantes, é isso aí, enquanto nós aqui discutindo essa questão, *Loma Plata* tá em alta velocidade, dentro da rotatória estão construindo estacionamento para 500 caminhões, um shopping que tem restaurante, hotéis e postos de gasolina 24 horas, vai funcionar dentro da Rota Em 130 km nós temos outro projeto em andamento já é, quer dizer, a cada 200 km nós vamos ter na área de abrangência uma estrutura para descansar, hotéis de boa qualidade, restaurante, posto de gasolina, estacionamento com segurança mas está tudo sendo preparado para o lado paraguaio.

Pelo lado brasileiro, está vendo? Nada! Infelizmente não está assim, você vendo nada é a preocupação nossa e tinha chamado a atenção do prefeito anterior e também hoje do prefeito Nelson Cintra.

Pesquisador: Falta, desculpe o trocadilho, falta, dentro da política de integração, que é a razão de existir da rota de integração latino-americana, uma integração com o município?

Entrevistado 3: Claro. Sim, senão, caso contrário, é, aí eu fugindo um pouquinho da logística, indo para o turismo, o argentino, no final de semana, pega a família inteira, o chileno não para, põe a família em uma van, porque lá é deserto, a maior parte é deserto, aí descobrem Pantanal de Murtinho. Atrai, vai atrair, mas precisa ter uma política de mídia também para isso, convencer eles lá, aí descobre Bodoquena, vamos descobrir Jardim, pode escrever.

Eles vão passar perto de nós, vamos acabar perdendo, porque daqui a bonito é 200 km, eles vão lá. Bodoquena, Jardim, as águas cristalina do calcário Bodoquena, essa região toda eles vão acabar descobrindo, também fica forte. Assim, é preocupação, é essas são as preocupações, Porto Murtinho periférico. Tem que reeditar, festivais de danças, vamos mostrar a cultura, não sei das quantas, quantas vezes, mas precisamos.

Aonde e o que podemos fazer com incentivo, onde e em qual local nós estamos dentro, tudo isso aí tem que ser pensado, né, porque o turismo vai ser muito forte, haverá um intercâmbio com o chileno, o argentino tem esse costume de final de semana prolongados, ainda mais numa rota dessas, que vai ser uma rota praticamente sem burocracia, para você dentro do Mercosul, porque vai ter um tratado especial pro Chile.

Questão de passaportes, as coisas vão ser mais simples e nós também podemos sair daqui e passar um dia e uma noite em viagem pro Atacama, passar pelas Salinas, são várias Salinas, vão visitar os sítios, vulcões abandonados, vulcões desativados, que é um espetáculo. Você vai poder ver uma coisa diferente do nosso lá e eles não vê água, são dois extremos, uma das partes mais secas do mundo e a parte mais úmida do mundo, que é o Pantanal.

Pesquisador: Entendi. Bom, então vamos lá, nós estamos falando de uma obra de grande porte. A rota bioceânica é uma obra de grande porte. Porto Murtinho já conviveu com obras de grande porte. No passado a Mate Laranjeira, a Florestal, os saladeiros, os portos que conhecemos. Sob esse aspecto, gostaria que você descrevesse a cultura em Porto Murtinho, há uma integração entre os habitantes dos dois municípios? Como você enxerga isso? Depois de efetuada essa contextualização, gostaria que você fizesse uma projeção, considerando os ciclos passados.

Entrevistado 3: Bem, nós passamos por cinco ciclos. Primeiro havia o porto local, depois, no Brasil a Mate Laranjeira não tinha um lugar para escoar a sua produção e foi para Porto Murtinho, o mate passava por Bela Vista e pela Margarida e precisava exportar essa produção por aqui. Cada ciclo foi-se descobrindo, tem essa vocação portuária. Aí acabou e veio esse ciclo da charqueada, produção que é também da cultura meio paraguaia, misturada, que não tinha frigoríficos naquela época.

Depois tem a indústria Florestal Brasileira que empregava 7000 pessoas, essa indústria chegou a ser a quinta economia do Estado de Mato Grosso. Cada ciclo se desfez e a economia sofreu porque você perde a cada ciclo, deixa um amargo, problema social, desemprego, abandono. Em cada ciclo tivemos um problema sério, o que mais se sofreu foi no ciclo da charqueada e no pós-ciclo da indústria do tanino porque havia a Quebracho do Brasil em Porto Murtinho, Porto Casado, Porto La Vitória.

Em tudo nós íamos bem, com a indústria do tanino, então se agregavam era uma integração perfeita, o Brasil não tinha tecnologia para produzir o tanino em cada ciclo tivemos que importar a mão-de-obra do Paraguai e daí foi misturando, fortaleceu essa integração cultural. E eu acho que com esta questão da rota a cultura não se perde, pelo contrário, aumenta, vai enriquecer, pois vai descobrindo novas culturas, os Menonitas, os Chamacocos, nós vamos ter várias culturas e aí sim fortalecer essa integração cultural entre brasileiros e o paraguaio fronteiriço, assim como é em Ponta Porã, Bela Vista.

A questão da Rota aí eu acho que essa cultura não se perde pelo contrário aumenta, vai enriquecer porque vai se descobrindo novas culturas, com o mundo, com os Menonitas que tem uma cultura diferente, mas que já está mesclado com o Paraguai.

Porque lá já é mesclado com os índios Chamacocos e teve então uns dilemas, os índios agregados ali com eles sobreviveram e convivem tranquilamente. Ao longo da rota falando em cultura nós vamos ter várias culturas. Você na entra em Tartagal já tem os Pampas com os cavalos dançantes né, então tal qual o Paraguai tem, a Argentina também tem a sua cultura com os cavalos E aí você vai para Salta, um turismo mais sofisticado, Salta é uma cultura mais sofisticada e aí você vai pra *Jujuy*, que era capital, muitos anos atrás, da Argentina.

Nessa província também tem uma cultura muito forte dos incas que ali plantavam, com uma marca de outros povos ali naqueles arredores, então acho que vai ser uma mescla muito legal que vai enriquecer essa cultura. Já se falava antes um pouquinho de turismo então não vai tirar nossa identidade cultural do fronteiriço, vai até somar porque eles têm uma curiosidade sobre a nossa cultura e nós também temos uma curiosidade.

Eles também querem conhecer nossa cultura, vai ser um casamento perfeito. Com relação à cultura local aqui hoje Porto Murtinho tem uma mistura de culturas que são bastante interessantes do ponto de vista da mesclagem, olha é fechado, mas aqui boa parte dos habitantes fala Guarani, uma boa parte fala espanhol, uma boa parte fala portunhol. Aqui também o pessoal experimenta muito também da culinária paraguaia, sim é vai daí, acho que as atividades religiosas e as festividades populares também remetem a alguns temas que são do Paraguai.

Pesquisador: Como é que você enxerga esta influência paraguaia?

Entrevistado 3: Porto Murtinho absorveu isso. Nas enchentes foram embora os verdadeiros brasileiros que moravam aqui. Aí nós tivemos o paraguaio que estava aqui dentro e que conseguiu sobreviver às enchentes, foram três enchentes e duas tormentas e aí ficou

essa mescla, com um povo muito velho, mas prevalece mais a cultura do Paraguai do que a nossa.

O Murtinhense absorveu a cultura paraguaia. Com as enchentes ficaram só os locais, muitos foram embora. Temos uma mescla na língua, na dança, na música. Temos médicos e advogados que foram embora e não voltaram mais, ficaram os locais. Quem tinha mais poder aquisitivo ia embora e os menos favorecidos se juntavam com os paraguaios, tinha essa questão da língua, da culinária. Isso prevaleceu até hoje e não vai ser afetado pela Rota. Isso vai ser um chamariz, precisa ser trabalhado em termos de mídia.

E ficou essa mesma cultura. Têm as danças, as músicas, as línguas do costume então é claro, a gente ficou com essa cultura deles, de quando eles vieram para cá e também muitos Murtinhenses do passado, que tivemos no passado, que nasceram temos grandes médicos, grandes advogados que saíram daqui, vão, mas fizeram a vida deles em outro lugar e os pais desses Murtinhenses já faleceram tudo aí.

Não deu essa continuidade porque tivemos o rompimento. Tivemos um rompimento, uma ruptura, no final de cada ciclo destes, porque quem tinha um pouquinho mais de poder aquisitivo ia embora, ficavam aqui os menos favorecidos e esses menos favorecidos se juntaram com os paraguaios, na questão da língua, na questão da culinária, e aí se prevaleceu até hoje e isso não vai ser afetado com a Rota.

A gente tem que sugerir ao governo do estado é fazer um documentário pra gente. Precisa mostrar a cultura em etapas. A logística vai ser o carro chefe, mas a área de abrangência vai ser outra, precisa fazer um documentário desde Campo Grande até Misiones que se propaga em *Salta, Tartagal, Embarcación*.

É mostrar a cultura tirando a logística, que é mais o carro chefe sim, a logística vai ser o carro chefe, mas a área da abrangência, as oportunidades econômicas, vai ser mais através da área de abrangência. À parte da abrangência do investimento vai vir a cultura, cada comunidade vai ter a sua, turismo que pode mostrar então. É um conhecimento que vai ser bem integrado, sem prejudicar a raiz aqui de Porto Murtinho e Carmelo Peralta.

Pesquisador: Entendi. Muito obrigado.

Entrevistado 3: Também, né, a gente agradece por poder contribuir porque eu faço sempre, aqui é a nossa pátria e a gente luta por uma causa a gente tá aí, eu tenho 63 anos, já fiz 12 - 13 viagens, e das piores, até o momento, nos últimos tempo e não é problema. E tem aí as pessoas que muito contribuíram, também já foram, os pioneiros, protagonistas que lutaram por isso, então chegou o momento da recompensa, eu acho que o Paraguai teve um papel fundamental de convencimento político e econômico, de que é viável.

Tanto é que ontem o presidente Marito falava assim que vai ser um novo corredor “Panamá”, “um corredor seco”, “um canal cedo” e aí eu acrescentei eu falei não presidente ai vai ser uma *Route 66*, *Ruta 66*, aí com aquela motocicleta na rota até as cordilheiras que vai ser um turismo muito forte. O turista vai até Atacama, a gente vai ver ruídos de motos, os caras saem de São José para ir, quantos quilômetros cara, para entrar pela Argentina, quantos que aqui podem entrar? Vai ser uma coisa fantástica isso aí. Ontem eu estava falando com ele, lá no ato falou é verdade, então, e aí está também aí eu sugeri para ele, através da agenda trabalho.

É tanta matéria que nós já produzimos, desde o mês passado estou falando do Chaco, falando da fronteira pecuária, então a gente luta há muito tempo, eu me sinto assim, orgulhoso por tá acontecendo as coisas. Tomara que Deus olhe pra gente né pra que nos dê vida ainda pra gente cruzar a ponte e fazer uma viagem de Murtinho a Antofagasta.

É um dia e uma noite, eu sei lá, pois vai ser um trecho só de uma marcha só você, sai de Murtinho em caminhonete ou um carro pequeno, você vai dormir, por exemplo, podemos dormir em Jujuy, né para outro dia terminar com um Belo café da manhã na Cordilheira, subir a Cordilheira é fantástico, a viagem é fantástica, a viagem pra você ver Salinas, você vê deserto, você vê gelo, você vê frio, você vê a pressão subir, é um é um negócio espetacular.

Na viagem você pega uma reta dessa, lá na frente tem a montanha, o pico dela tá cheio de gelo, você viu, você viu nas manhãs não tem nuvem, não tem, né? Então é uma viagem que eu a cada 3, 4 dias queria fazer, cada 3, 4 dias queria fazer, já que o meu organismo já está acostumado com isso. Lá nas alturas os glóbulos vermelhos vão lá em cima e fecha isso tudo, o que é colesterol em você deixa então, fizemos tudo isso aí. Eu vou pra lá em todo tramo que vai ser inaugurando, vou, eu vou fotografando porque eu já falei para o presidente lá, eu tenho o antes e o depois, filmagem, foto e tal.

Depois eu quero fazer, assim tem um projeto com o pessoal da imprensa, fazer um documentário que mostre o antes e como uma obra emblemática, gigantesca, talvez a maior obra da América Latina hoje, essa obra da Rota Bioceânica, agradecer pela visita e poder contribuir um pequeno conhecimento humilde conhecimento que a gente tem da rota.

ANEXO D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 5

Pesquisador: Bom dia estamos com o Entrevistado 5 e ele irá nos contar o que sabe a respeito das origens da sociedade e da cultura de Porto Murтинho, dos processos de hibridatórios naquela região e as suas percepções e expectativas a respeito dos possíveis impactos que poderiam advir com a implantação da Rota Bioceânica.

Entrevistado 5: A minha paixão por Porto Murтинho começa de forma bem efetiva quando eu era criança de 5, 6 anos, meus pais tinham um armazém em Guia Lopes da Laguna, onde eu passei a infância e nós recebíamos em casa os viajantes que vêm de Dourados para trazer uma pauta de coisas e esses viajantes passavam por Guia Lopes da Laguna e iam até Porto Murтинho e voltavam de lá contando as histórias.

Eu ficava escutando eles comentarem sobre o local e aprendi muito, comecei a ler e estudar a respeito e comecei a pesquisar sobre Porto Murтинho. Murтинho nasce da Companhia Mate Laranjeira, uma das consequências da expansão da Companhia Mate Laranjeira, no finalzinho do século XIX, em 1892, com o nome de um dos camaradas que era governador de Mato Grosso, presidente do Banco do Mato Grosso, Joaquim, João, José, Murтинho.

É daí que compram uma parte da fazenda Três Barras, onde é instalado um Porto e aí levavam a erva-mate de carretas da região de Ponta Porã, Campanário, Juti, Caarapó, cargas da região de Amambai que não desciam mais lá pelo extremo sul do atual Mato Grosso do Sul e vinham de até a região de Porto Murтинho. Logo depois vinham de São Roque, de São Roque a Porto Murтинho até Porto Murтинho tinha 22 km de linha férrea que perdurou, se bem me lembro até 1912, partir daí o transporte começa a decair, mas ainda assim era feito.

Aí vem a fase dos saladeiros né, final da década *teen*, Tim de 1900-1920, até 1930 e posteriormente já no final da década de 30, a exploração da Companhia Florestal, do tanino que é interrompida já na era Vargas, na era Vargas, no início do Estado Novo quando o Brasil vira as costas para o eixo e os camaradas que comandavam a Companhia, eram de origem alemã.

Pesquisador: E nesse período, até final da década de 30, como era a vida na cidade de Porto Murтинho Mudinho?

Entrevistado 5: Era uma cidade extremamente cosmopolita, os documentos e a literatura oral das pessoas, do meu pai, avós, etc., que permaneceu durante muito tempo, e os próprios Murтинhenses contam que a partir daí, outros, a partir dos anos 40, começam migrar para Jardim por conta da Companhia de Estradas de Rodagens nº 3, cuja estrada para Porto Murтинho foi ela quem fez e que foi terminada em junho ou julho de 51.

Tem as reminiscências do meu pai que era jovem, moleque, é de 18, 19 anos na ocasião, que trabalhou na CR 3 no almoxarifado, tanto do trecho da estrada que ele ajudou a construir e fazer chegar em Porto Curtindo, depois por 8 anos, já na década de 50, nos anos 1950, ele se lembra muito de Porto Murtinho, das pessoas amigas que moravam que tinham fazenda por lá, algumas aparentadas, a esmagadora maioria apenas amigos, apenas conhecidos.

E cuja estrada de rodagem passa a integrar né, esse era um objetivo da construção da estrada de rodagem, integrar essa área de fronteira do sul do Mato Grosso, naquela época, atual sudoeste do Mato Grosso do Sul ao Brasil. Embora tivéssemos ganho pelo tratado de paz e amizade com o Paraguai de 1872, a gente continuava muito mais próximo do Paraguai, Argentina e Uruguai por conta da navegação do Rio Paraguai do que propriamente do Brasil.

Pesquisador: E durante esse período que durara desde o início das explorações ervateiras até a exploração do tanino, qual é a sua percepção com relação à composição da sociedade de Porto Murtinho? Os seus padrões eram voltados para os costumes europeus ou paraguaios?

Entrevistado 5: Olha, do ponto de vista dos documentos e da história oral, a elite era europeia. O cidadão do povo, os trabalhadores dos saladeiros, da Companhia Florestal, da época da erva mate, os trabalhadores eram notoriamente de origem ameríndia ou mestiços com espanhóis, portugueses, alemães, franceses, holandeses, um pouquinho do centro da Europa. Alemães, austríacos havia também franceses, holandeses *et cetera*, mas a elite era mais europeizada.

O povo sempre foi uma mescla de base ameríndia e da população mestiça que surgia desse choque dos trabalhadores, dos poucos trabalhadores que vinham com essa comunidade europeia e que acabavam se misturando com a comunidade ameríndia. Que é uma mistura de elementos ameríndios, espanhóis e portugueses. Era uma característica observada em ambos os lados, tanto do lado paraguaio que era marcadamente o substrato principal quanto do lado brasileiro que ainda era minoritário mesmo no território brasileiro.

Pesquisador: Então seria razoável a nossa compreensão no sentido de que ele embora houvesse uma boa presença de europeus nós poderíamos deduzir que a cultura popular era eminentemente paraguaia e indígena?

Entrevistado 5: A cultura popular era eminentemente paraguaia de origem indígena, o livro da professora Lúcia Salsa Corrêa, fronteira 1870 - 1920 tem essas as conclusões, de que os documentos já apresentados, contendo os níveis de imigração que ela apresenta ali nos

comentários é exatamente isso. A gente depreende se cotizarmos as histórias com a literatura oral das pessoas aí nós temos praticamente a plena convicção de que essas tradições.

Pesquisador: Essas manifestações culturais se davam, então, em consequência, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio com certa homogenia?

Penso que não. A cultura paraguaia era muito mais forte, era na base de 2 por um. Uma tradição lusitana ou brasileira para uma hispânica ou paraguaia eram 2 ou 3 hispânica ou paraguaia para uma brasileira né. Como o Toro Candil, as músicas, os bailes, eram notoriamente paraguaias ou platinas, chamamé, polca paraguaia.

Ritmos platinos né, porque o chamamé veio de correntes, no norte argentino porque muitos dos argentinos, que eram correntinos que tinham negócios aqui eram de origem portuguesa ou espanhola. A polca, o chamamé e a guarânia vieram com os paraguaios para porto Murtinho, daí a ascendência da cultura paraguaia era maior.

Pesquisador: Nesse sentido, como era a população e qual era a característica da população na margem oposta, que habitava a atual região de Carmelo Peralta?

Entrevistado 2: A história de Carmelo Peralta, Puerto Casado que a história da evolução é um tanto confusa, mas vamos lá, a parte de lá era notoriamente sub povoada é havia ainda agrupamentos indígenas vivendo em condições praticamente sem contato. Os povos Lenguas, Ayoreos, Chamacocos, que aparecem muito nos relatos do Guido Boggiani que foi inclusive assassinado e que teve aí na época um registro num dos livros que ele passou por Porto Murtinho antes que Porto Murtinho viesse a ser Porto Murtinho.

Ele deixa inclusive um comentário de que o Porto, na curva do Rio com uma Ilha Grande longilínea à frente poderia vir a ser um local que representasse um progresso e um ponto de estabelecimento de contato para que se desbravasse e se ocupasse mais o Pantanal. Ao norte, a montante do Rio Paraguai.

Pesquisador: De onde teriam vindo os homens paraguaios e os indígenas que compuseram a força de trabalho?

Entrevistado 5: Desde o início os homens paraguaios e os indígenas é que compuseram a força de trabalho, desde o início do da exploração dos ervais até a do Quebracho. Os ameríndios vieram do sul, da região de Concepcion, mais para o norte agora ali perto do Apa e do próprio território brasileiro que a erva-mate ocupava na região de Ponta Porã. Essa turma trabalhava nos ervais ali e um que outro acabava é trabalhando com a turma das comitivas de carretas que levavam erva mate para lá, então era uma era uma população paraguaia que subia pelo Rio Paraguai, paraguaia que entrava em território brasileiro e depois iria para lá.

Pesquisador: Com o final dessas atividades econômicas essa força de trabalho se enraizou em Porto Murtinho?

Entrevistado 5: Sim, acabando o evento econômico em torno do qual eles gravitavam ou estavam inseridos, muitos acabaram migrando, vindo para cá, para Jardim, indo para Campo Grande, para Dourados, marcadamente Jardim, Campo Grande e Aquidauana, um pouco Dourados e Maracaju. Outra parte da população ficou estabelecida em Porto Murtinho.

O livro da Lúcia Salsa deixa também uma margem de que a população dali também subiu e ocupou as regiões do Pantanal, nas imediações de Ladário, de Corumbá, do Passo da Lontra, Porto Esperança, *et cetera*.

Pesquisador: E com relação à cultura, a cultura predominante seria paraguaia composta pelos descendentes dos espanhóis com nativos, como é que se desenvolveu essa questão cultural desde então? As celebrações a Virgem de Caacupé, as celebrações do Toro Candil ainda se mantêm vivas?

A cultura mantém-se e não mantém-se. Há registros de que ela esteja presente no dia a dia e no cotidiano das pessoas, principalmente nos mais velhos. A turma além dos 40 e ela mantém essa característica da Virgem de Caacupé, da Assunção de Nossa Senhora, Santo Antônio, São Pedro, São João, o Carnaval e as celebrações de Semana Santa todas elas é tem ou o elemento paraguaio predominante ou a maior parte do elemento é paraguaio, da cultura paraguaia, ela fica acima, ela é a que se destaca, eventualmente né as orações se dão em português, principalmente após o concílio Vaticano II começaram a aparecer mais.

Com as comunidades que vinham com o exército, pela CR 3, de brasileiros, de capitães, majores, tenentes que eram de origem Fluminense, de origem Paulista, marcadamente fluminense porque a até a década de 60 a capital era o Rio de Janeiro. O DNER que era que comandava essas intervenções tinha seus quadros formados por população de origem carioca, fluminense na época né porque a fusão da Guanabara com o Rio também não tinha acontecido.

E aí essas comemorações de Santos, de festas de aniversário, etc., eles trouxeram acabaram se misturando com a cultura majoritária, que era a paraguaia, por sua vez já é uma mistura de culturas abrangidas pelos espanhóis e ameríndios.

Pesquisador: Essa paixão que os Murtinhenses têm pelos clubes de futebol cariocas se dá em razão da posição geográfica da capital do país e do centro de comando do governo?

Entrevistado 5: Sim e que é uma inclusive observada em Corumbá. O corumbaense torce para times cariocas, há ainda né de torcedores de Bangu e América, octogenários e

nonagenários com uma foto do Bangu campeão do Rio de Janeiro, você se depara com peculiaridades desse tipo em Murtinho, em Corumbá, idem.

Pesquisador: Há uma passagem nos contos populares em Porto Murtinho que diz respeito a uma partida de futebol do Flamengo contra um time local, isso já fez parte de um período mais recente.

Entrevistado 5: É mais recente. Essa partida do Flamengo com a equipe local é coisa de 30 anos atrás né, um pouco assim e o Flamengo tinha mais torcedores. O Flamengo estava jogando lá onde o Sol se põe, o Sol nasce no Brasil e se põe no Paraguai e tinha mais torcida, é verdade a maioria dos torcedores era contra o time local.

A história é saborosíssima, eu não vou poder falar porque eu não vou falar os palavrões, eles chamavam, enfim, do goleiro ao ponta esquerda, a ficha corrida deles foi gritada, bradada, e cuspidada em altos brados. À margem do campo lá pra né, baixar a bola deles e deixar que o flamengo ganhasse. O Murtinhense torcia para o time visitante, era mais flamenguista do que local.

Pesquisador: Nesse complexo cultural podemos concluir que em termos de futebol há uma influência carioca, em termos religiosos há uma influência paraguaia, e, em termos linguístico?

Entrevistado 5: Aí o português entrou, o português é majoritário, inclusive os próprios paraguaios que vinham trabalhar no Brasil passaram a aprender o português. As mães paraguaias conversavam em guarani com os filhos, mas os proibiam de falar o guarani nas escolas e com os coleguinhas.

Pesquisador: Isso se dava por que?

Entrevistado 5: Eis a questão. No dia que nós descobrimos isso nós vamos ter descoberto a pedra filosofal. Bom, a questão é que a guerra do Paraguai talvez esteja majoritariamente por trás disso daí e é lá que eu começo a descobrir que em razão dessa cisão Paraguai - Brasil existia essa querela. O falar em Guarani era falar a língua do índio né, e por mais olhinhos puxados, por mais cara de ameríndio que se tivesse o imigrante queria falar a língua e ter a postura, as mesmas é ideologias e os costumes dos os brancos faladores de português, representados pelos militares traziam, era o topo.

Eles queriam ser igual ao branco militar que falava e conversava em português, esse era, digamos, o Nirvana, o ponto máximo do céu social na ocasião, mas o Guarani existia e resistia e resiste ainda até hoje. Talvez com bem menor expressão, né, hoje está claudicando, mas essa questão do Guarani também é estranha, pois ao você pesquisar a literatura e os livros

da história e da cultura paraguaia, Bartolomeu Melià comenta que o guarani é um idioma sobrevivente, luta contra tudo e contra todos.

Está aí, é falado por um país né, a preservação e a criação da gramática que os jesuítas fizeram lá no século 17 foram de ajuda, inegável que sim, mas não foi o fator preponderante para que a língua sobrevivesse porque o latim tá aí, nos livros, nas gramáticas, mas ninguém mais fala.

Pesquisador: Essa foi uma decisão do próprio povo?

Entrevistado 5: Exatamente, nos estudos da de antropologia, dos antropólogos sobre a evolução da língua há um monte de buracos negros que eu não sei preencher, por exemplo, os ameríndios que primeiro chegaram aqui, pelas novas pesquisas, eram povos não falantes do guarani e nheengatu que seria a língua geral então teria surgido bem mais moderna do que a dos guaranis.

Pesquisador: Haveria numa situação como essa uma via dupla de preconceito linguístico? Se os brasileiros eram considerados o Nirvana, a elite cultural, aqueles eventualmente inferiorizados impunham essa forma de preconceito aos próprios filhos? Para que aprendessem a língua do estado nação, cantando o estado nação para galgar a sociedade?

Entrevistado 5: No contexto sócio cultural local, sim. É muito provável. Veja você, nos meus tempos de professor eu não gostava de fazer chamada por número, chamava o aluno pelo nome completo e a esmagadora maioria deles, com sobrenomes de origem hispânica, não queria. Eu dizia, mas você não pode negar sua origem, você não é britânico, não é russo, não é sueco. Nós somos de uma área brasileira de fronteira e temos uma fortíssima influência paraguaia e é daí que vem a percepção, a esmagadora maioria dos avôs deles eram paraguaios, ou filhos de paraguaios nascidos aqui.

Essa força do estado nação é perceptível e talvez seja a resposta para aquilo que mais influenciou esse preconceito porque apesar de querer que o filho falasse português, volta e meia a mãe pedia para o menino fazer uma compra ou prestar um favor para ela o fazia em guarani, se xingasse, o repreendesse certamente seria em guarani, que é inclusive mais saboroso né, todo o paraguaio queria ensinar a gente a falar bom dia, boa tarde, como vai, você como tem passado, nas expressões em guarani.

Nas frases o fronteiro gosta de botar em guarani palavras e expressões que são xingamentos, nomes feios né, pra mandar tomar naquele lugar e o escambau.

Pesquisador: Em Porto Murtinho o repertório local considera o guarani até para piadas, termos pejorativos, em ambientes descontraídos.

Entrevistado 5: Sim, é o que está presente nessas minhas últimas obras né, os termos pejorativos, as piadinhas infames, etc., são todas feitas em guarani ou utilizadas né, sempre feitas em várias situações, uma que outra ganha uma tradução que tenha o mesmo sabor, o mesmo brilho em português ou em espanhol, mas boa parte delas é sensível e risível em Guarani.

Pesquisador: Uma piada em guarani contado em português não tem a mesma graça?

Entrevistado 5: Não. Em 80% das vezes ou mais não tem, não tem graça nenhuma, o cara fala em português e você fica é aí parado igual olho de Santo.

Pesquisador: Sob esse ponto de vista então, em contexto linguístico, a sociedade murtinhense atual não é bilíngue, ela bi compreende?

Entrevistado 5: Quando eu era criança nós tínhamos uma sociedade bilíngue porque eu cansei de aos 6, 7, 8 anos ir ao banco para minha mãe, ao açougue, à loja da minha tia, à prefeitura ou à casa dos amigos a brincar com colegas e para isso a gente cruzava no bar, na frente do banco, no açougue, na barbearia com pessoas paraguaias radicadas na cidade e você escutava os homens, as pessoas, conversando em guarani.

Às vezes cruzávamos com uma senhora de lencinho na cabeça e ela eventualmente cumprimentava e conversava em guarani.

Pesquisador: E com relação à gastronomia, ainda se mantém viva a cultura paraguaia no que diz respeito aos alimentos, vamos falar do tereré, do lambreado, do *vori vori*.

Entrevistado 5: Sim e foi inclusive requeitada nos últimos 30 anos por conta do turismo. Se há alguma coisa que o turismo fez de bom pra nós e querer nos fazer voltar para as nossas origens e a nossa gastronomia, o que de mais notável, o que salta aos olhos, o que desperta a curiosidade e o paladar, são esses pratos, todos de origem paraguaia né. Há um preconceito contra também, o cara fica falando mal do índio, do paraguaio, tomando tereré, enquanto ele é um branquelão de olho azul, de olho verde que saiu fugido dos fornos do Hitler, né ou das masmorras do Stalin ou dos Trotsky da vida, de outros desses generais bonzinhos que a Europa teve né. Aos montes vem pra cá falar mal da terra que o acolheu, da cultura da terra que o acolheu, faz usos e abusos do tereré, come chipa, sopa paraguaia, né, baila em Caacupé e falando mal, denegrindo e desmerecendo esses elementos culturais da terra que o acolheu.

Uma tremenda falta de gratidão, no mínimo né e de inteligência também, de estudo porque se ele tivesse parado um pouquinho para refletir e ler os livros, ler a nossa história, pensar sobre a nossa cultura e sobre os avós e os bisavôs dele não estaria falando um disparate

desses. Mas o turismo nos fez voltar os olhos para essas tradições né, o tereré como elemento cultural no Mato Grosso do Sul, tombado e *et cetera*.

Boa parte dos fazendeiros de origem Paulista, sulistas, paranaenses, catarinenses que vieram mais recentemente tem uma atitude de desprezo e desmerecimento para com isso, é como se eles tivessem vindo fazer cuca e *goulash*, né no sul por motivos, digamos assim, de veraneio, não saíram de lá pra não morrer de fome ou nos Campos de concentração né, nas câmaras de gás.

Pesquisador: Naquela região, por parte de alguns ainda remanesce um sentimento de injustiça com relação à guerra do Paraguai, eu queria te ouvir a respeito disso.

Entrevistado 5: Argentina, Brasil e Uruguai se juntam contra o Paraguai. Brasil e Argentina sonhavam com o Uruguai e nenhum outro queria que as disputas se dessem como se deram. Foi uma derrota para ambos e o Paraguai era um calo no sapato do orgulho argentino porque o Paraguai fazia parte do Vice-Reino da Prata quando Napoleão invade as missões e o Paraguai é um dos primeiros a se declarar independente do controle local. Recusou-se a declarar a Independência em conjunto com os outros e é exatamente aí que a Argentina tenta, digamos, reincorporar ao Paraguai ao Vice-Reino da Prata ao território.

A questão é complexa, porém não é incompreensível, a Argentina e o Uruguai entram na Guerra junto com o Brasil e saem no decorrer da Guerra, o Mitre, general da Argentina, comandava as forças aliadas e sai por causa dos problemas lá na Argentina, questão de eleições e outras briguinhas internas, pois a Argentina havia sido recém unificada, digamos assim e o Caxias assume, faz a dezembrada e acaba conquistando Assunção e vai embora alegando motivos de saúde, mas em tese, na carta. Na realidade pensa que não deve continuar porque é uma carnificina é um genocídio né.

Dom Pedro II manda o Conde Deu, que também não gostou do ofício né, da missão que lhe foi confiada, mas levou adiante por questão de honra e por não encontrar saídas né, tanto do ponto de vista prático como do ponto de vista é da honra que valia muito naqueles idos tempos né. Quem levou a cabo a destruição, perseguindo o Solano López acabou levando à cabo a destruição maior ainda né, da população paraguaia foi o exército brasileiro sozinho.

Pesquisador: E o livro calúnia, ele trouxe um novo elemento?

Entrevistado 5: Nos livros da história da guerra do Paraguai, notadamente esses mais jovens, o genocídio americano, a maldita guerra, mas também os livros dos historiadores argentinos, do Leon, Dias de guerra de sertão, do Tonet e Retirada da Laguna, nos davam explicações que nunca se concretizaram plenamente. Elas não se sustentavam com argumentos ou com fatos ou com dados do porquê os encontros do Mitre, do Caxias e com a

proposta de armistício com Solano sempre foram recusadas ou pelo Solano, ou pelo argentinos ou pelos comandantes brasileiros.

Esse livro, *calúnia*, acaba entrando na Guerra é do Paraguai por vias tortas numa documentação mais pessoal né, tem um tem um quê de história familiar e de fofoca familiar porque os camaradas estavam pesquisando na vida da amante do Solano López, Madame Lynch, uma das personagens históricas de todos os tempos e a mais proeminente da Irlanda. Lá eles descobrem uma carta do Solano López pedindo a mão da Princesa Isabel em casamento.

Deve ter sido encarado como ofensa para Dom Pedro II que sequer responde e pior, uma semana depois, o Marquês de Marialva né, acho que era ele, chega comentando que havia conseguido os maridos das princesas e 3 meses depois, foi junho, julho, em outubro de 64 as princesas casam né. O Venâncio Flores que tinha invadido e derrubado o governo Blanco lá no Uruguai e havia um trabalho diplomático com o Paraguai nesse sentido, fez essas coisas em fevereiro, março, abril daquele ano e o Paraguai não reagiu.

Mas a partir do casamento da princesa herdeira do trono brasileiro, do Império brasileiro com o Conde francês, diante da ausência de resposta, no mês seguinte ele apreende o vapor Marquês de Olinda que estava subindo o Rio Paraguai, levando o presidente da província de Mato Grosso. E aí esse acaba sendo o estopim da guerra, em dezembro Solano Lopez invade o território do Mato Grosso e começa a Guerra.

Pesquisador: Então poderia ter sido passional o motivo da guerra?

Entrevistado 5: Sim porque os pesquisadores e historiadores, todos de respeito, não encontram motivos políticos que levassem a exacerbação do conflito como foi, nem econômicos, nem sociais, humanitários e esses camaradas inclusive, os autores do *calúnia*, mostram documentos dos representantes da França, da Inglaterra, tentando terminar ou não iniciar e depois terminar com a guerra. Como falharam para ela não começar falharam também para ela terminar rápido.

Em suma falharam sempre, Dom Pedro II bateu o pé né e levou sozinho o exército brasileiro até o término da guerra, determinando a morte ou prisão de Solano López, e assim foi feito.

Pesquisador: Professor a Rota Bioceânica é um empreendimento de grande porte, quais são as suas impressões e opiniões com relação a ela? Em que medida ela poderia afetar a estrutura sociocultural da conurbação formada pelos municípios de Porto Murinho e Carmelo Peralta?

Entrevistado 5: Bom, eu veja a Bioceânica chegando 100, 100 e poucos anos atrasada, houve o panamericanismo do início do século 20, depois essa possibilidade foi pensada na era Vargas, no início dos anos 30, na ocasião a própria estrada de ferro Noroeste foi construída com essa ideia de integração dos países da América, em especial da América do Sul.

E agora vai ser concretizado e vai acontecer sob a forma de rodovia, mais de 50 anos depois de que a BR 267 e a O60 chegaram a Bela Vista e Porto Murtinho, construídas e finalizadas pela CR3, eu vejo que a tendência da integração conseqüentemente vai acontecer algo com a cultura, já a própria pavimentação da estrada para Porto Murtinho já causou impacto. Tanto do ponto de vista ecológico, pelas fazendas do entorno né, da beira da estrada quanto em Porto Murtinho mesmo.

A Bioceânica, por ser trajeto de mercadorias, vai fazer correr divisas, dinheiro também, e creio que esteja dentro dos impactos previstos que ela vai tentar minorar os problemas relacionados a essa questão social e cultural né. O resgate desses aspectos da língua Guarani né, de que tenhamos todo essa a essa, eu vou chamar de evolução, não de que éramos muito primitivos, que estamos nos tornando moderno, evolução no sentido de transformação. Ao longo da história todos esses assuntos são por demais profundos e complexos.

Penso que nós estamos só comendo mingau quente pelas beiradas e eventualmente damos uma colherada, daqui e acolá porque todos esses estudos, sejam da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, sejam da Grande Dourados, estão mexendo em vespeiro, em marimbondo, mas essa ressurgência, dessas questões todas sobre a Bioceânica, podem vir a ter a luz, o os elementos culturais, materiais e imateriais dessa região do Mato Grosso do Sul, em toda a complexidade e mestiçagem vão poder ter um local de resgate e de preservação.

Das danças antigas, das tradições religiosas, das tradições profanas não é? Um museu da língua guarani, no sudoeste do Mato Grosso do Sul contemplando a importância do ciclo da erva-mate, das charqueadas, da Companhia Florestal né, as antigas enchentes que assolavam Porto Murtinho, podem e poderão ter um museu, um espaço, um centro cultural em que tudo isso seja perenizado.

É importante que as gerações atuais descubram quão rica é a nossa história nossa cultura e as gerações vindouras tenham uma noção plena, libertária e intelectual com profundidade acerca das descobertas, inclusive em relação às causas e efeitos, conseqüências do que do que e porque o Mato Grosso do Sul é o que é hoje.

Não podemos, penso eu, esquecer disso né, cada livro, cada conto que eu escrevo é um ato de resistência, eu não estou com um cartaz lá na rua pedindo e gritando, a minha

função na literatura é isso, começar a escrever. Por essa razão você acaba sendo um guardião da memória e da cultura de teus pais, teus avós, teus antepassados, só tua família, não, da sociedade como um todo né, escrever é se doar para o outro.

A cultura tem toda essa miscelânea, de gastronomia, de linguística, de linguagem, de crenças, etc., mas daí, a Rota Bioceânica, a estrada pode ser um fator de valorização e de conservação e redescoberta. Como que eu vou te dizer, de sedimentação de que a cultura, através dos centros culturais, museus, esses centros de dança, de canto, aulas com os instrumentos das antigas, precisam e devem ser preservado porque o movimento sojicultor. O movimento da pecuária extensiva gerou uma cultura que até hoje nos é cara.

No ponto de vista cultural nós não temos mais um ritmo, uma música, cantores, cantoras, poetas que contem a grandeza disso porque talvez não haja grandeza, estamos num limbo cultural, quando o nosso passado de 30, 40, 80, 100 anos atrás não está de todo diagnosticado, categorizado e representado nas nossas instituições públicas.

A Rota Bioceânica serve sobremaneira pra isso, porque é uma rota que vai trazer mais turistas e mais visitantes e essa gente, com certeza, vai querer ver a diversidade, a riqueza, a pluralidade, a mestiçagem desse trecho que a Rota Bioceânica tá passando, unindo e, claro, vai querer mostrar né porque isso vai contar pontos para a Rota Bioceânica, e pontos positivos.

Pesquisador: Então a denominação que lhe é originária, de integração latino-americana, se prestaria para a efetiva integração?

Entrevistado 5: Sim, teria um espaço aqui, centro americano que mostre o Paraguai, o Chaco, a Serra da Bodoquena, né, todos esses pequenos acidentes geográficos, característicos da nossa região. Pequeno comparado com a Rota Bioceânica, comparado ao que o Caetano Veloso chamaria do ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico, o objeto será o índio que já tá aqui. O objeto que o Caetano canta pode não ser nossos centros culturais, nossos museus, mas centros de estudo das etnias, incluindo as indígenas, museus dos elementos culturais e das dinâmicas de mestiçagens.

Isso se realmente chamar de mestiçagem cabe ou não cabe, a evolução e as transformações, as contribuições, interpenetrações dos diversos idiomas que aqui aportaram e ainda estão. Dos porquês que nós estamos conversando agora, e a própria língua que chegou e se tornou hegemônica vai ser um idioma que vai atrás de resgatar porque o português é poroso.

Se nós formos pegar as contribuições do idioma tupi-guarani, do espanhol, do inglês, do francês, etc., são imensas né e tudo isso pode vir explicadinho né. A Rota Bioceânica,

creio tem lá entre os seus projetos como financiar isso, não custa muito caro, na verdade, do ponto de vista cultural, é um valor incomensurável e a cultura está sempre se transformando e se multiplicando, agregando valores.

ANEXO E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 6

Pesquisador: Bom dia nós estamos com o Entrevistado 6, morador de Porto Murтинho e conhecedor de fatos, casos e foi protagonista de um evento que marcou a história da cidade há alguns anos. Ele gentilmente nos está disponibilizando um tempo do seu dia para nos contar parte desses episódios e como era e é a sociedade local.

O senhor poderia nos explicar porque se mudou para Porto Murтинho e quando isso se deu?

Entrevistado 6: Inicialmente a gente morava lá em Caracol município, aqui no interior, então teve briga do meu pai com minha mãe aí a gente, junto com nosso resolveu mudar para cá, aí veio embora toda família pra cá. Isso foi na década de 40.

Pesquisador: E esse sotaque do senhor?

Entrevistado 6: Aqui ó é do pessoal do Paraguai, estou aqui há muitos anos, aqui é não fala direito que nem por exemplo, outra cidade mais pra frente né e no Paraguai a gente trabalhava muito e porque precisava entender aquilo tudo que fala, embora eles também falam em português e assim por diante.

Pesquisador: O senhor fala bem Guarani?

Entrevistado 6: Na minha família, por exemplo, na casa quando estava tudo mundo fala, né, agora né, o Guarani, se olhar a gente aprendeu com o povo, na área mesmo onde nós morava né, então tinha, era muita gente do Paraguai e por isso que era natural essa conversa esse diálogo em Guarani.

Pesquisador: Para poder se comunicar como que se dá essa questão do uso do Guarani na cidade?

Há necessidade de falar Guarani na cidade porque até os vizinhos vão falar em Guarani. Se a pessoa falou pra mim em guarani a gente vai falar em guarani e por aí vai.

Pesquisador: Isso sempre foi assim? Isso mudou com o tempo? Quando a sua família veio para cá, na década de 40, se falava mais em Guarani?

Entrevistado 6: O paraguaio quando vem para cá já fala em português, mudou muito né, mas se eles vierem para cá, estiverem para cá e começarem a falar em Guarani a gente fala em Guarani aqui. É isso não é muito agora é 10% por aí deve ter gente que fala bem, pra mim né.

Pesquisador: Mas se chegar alguém falando uma Jopara, aquela mistura do Guarani com o espanhol vão entender o que está falando ou teriam dificuldade? As pessoas mais jovens poderiam não compreender essa linguagem?

Entrevistado 6: Claro, antigamente. Agora não, é agora tudo está indo. Muita gente boa se forma e vai embora, gente que sabia o guarani, farmacêutico, político, então o povo hoje já nem sabe mais o que e pra quem fala Guarani.

Pesquisador: O senhor acha que tem alguma coisa que é melhor falar em português e que seja mais engraçado, com um valor diferente e tem coisas que é melhor falar em Guarani do que falar em português?

Entrevistado 6: Olha já agora, logo você não sabe o quê eu falo mais. É outro idioma e meio atrapalhado né, aí que vai né, mas tem coisas que quando você está entre os amigos assim que você prefere falar em Guarani a falar em português. De vez em quando dou uma cruzada em guarani aí só pra dar uma gracinha.

Pesquisador: Entendi. Há uns dias estava falando com uma senhora ela falou que tem palavra que prefere falar em guarani a falar em português. Ela deu um exemplo, o Camby. Fala Camby parece que tem um gosto diferente quando fala em Guarani do que quando fala em português. Você acha que quem fala várias línguas prefere às vezes falar alguma coisa numa língua do que falar numa outra ou tanto faz?

Entrevistado 6: Tanto faz. Não parece. A gente se prepara mentalmente, mas sem perceber se prepara para isso, coisa espontânea, não é como agora. Você tá falando uma língua para outra, apareceu uma pessoa que só fala em Guarani e a gente tem que receber ele, ele pergunta, por exemplo, como que chega aqui, onde fica a rua tal? Fala pra mim aí tem que explicar onde que fica igualmente também né, assim em guarani.

Pesquisador: Como era a cidade? A cidade era bem desenvolvida quando o senhor e sua família vieram para cá?

Entrevistado 6: Tinha bastante recurso, todo mundo trabalhava. Como que era ... olha, era muito desenvolvido. O único emprego que tinha em toda a cidade era no serviço da Florestal Brasileira. Eu tenho até uma foto da Florestal Brasileira aí. Então essa fábrica do tamanho de antigamente né e havia muito emprego.

Então pessoal procurava porque não tinha um salário mínimo. Na época era colocar uma quantia de dinheiro pra pagar os funcionários e assim por diante. Muita gente de fora que veio naquela época né com a florestal.

Pesquisador: O que aconteceu com esse pessoal que veio? Com os europeus, os de São Paulo e de Minas? O que mudou na cidade com o fim das atividades da Quebracho na exploração do tanino?

Entrevistado 6: Esse pessoal que veio para cá foi embora é porque, olha estamos falando de empresa internacional, diziam que paulista e gente do Rio era dono da fábrica,

essas coisas aí, então é deixa falar, eu sei que só tem uma família, é então tem um português que permaneceu aqui, esse aí era da família do chefe da fábrica e de repente veio outro para ser chefe e aí a fábrica deixou de produzir.

No fim, para terminar de uma vez, em 79 veio a enchente, mas parece que o pessoal já previa essa enchente de 79 e a Florestal acabou em 78 né, de uma vez só, parecia que tinham já uma informação de pessoas que trabalhavam. Essa foi a última grande empresa a fechar. Eles ficaram por aqui, então daqui muita gente foi para Campo Grande nessa época. Era difícil, por exemplo, chegando a Campo Grande para arrumar emprego, para estudar, tudo era mais fácil né, ou melhor, agora não então muita gente foi embora foram até mais inteligente, eu não sou muito, saíram até uns profissionais.

Pesquisador: E futebol? O senhor sabe jogar futebol?

Entrevistado 6: Também. Até marcava, eu chutava bem a bola, eu não brincava, na época que eu vim foi quando comecei jogar, eu já trabalhava na Florestal, no Mato né, e aí o técnico passou ali e me trouxe para jogar. Deve ser quando eu tinha, em 1961 e me tirou do mato que tava para trabalhar. Não sou, quero jogar, eu tava jogando bem, melhor né? Principalmente nessa época aqui, tive que entrar num campo, um elemento que estava na camisa número 8 né, ele deu uma crise nele, teve que descarregar e aí lá no estádio não tinha banheiro né.

Aí tinha que ir à casa e o jogo estava começando. Aí eu tava na reserva, o técnico me chamou, começou a falar que tem que sair jogando no lugar do Dorival. Não tem problema nenhum.

Pesquisador: Naquele jogo lá quantos gols o Flamengo fez contra a seleção de Porto Murinho?

Entrevistado 6: Nenhum gol.

Pesquisador: Mas como isso é possível se o resultado do jogo foi dois a um?

Entrevistado 6: O time de Murinho perdeu. Então vou conta. O alumínio jogava bem, cabeça, peito, na chuva também. Aí chutaram uma bola e ele ficou lá, a bola escorregou, estava garoando né, e o pessoal estava muito assustado, chute de fora da área, assim, de uma vez, chutou assim na barriga do alumínio, geralmente a gente sai da bola para não deixar bater né, então para a defesa do goleiro, desviou e saiu do goleiro. O goleiro cai no chão e a bola passou em cima.

Outra vez o Flamengo teve ótima oportunidade e outra vez pegou no pé, pegou no contrapé quando tirou o pé na bola já foi pro outro lado.

Pesquisador: O senhor é religioso?

Entrevistado 6: Eu sou católico.

Pesquisador: Como é hoje em dia a religião em Murtinho? O senhor ainda celebra a Virgem no dia de Nossa Senhora de Caacupé? Como é que estão essas manifestações?

Entrevistado 6: Sobre a religião acho que o Murtinhense ainda cultua a Virgem de Caacupé, ainda mantém a tradição, 1 ou 2%. Agora eu falo assim eu sou católico né, se eu passar pra igreja evangélica, por exemplo, eu vou ter que trocar porque eu quando eu fiz a crisma perguntaram se pretende por todo o tempo ser católico. A religião católica tá enfraquecendo, inclusive, já sabe, entende que então essas festas então acabando, tá acabando, é então o máximo que tem aqui é o católico que mantém então aqui a cultura paraguaia.

Pesquisador: O que mantem a cultura paraguaia aqui? A língua e a os hábitos pela comida, a chipa, o lambreado?

Entrevistado 6: Mais nada da cultura paraguaia, porque os paraguaios é bem inferior do que a gente aqui né, antigamente o pessoal tinha a cultura de plantar as coisas, mandioca, batata e vendia pra cá. De repente essas coisas aí vieram da cidade grande e aí eles pararam tudo. Eles agora vêm só com vassoura do mato pra vender.

Pesquisador: Antigamente na margem do Rio tinha uma feirinha que os paraguaios vinham de lá para cá trazer verdura, fruta, legumes, essas coisa é isso que o senhor tá falando que acabou?

Entrevistado 6: Isso, é aí. Essas coisas acabaram e por isso diminui o uso da língua e da cultura.

ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O ENTREVISTADO 7

Pesquisador: Bom dia, estamos o Entrevistado 7, pessoa muito simpática que desde o primeiro dia, coma nossa chegada na cidade para as primeiras atividades de pesquisa nos recebeu com bastante alegria. Obrigado pelo tempo que você está dedicando para a gente. Você poderia contar como foi a sua vinda e da sua família para Porto Murтинho? Quando você se mudou para Porto Murтинho?

Entrevistado 7: Vim pra cá com 13 anos, morava em Forte Olimpo. Pra procurar trabalho, não tinha nada lá, hoje em dia tá bem tranquilo.

Pesquisador: Quando vocês vieram a procura de trabalho a sua família tratou de buscar se inserir na sociedade? Estabelecer vínculos? Você foi para a escola? Você estudou aqui?

Entrevistado 7: Eu estudei um pouco aqui. Quando cheguei em Porto Murтинho matriculei na escola, estudei um pouco, meu pai separou e foi embora e fiquei com a minha mãe, pouco depois deixei a escola, eu fiquei só com minha mãe ajudando os meninos, só trabalhando só.

Pesquisador: Como você aprendeu o português?

Entrevistado 7: Aprendi português com a vida. No trabalho falava em guarani com os colegas no hotel Americano, que também eram paraguaios, era mais fácil. Então aprendi na marra.

Pesquisador: Na escola você teve dificuldades, enfrentou dificuldade nesse período de escola? Como eram as aulas lá? Você falando guarani e os alunos em português, como era isso?

Entrevistado 7: Quando fui pra escola foi ruim pra mim, não conseguia entender. Só conseguia escrever meio assim. Só levava xingo da professora, ela dizia que não tava falando direito e não conseguia escrever. Mais ou menos falava Castilho, tive que aprender na marra.

Pesquisador: Você saiu da escola por causa dos xingamentos?

E7: Não, eu tinha que trabalhar. Eu estava indo, aprendi um pouco, tranquilo. Sai da escola porque precisava trabalhar. Era só eu que tinha problemas pra entender, me xingava porque não conseguia falar português direito, mandava eu falar mais alto, eu sempre falei baixo.

Pesquisador: P: E na sua família, como é? Falam em português?

Entrevistado 7: Somos cinco irmãos, todos falam guarani, até hoje. Em casa, na casa da minha mãe a gente só fala em guarani.

Pesquisador: Você fala muito bem português, a gente sempre conversou em português, como se dá essa troca quando você vai para a casa da sua mãe vocês não falam nada em português ou o espanhol, é só o Guarani?

Entrevistado 7: Todos falam guarani, até hoje ainda. Na minha mãe só no guarani.

Pesquisador: E nas conversas de vocês fora de casa, com outras pessoas, vocês misturam o português com o espanhol e guarani? É comum isso?

Entrevistado 7: No meio de uma conversa com paraguaios acontece. Um fala em guarani, outro em espanhol e outro em português e a gente se entende. Ficando no meio ali trocando de idioma, mas todos conseguem se entender tranquilamente. O que a gente tem dificuldade de entender aqui é o puro, como o tupi-guarani, é mais complicado de se falar do que o guarani e tem o tupi que nem se consegue falar, língua complicada.

Pesquisador: Quando você veio para Porto Murtinho já tinha acabado a época das festas? Ainda celebravam a Virgem de Caacupé?

Entrevistado 7: Naquela época tinha festa boa aqui. Da Santa sim. Agora acabou e a pandemia veio e piorou. Acho que tá meio no finzinho agora, né, isso foi acabando.

Pesquisador: E com a Rota Bioceânica? Você acha que a cultura em Porto Murtinho vai mudar? O guarani vai acabar? As músicas, a comida?

Entrevistado 7: Já mudou muito, a Rota não vai mudar mais nada. Como falei, tá no finzinho agora. Aqui os que falam guarani vão continuar falando, a comida não muda, é churrasco há muito tempo, mas tem a chipa e o lambreado.

ANEXO G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A ENTREVISTADA 9

Pesquisador: Obrigado por nos receber aqui, está pessoa bastante simpática é uma moradora da Ilha Margarida, uma porção de terra que possui uma relação muito direta, em todos os sentidos, com a cidade a brasileira de Porto Murtinho. Eu gostaria que a senhora nos falasse o que a motivou a morar nessa Ilha.

Entrevistada 9: Bom dia, eu que agradeço a visita de vocês, eu acho que nasci e me mal criei por aqui mesmo, não sei se é assim, mas eu me criei nessa pequena Ilha, e estou aqui. Eu já fui morar num outro lugar, voltei de novo, viver do comércio, eu e minha mãe, a mãe que me criou, uma mulher que era vendedora no mercado de Murtinho, então essa relação já passou assim, nós fomos criados vendendo coisas, né?

Muitas coisas eu ainda não tinha, não e elas vendiam e daí eu já tinha visto logo, a relação entre nós e a vida que levávamos e isso é amor. Porque eu fui registrada pela minha mãe biológica no Brasil, né e ela me deu para uma dona me criar e foi ela que me colocou na escola, aqui no Paraguai. Ela me matriculou usando o meu nome e o sobrenome dela.

Aí quando completei a primeira série né eu completei o primário e eu diria que eu ia começar a estudar melhor, né? Mas não aceitaram porque o documento que eu tinha não tinha o sobrenome dela e não pude continuar. No documento constava que eu era brasileira e ela me inscreveu na escola aqui com o sobrenome Ojeda.

Pesquisador: Então a senhora não tinha um documento paraguaio e por isso não consegui continuar os seus estudos? O que eu gostaria de saber até para poder entender esse processo e de sua frequência na escola, a sua mãe biológica lhe passou para sua mãe de criação, a paraguaia, com qual idade?

Entrevistada 9: As pessoas falam que era de 2 a 4 anos e porque eu lembrava aqui, na minha palavra, eu lembrava que na minha palavra eu dizia vou chorar e assim comecei a lembrar da minha mãe, da outra mãe, mas eu assimilei logo. No pensamento você conhece, ela mora em Assunção.

Pesquisador: Eu quero é contextualizar, como a senhora usava e usa o espanhol e o Guarani?

Entrevistada 9: Na casa da minha mãe a gente usava o guarani, espanhol na escola, depois na convivência de passar no mercado, essas coisas tivemos que aprender português também. Precisamos porque estávamos vendendo coisas, eu sempre acompanhei a minha mãe no mercado em Murtinho. Mas o Guarani, mas o Guarani, para falar bem eu acho que nem

agora em consiga perfeitamente, porque agora me parece também um inglês porque você escreve de uma maneira e entende de outra maneira.

Pesquisador: Um dos focos principais da nossa pesquisa é entender como é que se dão os diálogos nessa região. A senhora disse antes de começarmos a gravar que o Guarani se assemelha ao inglês porque não se fala do jeito é se escreve. Então eu pergunto, como é que se dão as conversas, os diálogos aqui envolvendo três idiomas diferentes? As pessoas misturam as palavras, falam coisas em português, mas usa mais ou menos que o guarani, usa mais ou menos o espanhol?

Entrevistada 9: Depende da situação e do local.

Pesquisador: Como se dão as conversas da senhora por aqui? Na Ilha e em Porto Murtinho?

Entrevistada 9: A gente começa falando guarani e termina falando português e o que menos usa é o espanhol. Na escola, com a professora falando espanhol era diferente, foi uma coisa estranha. Dificultou bastante, mas Deus nos concede essa inteligência de entender, criança capta em seguida as coisas, dificultou um pouquinho, a gente não fala bem e leva umas broncas.

Pesquisador: A senhora fala mais quais idiomas? Qual aprendeu primeiro?

Entrevistada 9: Eu aprendi primeiro o guarani, o espanhol eu vim a aprender malema na escola e depois na convivência de passar no mercado, essas coisas, tive que aprender o português também. O espanhol praticava na escola e o português pela convivência. Falava esses idiomas tudo mal. Eu não sei falar direito nem espanhol, nem português. O guarani é que nem inglês, se escreve de uma forma esquisita e se fala de outra maneira.

Pesquisador: A senhora foi para a escola como falante da língua guarani, como a senhora se sentiu quando a professora começou a falar em espanhol? Sentiu-se intimidada?

Entrevistada 9: Foi sim uma coisa bem estranha, dificultou bastante no começo, eu não tinha compreensão, depois as coisas melhoraram um pouquinho, quando não falava bem levava bronca, a professora ficava muito brava. Hoje em dia não tem mais isso não. Os que falassem a língua guarani tinham que deixar de falar lá porque se quisessem aprender, se quisesse ir para a escola, porque o governo não aceitava as aulas em Guarani, não agora, já é na cultura com o idioma.

Naquela época era, mas a professora vinha de Assunção e lá quase não se fala guarani, agora você fala tudo, mas antigamente era bem rígido para você falar espanhol e era tão complicado, você é acostumado a falar Guarani e aí tem que falar espanhol porque tem.

Minha neta nasceu aqui, se criou aqui, mas quando fala Guarani ou espanhol tem sotaque mais do português.

Pesquisador: Se a Senhora não falasse em espanhol, se não encontrasse a palavra e falasse um pouquinho em Guarani?

Entrevistada 9: A minha dificuldade foi matemática, não tanto a fala e quando entrava na sala de aula, começava a aula de matemática que eu já queria entrar embaixo da mesa porque eu sei que a primeira pessoa que ela via era eu. Eu vejo, eu estou aprendendo, né, mas eu acho que era uma técnica, agora, apenas. Hoje eu entendo né e era só me olhar e falar Entrevistada 9, soma pra nós, já tremia, tudo bem, nós somos da época da reguada né? Sim, mas sei que ela já entrava e eu ia tremendo com medo, né, nervosa. A matemática já entrou na minha cabeça, como eu faço hoje aqui no meu comércio, tem que fazer conta. A professora insistia né, no quadro tinha que conseguir fazer as contas. Olha, um dia acho que ela amanheceu bem mandou fazer uma continha, falou pra mim, agora soma, multiplica, nunca mais esqueci, nunca mais, nunca.

Pesquisador: a senhora disse que levava bronca na escola? Como assim? Leva bronca?

Entrevistada 9: Naquela época você era bem discriminado falando guarani, era chamado de índio, guarango, agora não, estão incentivando a cultura, de que é um idioma que vem do Paraguai mesmo, nasceu do povo. Naquela época as professoras tudo vinha de Assunção e por lá quase não se fala guarani, antigamente eram bem rígidos para você falar espanhol. É tão complicado você falar guarani e ter que falar espanhol.

Pesquisador: Havia outros tipos de castigo? Só bronca?

Entrevistada 9: Naquela época as professoras eram como se fosse militar, mas também a gente aprende, porque que hoje em dia os jovens não aprendem? Era um pouco delicado o jeito que tratavam a gente. A gente ia tremendo, com medo, nervosa. Aprendi bem matemática, no meu comercio uso bem.

Pesquisador: E em Porto Murtinho, especificamente, como é a sua comunicação com o povo de lá?

Entrevistada 9: Minha neta, que nasceu aqui, quando fala guarani e espanhol tem sotaque, mas fala o português tranquilamente. Quando vou pra Porto Murtinho, automaticamente falo em português, mas o pessoal sente a nossa dificuldade, é verdade. Quando vou ao médico eles não gostam do sotaque. Ninguém obriga a falar português, somente os médicos, tem alguns que não gosta muito, como você tem sotaque. Tem gente que fala com nós em guarani.

Pesquisador: E quanto aos brasileiros que vem à Ilha? Eles falam em espanhol ou guarani com vocês?

Entrevistada 9: Falam em português, em português mas tem sido assim tranquilamente, tá? Mas, assim, agora os que vêm de lá pra cá são só brasileiros mesmo e falam em português.

Pesquisador: O paraguaio é obrigado a falar a língua de lá e quem vem de lá para cá, não? Qual é o sentimento da Senhora com relação a isso?

Já me questionei sobre isso ai, mas isso, pelo menos eu não me sinto obrigada a ser diferente, a não ser no posto de saúde. Isso que eu falo tem alguns médicos que vem de longe e eu já tive uma experiência com um medico, eu falei com sotaque e ele perguntou: você veio do Paraguai, eu tenho documento brasileiro, eu sou brasileira, mas você morou no Paraguai, já se vê logo, assim maltratam.

Pesquisador: É sempre assim? Com todos os médicos?

Entrevistada 9: Em Campo Grande falei pro médico que sou brasileira e moro no Paraguai, o medico disse saúde não tem lugar. Em Assunção o médico percebeu que eu misturo palavras e já mudou comigo. Maltratam, eu tinha uns estudos que levei para Assunção, problema de coluna que eu não conseguia fazer aqui porque tinha que dar encaminhamento. Ele perguntou de onde veio os exames, pegou e jogou de lado, disse que não presta, mas tem alguns que são bons. Mas a médica daqui não era.

Pesquisador: Como assim?

Entrevistada 9: Fiquei um tempo também em função do meu filho menor, ele tinha problemas, mas mais facilidade, fomos fazer exames em Campo Grande, eu tenho amigos que me levaram para lá, mas eu marquei exame de sangue, então eu fui levar meu filho lá para isso. Aqui é descaradamente, é bem discriminativo, tá falando com sotaque que eu misturo as palavras em português aí já me corriji toda hora, é bloqueio.

Pesquisador: E por parte da Senhora, há algo que lhe faça pensar que tem a capacidade de se comunicar na língua de outros e eles não têm a capacidade de falar na minha língua? Eu falo Guarani, me comunico em espanhol e falo português, por que há essa discriminação? A senhora se julga melhor do que os Murtinhenses? A senhora já se sentiu discriminada?

Entrevistada 9: Sim, mas eu não me sinto assim, algumas vezes fui apanhada de surpresa e não sabia o nome, não consigo lembrar palavras em português e respondo em espanhol ou em Guarani, aí meio sem querer. A maioria também sai tudo misturado, diferente com o Paraguai, entende? Já me questionei a respeito da discriminação, uso meus limites,

começo a lembrar como posso usar uma palavra em português e logo falo em guarani ou espanhol.

Eu sou uma pessoa, eu acho que cada um tem seu jeito, nunca falo que eu sou melhor que as outras. Eu não tenho essa diferença de discriminar ou pensar que sou melhor que os outros, mas tem gente que vai lá bate boca, discrimina.

Pesquisador: A senhora é católica?

Entrevistada 9: Sim.

Pesquisador: Qual é o sentimento da Senhora com relação à Virgem de Caacupé?

Entrevistada 9: Ela tem vários nomes, cada pessoa chama ela pelo nome. No Brasil é Aparecida no Paraguai é Virgem de Caacupé, Nossa Senhora de Guadalupe no México. As festas em celebração ao dia de da Virgem de Caacupé são muito emotivas, elas são bastante importantes no Paraguai, né?

Pesquisador: Há um tempo, coisa de 5 décadas, 6 décadas ou mais se cultuava muito em Porto Murtinho, talvez em razão da presença forte dos paraguaios que lá ficaram depois das grandes empresas, a Senhora sente que ainda há esse sentimento religioso por parte dos Murtinhenses? Como se dão as celebrações culturais na região?

Entrevistada 9: Pra falar a verdade os murtinhenses são muito mais ligados a virgem do que nós, lá fazem uma festança, aqui não tem mais esse sentimento, essa alegria, eu não sei o que acontece aqui, em outros lugares é muito forte. Nos pegamos mais os costumes do brasil, pelo menos em termos de religião, eu vejo no Corpus Christi, incentivam anima os jovens. Aqui acabou, tinham pessoas que movimentavam muito nos, se mudaram. Quando chega o dia é muito bom, mas faz uma festança no feriado, nós não tínhamos dinheiro para celebrar, aqui nós vamos à missa e não tem mais esse sentimento, essa alegria, não sei o que aconteceu.

Eles festejam igual, né, aí na rua fazendo procissão, desenho, tão lindo, tem torcida, incentivo, para os mais jovens o que é sagrado acabou, aqui movimentava muito nós, depois eles mudaram tudo, parece como que não tivesse amor mais.

Pesquisador: A senhora falou que não sabe porque as coisas mudaram. Como a senhora enxerga o papel dos jovens no processo de transmissão da cultura paraguaia?

Entrevistada 9: Eles não fazem questão, estão deixando de lado de sair domingo com a família, ficam só mulher e criança. Eles ficam ligados em celular, eu acho que é muito jogo, muito pouca participação deles, só que esses jovens que já estão tudo formado.

Pesquisador: A senhora acha a internet, televisão e coisas eletrônicas têm contribuído para isso?

Entrevistada 9: A televisão nem tanto, mas isso, o celular impede a criança de sair, você diz eu tenho uma coisa para você e chama a criança e elas nem percebem o que você está falando. Quando não tinha essa tecnologia era mais fácil tinha mais comunicação tinha, por exemplo, brincava de boneca, carrinho e está bom, as tradições eram mais fáceis de serem passadas, né? Tá e eles não saem do celular, aí a minha neta de 18 anos vem para com o dela e daqui a pouco você não vai mais se sentir perto dela.

As relações familiares e as culturas elas são passadas muito mais pelo dia a dia pelas conversas é pelas relações de comunicações, ali então com a tecnologia a gente consegue chegar longe só que quem está perto ou no final fica longe de novo. Outra, acho que isso pode ter atrapalhado passar essas tradições de língua e as religiosas, acho que eles são bem educados, mas tem isso também, você faz algumas perguntas e eles nem ligam.

Pesquisador: Como é que a senhora está percebendo esse movimento da construção da Rota Bioceânica? Como é que os moradores locais estão vendo essa isso? Está mais próximo ou está mais longe da realidade da comunidade de Carmelo Peralta e da Ilha Margarita?

Entrevistada 9: Em Carmelo Peralta tem um movimento muito grande por causa da Rota, a cidade tá levantando bastante. No principio quando começou o empreendimento as pessoas não acreditavam. Mais pra lá tem um movimento, acho que tem mais trabalho. A cidade está levantando bastante, é uma cidade muito nova ainda, de 12 anos.

É uma situação diferente, antes dependíamos de outras cidades para tudo, da saúde em Porto Murtinho, da carne de Carmelo Peralta. Depois começou a andar, parece uma coisa importante que vai facilitar. A princípio quando começaram isso aí o pessoal não acreditava muito não, mas depois começou né porque quando é política, não fez nenhuma assinatura, mas depois começou a vir porque parece com uma coisa muito importante.

A rota vai estreitar, assim outro mundo, é um empreendimento mundo grande que depende de vários países não é só do Paraguai né porque tem vários países que vão circular na rodovia com isso sim. Muitos países vão se beneficiar com isso. O progresso chegou em Carmelo Peralta então.

Pesquisador: E a senhora, como morador aqui da ilha, tem um pequeno comércio, como é que a senhora se vê daqui mais um tempo, imagina que esse espaço aqui vai estar bastante alterado ou como é que a senhora vê o comércio da senhora a partir dessa Rota sendo implementada?

Entrevistada 9: acho que aqui não tem como eu melhorar, somos poucas, 120 famílias. As pessoas vêm procurando mais saber sobre tudo, mas para mim será bom para Peralta. Outra coisa, meus Dois Irmãos já mudaram para lá e já fizeram casa. Um filho foi mudar para

lá e só está ficando um comigo, outro que tá estudando, mas isso já era um reflexo da Rota Bioceânica porque foi pelo comércio.

Os filhos estão trabalhando, tudo então é mais perto lá para eles do que ter que vim dormir aqui para ir de volta cedo porque a gente viu também quando a Rota começou a ser construída houve uma grande quantidade de trabalhadores que vieram para cá nesse período, né? Teve um impacto eu acho na cidade, mas a maioria é de Carmelo Peralta, tem alguns daqui, mas saíram, tudo isso tem preço, as pessoas vão embora, não sei quem que tem razão.

Quem se interessa observa, têm uns com a sensação muito ruim, então isso que a gente vê às vezes em Porto Murinho, aparece alguém conversando com algumas pessoas da cidade as pessoas não tem visto ainda como uma mudança imediata.